

REVISTA DA SEMANA

Nº 51



21-12-46

A black and white illustration of two women in mid-20th-century attire decorating a large Christmas tree. The woman on the left is kneeling, wearing a light-colored sweater and dark skirt, holding a branch. The woman on the right is standing, wearing a dark sweater and light skirt, holding a round ornament. The tree is heavily decorated with lights and ornaments. The background is a simple, light-colored wall.

EDIÇÃO
ESPECIAL
DE NATAL
Cr \$5,00
EM TODO O
BRASIL.



Precisão e Requite...

...na escolha de um presente de Festas. Grata lembrança que atravessa decênios, reafirmando, minuto após minuto, a constância da amizade e a supremacia de um produto que é a glória da relojoaria suíça.

LONGINES

10 GRANDS PRIX



O GOVERNO, afinal, completou os seus quadros, com a posse dos dois novos ministros de Estado, os da Educação e Saúde Pública e das Relações Exteriores, senhores Clemente Mariani e Raul Fernandes, ambos da União Democrática Nacional. Assim, três partidos estão hoje representados no quadro de auxiliares imediatos do presidente Eurico Gaspar Dutra, — a U.D.N., o P.R. (a que pertence o ministro da Agricultura, Sr. Daniel de Carvalho) e o P.S.D., que detem as pastas do Trabalho, Fazenda e Interior e Justiça. Ademais, há os ministros militares, que não são políticos, mas técnicos. O P.T.B. gaba-se de ter indicado o atual ministro do Trabalho, que seria, no entanto, estranho aos seus quadros... O chefe de Polícia foi mudado, com a nomeação do professor Pereira Lira para a chefia da casa civil da Presidência da República, mas o prefeito do Distrito Federal, Sr. Hildebrando de Góes, continua firme no seu posto, apesar dos esforços do padre Olimpio de Melo para derrubá-lo. Por falar no prefeito, foi realmente excelente a idéia que teve o Sr. Hildebrando de Góes fazendo adaptar para o funcionamento como teatro a sala de conferências do Museu da Cidade. Um dos primeiros a elogiar essa iniciativa foi o autor teatral Joracy Camargo, em "Diretrizes". Ali vai trabalhar, ao que consta, uma nova companhia de comédia, de que farão parte, entre outras figuras, Laura Suarez e Graça Melo, dos quais muito se pode esperar. A avenida Rio Branco, nestes últimos dias, ficou coalhada de faixas de candidatos à vereança. Algumas das chapas colocadas em lugares mais estratégicos e de maior largura traziam os nomes de Clovis Ramalhe, da Esquerda Democrática; de Carlos Lacerda, Alfredo Tranjan e Ary Barroso, da U.D.N., e de outros candidatos. Muito fraca a propaganda do P.S.D. e de outros partidos, alguns deles primando pela ausência... Por falar em candidaturas, na Paraíba os candidatos continuam a rasgar sedas e a dar belos exemplos de boa educação política. Tendo sido levantada pela U.D.N. a candidatura do ministro José Américo de Almeida à terceira senatória, o Sr. Ruy Carneiro, que seria o candidato do P.S.D., elegantemente desistiu, em homenagem à mais ilustre figura política da Paraíba contemporânea, indo disputar apenas uma cadeira de deputado estadual. O candidato ao governo do Estado, Sr. Alcides Carneiro, apresentado pelo P.S.D., mal desembarcou em João Pessoa foi acometido de súbita enfermidade, tendo que baixar ao hospital. E uma das primeiras visitas que recebeu foi do seu digno adversário, Sr. Osvaldo Trigueiro, que tem o seu nome arduamente sustentado pela U.D.N. Esses exemplos da Paraíba são, na verdade, edificantes, num ambiente tão conturbado como o atual... Do alto do Pão de Açúcar atirou-se uma senhora polonesa, de nome Isabela Ciezowski, que estivera longo tempo prisioneira dos japoneses na China, durante a guerra, e há alguns meses chegara ao Brasil. Entusiasmada com o nosso país, declarou que aqui viveria até à morte. A psicose do suicídio venceu-a, mas apesar de tudo cumpriu a sua promessa. Em São Paulo, um avião com passageiros bateu na frente de um eucalipto e se incendiou, morrendo todos os que iam a bordo. O abono do funcionalismo foi aprovado, mas, para pagá-lo, será necessário fazer nova emissão, o que significa dizer que haverá aumento da inflação, — e logo os funcionários quererão novo abono, e virá nova emissão e novo aumento da inflação, e assim por diante... E o senador Plínio Pompeu, corajoso udenista do Ceará, pediu a publicação do inquérito sobre o caso Borghi, que até hoje não veio a furo... A crítica teatral desancou unanimemente a última peça encenada pelo empresário Walter Pinto no Recreio, "Homem, não!", declarando que os autores confundem graça com pornografia barata e declarando que a censura teatral está se complicando com essa incrível degradação do teatro de revistas... Um cronista disse que, à porta do Recreio, devia haver um cartaz dizendo: "Impróprio para menores, senhoras e senhoritas". E' realmente uma lástima... Por onde andam os nossos humoristas? Por falar em teatro, o meio artístico, à hora em que escrevemos, está esperando a notícia da nomeação do novo diretor do Serviço Nacional de Teatro, onde o Sr. Nóbrega da Cunha passou um ano inteiro em branca nuvem, de braços cruzados ou passeando em Paris... E' grave o estado de saúde do professor Afranio Peixoto, ilustre membro da Academia Brasileira de Letras, enfermo há já algum tempo. O cronista Henrique Pongetti aceitou e pôs em uso literário um dos neologismos inventados por Alvarenga e Ranchinho, tão populares no palco e no rádio. Sua crônica sobre o caso do milionário italiano que há pouco desapareceu em meio de grande celebração familiar se intitulou: "Urubuservações sobre o caso Martinielli". "Urubuservar" é mais um verbo para o dicionário pretinho em que o Sr. Aurélio Buarque de Holanda vem colaborando... "Granfino", hoje com foros de vernaquilidade, foi uma criação do cronista Rubem Braga, — coisa que muita gente não sabe... E no "Jamalque" voltou de Paris, condecorado com a "Legião de Honra", o pintor brasileiro Cândido Portinari, que ali conquistou um grande sucesso com seus quadros... O governo francês adquiriu, para os seus museus ilustres e exigentes, toda a série dos "Retirantes", que tanto scandalizou o duque e a duquesa de Windsor... A semana se encerrou, nos domínios da política, com dois fatos de muita repercussão: o discurso em que o ex-ditador Getúlio Vargas atribuiu ao presidente Roosevelt (ora, vejam só!) a inspiração do golpe de estado fascista de 1937, e a fogueira ateadada em Belo Horizonte, para a queima da candidatura do Sr. Wenceslau Braz para o governo de Minas, candidatura bafejada pelo Catete... O mundo marcha, mas em Minas não marcha de acordo com os desejos do situacionismo...

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA PARTE

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estrilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Licio Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlantida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal e "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo). Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso, Otávio Tavares e Berilo Neves.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1ª ORDEM
AVIAMENTO DE REPARAÇÃO
DICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 23
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Aspecto da Rua D. Manoel, em frente ao Pretório, no dia 7 de Dezembro, às primeiras horas da manhã. As 8 começam chegar os carros, conduzindo noivos e padrinhos, numa sequência ininterrupta, até o meio dia.

A FILA DOS CASAMENTOS

CASAR CUSTA APENAS SESENTA E SEIS CRUZEIROS
Na hora do "conjugio vobis" ninguém pensa em divórcio — Superstições na hora "H" ... — Como se trata dos papéis no menor prazo possível : — Depois de 20 anos de namoro, o casamento — Um "maquis" e uma russa casam-se no Rio — Quantos se casam por mês ?

Reportagem de NEY MACHADO
Fotos de NEWTON VIANA

O dia de Nossa Senhora da Conceição, a 8 de dezembro, geralmente se caracteriza por uma verdadeira chuva de casamentos. Ocorrendo este ano, num domingo, recaiu na véspera daquele dia, o sábado, 7 de dezembro, a preferência de numerosos casais que procuram a proteção da padroeira das uniões felizes. E, assim, renovou-se naquele sábado a tradicional fila dos casamentos, focalizada pela nossa reportagem nas páginas que se seguem.

"DE acôrde com a vontade que ambos acabais de reaffirmar perante mim de vos receberdes por marido e mulher, eu, em nome da lei, vos declaro casados".

Com estas mágicas vinte e sete palavras num cerimonial público que não demora mais de cinco minutos, o casal de noivos que há poucos instantes se sentara diante do juiz, levanta-se legalmente casado, indissolúvelmente casado, irremediavelmente casado. Não tem conta o número de vezes que as ouvimos, quando fomos ao Pretório, para documentar a chuva de casamentos que se realizava no dia 7 de dezembro, véspera da data consagrada a N. S. da Conceição e aqui no Rio de Janeiro — acreditamos também

que em todo o Brasil — é o dia em que maior número de esposais se celebram. Já as oito horas da manhã, começam chegar os carros com os primeiros noivos e seus respectivos padrinhos. Embora a chamada para as diversas pretorias se iniciasse às nove horas, já muito antes os casais entravam na fila ansiosos para que a lei consagrasse suas aspirações de felicidade. Nós estávamos de alcáteia, a espera do primeiro par que subisse os degraus do edifício do Pretório, à rua D. Manoel. As sete e quarenta e cinco parou uma limousine na rua ainda meio deserta. Deveriam ser eles. Eram, na verdade, dois noivos vindos de Minas Gerais. Depois automóveis começaram a chegar sem interrupção. As nove horas a gente já não se podia mover dentro do Pretório.

A esquerda : Por volta das 11 horas o local fronteiriço ao Pretório está intransitável. Apesar das aperturas da vida atual, casaram-se este ano na véspera do dia de N. S. da Conceição, nada menos de 355 casais. Houve época em que, há uns dez anos atrás, na mesma data 800 casais contrairam matrimônio. Apesar da tremenda inflação é um dos poucos atos cujo custo é baratíssimo. Na página ao lado : Depois de muito subir, chega-se ao salão de espera do Pretório, onde quase 2.000 pessoas aguardam a chamada dos noivos pelo juiz. Este salão, nas grandes datas preferidas pelos noivos para a realização dos seus enlances, fica pequeno para conter a grande assistência. Os casamentos prosseguem, às vezes, pela tarde a dentro. Esta fotografia focaliza os casaiszinhos que menosprezando as dificuldades que pesam sobre todos nós, enfrentam heróicamente as responsabilidades da vida conjugal.





OS
is
ro,
mo

que
am.
che-
s e
ra a
s se
os os
para
ções
tela,
a os
ia D.
barou
deser-
verda-
erais.
hegar
genle
etório.

tável.
N. S.
atrás,
é um
subir,
amada
ara a
mentos
s que
ato as



O salão do Pretório no dia de N. S. da Conceição, ou na véspera, como aconteceu este ano, visto que o dia 8 de dezembro caiu num domingo, era uma verdadeira festa! Noivos de todas as idades, de todas as condições sociais, ansiosos para conjugar o mesmo verbo: CASAR!

Para as que ainda não tiveram a ventura de conhecer aquele começo de porraiso (sim, é ali que se inicia uma das estradas que vão diretas ao céu), vamos dar uma descrição resumida. Depois que o casal sobe os degraus da entrada e atravessa o saguão, dirige-se a um das pretorias para assinar o termo, quase sempre tremendo de emoção. Depois vai aguardar em um grande salão de espera, no segundo andar, a chamada para uma das três salas onde o juiz proferirá as palavras oficiais da união. Neste salão de espera, que possui nada menos de 150 metros quadrados, já às 9 horas, o barulhinho era estonteante. Gente à cunha. Gente de todas as pigmentações e de todas as camadas sociais. Neste ano da graça de 1946, no dia 7 de dezembro, ali se realizaram 355 casamentos. Contando-se que a cada casal acompanham, em média, cinco pessoas, teríamos ali nada menos de 1.775 pessoas! Era o dia de grande gala do Pretório. Por todos os corredores escadas, saletas, saguões havia gente subindo e descendo, acotovelando-se e espremendo-se, falando, discutindo, rindo e até... chorando. Até às duas da tarde celebravam-se os consórcios, se bem que depois do meio-dia o movimento fosse diminuindo.

AS CORES DAS SALAS E AS SUPERSTIÇÃO

Há alguns anos atrás era permitido escolher-se o juiz de casamento. Acontecia que dessa maneira se acumulavam as petições em alguns cartórios, com prejuízo das próprias partes, que teriam de esperar maior tempo na fila. Hoje a distribuição é uniforme pelos 14 cartórios cabendo a cada um dos sete juizes (um para dois cartórios), um número igual de casamentos.

Os sete juizes atuam alternadamente nas três salas especiais para a cerimônia. As salas são conhecidas pela cor da sua pintura; existem assim a Sala Azul a Sala Amarela e a Sala Verde. Como a determinação do juiz e por conseguinte da sala é ocasional, verifica-se, nos casais supersticiosos, uma torcida louca para que o casamento não se realize nesta ou naquela sala, por tal ou qual pretoria, de acordo com superstição particular de cada um. A maioria é por exemplo contra o casamento na Sala Amarela (será porque essa cor é símbolo do desespero?). Todos preferem a Sala Verde, talvez por ser o verde a cor da esperança. Mas como não é possível contentar a todos há sempre os que entram na sala pintada de amarelo cruzando os dedos e batendo no portão para esconjurar algum possível malefício. E se por azar do supersticioso o seu enlace foi realizado na 13ª Pretoria e o juiz vai celebrá-lo na Sala Amarela ele começa a ter arrepios desde a sala de espera. E se um mês depois a noiva o abandonar sem explicações concretas do seu ato, ele não atribuirá isso à sua negligência ou mau humor, mas à Sala Amarela. Há casais que sugerem que seja pintada novamente a sala indesejável.

CASAR E' BARATISSIMO

Este tópico dedicamô-lo especialmente aos que estão em preparativos para casar. Você sabia caro leitor, que apenas por Cr\$ 66,00 cruzeiros você se une para a vida inteira? Todos os documentos extraídos pelas pretorias de registro civil, inclusive uma certidão do ato, custam-lhe essa quantia. Os intermediários, entretanto, exploram muitas vezes os noivos desprecauidos, arrancando-lhes às vezes quatrocentos cruzeiros para "tratar dos papéis". Quando conversamos com o juiz da 4ª Zona de Registro Civil, Dr. Henrique Tornaghi, ele fez questão de frisar:

A duração média para a realização do casamento pelo juiz é de cinco minutos. Levantam-se os nubentes, o representante da lei recita algumas palavras e o novo par se encontra, desse momento em diante, indissolúvelmente casado.



a
-
-
s,
os
os
e
-
as
m-
ra,
na
as
ão
de
o
à
as
ste
de-
en-
om-
ria-
as
rio,
los,
ndo,
an-
cto.
os
eio-

itido
con-
vam
pre-
am
je a
e a
(um
il de

mente
imbo-
cor
Sala
erde,
con-
sa se,
lou-
salze
qual
par-

por
Sala
mbolo
Sala
Or da
con-

ntam
lo os
conju-
e por
ce fol
z vai
ega a
ra. E

donar
to, ele
cia ou
r. Há
da no-

lmente
ra car-
apenas
e para
os ex-
civil,
am-lhe
entre-
noivos
vezes
ar dos
com o
il, Dr.
tão da

ção do
inutos.
sentan-
as e o
nto em
do.



A esquerda: O casal que realizou o seu sonho após vinte anos de romance: Antonio Alves de Almeida e Maria da Conceição Ferreira. O romance começou na cidade de Campos, há pelo ano de 1926. A direita: Ele é Claude Latrecille, que lutou durante quatro anos nas Forças Aéreas Francesas Livres. Ela é Olga Stelmach, natural de Kiev, durante três anos prisioneira de um campo de concentração alemão, em Dresden. O romance começou na Europa e teve seu epílogo no Rio, na véspera do dia de Nossa Senhora da Conceição.

— O casamento civil é baratíssimo e o próprio interessado pode tratar dos seus documentos. Tudo é muito simples.

— Mas não há demora?

— Absolutamente. A demora, contando-se do primeiro requerimento até à publicação do edital, é de vinte dias. Após essa publicação os interessados têm noventa dias para a realização do casamento. Basta que o noivo avise à prefeitura, com vinte e quatro horas de antecedência, que deseja realizar o enlace para que, no dia seguinte, este se efetue. E o preço é sempre o mesmo em todo o Dis-

trito Federal: sessenta e seis cruzeiros. Somente quando a cerimônia se efetua em casa dos nubentes cobra-se uma taxa extraordinária de duzentos cruzeiros, que é dividida em partes iguais entre o juiz e o cartório.

Está pois desfeito o mistério. As senhoritas casadeiras, que têm noivos e filhos sempre se justificando com as dificuldades para tirar os papéis, não têm mais que lhes mostrar esta reportagem para que eles aprendam a tratar pessoalmente dos mesmos... ou para que inventem outra desculpa.

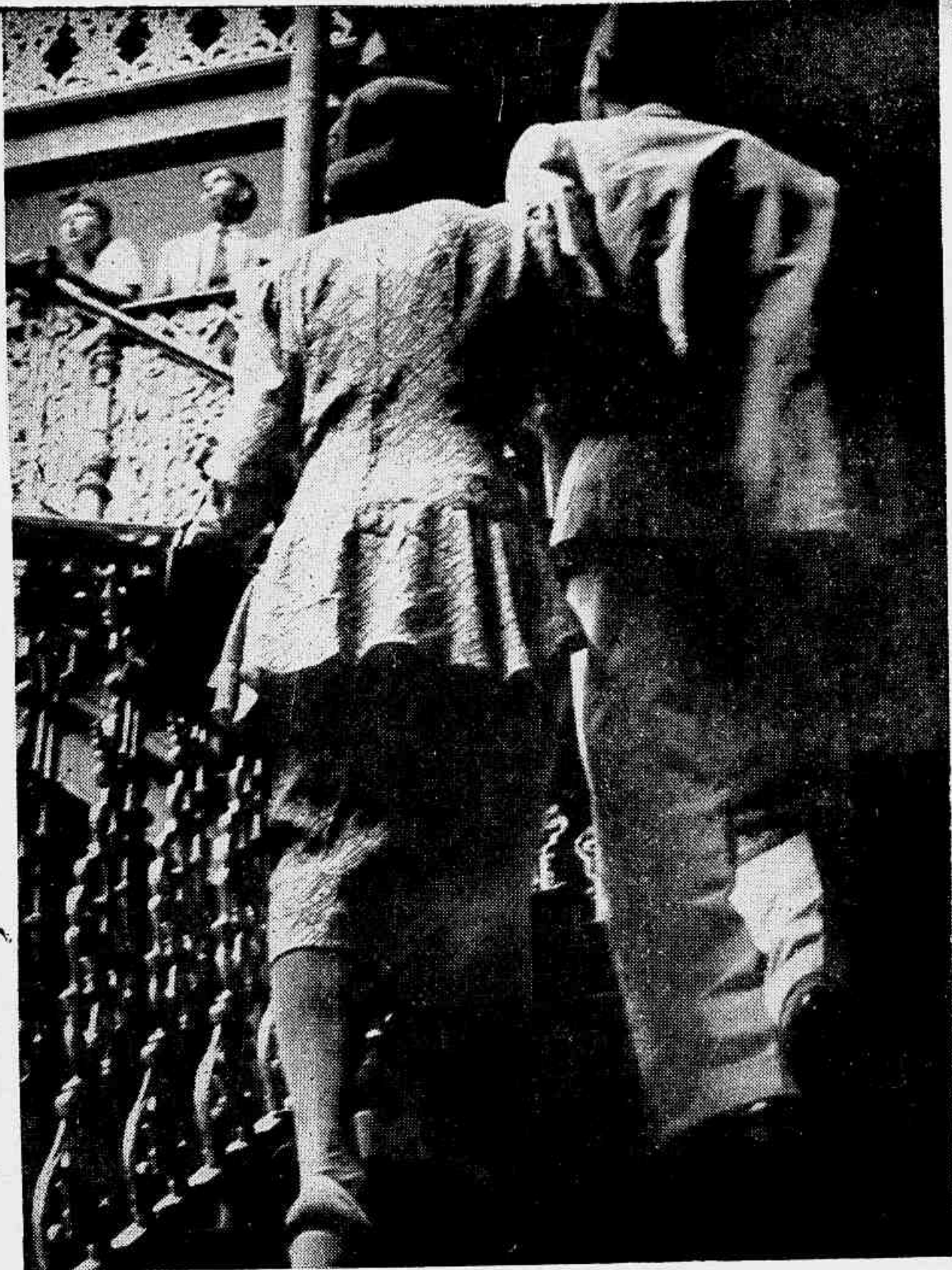
EPÍLOGO OU CONTINUAÇÃO DE UM VELHO AMOR?

Há vinte anos atrás, Antonio e Mariazinha, dois garotos de 7 e 5 anos, respectivamente, iniciaram o seu infantil romance de amor. Viviam em Campos, no Estado do Rio, e com o passar dos anos o romance foi cada vez mais se robustecendo. Cursaram a mesma escola primária e iniciaram quase ao mesmo tempo a luta pela vida, cada qual no seu mister. Eram de famílias paupérrimas, mas ambiciosos. E não tardou que a cidade

ficasse pequena para ele, que não aprendera muito, mas que contava com bons músculos para ganhar o pão de cada dia. Em uma tarde cinzenta Mariazinha ficou, olhos vermelhos de tanto chorar, com um lençinho branco esvoaçando na mão, a dizer adeus ao Antonio que partia no noturno para a capital. Mariazinha tinha medo de que a capital, cheia de sensações desconhecidas, fizesse seu companheiro se esquecer do seu amor. Antonio, ainda o trem não deixara para trás a última rua da cidade natal, já era dominado pelo temor de que a separação

Finalmente os nomes são lidos e nubentes e padrinhos dirigem-se para a sala onde o matrimônio será realizado em poucos minutos. Como bons cariocas organizam-se em filas, aguardando pacientemente a chamada do juiz de paz.





A esquerda: Não se pode casar sem empreender a subida de dezenas de degraus. Alfredo Barcelos e Ivone dos Santos, dois modestos trabalhadores que se uniram na vépera do dia de N. S. da Conceição. O ordenado dele é insuficiente para a manutenção do casal e, por isso, ambos continuarão trabalhando, até que as coisas melhorem e Ivone possa antes estas mesmas escadas, descem-nas, agora, unidos até à morte. O vendedor de loteria apenas ser uma dona de casa. A direita: Enfim, casados! Os noivos que subiram horas tentou impingir uns gasparinhos. O jovem recém-casado não ouviu sequer a oferta. Havia muita felicidade no seu coração para que ele ainda fosse se preocupar com a "sorte grande".

o fizesse perder a sua Mariazinha. E prometeu mandar buscá-la logo que arranjasse qualquer trabalho. Chegou ao Rio, disposto a juntar dinheiro para se casar. Isto há dez anos. O dinheiro custava a amontoar-se e ele resolveu arranjar emprego para a noiva, aqui no Rio. E assim, com um emprego em perspectiva, Mariazinha embarcou, deixando a cidade natal. Dez anos depois, ou sejam vinte anos após o início do romance, um repórter os foi descobrir dentro daquele torvelinho do Pretório. Muito juntinhos, falando de amor em todos os gestos, como se todo os vinte anos percorridos fossem apenas um instante da felicidade que iriam prolongar. São agora dois cariocas autênticos, após o período de lutas que ambos tiveram que enfrentar na grande cidade. Foi ele quem desembaraçadamente fez as apresentações:

— VAMOS SER O SENHOR E A SENHORA ANTONIO ALVES DE ALMEIDA

Depois da solene apresentação o Antonio contou-nos a história que resumimos acima. A conversação veio ao presente, quando indagamos:

— Por que demoraram o casamento, já que vocês estavam no Rio há tanto tempo?

— Esperando que o custo da vida baixasse. Quando começou a guerra pensamos que, quando tudo terminasse, a vida ficaria mais barata. A guerra terminou, as coisas continuaram a subir e a gente a esperar. Um dia, depois de muito pensar, percebemos que quanto mais esperava, mais piorava. E casamos assim mesmo.

— Já têm casa para morar?

— Vamos morar na Pavuna, onde pago pela minha casinha setenta e cinco cruzeiros mensais. Bem barato, não? Aqui na cidade não existe nem um quarto por esse preço. A Maria vai tomar conta da casa. Não precisa vir à cidade. Vamos nos arranjar, se Deus quiser. E tem uma vantagem a gente morar na Pavuna. Lá não tem fila, é só chegar até o Estado do Rio e comprar. Lá por perto não falta nada, embora as vezes custe um pouco mais caro.

— Quer dizer, Antonio, que não há mais problemas?

— Nenhum. Depois de vinte anos de amor "o que vier a gente traça".

— E que pensam vocês do divórcio? Gostariam que as nossas leis o permitissem?

Nessa hora Maria da Conceição resolveu manifestar:

— Nem pense nisso, moço! Nós que pretendemos ter uma meia dúzia de filhos, podemos lá pensar nisso! Quem casa é para ficar casado até o fim da vida!

Nessa hora, o oficial de cartório leu o nome do futuro casal, chamando-os para a Sala Verde. Casal de sorte...

CASAM-SE NO RIO UM "MAQUIS" E UMA ENFERMEIRA RUSSA

Por volta das 11 horas o salão estava literalmente repleto. O fotógrafo fazia incríveis acrobacias para bater uma chapa. Tínhamos que atravessar várias vezes o imenso salão e isto constituía uma verdadeira odisséia. Onde não cabia um braço enfiávamos o corpo, precedido de um "dá licença" quase sempre inoperante. Quando saíam, mais alto que a babel de vozes, os nomes chamados pelo oficial do cartório, havia um reboliço no meio daquele torvelinho e, quando menos esperávamos, estávamos nós metidos na sala de casamentos. Num desses vai-vens descobrimos alguma coisa de raro no meio da multidão. Um casal de louros estrangeiros esperava também a chamada. Varamos a massa humana e os alcançamos.

— Casam-se hoje?

Olharam-nos interrogativamente, como se não nos tivessem ouvido bem. Uma frase do rapaz esclareceu-nos:

— Nous ne parlons pas portugais. Parlez-vous français?

— Oui; un petit peu...

E assim, com boa vontade de ambas as partes, conseguimos nos entender. Claude Latreille, assim se chama o rapaz, contou-nos a sua história. Chegara ao Rio há dois meses, apenas, em companhia de Olga Stelmach, sua futura esposa, a loura que estava ao seu lado. Era outra interessante história de amor.

Claude Latreille, francês com cento, nascera há 24 anos, às margens do Sena. Durante a guerra passada serviu nas Forças Aéreas Francesas Livres como rádio-telegrafista, profissão que ainda exerce para se manter. Sua noiva, a loura Olga Stelmach, nascera em Kiev, na Rússia. Quando as tropas nazistas capturaram sua cidade, fora enviada para o campo de concentração de Dresden, na Alemanha, onde esteve presa durante três longos anos. Quis a mão caprichosa do destino que entre as forças americanas que libertaram estivesse um contingente do grupo aéreo B-26 ao qual pertencia o seu atual noivo. Libertária e conhecida na intimidade diária foram duas alecrins para o jovem Claude. Fo-

ram para Paris, onde ele continuou combatendo o invasor, enquanto Olga trabalhava num hospital como enfermeira. Terminada a guerra a vida não se tornou fácil, como os dois esperavam. E' o jovem ex-combatente quem fala.

— A vida em Paris continuou difícil. Embora ganhasse bastante, tudo estava caríssimo. Já havíamos, Olga e eu, lutado pela França e queríamos iniciar nossa vida de casados em um ambiente tranquilo e pacífico. Por isso foi que escolhemos o Brasil.

A uma pergunta nossa, respondeu:

— Não, não temos aqui um único parente. Chegamos há dois meses. Já vim como empregado da All América, onde exerce a profissão de rádio-telegrafista. Logo após o desembarque tratei dos papéis para o casamento. Daqui a alguns minutos estará realizado o nosso sonho que iniciamos muito longe daqui, dentro de um mundo em chamas e com um futuro incerto. Temos muita fé em que seremos felizes no Brasil, de onde não pretendemos mais partir.

Depois de batida uma chapa, quando nos despedimos, a mocinha de Kiev nos garantiu:

— Pode ficar certo que quando nascer o nosso Alan, que será o nosso primogênito, daqui a menos de um ano, já estaremos falando perfeitamente o português.

Deixamos os dois, perdidos no meio da multidão, continuando sob os céus do Brasil o romance iniciado numa fria e semi-arrasada cidade européia. Amanhã, quando o jovem Alan estiver cuindo de papai Claude a história dos seus amores, julgará escutar um conto encantado, não igual aos da Carochinha, mas idêntico, talvez, às aventuras de Flash Gordon.

MAIOR NÚMERO DE CASAMENTOS ENTRE OS POBRES DO QUE ENTRE OS RICOS

Apreciar a significação deste fenômeno social não cabe nesta reportagem. Limitar-nos-emos a constatar o fato. De mês a mês aumenta a desproporção entre casamentos dos pobres e os dos ricos. O dr. Tornaghi afirmou-nos, com a autoridade de quem há muitos anos vem realizando casamentos como Juiz de Paz do nosso Pretório.

— O número de matrimônios decresce na razão inversa da elevação das camadas sociais.

E qualquer pessoa poderá certificar-se dessa verdade. Dos trezentos e cinquenta e cinco casamentos realizados hoje, trezentos — pelo menos — eram noivos

de condição modesta, da classe média para baixo. Não se poderá argumentar que os mais abastados realizam a união civil na residência, pois que os chamados para esse fim são, relativamente, bem diminutos. Justamente aqueles para os quais a vida é mais difícil, que lutam contra a falta de moradia, de transporte, de alimentação barata e abundante, são os que enfrentam as responsabilidades do casamento.

Encontramos um casal — Alfredo Barcelos e Ivone dos Santos — que serve como exemplo. Alfredo é comerciante e Ivone trabalha numa fábrica metalúrgica. A elevação constante do custo da vida não permitiu que aguardassem melhores dias. Casam-se hoje. Ivone continuará trabalhando até que o ordenado de Alfredo possa enfrentar as despesas do casal. Não encontraram por outro lado, um quarto decente e de aluguel razoável em que pudessem morar. Por isso a lua de mel será mesmo na casa da mãe do noivo, onde irão residir. Perguntamos quantos seriam os futuros bebês:

— Nem pense nisso, — disse-nos Ivone. — Com a vida de hoje quem pode pensar nesse luxo?

Em que pese a declaração de Ivone o que acontece nas nossas classes menos favorecidas é justamente o contrário.

As estatísticas acusam o maior índice de natalidade entre os casais mais modestos. Orçamentos que mal sustentam duas pessoas têm que atender ao sustento dos filhos que vão nascendo.

Nada menos de mil e quinhentos casais se unem mensalmente pelo artigo 194 do Código Civil. Nos meses de maio e dezembro, preferidos pelo nosso povo para a celebração dos enlacs, aquele número aumenta extraordinariamente. Até 1939 a estatística do Pretório acusava em cada ano um número crescente de uniões. Somente no dia 8 de dezembro daquele ano casaram-se aqui no Rio perto de oitocentas pessoas! Desde o começo da guerra o número vem decrescendo. No ano passado o número de matrimônios no dia de N. S. da Conceição não chegou a trezentos. Este ano, como vimos a concorrência foi um pouco maior, embora ainda esteja muito longe de alcançar a estatística dos tempos dourados (oitenta anos atrás), quando, entre outras comodidades, os recém-casados podiam contar com uma casa ou apartamento para morar. O difícil não é propriamente entrar na pretoria e casar. O problema é sustentar a nova vida que começa quando os pares descem, irremediavelmente casados, as escadas do Pretório...

na vépera do
e Ivone poss
dor de loteria
orte grande".

classe média
rá argumentar
lizam a união
e os chamados
vamente, bem
eles para os
cil, que lutam
de transporte
abundante, são
responsabilidades

— Alfredo Bar
— que serve
comercário e
a metalúrgica.
custo da vida
assem me'hores
one continuará
denado de Al-
despesas do co-
outro lado, um
nel razoável en-
isso a lua da
da mãe do not-
untamos quan-
es:

disse-nos Ivone.
em pode pensar

ação de Ivone
s classes menos
cntrário.
o maior índice
casais mais mo-
mal sustentam
ender ao susten-
ascendo.

quinhentos co-
nte pelo artigo
meses de maio
pelo nosso povo
en'aces, aquile
ordinariamente.

Pretório acusa-
ero crescente de
8 de dezembro
e aqui no Rio
s! Desde o co-
ero vem decre-
o número de
S. da Concei-
mentos. Este ano,
cia foi um pouco
teja muito longa
dos tempos de-
uando, entre cu-
cém-casados por
casa ou aparta-
tíficil não é pro-
retoria e casar.
a nova vida que
es descam, lre-
as, longas es-



A esquerda: Admeto, o esposo, Alceste, a esposa e Eumelos, a jovem filha. A direita: conjunto de intérpretes de "Alceste", a peça de Eurípedes, que o público vai admirar no Regina.

POR UM TEATRO MELHOR

A encenação de "Alceste", de Eurípedes, e de "Os Espectros", de Ibsen, representam um nobre esforço da União Nacional dos Estudantes no sentido de desenvolver o gosto pelo Teatro, tão abastardado pelo comercialismo.

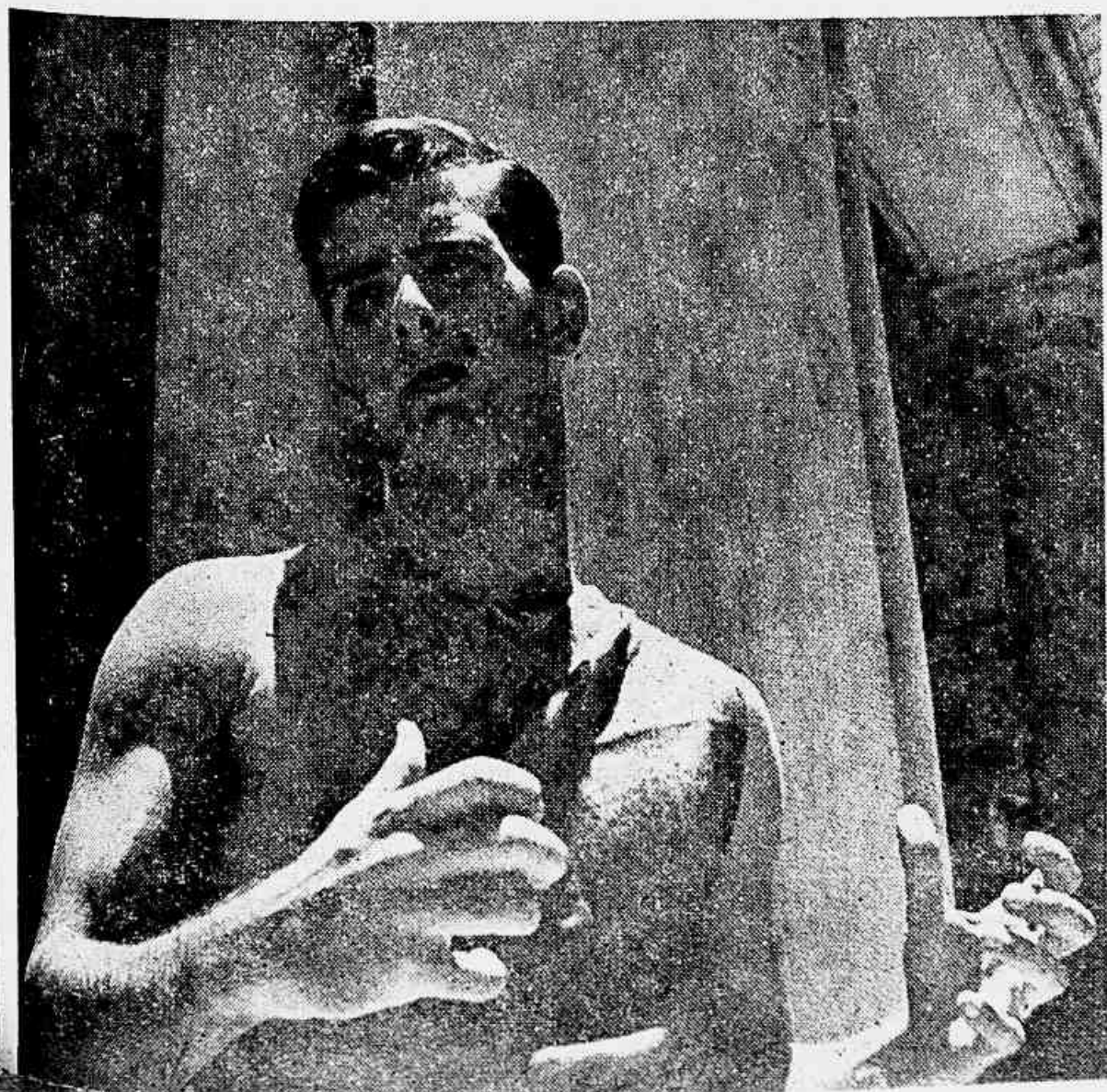
Estas duas peças marcam o início de uma série de apresentações de grupos teatrais, mantidas por universitários de diferentes capitais cujos trabalhos provem os esforços de seus realizadores na melhoria do nosso nível cultural. A apresentação de "Os Espectros" será feita pelo Teatro Universitário de Belo Horizonte, mantido pela comissão educativa dos dirigentes da União Estadual de Estudantes. Empresa o seu trabalho de direção a este

grupo o jovem artista mineiro, João Ceschiatti, filho de uma família de artistas. O Teatro Regina gentilmente cedido pelos "Artistas Unidos" e sob o patrocínio de Henriette Morineau, será o palco das primeiras apresentações, exibindo-se depois dos mineiros os componentes do Grupo Dramático da Universidade Católica do Distrito Federal, conjunto dos mais fortes no ambiente teatral estudantil. Já no ano anterior este mesmo conjunto apresentou "Antígona", de Sófocles, para no momento apresentar "Alceste", de Eurípedes. O secretário geral da U.N.E., acadêmico Maximiano Bagdócio, pretende lançar a mais séria iniciativa a favor do teatro brasileiro e "Alceste" será o marco definitivo das novas diretrizes para o teatro dos estudantes do país, que não admitirá mais a representação

de peças mediocres, nem a intromissão nociva de elementos desacreditados intelectualmente. Merecem aqui citação aos seus nomes os estudantes que tomam parte na representação de "Alceste", são eles os seguintes: Eva Vanatko, no papel da figura principal José Alvaro Carneiro Bastos, Fernando Augusto de Carvalho, Alvaro Americano Souza, Carlos de Baere, Candido Antônio Almeida, José Arruda, Maria Amélia Costa, Norma Jatobá, João Paulo Magalhães, além de grande coro.

A peça já apresentada no auditório da Universidade, conta com belas decorações de Jorge Hue e a tradução foi feita diretamente do original grego pelo Frei Sebastião Helsemann, grande animador de todo o movimento.

A esquerda: Carlos de Baere no papel do jovem Hércules. A direita: José Alvaro, Eva Vanatko, Jorge Hue, o idealizador dos decorados da peça, e Sônia Costa.





— Não se assuste, mamãe... E' apenas a cozinheira que eu prometi lhe trazer quando voltasse...

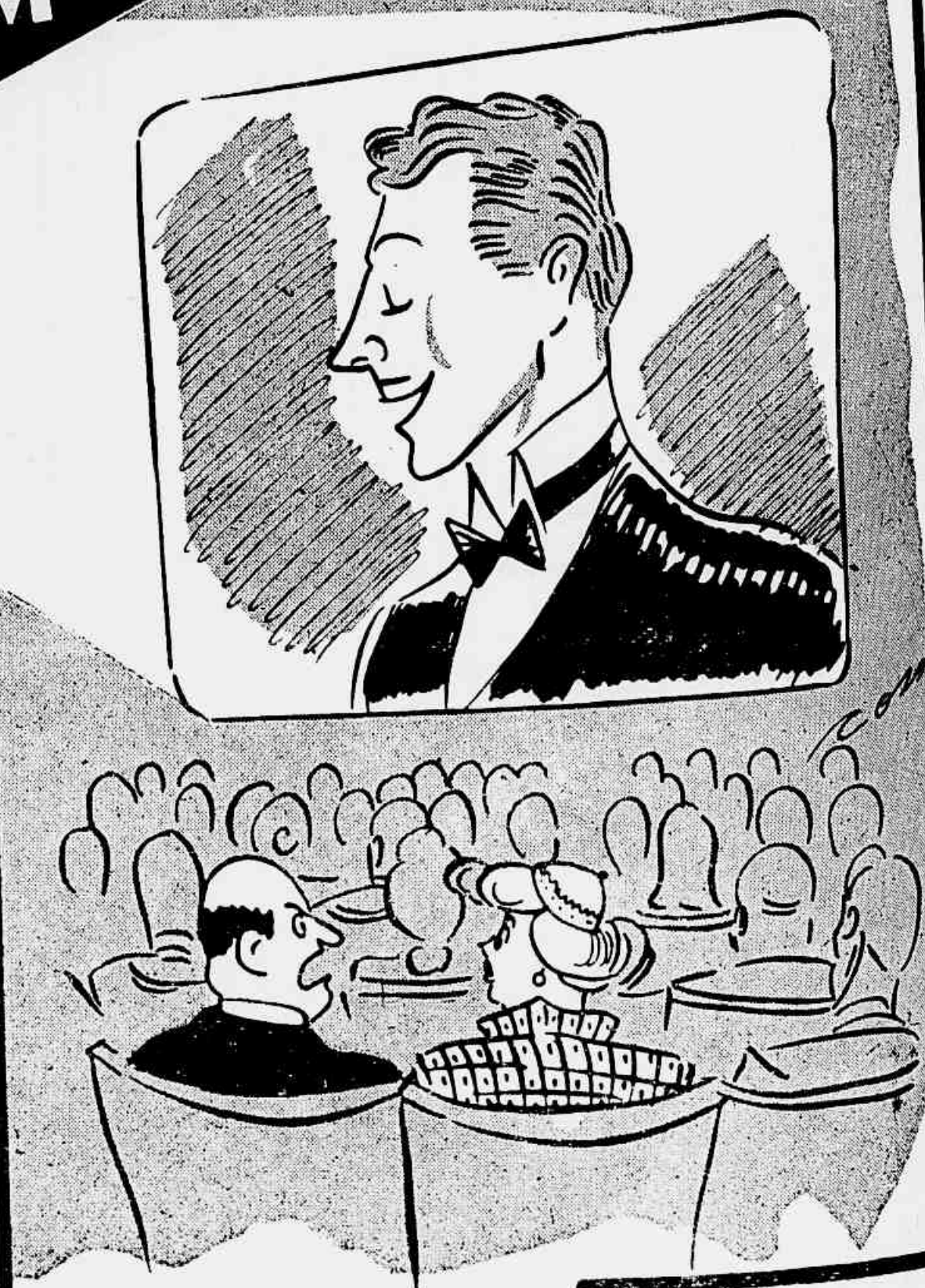


— Ele é o soldado mais bem educado de todo o Corpo de Bombeiros...

BOM HUMOR

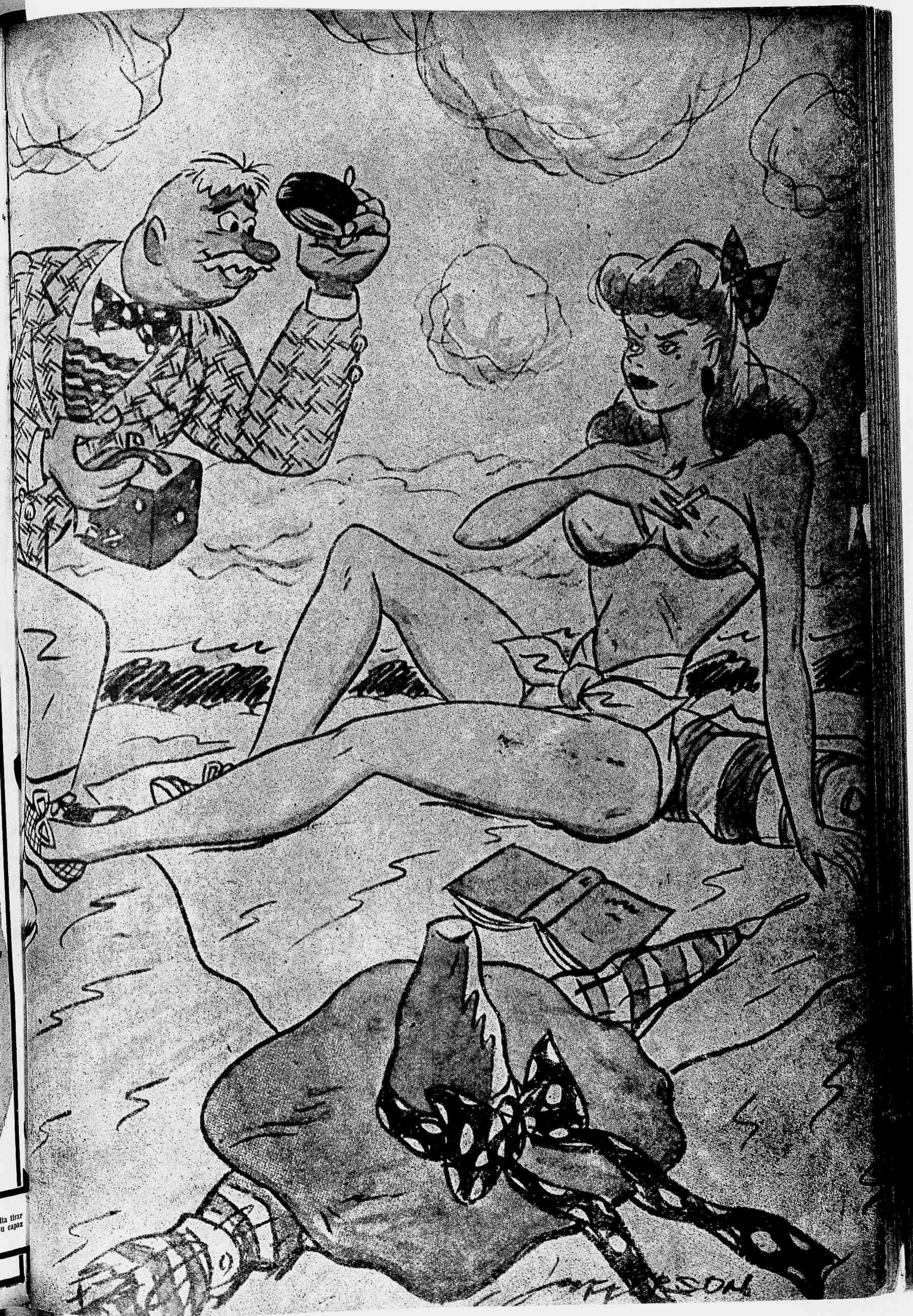


— Doutor, ando um pouco aborrecida, com uns assobios que estão sempre zunindo em meus ouvidos...



— Que é que ele tem que eu não tenho, a não ser um pouco mais de cabelo?"

— Escute... Se a senhorita tirar um instantâneo meu eu sou capaz de tirar outro seu...



Lembrança de UM NATAL



E' POSSIVEL que, dando uma busca mais rigorosa, eu acabe por penetrar em outros natais, mais remotas. Mas até agora, minha lembrança só vai até um Natal de grande calor, em que me vestiram com saia de veludo e me puseram um grande laço na cabeça. Tão suntuoso costuma ser o veludo! O meu tinha perdido o caráter. Era o veludo de uma saia velha. De saia velha rodada, passara a ser um vestido. Quando não aguentava mais as responsabilidades de vestido foi transformado numa saia pequena, com suspensórios, que me abafou durante muito tempo. Destino monótono, o desse veludo. De vestido a saia, de saia a vestido. Lembro-me bem de que depois de ter deixado de ser saia minha, passou outra vez a vestido, no corpo de uma menina que mal sabia andar. Eu o perdi de vista, aí. Mas, com certeza, acabou virando saia outra vez. Quanto ao laço, era novo e vistoso e eu tinha plena consciência dele, porque me repuxava os cabelos e pesava sobre a minha cabeça como se fosse uma pedra. Era véspera de Natal e me levaram pela mão. Os mais velhos tinham um ar de quem vai fazer surpresa. Eu me sentia bem, caminhando pela mão de meu pai ao encontro de uma coisa agradável. Meu pai começou a encontrar conhecidos pelo caminho. Sorriam-se misteriosamente. Não será muito cedo? — perguntavam-se. Qual! Não era cedo. Se fosse cedo, melhor. Arranjaríamos um bom lugar. Um dos conhecidos de meu pai não se separou mais dele. Tinha um filho, chamado Afonso. Pena não me lembrar da cara de Afonso... A única coisa que vejo, quando cerro os olhos e faço um esforço de memória, são as sardas do nariz dele e uma camisa azulada que deitava um cheiro forte, parecido com gasolina. A princípio, Afonso começou a implicar comigo.

Dei o desprezo. Acho que minha cara naquele tempo tinha uma qualidade de expressão muito forte. Afonso ficou encabulado. O lugar onde estávamos estacionados não tinha conforto nenhum. Havíamos ficado de pé cada um junto de seu pai, sem licença de dar um passo fora. Afonso chutava areia, olhava para mim de soslaio. Minhas pernas doíam. A única distração era ver gente se amontoando em torno daquilo que nós também esperávamos. Havia um pano cobrindo qualquer coisa. Meu pai criticava tudo com o amigo do lado. Muito tempo ficamos ali, de pé. E, depois, Afonso começou a puxar conversa.

— Quer ver como eu atiro areia na cabeça daquele moleque?

De LÚCIA BENEDETTI * Ilustração de ARMANDO MOURA
Especial para REVISTA DA SEMANA

O pai de Afonso, também impaciente, reclamava contra a demora. De vez em quando os dois pais, o meu e o de Afonso, puxavam um cartãozinho amarelo e conferiam os números. Nós íamos ganhar qualquer coisa com aqueles cartões. Começou a escurecer. Fiquei com sede e Afonso dizia ao pai que precisava ir lá fora. Não era mais possível ninguém se mexer. Por fim, levantaram o pano. Meu pai me suspendeu nos ombros e eu vi a árvore de Natal iluminada. Era enorme, carregada de presentes. O pessoal de detrás reclamava que não estava vendo direito. Iam começar a sortear os números e todo mundo gritava pedindo silêncio. Esqueci a sede. Uma mulher se adiantou e recebeu uma caixa. Foi saindo, vagarosa. Um menino estendeu a mão e ganhou um cavalo malhado. Aquilo não acabava mais. Debrucei-me sobre o ombro de meu pai e comecei a dormir. A certa altura ele exclamou para mim: — E' a nossa vez! O amigo dele vinha logo em seguida. Fiquei desperta num instante. Meu pai estendeu o cartão e lhe deram de volta um embrulho arredondado. O amigo de meu pai abria caminho entre homens e mulheres. Afonso recebeu uma boneca. Saimos juntos. Meu embrulho redondo era um pião. Afonso estava envergonhado com a boneca. Ali mesmo meu pai propôs a troca, devolvendo algum dinheiro. Não houve jeito do pai de Afonso ceder.

Meu pai começou um trabalho de sedução que eu nunca tinha visto em minha vida.

— Olhe aqui — dizia ele, — afinal de contas dinheiro sempre é dinheiro. E o menino terá mais satisfação em brincar com um pião do que com uma boneca.

O pai de Afonso não se deixava vencer.

— Lá em casa tem mais criança... — dizia.

— Tem alguma menina do tamanho desta?

— Não. a nossa menina tem oito meses.

Meu pai abria os braços como que dizia:

— Não se pode comparar uma criança de oito meses com esta aqui, que já sabe muito bem apreciar uma boneca!

O pai de Afonso não dizia nada. Meu pai apelou para o Afonso propriamente dito.

— E você, rapaz? Que é que me diz?

Afonso meteu o nariz no palitão do pai.

— Um menino do seu tamanho voltando para casa com uma boneca! Ora, essa é boa!

Nada de Afonso reagir. Eu comecei a querer fazer as pazes meio tardiamente. Afonso tripudicou em cima do meu desespero. Agarrou a boneca.

— Vamos, papai. Vamos.

Nós nos despedimos, contrafeitos. Meu pai estava com raiva do amigo. Depois tarceu a raiva para os organizadores da festa.

— Onde já se viu? — dizia. — Onde já se viu? Deviam separar os cartões. Os meninos deviam ter cartões de cores diferentes, para não acontecer uma coisa assim.

Por fim, caiu em si. Achou que estava valorizando demais a boneca e fazendo pouco caso do meu pião. Puxou o pião do bolso e começou a examiná-lo.

— E' um pião, — me disse. — Acho que você vai gostar.

Em casa ninguém se conformou com o egoísmo do pai de Afonso. Minha mãe disse que nunca havia simpaticizado com aquele sujeito. Além do mais, ficou estabelecido, que a mulher dele era uma relaxada, que deixava os filhos irem para a cama sem banho. Era até um perigo deixar que as crianças se misturassem com as deles.

Meu pai começou a me explicar como se fazia um pião funcionar. Ficou junto de mim, fazendo o pião rodar e contando as coisas que fazia em menino, com um pião parecido com aquele. O pião zunia. Tirava rancos profundos. Passava das mãos dele para as minhas, depois rodava em cima da mesa, da mesa para cadeira e da cadeira para o chão, onde acabava se deitando, cansado de rodar. Meu pai me ensinava truques e me incitava a atirar o pião. Toda a família se fez muito interessada, cada um querendo mostrar-se mais encantado com o brinquedo.

Eu me esforçava também. Mas todos os meus esforços eram sem resultado. Meu pai se ria, eu também ria. Tiraram minha saia de veludo, o laço, me puseram uma camisola. Fui dormir, ainda sorrindo das coisas que meu pai fizera. Acho que foi um bom Natal aquele. Só não sei como é que o sardento do Afonso se arrumou com a sua boneca.

... MAGNÍFICO O ESPETÁCULO DESTA NOITE ...

AGORA, CONVIDE OS SEUS AMIGOS PARA ACOMPANHÁ-LA A SUA CASA ONDE DANSARÃO UM POUCO. OFEREÇA-LHES ENTÃO ANISETTE MARIE BRIZARD COM ÁGUA GELADA, BEBIDA DA MODA NA EUROPA E NA AMÉRICA.

MARIE BRIZARD — LICÔRES DE FRANÇA — SEMPRE EM TODAS AS REUNIÕES ELEGANTES.

PARA SI E PARA OS SEUS AMIGOS — ANISETTE MARIE BRIZARD.



Anisette

COM ÁGUA GELADA

MARIE BRIZARD

200 ANOS DE QUALIDADE

J U N T E
3 PARTES
DE ÁGUA
POR UMA
DE
ANISETTE



A esquerda: Gregory Peck, o galã. A direita: Lillian Gish, uma "star" do cinema silencioso, que voltou há pouco ao cinema, no papel de Laura Belle McCandles, esposa do senador que Lionel Barrymore interpreta. Na página ao lado: Jennifer Jones, a heroína.

VÃO GUARDANDO TREZE CRUZEIROS...

AINDA não está definido o tempo de duração da projeção de "Duel in the sun" (Duelo sob o sol), o novo filme de David O. Selznick, o homem que quebrou o tabu de que um filme não deve durar mais de duas horas, ao fazer "...E o vento levou!", que durava mais de três. Como em "Duelo sob o sol" David O. Selznick gastou ainda mais do que em "...E o vento levou!", suponho que esse filme abrirá, no Brasil, a lista das películas a treze cruzeiros o ingresso, segundo já foi registrado, aqui,

Se quiserem ver "Duelo sob o sol", o último filme em technicolor de David O. Selznick — Deve dar mais de três horas de projeção e custou ainda mais para produzir do que "...E o vento levou!" — A projeção do filme ainda não está definida, mas deve ser superior a três horas...

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

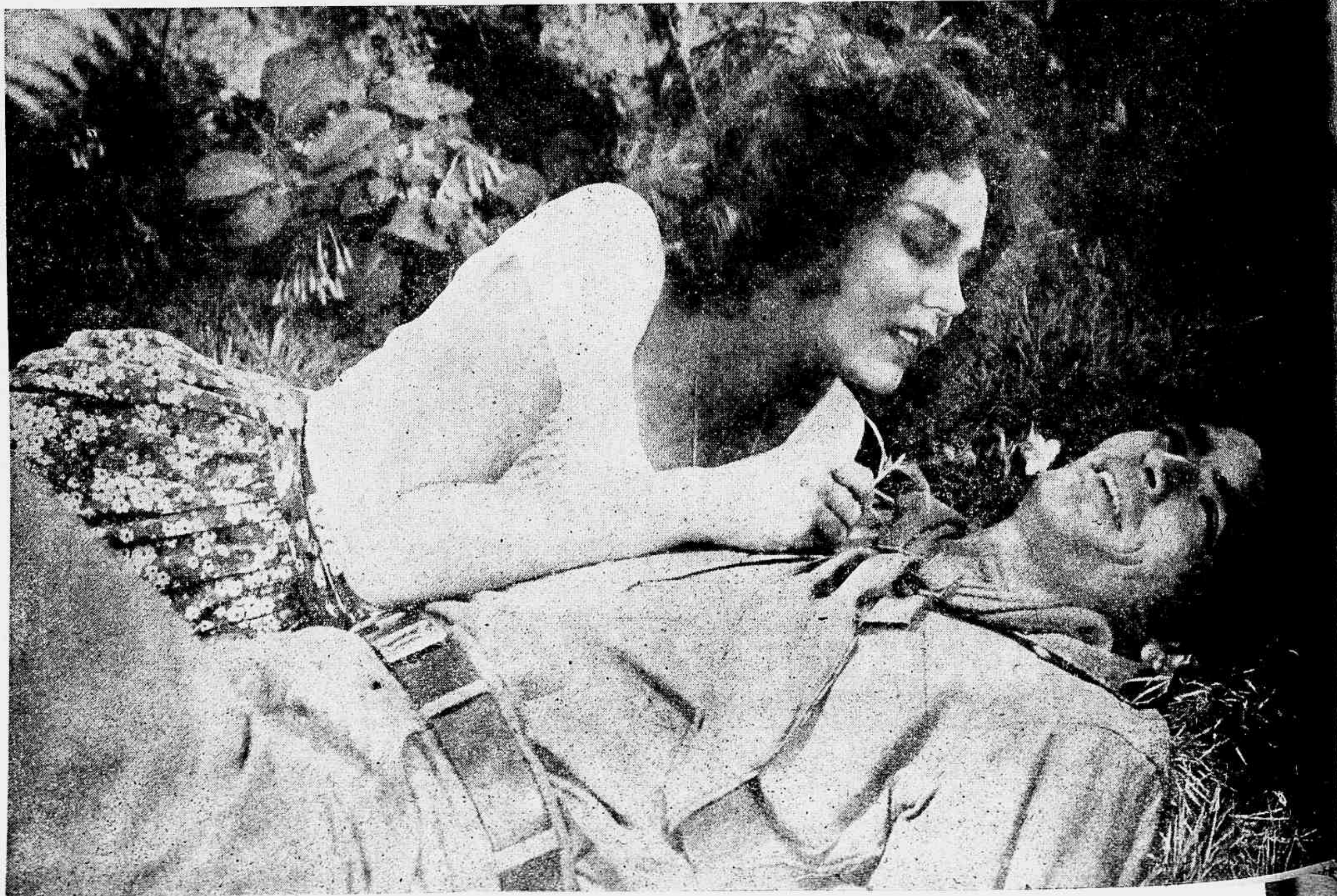
através dos telegramas... Creio que, ou vocês pagarão os treze cruzeiros e alguns centavos, ou, do contrário, não ve-

rão essa nova proeza do afamado produtor...

Todos os filmes de metragem não ape-

nas longa, mas extraordinária, são despendiosos e dão muito trabalho aos produtores. Mas "Duelo sob o sol" (Duel in the sun), produção de David O. Selznick, tomou mais tempo e absorveu mais dinheiro do que qualquer outro filme até hoje produzido. Seus trabalhos de filmagem tiveram início em março de 1945 e devemos dizer que foram ininterruptos e intensos. E só agora, há bem pouco tempo, é que foram ultimados. As despesas da película alcançaram a elevada soma de 5.255.000 de dólares, sendo que a essa quantia ainda deverão ser

Gregory Peck e Jennifer Jones, numa cena de amor de "Duelo sob o sol", o novo technicolor de David O. Selznick, sucessor de "...E o vento levou!"

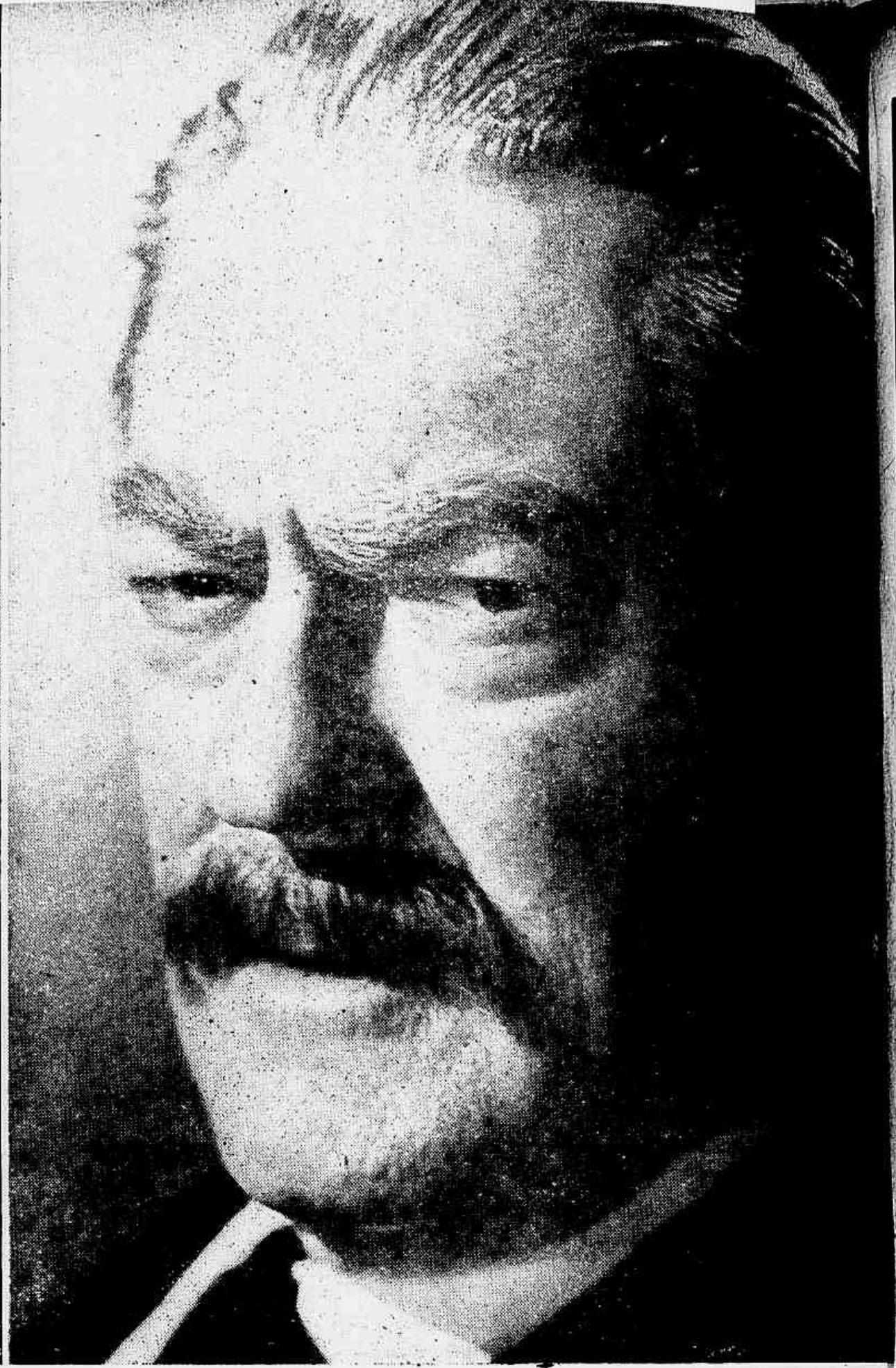
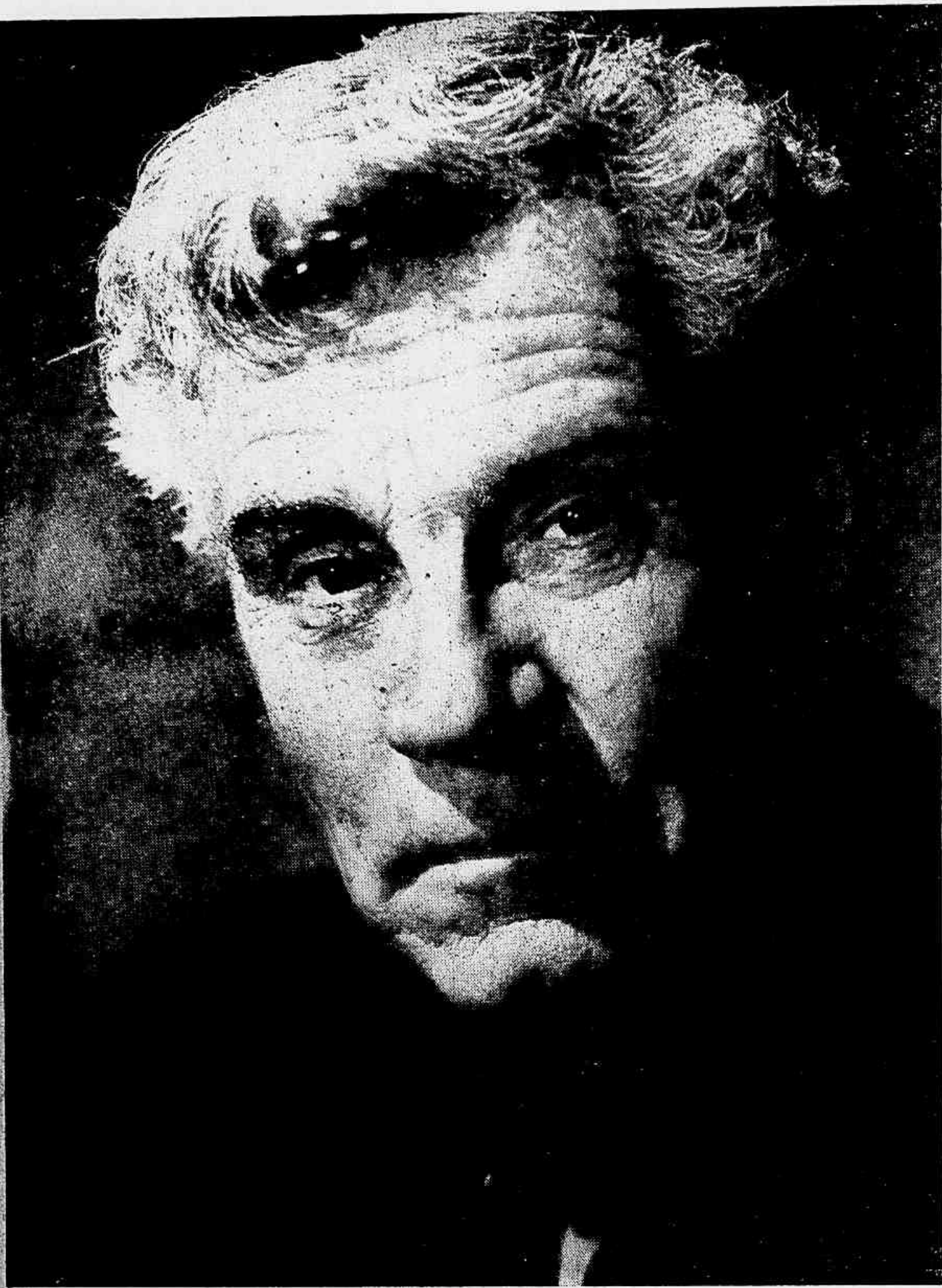


esposa do

000

são des-
o aos pro-
" (Duel In-
D. Solnick
a mais di-
filme até
os de fil-
go de 1945
interrupção
bem pouco
e. As des-
a elevada
ares, sendo
everão ser





Walter Huston, um dos protagonistas. A direita: Lionel Barrymore, que deixou de ser o Dr. Gillespie, na Metro, para ser o senador McCandles, mixto de caudilho e de fazendeiro do velho Oeste. En baixo: Antes da filmagem, o cabelo de Jennifer Jones é pulverizado com poeira, para ser obtido um efeito realista. Na página à esquerda: — Lillian Gish, uma "star" do cinema silencioso, que voltou há pouco ao cinema, no papel de Laura Belle McCandles, esposa do senador que Lionel Barrymore interpretou.





Cena de conjunto com Tilly Losch, que faz parte do grande elenco em que ainda estão Joseph Cotten, Herbert Marshall, Charles Bickford, Harry Carey, Otto Kruger, etc.

adicionadas 2.000.000 de dólares para fins de publicidade e distribuição. Segundo declarações do produtor David O. Selznick o filme ainda será lançado em dezembro nos Estados Unidos.

O "screen play" da referida película foi escrito pelo próprio Selznick. Não se trata de trabalho original, mas de uma adaptação cinematográfica de um romance de Niven Busch. Depois de haver utilizado os serviços de Oliver P. Garrett, Selznick mudou radicalmente o enredo original, o qual redundou numa violenta história de amor que se passa na bela região do Texas, no último quartel do século XIX. E a película conta com um dos maiores elencos de "astros" de primeira grandeza já apresentados na tela: Lionel Jones, Gregory Peck, Joseph Cotten, Lionel Barrymore, Herbert Marshall, William Gish, Walter Huston, Charles Bickford, Harry Carey, Otto Kruger, Joan Scott McKay, Sidney Blackmer, Tilly Losch, Butterfly McQueen e outros. "Extras", aparecem no filme mais de 10.000.

Para filmar essa história "in loco" David O. Selznick teve que se deslocar com grandes companhias em duas grandes excursões. Na primeira tomaram parte 300 pessoas entre técnicos e artistas e foi levado a efeito em Tucson, no Estado de

Arizona. As condições atmosféricas da região prejudicaram às vezes a filmagem e quando isso acontecia as despesas orçavam em 15.000 dólares diários, sem incluir os elevados salários dos técnicos e artistas.

Foam conduzidos para o local, além de grande número de equipamentos elétricos, 400 cavalos, 400 cabeças de gado e madeiras para a montagem de camarins para os artistas e outras instalações. Durante dois meses, quarenta operários trabalharam no arrasamento e nivelamento de um morro, a fim de construir um rancho no local do mesmo foram plantados aí cactus e outros vegetais típicos da região, que, devido às suas cores verdes muito vivas se prestam bem para filmes em technicolor.

A outra grande e dispendiosa excursão foi levada a efeito no deserto montanhoso conhecido de todos pelo nome Lasky Mesa, quarenta e cinco milhas ao norte de Hollywood, onde mais de 3.600 atores trabalharam cerca de quatro semanas. Nesse local foram filmadas as lutas entre os protagonistas, às voltas com 600 rezes. O lugar requeria uma operação de engenharia, na qual foi gasta a quantia de 35.000 dólares. Foram construídos longos lances de cerca de arame farpado — numa dessas man-

gas de cerca foi filmada a dramática cena da trincheira em que os "cow-boys" do senador McCamles (Lionel Barrymore) se chocaram com a cavalaria dos Estados Unidos.

As últimas cenas filmadas foram exatamente as do prólogo, para as quais se fizeram necessários os maiores "sets" da produção. Essas instalações representam um bar, que ocupa um espaço de 102 pés quadrados e no qual existe um vasto salão. Nele dança Tilly Losch, que, no filme, fez o papel de mãe de Jennifer Jones. Ela e Herbert Marshall, que faz o papel do aristocrático pai de Miss Jones, foram contratados especialmente para as cenas do prólogo do filme.

"Duelo sob o sol" joga com cinquenta e sete atores que tomaram parte no diálogo e 6.526 "extras". Entre os "astros" de primeira grandeza que aparecem nessa monumental película destaca-se Gregory Peck, cavalcando seu belo cavalo preto. A "câmera" o mostra três vezes a cavalo, uma das quais em Arizona. Gregory vem a toda velocidade montado em seu corcel "Midnight". A velocidade é tal que para fazer com que o animal pare repentinamente é preciso que o "astro" o atire por cima de uma cerca de arame farpado. Gregory salta por cima do pes-

coço do animal, cai adiante, mas se levanta são e salvo!

Para que todas essas operações fossem realizadas os artistas e técnicos viajaram cerca de 200.000 milhas. E pela primeira vez na história do cinema uma companhia cinematográfica teve oportunidade de usar o rádio como meio de comunicação, durante uma filmagem, devido a grande distância que um grupo de trabalhadores e técnicos se encontrava de outro. Por exemplo, um grupo estava filmando uma cena em que Gregory Peck tinha de descarrilar um trem cheio de explosivos, enquanto o diretor se encontrava a grande distância, com outro grupo de técnicos e só por meio do rádio lhe foi possível dirigir as duas cenas que estavam sendo filmadas simultaneamente.

Mas todas essas trabalheiras e incômodas foram bem compensados, pois "Duelo sob o sol" é um dos filmes de ação mais bem feitos e mais aperfeiçoados da história de Hollywood. Durante as grandes e penosas excursões não houve nenhum acidente. Mas para prevenir as possíveis eventualidades durante as solitárias caminhadas através do deserto de Lasky Mesa um verdadeiro hospital, composto de três ambulâncias, seguia os excursionistas prontos para qualquer emergência...

AS MAIORES CATÁSTROFES SÃO SEMPRE INESPERADAS



UM curto circuito, uma ponta de cigarro acesa e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torná-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Companhia que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.

COMPANHIA
MINAS

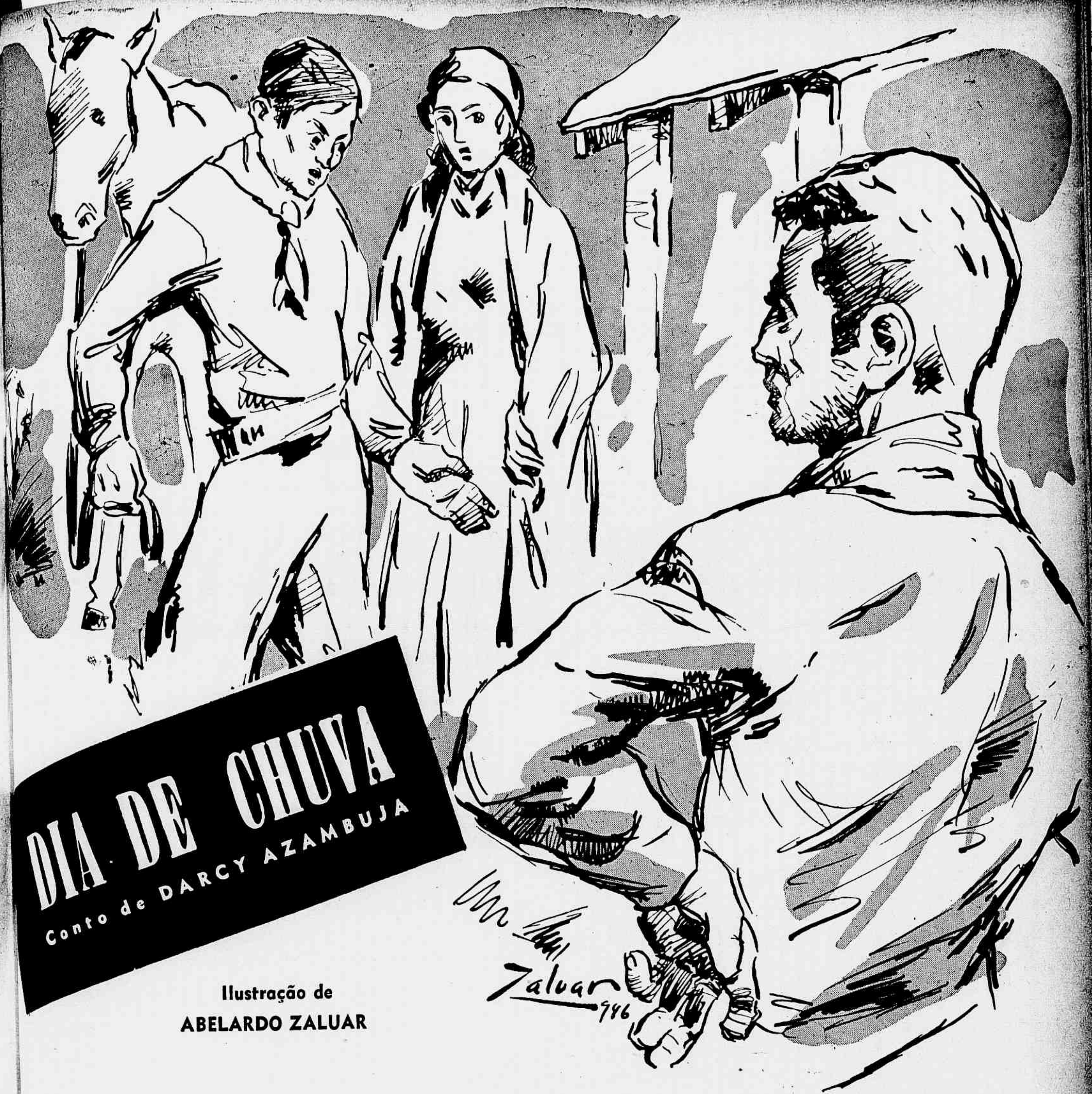
DE SEGUROS
BRASIL

Capital subscrito : Cr \$ 10.000.000,00
Capital realizado e reservas : Cr \$ 19.682.544,20.

SÉDE : AVENIDA AFONSO PENA,
526-3º AND. — BELO HORIZONTE

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO :
AVENIDA GRAÇA ARANHA, 416-8º
AND. — FONE 22-1844 — REDE
INTERNA — SUCURSAL EM SÃO
PAULO : RUA ALVARES PENTEADO,
151-3º AND. — TEL. 3-4451

AGÊNCIAS E ORGANIZAÇÕES NAS DEMAIS CIDADES DO PAÍS



DIA DE CHUVA

Conto de DARCY AZAMBUJA

Ilustração de
ABELARDO ZALUAR

ENTÃO, patrãozinho, vai sempre esta semana? O tempo tem andado ruim; é capaz de todos esses passos estarem de nado. O Pedruca, que veio hoje do Salso, disse que pra lá tudo está pelos galhos.

Mas, eu estou le vendo meio abichornado; já é saudade, não? Eu sei. Mas, a vida é assim. O patrãozinho tem que ir para a cidade, estudar, ver mundo, conhecer outra vida. Vancê aqui pouco aprende... Bueno, bueno, já lo creio; não tem dúvida. Em casa a gente sempre está melhor. Mas, amigo, vancê está quase um homem; é preciso aguentar. Quando chegar lá esquece logo a querência. Nem há de querer voltar. Isso hoje é do dia murrinhento, com esse chuvisqueiro fininho, que molha até couro de cahorro. Com um tempo assim, todo mundo fica angurreado, com umas vontades exquisitas. E' dia de parar-se rodeio nas lembranças... E, le digo, quanta coisa vem, que até já parecia morta. Também estou assim, hoje. Tenho passado a lembrar esses sessenta e tantos anos de viagem... Fica-se meio aborrecido... E' do dia, esse chuvisqueiro, essa tristura...

Pois é, patrãozinho, vá no mais é seja homem.

O índio velho fica le esperando; há de voltar sabido, bem falante, pra nos contar o que viu. Dona Maria diz que é pra dezembro que volta, não? Pois, quando vier, lhe garanto que o zaino

da ruana estará quase manso e vamos voltear essa gadaria que vai ser um regalo.

Mas, olhe, patrãozinho, não se enrede nas quartas. Tome tenência, com aquela gente da cidade. Lá todos falam ligeiro e bem, e, falando tanto, a gente não lhes enxerga a intensão. Escute bem o que eu digo. Tenho corrido muito mundo e aprendido à minha custa. Levei muito pataço da sorte, afoito e comprador de paradas. Afrouxava o flete nos lançantes, e quando via o perigo, bancava nas rédeas, e era rodada na certa. A gente sempre esquece que não há campo, por mais limpo, sem buraco de tuco-tuco. Foi por isso que rodei muita vez.

Eta! lhe digo: Curti cada pedaço. Cada lecheguana e soalheira, que se lhe conta-se dos amigos, que dos estranhos pouco tratar com muita cara sem marca, e tem que se escorar em si mesmo. Pois é isso: não aponte na carta dos outros, e cuide-se dos amigos, que dos estranhos pouco mal lhe pode vir. De bagual ninguém leva coice, mas, de matungo manso, não tem conta as pernas que esfatiaram.

E, por falar em cavalo, vou lhe dizer: os bichos são sempre melhores que os homens. Tome nota. Vou lhe contar um caso, que prova o dito.

Isso faz já um rôl de anos. Nem seu pai era dono da estância, que pertencia ao major Alipio, um que era manco, e tinha mais filhos que uma ninharia de sorra. Mas mui buenacho. Naquele

tempo — foi logo depois do Paraguai, e ainda se falava noutra pegada — naquele tempo estes pagos eram quase um deserto. A gadaria escassa, as famílias de luto, ou pelo chefe, ou por um filho, às vezes por todos, que daqui só não foi quem não podia com o peso de uma lança.

Ali à direita da estrada das tropas, pra cá do passo — onde hoje é a tapera — foi o posto de Salustiano, o Salústio. Moço dos seus vinte e cinco anos, solito no mundo, tinha só uma afeição: cavalos. Era o tratador dos parelheiros do major Alipio, outro aficionado, e não cuidava de outra coisa. Tudo que não fosse respeitante a cavalos pra ele era nada. De madrugada já andava raciocinando e galopeando os parelheiros, de tarde banho e à roda do dia todo era aquilo. Também, os fletes andavam que era um mimo, reluzindo como espelho, e respeitados nos cascos. Duma feita, numa carreira grande, que houve na cancha do Passo do Telho, correram três cavalos do major, montados pelo Salústio, e levantaram com luz as paradas, pra mais de mil onças, as três. Até um cavalo mui falado, que um castelhano trouxera, perdeu por meio laço e os tais ainda quiseram farromear, mas se aquietaram. Eu me lembro. Tempo bom aquele... Hoje nem se vê mais um encarrelamento como os de dantes. Pois foi ali que o major regalou ao Salústio um potrilho zaino, filho da melhor égua da tropilha

com o "Flecha", o animal de mais pata que havia nestes pagos. O Salústio tapou uma ramada do lado do rancho, onde ficava a carreta, fez uma estrebaria e começou a cuidar do potrilho.

Eu queria que vancê visse como ele cuidava. Era que nem um filho. De manhã cedo andava ele às voltas, puxando em passeios, amanunciando, levando ao açude em banhos de mais da hora, à pano e escova. E era milho vermelho, cevada verde, alfafa, milho e — quer que lhe diga? — até açúcar, dava ao zaino!

ANTOLOGIA BRASILEIRA DO CONTO

Darcy Azambuja, um dos mais belos talentos literários do Rio Grande do Sul, é autor de dois volumes de contos, de um ensaio político sobre o funcionamento do regime democrático e sua evolução, além de outros trabalhos de valor. "No galpão", um livro de contos "gauchescos", foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, num dos seus concursos literários, e já está na quinta edição, sucesso raras vezes alcançado por uma obra do gênero. O autor dedicou o volume à memória de Simões Lopes Netto e é, na verdade, um continuador da obra desse admirável regionalista, de tão rico colorido e de tão grande riqueza verbal. E' desse volume o conto que estampamos nesta página.



McC

PETROLEO... Coadjuvante da Beleza

Quantas mulheres belas conservam ou aumentam seus encantos com o auxílio dos cosméticos — uma criação da ciência para a beleza. Nem todas sabem, porém, que muitos dos mais delicados cremes cumprem mais a contento sua tarefa rejuvenescedora porque subprodutos do petróleo, de alta pureza, deles participam. E, em centenas de outras utilidades e produtos, o petróleo também contribui com algo que redunde em benefício do conforto e do bem estar humano.

Para isso, trabalha ininterruptamente a ciência, aliada à indústria do petróleo, na liderança da qual se acha, desde 1870, a Organização Esso — por seus incessantes esforços na rota do progresso. (Nos laboratórios Esso, 1.700 cientistas pesquisam continuamente).



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

O cavalo não dormia com ele no rancho, nem sei porque. Mas também que bicho lindo! Era uma pintura! A cabeça, os encontros, as ancas, tudo parecia feito numa forma. Dava gosto olhar-se como se lançava, e inteligente, le digo, como uma pessoa. Parecia entender tudo que se dizia. Só mesmo vendo como eu vi. O Salústio engeitou por ele um dinheiral, e não cuidava de outra coisa.

Minto. Pra mal dele, cuidou, quando levou pra casa a outra, que, com o zaino, faziam as duas prendas mais lindas destes pagos, naquele tempo. Quero dizer que ele casou com a Candoca. Foi uma coisa assim do pé pra mão, e todo mundo se admirou. A Candoca passava por filha do Tico Souza, um dia tinha negócio pra os lados do Arroio Grande, mas

boquejavam que o pai era um coronel uruguaio, que andava na comissão de remonta do general Flores, que ia com os brasileiros para o Paraguai. E pode ser, porque ela foi criada com muito mimo, de vez em quando ia a Montevideu e esteve estudando na vila... Por isso era diferente das outras, e daí veio o mal. Pois encontraram-se, ela e o Salústio, e se entenderam tão ligeiro, que em menos de dois meses estavam casados. E ficaram na mesma casa as duas prendas. Ah! patrãozinho, eu conheci as duas, e lhe digo, uma china como a Candoca e um flete como o zaino, é sorte de mais pra um gaúcho pobre! Não que o Salústio não merecesse, que merecia. Mas, parece que a gente está afrontando os que não têm... Porque, ela, não era só mais bo-

nita que as outras mulheres, era mais bonita que tudo no mundo! Não ria, que é como le digo. Si você tivesse conhecido... Eu sou um gaúcho bruto e tenho muito galo na alma, das passagens que curti; mas, há coisas que se vêm e ficam dentro da gente sem murchar, como uma planta que se agua todos os dias. Eu ia sempre lá por casa do Salústio e ficava um tempão esquecido, conversando, só pra ver a Candoca de perto, e ouvir a voz dela... Mas, sem maldade, lhe garanto, que enquanto ele era vivo, nunca pensei mal. Agora, que ela provocava, provocava. Os olhos da Candoca, patrãozinho... As vezes a gente estava mui bem conversando em qualquer coisa, e de repente ela erguia o rosto e olhava a gente nos olhos, e a palavra ia mer-

mando, tudo em roda ficava como escuro, e só se viam os olhos dela, longe, chamando... E, sem saber-se como, saía-se dali pensando num lugar estranho, com um varzedo e coxilhas encordoadas, tudo verde, o céu lindo, e pontas de gado pastando, uma casa... tudo aquilo da gente... e uns olhos sempre chamando, longe...

Bueno... Não se deve rir dessas coisas. Se um dia topa quem lhe olhe assim, tem só duas coisas a fazer: ou dar de rédea e disparar, ou nunca se queixar do que lhe acontecer, porque daí pra diante não se governa, é um pé de amigo pro resto da vida.

Pois foi essa que o Salústio levou pra casa.

Uns tempos depois, numas carreiras, ele conheceu e foi parceiro na "primeira" de um castelhano mui parlante e milongueiro, chamado Manoelito, que meio do jogo rebentou um fecha-fecha danado e pregaram o castelhano na parede com um pontão. O Salústio, de pena, e como se agradara do moço, levou-o pra casa e lá cuidou dele. A ferida era grave e ele teve uns quantos dias valendo-vai. Afinal, a poder de pomadas e compressas, depois de muitas noites em claro, foi guarecendo aos poucos, de vagarinho, ajudado pelo Salústio e a mulher, que cuidaram dele como um filho. E, já bom pra outra, foi ficando, vai hoje, vai amanhã, um par de meses, como em casa.

E foi aí com aquele ar de criança, tocando viola e cantando, — que tocava à perfeição, — que ele foi atraído o bem querer da Candoca, talvez que não de propósito pra ser falso ao amigo, mas, em todo o caso, preparando a desgraça. Um dia ela veio, sem que ninguém esperasse, e muito menos o Salústio.

Foi de tardezinha, o Salústio estava no cercado, cortando alfafa, quando ouviu um estourpício que vinha de casa; rinchos de cavalo, e patações em tábuas, como se viesse tudo abaixo.

Logo viu que era coisa do zaino e veio correndo. Ao chegar, deu com o Manoelito, de freio na mão, pra pegar o zaino, que estava na estrebaria e não deixava chegar; daí vinha o barulho. Perto estava a Candoca, e os dois assim como assustados. O castelhano, branco, disse que tinha querido enfrear pra uma volta até a venda. E quis disfarçar, mas travado... O Salústio relanceou os olhos e viu, atrás da Candoca, no chão, uma trouxa com roupas, e a mulher mesmo preparada, como quem ia viajar. Eles iam fugir! O condenado, em paga do que recebera, ia roubar a mulher do amigo. O Salústio ficou parado, os braços caídos, como se tivesse levado um mangão, custando a entender de dor e surpresa... e de repente cresceu pro castelhano:

— Ah! desgraçado!... eu te mostro!...

E se pegaram de adaga. Qualquer dos dois era taura no ferro, e saía chispa.

Um pra matar, vendo tudo vermelho, e o outro ao menos pra não morrer, pelevavam que le digo! Mas Salústio ia levando vantagem, porque o outro cansava com os botes, e, de certo, liquidava o pícaro, quando — veja você — numa hora em que apertou o castelhano contra a parede da estrebaria, a Candoca, por trás, mandou-lhe um pau de lenha no alto da cabeça. Tonteado com a pancada, o outro enterrou-lhe a faca, e ali no mais o desgraçado morreu, no terreiro da sua casa, diante da mulher e do amigo!

Mas tudo neste mundo tem ida e volta!

Assim como o Salústio caiu de bruços, na rouqueira da morte, o zaino aplicou as patas na porta da ramada, que saltou em pedaços, e já se veio, aos relinchos, e esteve em cima do castelhano. Quase lhe separou um braço duma dentada e, na vereda que veio, com uma pechada de encontros, derrubou o matador, e pisou

ARTIGOS FINOS PARA
PRESENTES
CRISTAIS
PORCELANAS, ETC

CASA CARRACENA
GOMES, CARRACENA & CIA.
CARIOCA 9 — FONE 22-1305

APRESENTAMOS AOS
NOSSOS AMIGOS E
FREGUESES, VOTOS DE
FELIZ NATAL

em cima, a coices, a manotações, como se vingando...

Depois de aquele corpo todo quebrado e sangrento, o zaino veio farejar o dono, empurrando-o com o focinho, para fazê-lo levantar, e, como o Salúrito não se mexia mais, ele de certo entendeu, e relinchou baixo, um relincho triste, trespassado... E começou a lambê de vagar o rosto do morto, relinchando de vez em vez, como chamando para que o dono levantasse. — Só ele fiel, só ele, sendo um bicho, sentindo e chorando a morte do amigo, que outros, sendo gente, tinham atraído...

Depois daquela desgraça, os vivos tomaram cada um o seu rumo, cada um com o fado em que nasceu. A Candoca correu mundo, e foi deixando por onde passou um estendal de desgraças.

O zaino, na estrebaria da estância, apesar dos tratos, foi definhando de pura saudade do dono; não deu pra mais nada, até que o soltaram no campo e morreu numa enchente, ilhado num cucuruto de banhado.

Uns anos depois, encontrei a Candoca, parece que cada vez mais bonita, e apesar do que eu sabia... Como se vai pelear com essas coisas?... O que tem que ser, tem muita força... E le digo: dos que ela arruinou, eu fui dos que menos sofreram, porque era solito no mundo. Tinha uma braça de campo e um rodeiosito, e gastei com ela, em fitas e vidrinhos de cheiro, até ficar pelado como estrada real. Quando eu não tinha mais o que lhe desse, botou o pé no mundo. Ainda, por isso, tive que longuear um sotreta e me fui à outra banda, uns pares de anos, por causa dos milicos. Só voltei em noventa e três, numa partida que vinha pelear. Assim que pude, indaguei dela: tinha morrido. E eu ainda senti a morte dela, tão ruim a gente é...

Tudo isso eu le conto porque faz muito mais que duas vezes os que o patrãozinho tem. Está vendo ali onde era o posto? Virou tapera; tudo isso morreu. Faz tantos anos... Mas, porque será que há coisas dentro da gente que não morrem? Umamermam e se acabam, e outras ficam como planta que se rega todos os dias...

Eu até pareço baú de mulher velha, com tanta bugiganga dentro... Não faça caso, patrãozinho: é do tempo. E tome nota: os bichos são melhores que os homens.

*Uma carícia
perfumada!...*



De inebriante perfume e suave como uma carícia, — o Pó de Arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos...

Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo! Por isso o Pó de Arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.

O Pó de Arroz Lady apresenta-se em cinco tonalidades: Branco, Rosa, Raquel. Ocre-claro e Ocre-escuro.

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

★ A VENDA EM TODO O BRASIL ★

O homem da cabeça de papelão

(Conclusão do número anterior)

Antenor foi trabalhar, entretanto. E teve uma grande dificuldade para trabalhar. Pode-se dizer que a originalidade da sua vida era trabalhar para trabalhar. Acedendo ao pedido da respeitável senhora que era mãe de Antenor, Antenor passeou a sua má cabeça por várias casas de comércio, várias empresas industriais. Ao cabo de um, dois meses, estava na rua. Por que mandavam embora Antenor? Ele não tinha exigências, era honesto como a água, trabalhador, sincero, verdadeiro, cheio de idéias. Até alegre — qualidade raríssima no país onde o sol, a cerveja e a inveja faziam batalhões de biliosos tristes. Mas companheiros e patrões prevenidos, se a princípio declinavam hostilidades, dentro em pouco não o aturavam. Quando um companheiro não atura o outro, intriga-o. Quando um patrão não atura o empregado, despede-o. E' a norma do País do Sol. Com Antenor depois de despedido, companheiros e patrões ainda por cima tomavam-lhe birra. Por que? E' tão difícil saber a verdadeira razão por que um homem não suporta outro homem!

Um dos seus ex-companheiros explicou certa vez:

— E' doido. Tem a mania de fazer mais que os outros. Estraga a norma do ser-

viço e acaba não sendo tolerada. Mau companheiro. E depois com ares...

O patrão do último estabelecimento de que saíra o rapaz respondeu à mãe de Antenor:

— A perigosa mania de seu filho é por em prática idéias que julga próprias.

— Prejudicou-o, Sr. Praxedes?

— Não. Mas podia prejudicar. Sempre altera o bom senso. Depois, mesmo que seu filho fosse águia, quem manda na minha casa sou eu.

No País do Sol o comércio é uma maçonaria. Antenor, com fama de perigoso, insuportável, desobediente, anarquizador, não pôde em breve obter emprego algum. Os patrões que mais ti-

nham lucrado com as suas idéias eram os que mais falavam. Os companheiros que mais o haviam aproveitado tinham-lhe raiva. E se Antenor sentia a triste experiência do erro econômico no trabalho sem a norma, a praxe, no convívio social compreendia o desastre da verdade. Não o toleravam. Era-lhe impossível ter amigos, por muito tempo, porque esses só o eram enquanto não o tinham explorado.

Antenor ria. Antenor tinha saúde. Todas aquelas desditas eram para ele brincadeira. Estava convencido de estar com a razão, de vencer. Mas, a razão sua, sem interesse chocava-se à razão dos outros ou com interesses ou presa à sugestão dos alheios. Ele via os erros, as

hipocrisias, as valdades, e dizia o que via. Ele ia fazer o bem, mas mostrava o que ia fazer. Como tolerar tal miserável? Antenor tentou tudo, juvenilmente, na cidade. A digníssima sua progenitora desculpava-o ainda.

— E' doido, mas bom.

Os parentes, porém, não o cumprimentavam mais. Antenor exercera o comércio, a indústria, o professorado, o proletariado. Ensinara geografia num colégio, de onde foi expulso pelo diretor; estivera numa fábrica de tecidos, forçado a retirar-se pelos operários e pelos patrões; oscilara entre revisor de jornal e condutor de bonde. Em todas as profissões vira os

(Continua na pág. 31)

CALÇADOS FINOS

Gonçalves Dias, 40-A

Fone 42-6938

Sondres

DESEJA BÔAS FESTAS
E FELIZ ANO NOVO
A TODOS OS SEUS AMIGOS
DO BRASIL E DO UNIVERSO



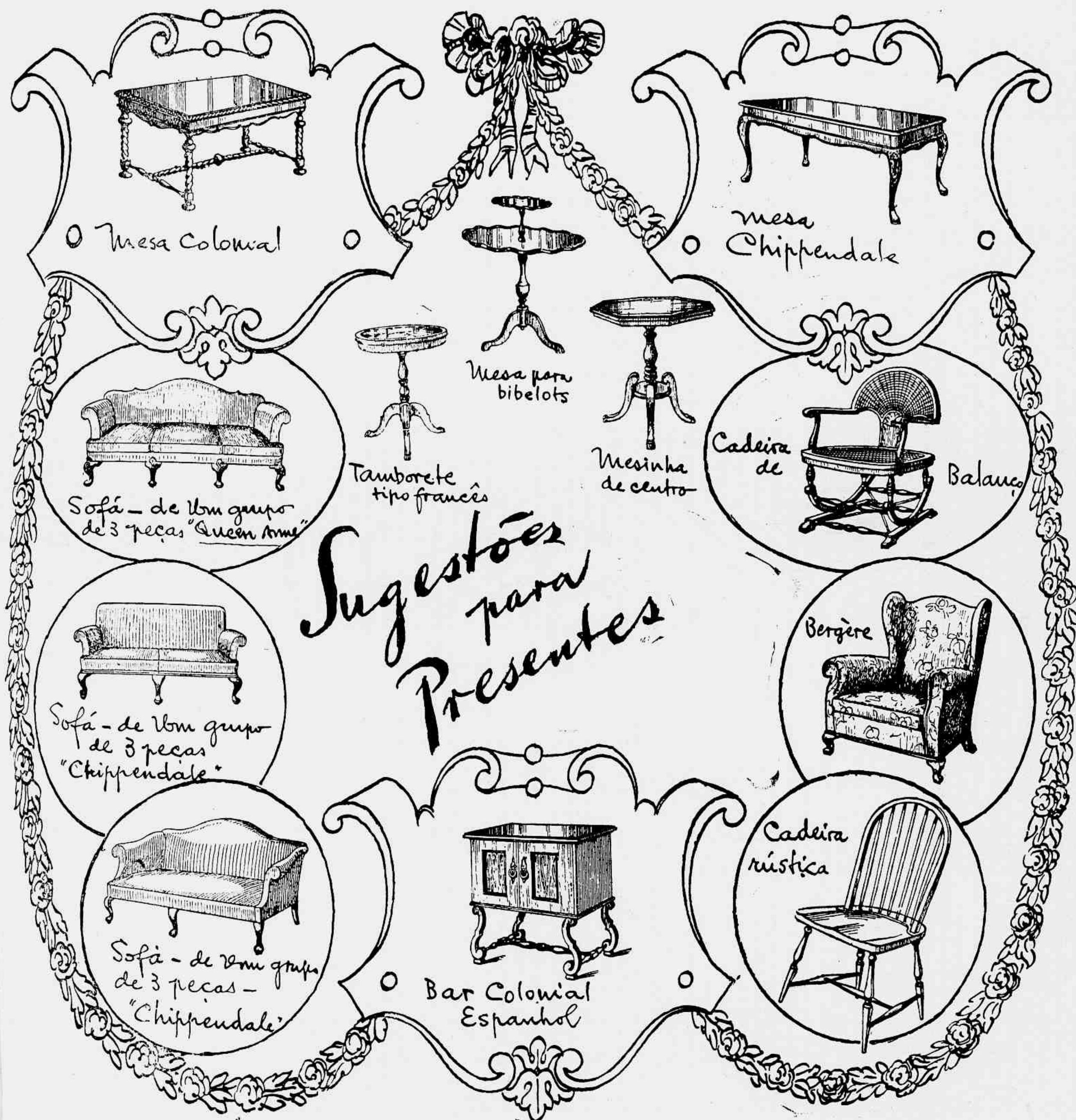
TENTATIVA DE UM CONTO PARA ADRIANA

RUAS esquecidas de Maceió, tristes, amil iluminadas e com suas calçadas estreitas, coqueirais que se prolongam no horizonte, as aulas noturnas do curso pré-jurídico, primeiras declarações de amor e as brigas primeiras brotaram, ali, na praia de Botafogo, o céu nublado escondendo o Pão de Açúcar e a voz cristalina de Adriana dançando em meus ouvidos, fugindo para o mar, as janelas dos apartamentos abertas e os casais embeçados na amurada. Passos de Adriana ecoando no cimento e minhas mãos acendendo cigarros, os lábios tremulos querendo dizer num instante todas as palavras repetidas nas madrugadas úmidas ou nas noites de solidão. Apenas soube calar, olhar seus cabelos castanhos e ondulados, ouvir a entonação de sua voz e prender novamente seus olhos em minhas lembranças, porque Adriana havia fugido. Fugira numa tarde chuvosa como a de hoje, sem dizer adeus e sem lágrimas, e seu corpo ficara como uma recordação distante, tão longínqua como os coqueiros de Pajussara ou as ruas estreitas de minha província. Eram inúteis as perguntas feitas ao vento ou às estrelas, a pilha de cartões de chopes aumentando num cabaret da Lapa, o gosto do uísque morando nos lábios, sempre sedentos e sempre balbuciando aquelas frases que ninguém poderia compreender. Nem mesmo os amigos, companheiros de farra, voltando de bonde, um vento frio açoitando o rosto, a cidade cada vez mais distante e Adriana com as amigas, sorrindo, o lusco-fusco do dia nascendo. "Que fazes..." e rápidas lembranças que deveriam ser abandonadas, lançadas longe dos problemas atuais, cotidianos, repetição do que foi ontem. Foi quando acordei, porque Adriana falava, junto de mim e meu braço sentindo o contacto do seu, "Vamos assim mesmo a pé até o Flamengo?" perguntou como antigamente e eu sorri — o que poderia dizer naquele momento, Adriana, a enseada, a chuva, as janelas dos apartamentos? — e nossas mãos se tocaram. Foram inúteis protestos, o céu ficando escuro, seriamos somente amigos, e as luzes refletindo-se na baía. Havia antes um anúncio luminoso — vermelho, verde — apagando, acendendo, que viu os primeiros beijos e as mal pronunciadas confissões, mas, agora, estaria tudo diferente se Adriana não estivesse assim ao meu lado, sorrindo, bela, o vestido muito justo.

Revi Adriana, ali, no meio dos palavrões, música barata, fumo de cigarro, mulheres semi-despidas e chopes. Foi por isso que bebi mais, até a pilha de cartões ir se tornando uma coisa indistinta, o garçon perguntando se queria mais alguma coisa e o samba martelando meus tímpanos: "a gente só se arrepende depois que faz...", tudo isso de mistura com muito álcool em meu cérebro e sombras — disformes, verdes, azuis, cinzentas, embaçadas — antes minhas pupilas, penduradas ao lustre ou nos desenhos da parede, paisagens remotas que não deveriam existir, mexicanos e uma torre Eiffel com um chapuzinho ridículo. Porém, tudo me abandonou, o presente e o "perdoar é para Deus, a gente só se arrepende depois que faz...", as pernas moles, o estômago engelhando bebidas, ouvidos longe do mundo, a Lapa quase deserta a essa hora, apenas casais suspeitos, alguém chamando "queres vir comigo, bonito?" e uma obscenidade qualquer dita ao longe, andando ao léu, frio, anúncios na parede, não acendendo e apagando como aquele da Urca, os "neons" apagados, a madrugada aborrecida, ameaçadora de chuva e os pés sem querer parar, sem destino, incertos. Amanhã ou outro dia qualquer Adriana diria as mesmas frases, a Lapa sempre imutável, ninguém se incomodaria com o suicídio da moça que se jogou do Corcovado, nem com os recentes terremotos na América Central, pois o tempo é pouco para se viver, trabalhar, almoço apressado para a mulher, pedindo um uísque, no bar, ou convidando-me: "beba que isso não faz mal a ninguém" e mulheres que não Adriana em minha vida, a manicure morena ou a datilógrafa loira, oxigenada, que não sabe sorrir — dinheiro muito curto, mil e uma preocupações de toda espécie, o despertador quebrado, tintureiro, amigos, a aurora sem se importar comigo e andando, andando, sem ver as ruas, os bêbedos dormindo nas sargetas apitos dos guardas e a frase gritando no muro: "Votem em...", o resto inteiramente apagado. Passadas sem objetivo e assim continuaria se a chuva não me obrigasse a procurar a porta escancarada, luzes, muitas luzes acêdas, lá dentro as mesmas cenas, canções, conhaque nacional e amargo, garçons sujos, fumaça, vitrolas, discos e orquestras de músicos sonolentos, a cerveja no copo, esquentando, apenas Adriana com os olhos brilhantes uma bolsa minúscula, um ódio imenso de encontrá-la assim, mas, falando calmo: "alô, como vai?" e ela espantada, quase chorando, talvez apa-

(Continua na pág. 106)

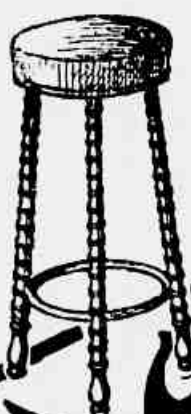
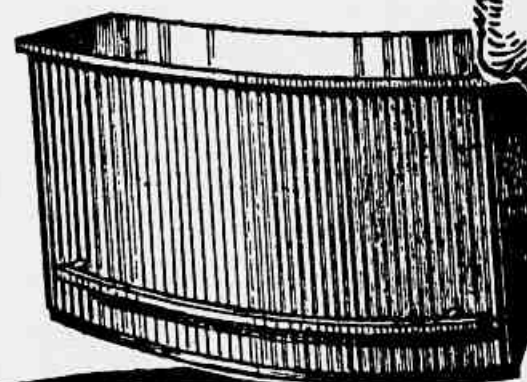
Conto de **AUGUSTO AGUIAR**
Ilustração de **ALBERTO LIMA**



GRANDE VENDA DO 34.º ANIVERSARIO

Presentes uteis e distintos

MOVEIS AVULSOS
TAPETES
PASSADEIRAS
PREÇOS
EXCEPCIONAIS



ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

FUNDADA EM 1912

65 RUA DA CARIOCA 67 - RIO



A esquerda: MÚSICA — A cega Adelina toca admiravelmente violino. As melodias elegíacas que vibram nas cordas do maravilhoso instrumento aumentam mais ainda a tristeza reinante naquele mundo de trevas. A direita: ENSINO — A sífilis, o sarampo e outros flagelos causaram a cegueira dessas pobres criancinhas. Perdidas na noite sem aurora, sem fim, aprendem a ler e escrever em Braille, no aparelho chamado "Reglet".

O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM...

AS MAOS SENTEM E DECIFRAM...

O que São Paulo faz pelos cegos — No "Instituto Padre Chico" — Dois mundos — O cicerone cego — Versos de uma poetisa destituída da visão — Um jovem que deseja chegar a ser um grande pianista — Rosa Martins quer ser escritora — Vida Alegre... — Conversações com vários internados — um raio de esperança no horizonte escuro dos cegos: a mais extraordinária das operações restituiu a visão perdida!

Texto de NELSON VAINER

Fotos de JOSÉ A. FERNANDES

"No princípio criou Deus o céu e a terra. Mas a terra estava informe e vazia, toda envolta em trevas"...

...E em trevas continua, perdida na negrura da escuridão, para todos aqueles que são destituídos do mais precioso dos sentidos do homem: a visão.

Para os cegos, que nascem nas trevas, que nelas vivem e que nelas morrem, o universo é só noite. A sua concepção sobre o mundo que desconhecem, e sobre as coisas que os cercam e as quais só "vêr" pelo tacto é tão longe da realidade que nenhum dos "videntes", por mais genial que seja, pode ter a mínima idéia acerca da imaginação dessas infelizes criaturas. Não o conseguiu Vitor Hugo, em seu magistral "O homem que ri", ao tentar transmitir os sentimentos da belíssima Déa, que nasceu cega; nem Korolenko, em seu monumental "O músico cego", pôde interpretar o que pensava o torturado personagem de sua extraordinária imaginação; tão pouco o conseguiram todos aqueles — médicos, cientistas, sábios, escritores e artistas — que, através dos séculos, se dedicaram a essa dolorosa experiência.

Ora, se para nós, que possuímos esse precioso sentido, que falta aos cegos, o mundo constitui um eterno mistério; se Sócrates afirma saber que não sabe nada e Einstein explica a luz mas não a entende; se não sabemos donde viemos, nem

para onde vamos; se ignoramos o que seja a vida e que mistério envolve a morte — como podem os pobres cegos conceber o que seja tudo isso que a nós é dado ver, eles, que jamais viram coisa alguma? Quem nunca viu a luz

do dia, o firmamento, os astros, a terra, as montanhas, o mar, os rios, as cores, as flores, plantas, árvores, jardins, florestas, cidades — não pode, de maneira alguma, conceber o que sejam o mundo e suas maravilhas, apesar do extraordinário tato e do poderoso dom de determinar certas coisas, que os cegos possuem e que nos faz crer que eles "enxergam" através dos dedos...

Com efeito, somos forçados a aceitar, em parte, esta última hipótese. Tivemos no colo, um menino de 4 anos de idade, que nasceu cego. Tiramos do bolso uma bala, e, antes de colocá-la em sua mãozinha, ao perguntarmos "Que é isto?" obtivemos a seguinte resposta: "Deixe ver!"... Depois de apalpá-la, respondeu: "É uma bala".

NO INSTITUTO "PADRE CHICO"

Certo de que a imaginação não auxiliaria a nossa pena para descrever o que pensa um cego de nascimento, visitamos o "Instituto Padre Chico", de São Paulo, onde, segundo fomos informados antes, vivem muitos cegos — crianças, jovens, homens e mulheres de várias idades e alguns velhos. Disseram-nos, também, que

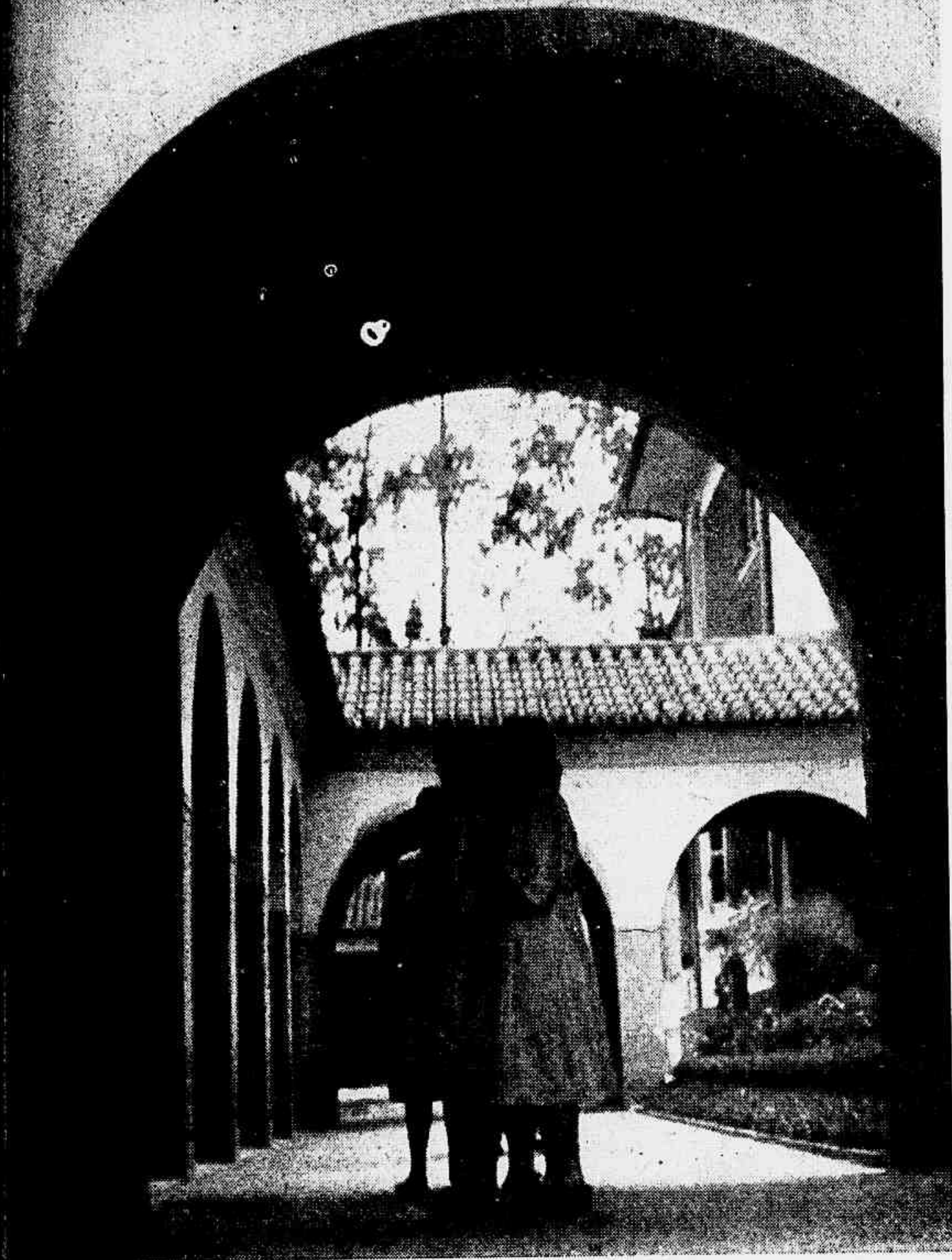
MENSAGEM AO LEITOR

Quando você, leitor, encerra o seu ano e se prepara confiantemente para iniciar uma nova etapa, não será demais dar um balanço nas suas boas ações e nas suas obras de benemerência, durante os doze meses que passaram. Se você teve um ano próspero, feliz, se seus negócios correram bem, se sua fortuna aumentou ou se um acontecimento imprevisto veio em seu auxílio, pense também naqueles que, nada tendo, continuam na mesma pobreza, dependendo da generosidade e do espírito filantrópico dos ricos e abastados. Não basta dar presentes de festa à sua esposa, aos seus filhos, aos seus pais, aos parentes mais chegados e aos amigos mais queridos. Veja se, nas sobras do seu orçamento, no fundo do seu cofre ou do seu bolso, não ficou alguma coisa a que você possa dar um utilíssimo destino social. Você já deve ter ouvido falar de um asilo de velhos de um abrigo de menores, de um recolhimento de órfãos, de um leprosário ou de um hospital de tuberculosos, de um desses muitos refúgios dos deserdados da sorte e dos enjeitados da fortuna. Encerre o seu ano com um gesto humanitário, fazendo uma doação a um desses institutos de reconhecida utilidade pública. Esta reportagem de Nelson Vainer, vinda de São Paulo, nos fala de um desses estabelecimentos de caridade, mantidos pela iniciativa privada na capital do grande Estado. É o Instituto Padre Chico, que abriga cegos de várias partes do Brasil, ensinando-os a serem mais úteis a si mesmos e à sociedade, assim como bem mais felizes, no meio das trevas eternas que os rodeiam. Eis aí um exemplo do que pode ajudar a fazer o pouco do seu dinheiro que venha a ser doado a uma obra dessa natureza. Para este ou para outro qualquer estabelecimento, envie uma contribuição neste fim de ano, a título de Boas-Festas à pobreza e de solidariedade aos desgraçados. Encerre o seu ano fazendo o bem, para que o de 1947 seja ainda mais propício, leitor, a você e aos seus!

A esquerda: DUETO — Ramon e Zoilo executam "Poema", de Fibich. O primeiro é o regente da banda e o segundo sonha em se tornar um dia virtuose do teclado. A direita: TRABALHO — Graças ao sistema Braille, as moças e mulheres cegas aprendem vários trabalhos manuais, como a confecção desta toalha, lindamente bordada. Enquanto se dedicam ao trabalho, não têm tempo para pensar e até se sentem alegres. Na página à direita: Em que estará pensando a jovem cega Elsa Silveira, que aqui aprende anatomia pelo tacto? Sentirá ela a mesma espécie de "horror" que sentimos vendo uma caveira?







ROMANCE — No intervalo, as moças passeiam nos corredores e no jardim, não se misturando com os rapazes. Só durante as festas se juntam. Conversam. Namoram. Simpatizam um com o outro pela voz. Resultado : casam-se e vivem tão felizes quanto é possível...

todos eles trabalham, que conhecem diversas artes, que se distraem, que amam, namoram e até se casam... Aceitamos essas informações com certa reserva, pois, de cegos, só conhecíamos, até então, os que andam pelas ruas acompanhados por guias, efetuando a cobrança das mensalidades dos contribuintes do Instituto ao qual pertencem e vendendo, ao mesmo tempo, vassouras, escovas, espanadores e outros objetos que eles mesmos fabricam.

O "Instituto Padre Chico", o maior do Brasil e um dos mais importantes do mundo, foi fundado em 1927. Conta atualmente com uma igreja, cinco pavilhões, três galerias, um lindo jardim e uma garagem. Os internados, em número de 180, são de quase todos os Estados da Federação e pouco mais de 10 são estrangeiros: Alemães, argentinos, armênios, espanhóis, italianos, russos, sírios e até mesmo um japonês.

Com exceção de uma pequena porcentagem de adultos que não aprendem a ler em Braille, por falta de agudeza do tacto, todos os outros cegos sabem ler e escrever e, pelo mesmo sistema, aprendem também alguns ofícios. As mulheres fazem crochê, tricô, macramê; nas oficinas, os homens fabricam tapetes, vassouras, espanadores, e são mestres em empalhação e vime. Das moças, algumas abraçam a carreira de professora e dos rapazes alguns se tornam professores de música e concertistas.

O "Instituto Padre Chico", sustentado pela cooperação generosa do povo de São Paulo, é dirigido pelas irmãs de São Vicente — sem dúvida alguma as mais abnegadas e mais pacientes criaturas deste mundinho à toa em que vivemos.

DOIS MUNDOS

O "Instituto Padre Chico" está rodeado por um muro, com grande portão de ferro na entrada principal. A direita, a igreja, uma capela e à esquerda uma sala de espera onde, sobre uma mesinha, se

As horas de trabalho passadas em conjunto são um lenitivo para aqueles cuja vida é um ingrato mundo de trevas.

nota uma caixinha com uma abertura no centro da tampa de vidro, encimada com um pequeno cartaz que reza o seguinte :

Vós que tendes olhos preciosos que se extasiaram das maravilhas de Deus; dai ao cego o vosso amor e o vosso óbulo.

São Paulo em progresso sempre crescente não pode consentir que seus filhos vivam acorrentados ao tédio e abraçados à dor.

Cooperai, colaborai, contribui para a manutenção da casa dos cegos.

INSTITUTO PADRE CHICO

Uma irmã entra na sala, acompanhada por um garotinho cego. Cuprimentamos e pergunta o que desejamos. Explicamos o motivo da nossa visita e somos prontamente atendidos.

— "Vou apresentar-lhe a um jovem que lhe poderá ser muito útil" — diz a irmã. Levantamo-nos e a acompanhamos.

São 11 horas em ponto. Os internados saem de várias portas : meninos, meninas, moças e rapazes, separados, caminham pelos longos corredores, de braços dados. Olhamos em derredor e uma profunda tristeza invade repentinamente o nosso coração. E' tremendo o contraste de dois mundos : Um, de trevas, de noite eterna, de dúvida, incerteza, enigma indecifrável para toda a existência dos privados da visão; outro, cheio de luz, beleza e vida que, ali mesmo, por entre os pavilhões do instituto, está à vista, com todos os ornamentos e caprichos da natureza, em forma de gramado, flores multicores, plantas, arbustos... Lembramo-nos de que a formosa Déa, a namorada cega do "O homem que ri", ao enxergar pela primeira vez, um instante antes de falecer, só teve tempo para exclamar esta frase : "Que mundo maravilhoso, meus Deus !"...

UM PERFEITO CICERONE CEGO

Atravessamos o primeiro corredor e entramos numa sala, onde encontramos vários rapazes. A irmã se aproxima de um jovem simpático, de uns vinte anos de idade.

— "Juarez, um reporter deseja falar com você".

O rapaz se levanta enquanto nós nos aproximamos dele. Percebe a nossa presença e estende-nos a mão. E' elegante, nariz e lábios delgados, olhos grandes e a boca sempre rodeada por um sorriso.

— Meu nome é Juarez Tavora de Melo. O que posso fazer pelo senhor?

— Falar-nos do "Instituto Padre Chico".

— Isto é facilimo. Mostrar-lhe-ei tudo que há de interessante por aqui. Que deseja ver primeiro : as oficinas, as salas das aulas ou a biblioteca?

— É-nos indiferente. Temos bastante tempo para ver tudo.

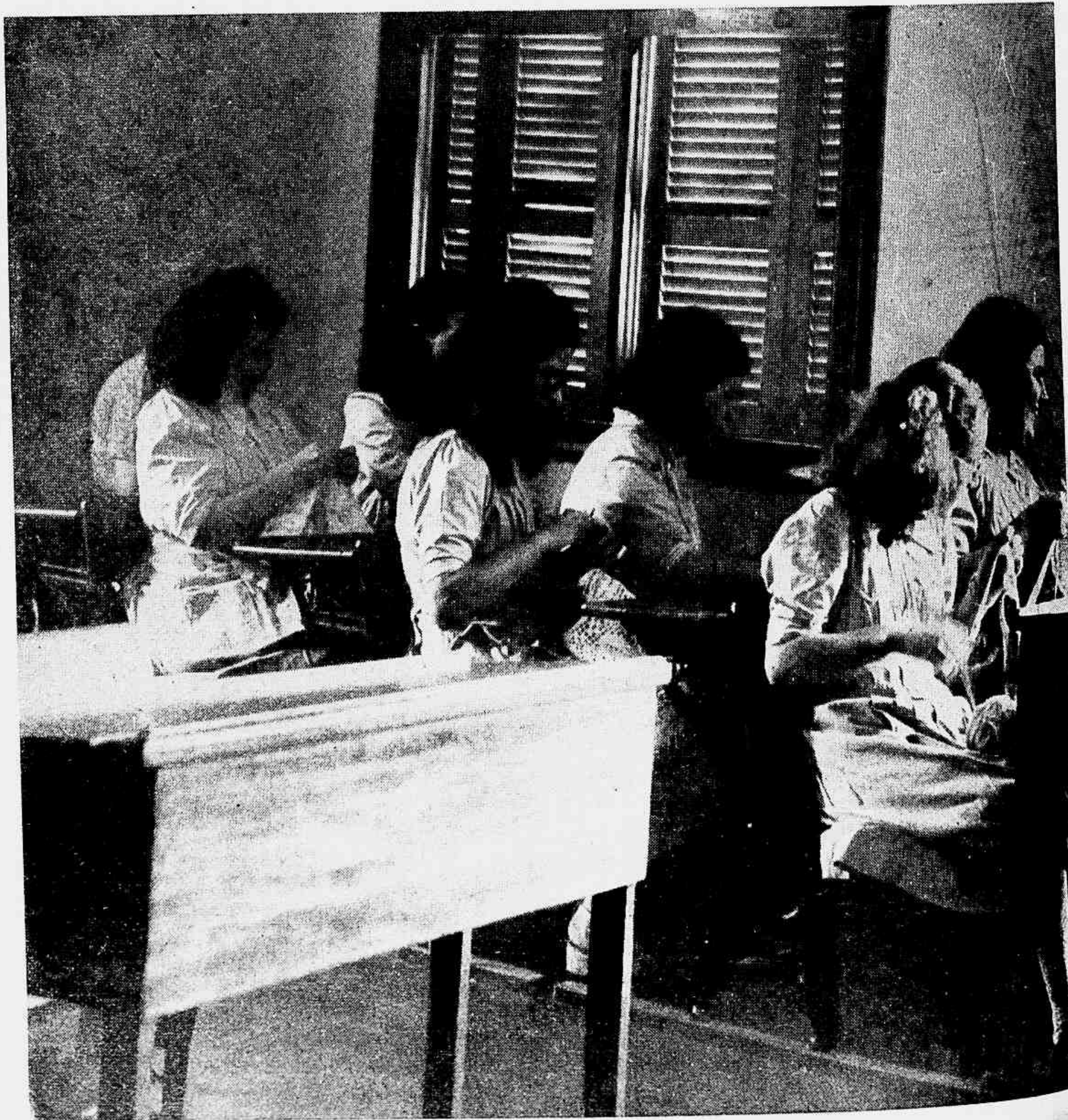
— Então vamos começar pela nossa sala de anatomia.

Como ele conhece bem todos os caminhos ! Anda com firmeza, jamais esbarra ou tropeça nalguma coisa. E com que inteligência explica as coisas, apesar de ter nascido cego.

Entramos na sala de anatomia. Uma jovem presta exame, repetindo tudo quanto aprendeu sobre anatomia. Explica como funciona este maravilhoso aparelho que é o coração humano, passa a outros detalhes e, passeando com os dedos sobre uma caveira, assinala as órbitas onde outrora fulguravam dois olhos... Ela, que jamais viu a luz do dia, explica o que representam os olhos para o ser humano...

Da sala de anatomia dirigimo-nos para a sala de leitura. Uma porção de meninos escreve em Braille nos aparelhos chamados "Reglet". A professora chama um aluno para ler. Ele passa os dedos sobre os pontinhos em relevo e vai lendo uma descrição sobre a natureza... Um céu azul... nuvens prateadas... um sol dourado... regatos cristalinos...

Depois, a sala onde as jovens fazem tri-



cô, e crochê. Com que facilidade, graças ao sistema Braille, bordam toalhas de mesa, guardanapos e outras coisas mais. E com que alegria e dedicação trabalham! Do fundo do corredor, chegam aos nossos ouvidos sons de vários instrumentos.

— E' o "jazz-band", — explica Juarez.

— Quer ir até lá?

— Ora, se quero!

Entramos numa sala onde mais de dez rapazes experimentam os seus instrumentos. São dirigidos pelo jovem Ramon Hamú, argentino, cego desde os dois anos de idade. Está claro que não se lembra de nada do que chegou a vêr. Toca admiravelmente clarinete e dirige ótimamente a pequena banda.

E assim, sempre guiados pelo cicerone Juarez percorremos todas as salas dos três pavilhões e mantivemos conversas prolongadas com os internados. Vejamos, agora, como pensam e o que sentem esses pobres filhos das trevas.

CONVERSAÇÃO COM UMA POETISA

Nosso guia nos leva à presença de uma mocinha que está bordando.

— "Eis uma poetisa" — diz ele, depois de trocar algumas palavras com a mesma.

— O senhor Nelson é reporter. Ele deseja falar-lhe.

A moça se levanta e estende-nos a mão.

— Muito prazer. Elza Silveira, sua criada...

— Nasceu em São Paulo?

— Não senhor. Em Uberaba, no Estado de Minas.

— Nasceu assim? — perguntei, evitando a palavra "cega".

— Sim, senhor.

— Ouvi dizer que é poetisa, que já tem escrito lindos versos.

— Pretendo ser poetisa. O que fiz até hoje, ainda não considero poesia propriamente dita.

— Posso ver alguma?

— Ainda não passei à máquina as minhas poesias. Estão todas em Braille.

— E se recitar uma? Tomarei nota.

— Está bem. Repito, porém, que não considero ainda poesia o que escrevi. Mas como o senhor insiste, vá lá.

Eis a poesia, de sua autoria, que copiamos na íntegra:

"VERSOS AOS EXPEDICIONARIOS BRASILEIROS

Partiste um dia, jovem brasileiro,
Pra combater pela Pátria querida;
Por este céu azul, pelo Cruzeiro,
Não recusaste a própria vida.

Deixaste mãe, esposa e filhinhos
Na mais cruel e atroz desolação;
Mas corajoso enfrentaste tudo,
Pra defender este nosso torrão.

E combateste ardorosamente,
Lutando sempre sem esmorecer;
E suportaste tudo heróicamente —
Era o teu ideal lutar, vencer.

Venceste, pois, oh! herói altaneiro!
Voltaste agora ao teu caro Brasil,
Que te recebe carinhosamente
E a ti derrama as bênçãos mil".

— Muito bem, Elza. Mas como imagina você o "céu"?

— Não sei... Não imagino... Como posso saber, se nunca vi coisa alguma? Se nem sei o que significa ver... Dizem que é um sentido, como ouvir. Mas não sei como imaginá-lo.

— E os objetos que você apalpa?

— Esses conheço pela forma que têm. Nada mais.

Compreendemos, então, que continuar tal conversa, além de inútil, se tornaria desagradável para ela. Despedimo-nos e entramos noutra sala.



BENEMERITO — Uma das irmãs do Instituto, tendo no colo uma menina cega de um ano de idade, diante do retrato de monsenhor Dr. Francisco de Paula Rodrigues, o padre Chico — figura de grande projeção na vida eclesiástica do Brasil, cujos despojos repousam no santuário do Instituto.



ZOILLO DESEJA TORNAR-SE CONCERTISTA

Noutra sala, encontramos Zoillo Lara, um rapaz de 16 anos de idade, já no sexto ano de piano. Toca admiravelmente e se esforça para chegar a ser concertista. — "Adoro o piano! E' o que mais desejo na vida... Eu enxergo um pouco — mas pouca coisa. Ao contrário dos meus amiguinhos, que nem sequer podem imaginar o que seja uma flor, uma árvore, outro objeto qualquer, eu o consigo, embora não enxergando de fato. Vejo apenas um vulto, nada mais. Já trepei em árvore — sei a forma que ela tem. E o piano, oh! o piano... E' como se falasse... sento-me em sua frente, ponho os dedos no teclado e tiro os sons que me trazem tanta alegria, tanta tristeza..."

— Pode tocar alguma coisa, agora? — indagamos.

— Como não?...

Zoillo começou com "Poema", de Fíbleh, e tocou, em seguida, vários trechos de Chopin, Beethoven, Grieg. Sempre música triste, melancólica, cheia de alma e sentimento... A pedido, tocou também algumas composições populares, inclusive uma valsinha de sua autoria. Bem regular, aliás.

OUTRAS CONVERSÕES

O cicerone Juarez reuniu, na sala de visita, um grupo de jovens, com os quais mantivemos viva palestra. Formulamos as perguntas mais variadas, tentando obter os seus conceitos sobre o mundo, a vida, as coisas, quais as suas esperanças, aspirações, se estão conformados, se têm muita vontade de ver...

Juarez, que está no terceiro ano ginasial, e estuda bem, é o filósofo da turma.

— Para dizer a verdade — observa ele — há certas vezes em que não gostaria de vêr... principalmente quando alguém narra os horrores e as misérias do mundo... Mas está claro que a não ser nesses momentos desejaria muito poder enxergar, para ver o mundo.

ESPORTE — Uma partida de Tunnel-Ball entre cegos, com todos os característicos de um jogo apaixonante do futebol. E como eles se divertem...



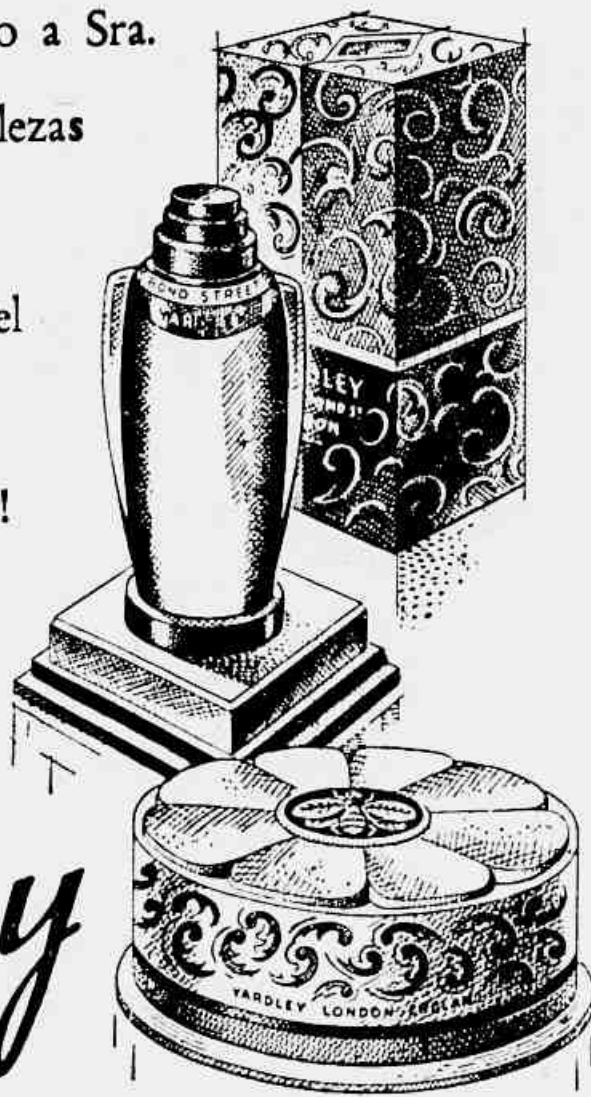
Brinde a uma senhora bonita...

Durante tôda a sua vida, taças serão erguidas
em sua honra se a Sra. usar "Bond Street".

Porque justamente a escolha de um perfume
tão delicado prova como a Sra.
compreende bem as sutilezas
que o encanto requer.

Tal fragrância inesquecível
podia ter sido feita
sòmente para a senhora!

Yardley
de Londres



YARDLEY, 33 OLD BOND STREET, LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 * Rio de Janeiro



LENDO COM AS MÃOS... — Juarez Távora de Melo, o filósofo do Instituto, lê com as mãos uma carta, em Braille, na qual um amigo descreve a outro amigo a estúpida natureza do nosso "hinterland". E Juarez nasceu cego...

— Não se sente triste?
— Não! Faço tudo para me sentir alegre. Divirto-me. E não só eu. Todos aqui fazem o mesmo.
— Mas nunca ouviu um colega seu queixar-se, lamentar-se de sua sorte?
— Já. Foi no Rio de Janeiro, onde morei alguns anos. Um moço da minha idade, mais ou menos, não quis, de forma alguma, conformar-se com o seu destino. Resmungava. Xingava. Queria ver... E como ele queria ver!... Um dia, atirou ao chão um violino que se quebrou em pedaços. — "Quero ver!", gritava ele; "quero ver o que transmite a música, os sons. Como se pode produzir tudo isso? De que é feito? Que é madeira? Que significa? E como é um arco?... O que é uma estrela? O sol?...
— E que fim levou?
— Não sei. Parece que voltou para junto da sua família. Se não me engano, não aprendeu nenhum ofício.
— E você, que pretende fazer?
— Quero ser massagista. Acho que é uma boa profissão. Gostaria de ser escritor, mas como? Escrever sòmente sobre as coisas que conheço através do tato ou da intuição? Não, não dará certo. Serei mesmo massagista.

ROSA MARTINS QUER SER ESCRITORA

Rosa Martins, uma jovem de vinte anos, já compôs várias poesias. Prefere, no entanto, a prosa. Escreve muito bem. E com que maestria descreve uma paisagem, um menino que corre atrás de uma borboleta multicolor, com vontade louca de agarrá-la... E os maravilhosos passarinhos, que cortam o espaço, cantando divinamente... E o céu azul... as águas paradas dos lagos... A chuva que cai fininha, molhando as flores...

Não, não há dúvida: Rosa será um dia uma escritora. Imaginação, ela tem demais.

VIDA ALEGRE...

Tanto os internados, como as irmãs que dirigem o "Instituto Padre Chico", afirmaram-nos que todos ali levam uma vida alegre. Ninguém se queixa. Sempre

atarefados, trabalhando de sol a sol, não têm tempo para pensar, para iairém no tédio. E todos eles têm esperanças. Cada qual alimenta suas aspirações. E assim vão vivendo.

Há, entre eles, alguns que ficaram completamente cegos depois de certa idade. Conversamos com um homem que perdeu a vista aos 18 anos. Não se deixou vencer pelo tédio. Conformado, aprendeu um ofício, casou-se e tem filhos. Também os demais, da mesma situação, estão conformados.

UM RAIOS DE ESPERANÇA NO HORIZONTE NEGRO DOS DESTITUÍDOS DA VISÃO

— E que nos diz o senhor sobre os progressos da medicina e da cirurgia: há esperanças para nós, cegos? Podemos esperar por um milagre cirúrgico, capaz de dar-nos o sentido que nos falta? — pergunta-nos repentinamente Juarez.

Segue-se um terrível silêncio.

Imóveis, todos os cegos esperam nossa resposta.

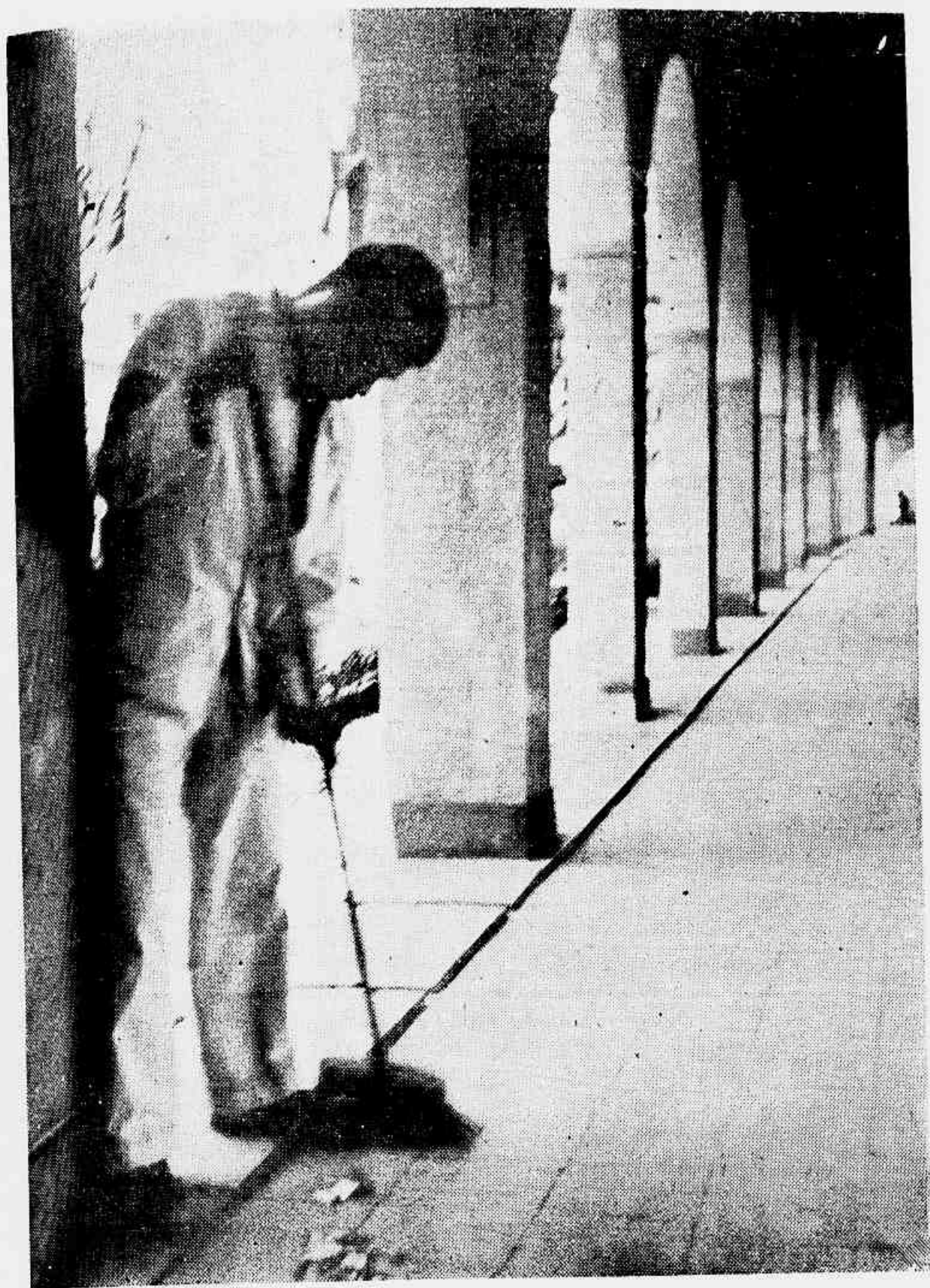
A irmã olha para nós com um triste sorriso. Compreendemos que ela ouve essa pergunta diariamente e certamente responde consolando essas pobres criaturas.

— Que posso dizer-lhe, meu amigo? Sou apenas um reporter. Mas li há dias numa grande revista americana, uma reportagem sobre cegos que vêm de novo!
— Como é o nome daquela revista? E como se consegue esse milagre? — pergunta a irmã.

— "Life". Defeitos da córnea podem ser corrigidos, substituindo-a por outra extraída do cadáver de pessoas dotadas de boa visão e mortas, no máximo, há doze horas.

— E alguns cegos já recuperaram a vista por esse processo? Essas experiências dão realmente resultado?

— Sim. Estão dando ótimo resultado. Pelo que lemos, tais experiências datam de 1789! Desde então, muitas outras foram feitas em homens e animais, mas sem resultado positivo. Em 1906, a grande experiência foi tentada por um médico alemão, chamado Eduardo Zirm, que



Um japonês cego varre um dos longos corredores do Instituto. E' exemplar a limpeza que ali se nota, a qual se deve aos internados e as irmãs que os dirigem.

usou a transplantação de um olho humano. Cicatrizando, completamente, o olho permaneceu com a transparência desejada, permitindo ao paciente dele servir-se como se fosse o seu próprio, com a vantagem de poder enxergar perfeitamente!

— E depois? — indagaram todos impacientemente.

— Outras operações se seguiram, sem terem, porém, obtido o mesmo êxito. Nove de dez tentativas semelhantes falharam. Mas os grandes oculistas não desanimaram. De 1930 para cá, a técnica operatória desenvolveu-se por tal modo que, já hoje, cerca de nove de dez operações são plenamente coroadas de êxito!

Seguiu-se um novo silêncio. Depois, vieram perguntas de todos os lados. No

Brasil já estão fazendo algo neste sentido? Os cegos de nascença também poderão enxergar graças a essa operação? Tal operação depende de muitos recursos? Acha que também nós seremos salvos um dia por essa operação?

★
Seria possível responder a essas perguntas? Estávamos rodeados de cegos — cegos que, aparentemente conformados com o seu triste fadário, têm um só desejo na vida: ver! — apesar de não saberem o que isto significa... Sim, aquilo era o "Instituto Padre Chico", alguns destituídos da visão ansiosos de saber se um dia terão a felicidade de enxergar, e nós apenas simples reporteres...

O homem da cabeça de papelão

(Continuação da pág. 23)

círculos estreitos das classes, a defesa hostil dos outros homens, o ódio com que o repeliavam, porque ele pensava, sentia, dizia outra coisa diversa.

— Mas, Deus, eu sou honesto, bom, inteligente, incapaz de fazer mal...

— E' da tua má cabeça, meu filho.

— Qual!

— A tua cabeça não regula.

— Quem sabe?

Antenor começava a pensar na sua má cabeça, quando o seu coração apaixonou-se. Era uma rapariga chamada Maria Antonia, filha da nova lavadeira da sua mãe. Antenor achava perfeitamente justo casar com a Maria Antonia. Todos viram nisso mais uma prova do desarranjo cerebral de Antenor. Apenas, com pasmo geral, a resposta de Maria Antonia foi condicional.

— Só caso se o senhor tomar juízo.

— Mas que chama você juízo?

— Ser como os mais.

— Então você gosta de mim?

— E por isso é que só caso depois.

Como tomar juízo? Como regular a cabeça? O amor leva aos maiores desa-

finos. Antenor pensava em arranjar a má cabeça, estava convencido.

Nessas disposições, Antenor caminhava por uma rua do centro da cidade quando os seus olhos descobriram a taboleta de uma "relojoaria e outros maquinismos delicados de precisão". Achou graça e entrou. Um cavalheiro grave veio servi-lo.

— Traz algum relógio?

— Trago a minha cabeça.

— Ah! Desarranjada?

— Dizem-no, pelo menos.

— Em todo o caso, há tempo?

— Desde que nasci.

— Talvez imprevisão na montagem das peças. Não lhe posso dizer nada sem observação de trinta dias e a desmontagem geral. As cabeças como os relógios para regular bem...

Antenor atalhou:

— E o senhor fica com a minha cabeça?

— Se a deixar.

— Pois aqui a tem. Concerte-a. O diabo é que eu não posso andar sem cabeça...

— Claro. Mas, enquanto a arranjo, empreste-lhe uma de papelão.

— Regula?

— E' de papelão! explicou o honesto negociante.

Antenor recebeu o número de sua ca-

ARTIGOS FINOS

NOVIDADES EM
ARTIGOS PARA
PRESENTES DE
NATAL E ANO
BOM.



C O M P L E T A
S E C C A O D E A R T I G O S
P A R A V I A J A N T E S

A TORRE EIFFEL

97 - rua do Ouvidor - 99

PRESENTE Régio

CYMA

A VENDA nas principais casas e relojarias.

Suprema na arte
DE SERVIR BEM

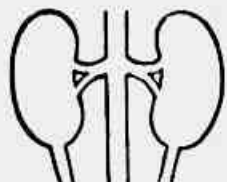
SAPATARIA
★ **LETE** ★
R. DA CARIOCA-31
RIO DE JANEIRO

Proteja seus pés e ande na moda
com artigos de confiança
a preços que satisfazem



Os pais habituam os filhinhos ao banho diário, porque sabem que a limpeza é um elemento preponderante para a saúde perfeita. Depois de certa idade, não se requer, apenas, a limpeza externa, mas também a interna. É preciso livrar certos

órgãos, como por exemplo os rins, de detritos e resíduos acumulados com o correr dos anos. A limpeza periódica dos rins e do aparelho renal, com **HELMITOL** de Bayer, garante, além de saúde atual, uma velhice forte, sadia e livre de achaques.



SE OS RINS VÃO BEM
A SAÚDE É BOA.



HELMITOL



LIMPA E DESINFETA OS RINS

beça, enfiou a de papelão, e saiu para a rua.

Dois meses depois, Antenor tinha uma porção de amigos, jogava o pocker com o ministro da agricultura, ganhava uma pequena fortuna vendendo feijão bichado para os exércitos aliados. A respeitável mãe de Antenor via-o mentir, fazer mal, trapacear e ostentar tudo o que não era. Os parentes porém, estimulavam-no, e os companheiros tinham garbo em recordar o tempo em que Antenor era maluco.

Antenor não pensava. Antenor agia como os outros. Queria ganhar. Explorava, adulava, falsificava. Maria Antonia tremia de contentamento vendo Antenor com juízo. Mas Antenor, logicamente, desprezou-a — propondo um concubinato que o não desmoralizasse a ele. Outras Marias ricas, de posição, eram da opinião da primeira Maria. Ele só tinha de escolher. No centro operário, a sua fama crescia, querido dos patrões burgueses e dos operários irmãos dos "spartakistas" da Alemanha.

Passaram-se assim anos. Todos os chefes políticos do País do Sol estavam na dificuldade de concordar no nome do novo senador, que fosse o expoente da norma, do bom senso. O nome de Antenor era cotado. Então Antenor passeava de automóvel pelas ruas centrais, para tomar o pulso à opinião, quando os seus olhos deram na taboleta do relojoeiro e lhe veio a memória.

— Bolas! E eu que esqueci! A minha cabeça está ali há tempo... Que acharia o relojoeiro? E' capaz de tê-la vendido para o interior. Não posso ficar toda vida com uma cabeça de papelão!

Saltou. Entrou na casa do negociante. Era o mesmo que o servira.

Há tempos deixei aqui uma cabeça. — Não precisa dizer mais. Espero-o ansioso e admirado da sua ausência, desde que ia desmontar a sua cabeça.

— Ah! fez Antenor.

— Tem-se dado bem com a de papelão?

— Assim...

— As cabeças de papelão não são

más de todo. Fabricações por séries. Vendem-se muito.

— Mas a minha cabeça?

— Vou buscá-la.

Foi ao interior e trouxe um embrulho com respeitoso cuidado.

— Aqui está.

— Concertou-a?

— Não.

— Então, desarranjo grande?

O homem recuou.

— Senhor, na minha longa vida profissional jamais encontrei um aparelho igual, como perfeição, como acabamento, como precisão. Nenhuma cabeça regulará no mundo melhor do que a sua. E' a placa sensível do tempo das idéias, é o equilíbrio de todas as vibrações. O senhor não tem uma cabeça qualquer. Tem uma cabeça de exposição, uma cabeça de gênio "hors-concours".

Antenor ia entregar a cabeça de papelão. Mas conteve-se.

— Faça então o obséquio de embrulhá-la.

— Não a coloca?

— Não.

— V. Exclã. faz bem. Quem possui uma cabeça assim não a usa todos os dias. Fatalmente dá na vista.

Mas Antenor era prudente, respeitador da harmonia social.

— Diga-me cá. Mesmo parada em casa, sem corda, numa redoma, talvez prejudique.

— Qual! V. Exclã. terá a primeira cabeça.

Antenor ficou seco.

— Pode ser que V., profissionalmente, tenha razão. Mas, para mim, a verdade é a dos outros, que sempre a julgaram desarranjada e não regulando bem. Cabeças e relógios querem-se conforme o clima e a moral de cada terra. Fique V. com ela. Eu continuo com a de papelão.

E, em vez de viver no País do Sol um rapaz chamado Antenor, que não conseguia ser nada tendo a cabeça mais admirável — um dos elementos mais ilustres do País do Sol foi Antenor, que conseguiu tudo com uma cabeça de papelão.

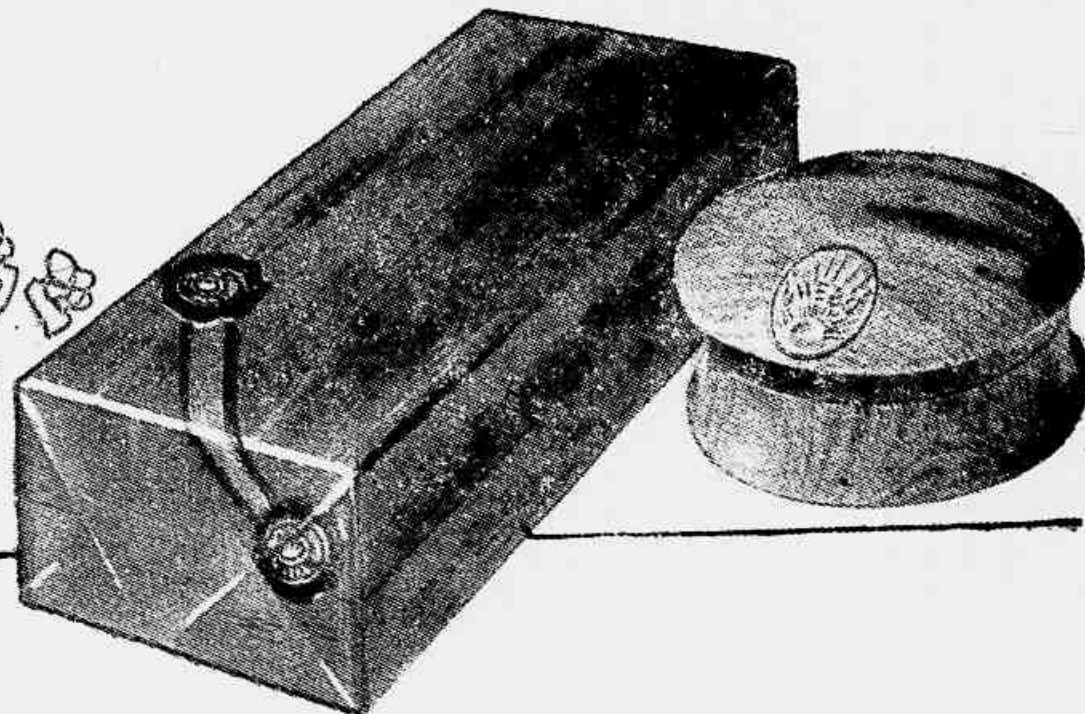
O TENTADOR PHEBO

*o perfume sedutor
das rosas aveludadas*



CAIXA COM 3 SABONETES
PÓ DE ARROZ

em lindas embalagens de madeira



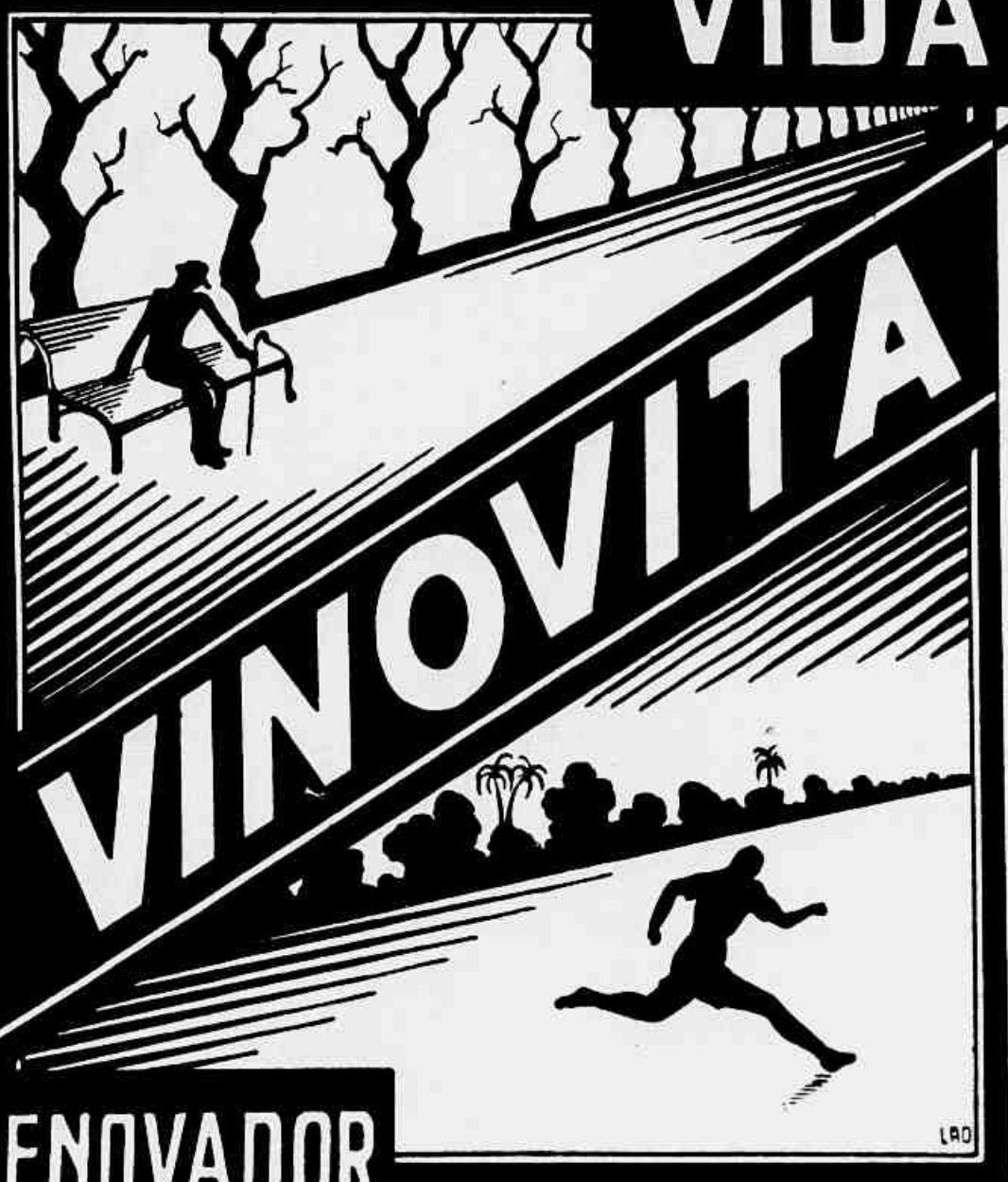
PERFUMARIAS PHEBO LIMITADA





Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA



RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso



Carl Maria von Weber — Seu "Convite à Valsa" elimina qualquer dispesia.

MÚSICA TAMBÉM É REMÉDIO

Wagner, "uma droga" — Cocaína substituída por uma vitrola — Para fazer dormir : Brahms... — Com Rossini, pode-se digerir bem — Contra a neurastenia, experimente uma dose de Mendelssohn e, se sofre de reumatismo, cure-se com Bach e Beethoven — Uma partitura pode transformar um careca num Sansão.

De ROBERTO LYRA FILHO

Especial para REVISTA DA SEMANA

S ENTARA-SE à minha frente um velho assinante das temporadas líricas do Teatro Municipal que tinha, não obstante, aquela noite, o seu primeiro contacto com a música de Wagner. Carl Alwin se debatia, no entanto, pensando conduzir a orquestra através do belíssimo prelúdio de "Tannhäuser". Na realidade, os músicos, completamente desorientados, seguiam os esforços sinceros mas improficuos do regente americano.

O espectador a que me referi, contudo, levado pela pouca familiaridade com as partituras do compositor de Bayreuth, acreditava-se em face de uma interpretação autorizada e fiel de sua música e, com prodigiosa boa vontade, fazia por apreciar, como era devido, aquela cascata de sons.

Já várias vezes o conjunto se animara num débil "crescendo" prenúncio habitual de um "finale". O nosso herói se agitara na poltrona e engatilhara as palmas consagradas. Mas, conforme expliquei, pouco sabia ele dos entusiasmos wagnerianos que soltam no fluxo arrebatador das melodias, à maneira das ondas, ora no fragor fortíssimo — momento em que quebram — ora na carícia ampla e envolvente — momento em que se espalham, conquistando a praia.

Assim, mais de um rebate falo ocorrera, e, forçado a recolher o entusiasmo, o ouvinte já demonstrava uma certa impaciência quando, mais uma vez o "crescendo" se armou, convincente. Não poderia haver dúvida. Eram os acordes finais. Todos a postos... Nova decepção.

— Ora veja só! O homenzinho enganou-se de novo!

A observação do admirador à força de Wagner, murmurada em tom perplexo e perfeitamente audível. Um risinho compassivo souo ao meu lado. Voltei-me. Um senhor de meia idade confiou-me, honestamente:



Robert Schumann: uma "droga"



Felix Mendelssohn-Bartholdy, aconselhado como remédio contra a neurastenia.

— Wagner é uma droga. Não acha?
Não tive tempo para discordar. O prelúdio terminara, de fato, e o público, respeitoso, cobria o maestro de palmas.

MÚSICA TAMBÉM É REMÉDIO

Pensando bem, contudo, meu vizinho nada mais fazia do que confirmar ponto de vista esposado por muitos médicos e psiquiatras, ou seja, o efeito terapêutico da música. Música também é remédio, ou droga, ainda que não no sentido pejorativo que lhe deu o frequentador da temporada lírica.

Mário de Andrade é autor de um longo estudo a respeito dos efeitos benéficos da música, sobretudo em suas aplicações aos loucos ou desequilibrados.

Coincidindo com Paulo Cornélio Celso, um dos médicos mais importantes do tempo de Augusto, "conta o musicólogo, a medicina moderna já emprega com certa sistematização a meloterapia na cura das moléstias nervosas e mentais. São numerosos os manicômios em que não só se faz música, como nos casos de Pinel e Charcot, em La Sapletrière, como se permite aos loucos fazerem sua música lá deles, constituídos em pequenas orquestrinhas de pancadaria. Creio ter sido Hervé, quando organista em Bicetre, quem, pela primeira vez, reuniu uma orquestra de loucos. As experiências, depois, se multiplicaram. No asilo municipal para moços idiotas, de Londres, a constituição de uma banda, entre os reclusos, foi o passo mais decisivo para as condições mentais dos infelizes. Dr. Ball, na Alemanha, também fez comunicações no mesmo sentido, com exemplos musicais executados por um trio de violino, flauta e piano, constituído de doentes mentais. Ainda em Barcelona o dr. Rodriguez Mendez, diretor do manicômio de San Baudilio, constituiu uma orquestrinha e um coral de alienados". Já se tentou, inclusive, substituir a cocaína dos viciados por uma boa vitrola... Na Itália, um médico usava música como anestésico, em pequenas operações.

Essa possibilidade de empregar a música como anestésico, provinda, segundo Mário de Andrade, do impulso humanitário de proporcionar consolo aos doentes, firmou-se, após, como base em uma

série de aplicações cientificamente regulares. No hospital de Eppendorf, na Alemanha, chegou-se a construir uma sala especial de concertos.

A MÚSICA COMO ANESTÉSICO

A dra. Inez Bush, que estudou, em Los Angeles, a complexa ciência das aplicações terapêuticas da música acaba de publicar um trabalho de grande erudição, que visa sistematizar todas as experiências empiricamente empreendidas tanto pelos médicos como, especialmente, pelo povo, dono de um impressionante saber e de um surpreendente cabedal de noções justas e precisas a respeito de tantos problemas que, nos tratados, ainda estão cercados, em hipóteses vagas, na obscuridade dos primeiros estudos.

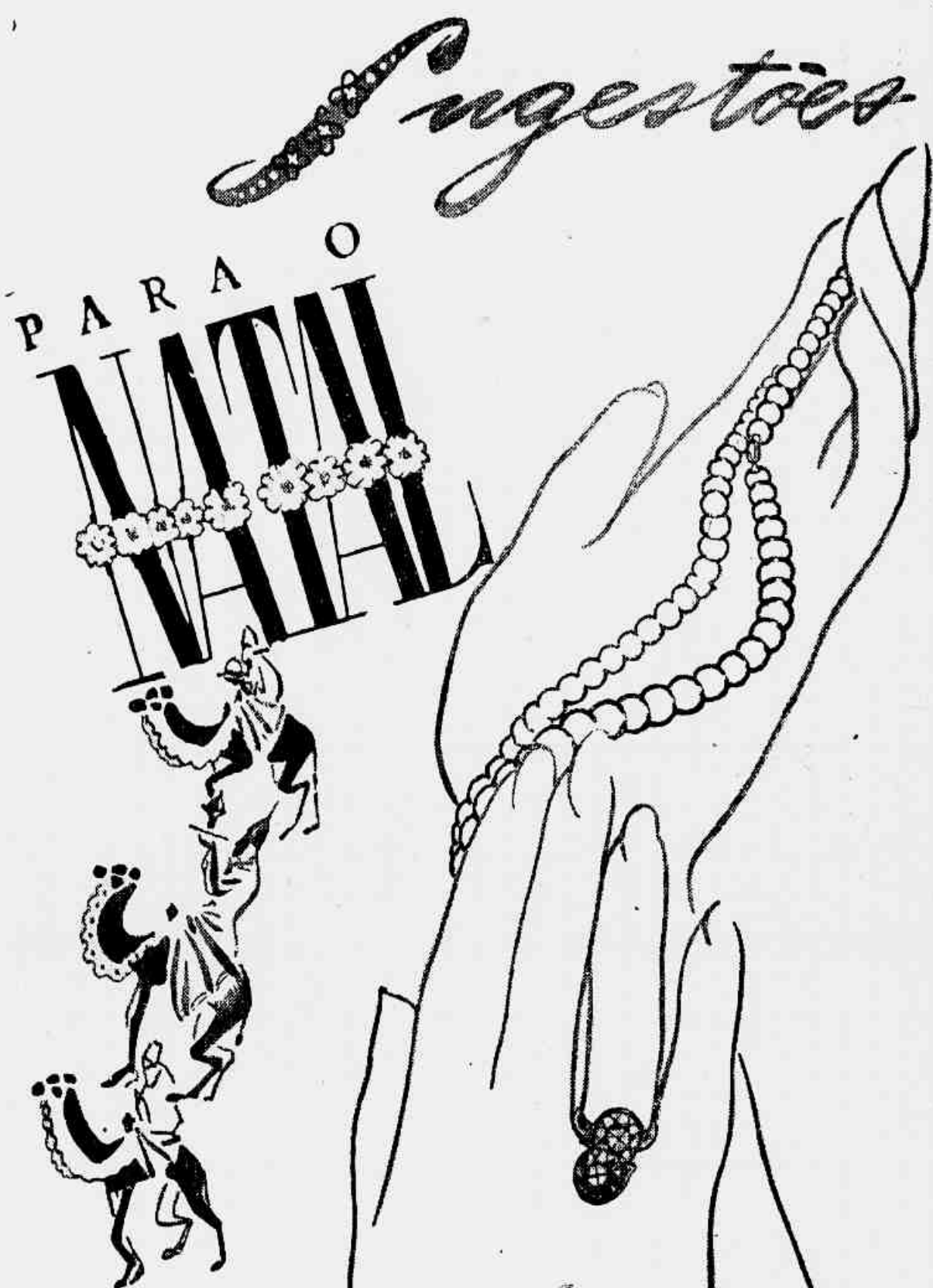
Inez Bush apresenta, como conclusão de seus trabalhos, a perspectiva, a seu ver não muito distante, do dia em que, cada hospital, terá, no seu corpo de médicos, um doutor em música, senhor das possibilidades curativas de tanta obra artística.

O caso das neuroses provenientes da guerra abre um largo campo a música como único remédio cabível. Miss Bush

(Continua na pág. 118)



Gioacchino Antonio Rossini — Ao som de sua Música, digere-se bem...



Joalheria
**ARMANDO
BERNACCHI**

Gonçalves Dias, 28



JOCKEY CLUB MUNDANO

Os instantâneos fotográficos que aqui reproduzimos foram colhidos pela nossa reportagem, na "pelouse" do Hipódromo da Gávea, durante o último "meeting" ali realizado, ao qual, como sempre, compareceram elementos destacados da sociedade carioca.



VENHA ESCOLHER SEU PRESENTE!

MIL SUGESTÕES

EM NOSSA TRADICIONAL

EXPOSIÇÃO DE NATAL



ARTIGOS PARA TODOS OS ESPORTES		ARTIGOS PARA VIAGEM IMPERMEÁVEIS, GUARDA-CHUVAS, GALOCHAS ETC.	
FILMES de 8 e 16 m/m PROJETORES MUDOS E SONOROS PROJETORES FIXOS		JOGOS DIVERSOS PARA PONCHE - VINHO - COCKTAIL CARRINHOS PARA CHÁ E BARS MODERNOS	
MAQUINAS, FOTOGRAFIAS ALBUNS DIVERSOS FILMES - PORTA-RETRATOS		MAQUINAS DE LAVAR ROUPA REFRIGERADORES CROSLLEY	
WAFLEIROS VENTILADORES CIRCULADORES DE AR ALMOFADAS ELÉTRICAS		LUSTRES FLUORESCENTES ABAT-JOURS	
BATERIAS DE ALUMÍNIO FORMAS DE VIDRO PARA FORNO E FOGO		TOCA DISCOS VITOLAS - RÁDIO	
RELÓGIOS DIVERSOS DE MESA, DE PAREDE, DE BOLSO, DE PULSO, ETC.		CARRINHOS E BERÇOS PARA CRIANÇAS	
BRINQUEDOS DIDÁTICOS JOGOS INFANTIS - PUZZLES		BICICLETAS BRINQUEDOS DE RODAS	
BICHOS DE PELÚCIA BONECAS NACIONAIS E AMERICANAS		TRENS E OUTROS BRINQUEDOS ELÉTRICOS	
CANETAS E LAPISSEIRAS PARKER, SHEATERS, VENUS		DISCOS DE MÚSICA VITOLAS PORTÁTEIS	
MESBLA		BRINQUEDOS EM GERAL	

HORARIO DE NATAL

De 15 a 23 - das 8,30 às 22 hs.
Dia 24 - das 8,30 às 19 hs.
Dia 25 - das 9 às 12 hs.

MESBLA

RUA DO PASSEIO, 48/56

RIO

SÃO PAULO

PORTO ALEGRE

PELOTAS

B HORIZONTE

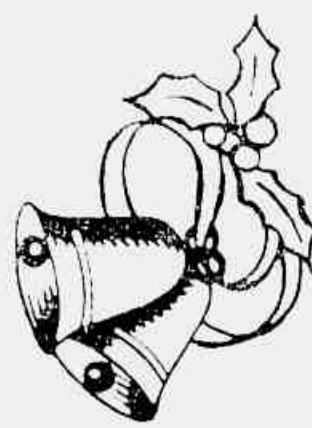
RECIFE

NITERÓI

BOAS FESTAS * FELIZ NATAL * BOAS FESTAS * FELIZ NATAL

FELIZ NATAL * FELIZ NATAL

A NOITE Santa



TINHA eu cinco anos, quando sofri o meu primeiro desgosto e tão profundo que dificilmente poderei dizer se, desde então, tive outro maior.

Foi quando minha Avó morreu. Era hábito seu sentar-se todos os dias no sofá de canto do seu quarto e contar-nos histórias.

Lembro-me bem da Vovó contando histórias, umas após outras, da manhã à noite, e de nós, crianças, sentadas ao seu lado, muito quietas, ouvindo. Era uma vida esplêndida! Nenhuma outra criança teve, como nós, um tempo tão feliz!

Assim, não será de estranhar que eu fale um pouco a respeito da Vovó. Vejo-a ainda hoje, com o seu cabelo branco de neve, o corpo ligeiramente inclinado e os dedos, muito ágeis, tricotando meias, durante todo o dia.

Lembro-me, também, de que, quando terminava uma história, ela costumava passar a mão sobre a minha cabeça e dizer: — Tudo isto é tão verdadeiro, como é verdade que estou vendo você e você me vê.

Vovó gostava muito de cantar e todas as canções que sabia eram suaves como ela mesma. Infelizmente, nem todos os dias se dispunha a nos deixar ouvir as suas melodias: lembro-me de que uma de suas canções falava do cavaleiro e da sereia e tinha um estribilho que era assim: "Sopra um vento frio, um vento frio do mar".

Do hino que costumava cantar, só aprendi uma estrofe: mas a pequenina oração que me ensinou, rezo-a até hoje. De todas as histórias que nos contava guardei apenas uma vaga e imperfeita lembrança. Porém, uma delas ficou tão nitidamente gravada em minha memória, que sou capaz de repeti-la a qualquer momento — a pequenina história do nascimento de Jesus.

E aqui está, mais ou menos impreciso, tudo quanto posso recordar a respeito de minha avó, menos uma coisa e dessa recordo-me com a mais perfeita exatidão: a grande solidão em que ficamos quando ela se foi... aquela manhã em que o sofá de canto permaneceu vazio... e a nossa incapacidade de compreender que ela nunca mais poderia vir ocupá-lo! Oh! disso eu me recordo tão bem, que nunca o esquecerei!

Tenho presente o medo que nos dominava quando nós, crianças, nos adiantamos para depositar na mão da morta o último beijo; mas alguém disse que esta era a única oportunidade que tínhamos para agradecer à Vovó todas as alegrias que nos havia proporcionado.

E as histórias e canções que embelezavam a nossa casa calaram-se, encerradas naquele negro cofre, e nunca mais voltaram!

E, então, alguma coisa de muito doce faltou às nossas vidas. Foi como se nos tivessem expulsado de um mundo encantado e maravilhoso, cujas portas sem-

pre abertas, que tínhamos a liberdade de transpor, conforme a nossa fantasia, se tivessem fechado de repente e para sempre! E ninguém mais havia que fosse capaz de abri-las!

Pouco a pouco, aprendemos a brincar com bonecas e demais brinquedos e a viver como vivem as outras crianças: dávamos, então, a impressão de que, embora recordássemos sempre a nossa Avó, não sentíamos muito a sua falta.

No entanto, todos os dias — e já quarenta anos são passados! — quando me disponho a reunir numa coleção todas as lendas sobre Cristo, ouvidas no Oriente, dentro de mim desperta a lembrança da pequena história de Jesus, como a contava minha Avó, e com tal clareza que me sinto impelida a incluí-la neste livro!

Era dia de Natal. Toda a família se tinha dirigido à Igreja, menos minha Avó e eu, e creio mesmo que em casa ninguém mais ficara. Estávamos, portanto, completamente sós. Não tínhamos tido permissão de acompanhar os demais, por ser uma já muito velha e a outra ainda muito jovem. E estávamos ambas muito tristes por não termos ido à missa do galo, nem ouvido os cânticos, nem visto as grandes candelas de Natal.

Então, reunidas na nossa solidão, minha Avó começou a contar uma história.

— Havia um homem — disse ela — que, já noite escura, saiu de casa para arranjar emprestada uma brasa, a fim de ascender o fogo.

Batendo às portas das cabanas, ele dizia:

— Meu caro amigo, ajuda-me. Minha mulher acaba de dar à luz um menino e eu preciso fazer fogo para aquecê-la e ao pequenino.

E ia de cabana em cabana. Mas a noite já estava muito adiantada; todo o mundo dormia e ninguém lhe respondia. E o homem caminhava... caminhava...

De repente, longe, muito fora da estrada, uma luz brilhou; apressado e ansioso, o homem seguiu aquela direção, na esperança de encontrar auxílio; porém, com surpresa, viu que não se tratava de uma habitação, mas de uma fogueira ateadada ao relento. A sua volta uma porção de carneiros dormia, guardada por um velho pastor, que, sentado, os contemplava. Quando o homem, que desejava uma brasa emprestada, chegou junto ao rebanho, três enormes cães, que até aí permitavam aos pés do pastor, ergueram-se rápidos e fizeram menção de latir. Mas foram vãos os seus esforços. Nenhum som foi emitido.

O estrangeiro pôde ver, então, os pelos eriçados dos animais e os afiados dentes, muito alvos, cintilando à luz do fogo.

Súbito, como movidos por uma única moia, os três cães arremessaram-se furiosamente contra ele, abocanhando-lhe um, a perna; outro, a mão; enquanto o terceiro se atirava à sua garganta.

Porém, nem goelas, nem dentes obedeceram aos ferozes instintos; o homem não sofreu o menor dano. Por isso, pensou em se aproximar mais, a fim de obter o que tanto necessitava. Mas os carneiros, deitados lado a lado, estavam de tal modo juntos que era de todo impossível passar entre eles. Então o homem passou sobre eles, caminhou sobre seus dorsos, em direção à fogueira, e nem um animal acordou ou se moveu!

Até este ponto, Vovó tinha feito a sua narrativa sem a mínima interrupção. Mas neste ponto não pude conter a curiosidade que me dominava.

— Por que é que os animais fizeram isso, Vovó? — perguntei.

— Você saberá daqui a pouco — respondeu minha Avó e prosseguiu.

— Quando o homem estava quase alcançando a fogueira, o pastor o olhou. Era o pastor um velho rude, áspero e cruel para com os seres humanos. Ao ver o estrangeiro, que serenamente se adiantava, tomou o longo e aguçado cajado que trazia sempre consigo, quando vigiava o rebanho, e o atirou contra ele. O cajado partiu célere, mas, antes de alcançar o seu objetivo, volteou sobre si mesmo e, sibilando, foi cair longe, entre o feno.

Aqui, interrompi Vovó, novamente.

— Vovó! por que é que o cajado não quis ferir o homem?

Mas Vovó não perdeu tempo em responder e a história continuou:

— Então, o desconhecido chegou-se ao pastor e disse-lhe:

— Bom homem, ajuda-me, empresta-me algumas brasas. Minha mulher acaba de dar à luz um menino e eu preciso fazer fogo para aquecê-la e ao pequenino.

Pareceu ao rude pastor que um pedido tão estranho nunca lhe houvera sido feito, e preparou-se para recusar, quando, em tempo, se lembrou de que aquele homem os cães não tinham podido morder; que aos seus pés os carneiros se tinham imobilizado e que o cajado, para o não ferir, se tinha atirado no meio do feno, e, então, um supersticioso terror o dominou; não ousando negar, respondeu:

— Leva quanto necessitares.

Porém, a fogueira estava acesa ao relento; não havia ali nem uma acha, nem galho abandonado; somente uma enorme pilha de rubros carvões, e o desconhecido não trazia consigo nem pá, nem enxada, com que pudesse transportar uma só daquelas ardentes pedras.

Percebendo isso, o pastor repetiu:

— Leva quanto necessitares.

E estava alegre o velho, pois o homem não tinha possibilidade de levar sequer uma brasa.

O desconhecido, porém, abaixou-se e, dentre as cinzas, com as próprias mãos nuas, retirou um punhado de brasas e as colocou dentro do manto. E suas mãos não foram queimadas! E seu man-

to nem chamuscado ficou! E as pedras de fogo foram transportadas como se maças ou nozes fossem!

Aqui a narradora foi interrompida pela terceira vez:

— Vovó! por que é que o fogo não queimou o homem?... — perguntei, cheia de admiração.

— Isto você saberá depois — e vovó continuou:

— Quando o pastor viu tudo isso, maravilhou-se!...

— Que espécie de noite é esta? — pensou ele — na qual os cães não mordem, o rebanho não foge, o cajado não fere e o fogo não queima?

E, chamando o desconhecido, já de regresso, disse-lhe:

— Que espécie de noite é esta? Que aconteceu, para que todas as cousas manifestem compaixão?

Ao que o homem respondeu:

— Nada te posso dizer, vem e vê!

E tratou de seguir seu caminho, a fim de bem depressa chegar e fazer fogo para aquecer a sua mulher e a criança.

Mas o pastor não queria perder o homem de vista, sem encontrar uma razão para aqueles preságios. Levantou-se, pois, e o seguiu até o lugar em que vivia.

Com surpresa, constatou que o homem nem cabana tinha para morar e que tanto sua mulher como a criança estavam estendidas no chão de uma gruta na montanha, onde nada havia, a não serem as frias e nuas paredes de pedra. E, olhando a pobre e inocente criança, o velho pastor pensou que ela talvez fosse morrer de frio ali dentro; apesar de rude, sentiu-se tocado por um doce sentimento de compaixão e resolveu salvá-la. Desprendeu dos ombros a mochila, tirou de si a macia e branca pele de ovelha e deu-a ao desconhecido, dizendo-lhe que o menino dormiria melhor, agasalhado nela.

Logo após essa demonstração de misericórdia, os seus olhos foram abertos e ele viu o que antes não pudera ver e ouviu o que antes não pudera ouvir. E percebeu que se achava cercado de inúmeros anjos de prateadas asas, que, de pé, tangendo cada um deles um instrumento de cordas, cantavam, em gloriosos tons, que havia nascido o Salvador. Aquele que redimiria o mundo dos seus pecados.

E o velho pastor compreendeu que a terra era tão feliz naquela noite bendita, que tinha, por momento, esquecido o mal.

Mas os anjos não estavam apenas à volta do pastor, ele os via por toda a parte. Havia-os dentro da gruta, havia-os pela montanha e sob os céus revoando. Vinham em profusão e, passando, lançavam sobre a criança um doce e rápido olhar.

Quanto júbilo! quanto deslumbramento! que de cânticos e melodias! Tudo o pastor viu na noite escura, ele que, antes, nada pudera ver!

E, então, transbordante de felicidade, o velho e rude homem caiu de joelhos e rendeu graças ao Senhor!

Aqui, Vovó suspirou e disse:

— E o que aquele pastor viu nós podíamos também ver, se nos fosse permitido, pois em toda véspera do Natal os anjos descem voando dos Céus.

Passando, depois, a mão sobre a minha cabeça, disse:

— Você não deve jamais esquecer isto, pois que é tão verdadeiro como é verdade que eu vejo você e você me vê. Isto não será revelado à luz de lanças ou candelas; não depende do sol, nem da lua; o que é necessário é que tenhamos olhos capazes de ver a Glória de Deus.



Merry Christmas

Revista da Semana

Ann Miller





A esquerda, Ann Miller, num flagrante autografado com seus votos de Boas-Festas; em cima, Rita Hayworth nos deseja um feliz e próspero Ano Novo e Martha Vickers faz-nos votos idênticos.

A TRAVÉS do nosso correspondente especial em Hollywood, Luis Serrano, as mais famosas "estrelas" da tela e alguns dos "astros" masculinos de maior projeção nos enviaram, em gesto de cativante gentileza, com alguns dias de antecipação, os seus votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo. Entre as artistas que assim se manifestaram estão Ann Miller, que há pouco interpretou o filme "Romance no Rio", da Columbia, com Keenan Wynn e Allyn Joslyn; Rita Hayworth, a popular intérprete de "Gilda"; Martha Vickers, uma das maiores promessas do elenco da Warner Brothers; Diana Lynn, encantadora atriz da Paramount Pictures, onde, entre outros filmes, trabalhou em "Corações em flôr"; Dorothy Lamour, a intérprete de "Dois

A REVISTA EM HOLLYWOOD

CELEBRIDADES DA TELA NOS ENVIAM SEUS VOTOS DE BOAS-FESTAS E FELIZ ANO-NOVO.

★

malandros e uma garota" e de "Fantasia mexicana"; Evelyn Keyes, da Columbia Pictures, intérprete de "Aladim e a princesa de Bagdad" e de "Romance no Rio"; Marguerite Chapman, a quem vimos em "E as muralhas ruíram" e "Alma Russa"; Olga San Juan, a recém-descoberta artista que apareceu em

"Carnaval de Estrelas" e está no elenco de "Blue Skies"; a linda Leslie Brooks, da Columbia Pictures, e Betty Hutton, a atriz de "Os perigos de Paulina". Entre os "astros", enviaram-nos suas congratulações Gleen Ford, o ator de "Gilda", "Uma vida roubada" e "Gallant Journey"; Alan Ladd, o famoso galã da Paramount, que trabalhou em "A Hiena dos Mares" e em "Sob o manto tenebroso"; Paul Henreid, o intérprete de "Um passo além da vida", "Os conspiradores", "Devoção" e "Casablanca"; Ray Milland, o ator laureado de "Flor do Lodo", e "Farrapo humano"; Bob Hope, o intérprete de "A princesa e o pirata" e "Monsieur Beaucaire"; Bing Crosby, o notável ator de "Os Sinos de Santa Maria" e de "O bom pastor", etc.

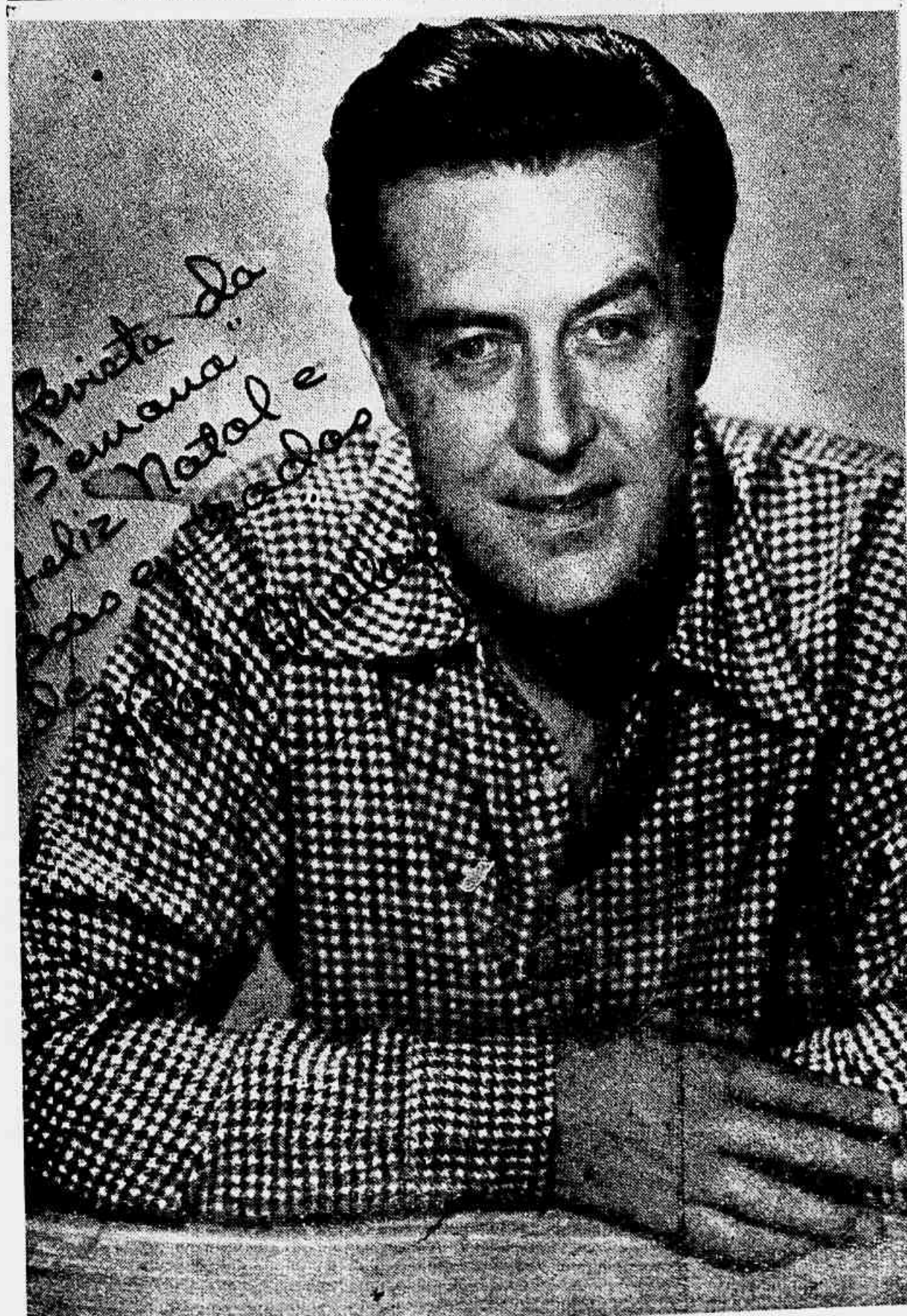
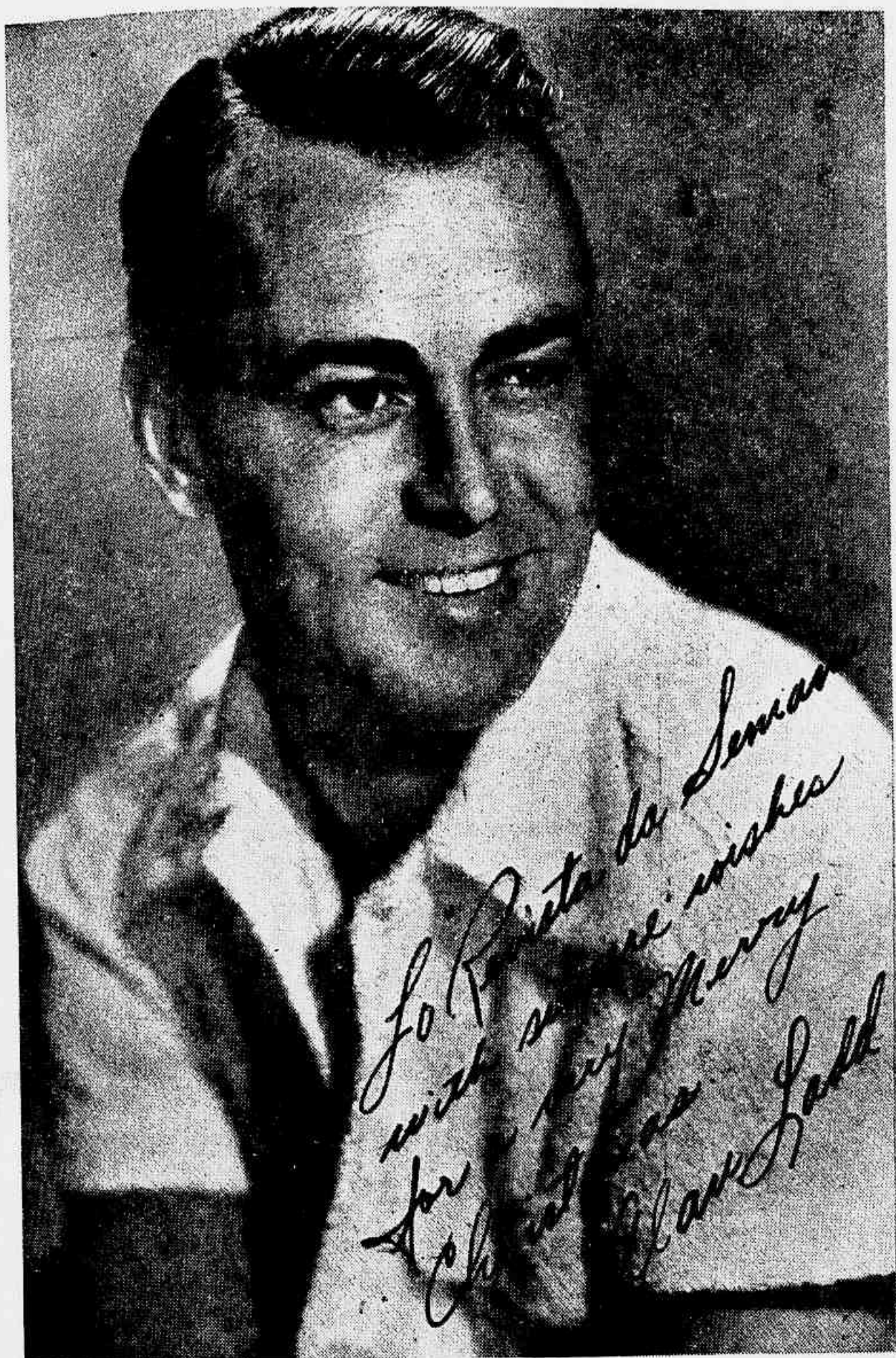
Em baixo, Diana Lynn e seus votos de Boas-Festas; Bing Crosby, que fez questão de escrever em nosso idioma; e Dorothy Lamour, que estende seus votos também aos nossos leitores.





Em cima: A esquerda, Olga San Juan, que manda Boas-Festas aos nossos leitores (e para nós, nada, Juanita?) e Evelyn Keyes, com os seus melhores votos; em baixo, à esquerda, Betty Hutton, que ora filma "Os perigos de Paulina", e Margarite Chapman, de "E as muralhas ruíram". A direita, Glenn Ford, o galã de Bette Davis em "Uma vida roubada" e de Rita Hayworth, em "Gilda". "Yuletide", palavra que aparece na dedicatória dele, significa "o espírito do Natal".

A esquerda, a louríssima Leslie Brooks, da Columbia Pictures; em cima, à esquerda, o intérprete de "Sob o manto tenebroso", Alan Ladd, e à esquerda, Paul Henreid, o de "Casablanca" e "Um passo além da vida"; em baixo, à esquerda, Ray "Farrapo Humano" Milland e Bob "Monsieur Beaucaire" Hope... A todos, os melhores agradecimentos da REVISTA DA SEMANA, que retribui com simpatia e sinceridade os mesmos votos de ventura e sucesso em 1947...



ANDAM GNOMOS PELO QUARTO

Conto de DIÓGENES MAGALHÃES

TERMINADO o expediente do escritório, saíam os dois funcionários de menor categoria e eu ficava, no exame interminável de documentos. Velho hábito, este meu, de permanecer no escritório até tarde, mesmo quando todo o prédio já estava em penumbra e apenas a luz da escadaria espancava as trevas do corredor. Não raro procurava-me o tenente Arquibaldo, da Cia. de Guardas, antigo companheiro de colégio. Vinha jogar xadrez ou contar histórias da fronteira, onde estivera largos anos, às voltas com selvícolas. Esquecíamos-nos das horas, e quando descíamos era já noite velha. O porteiro, que cochilava no andar térreo, respondia num resmungo ao nosso cumprimento e recaía no sono tranquilo pela noite a dentro.

No dia em que me aconteceu o episódio que vou narrar, um desarranjo nos fusíveis deixara a escada na escuridão. Escuridão, não direi de breu, que não é o breu suficientemente escuro por figurar um negrume daqueles; de carvão de pedra, vá. Mas não havia de ser nada. Eu conhecia bem aqueles degraus, desde o último andar ao rez do chão, e embora não trouxesse fósforos comigo (porque não fumo), saberia descer calmamente, sem riscos. E depois, eu esperava o meu amigo tenente. Ele na certa conduziria fósforos, fumante inveterado que era. Deixei-me ficar, portanto, sem preocupações, mesmo porque não previa os fatos que depois ocorreram.

O diabo é que possuo imaginação muito exaltada, e qualquer acontecimento, às vezes sem nenhum valor aparente, poderá provocar uma série de reações desordenadas em meu espírito. No caso em apreço, foi um livro de histórias tenebrosas o que me deixou um tanto inseguro de minha coragem. Contos fantásticos, em que o sobrenatural tomava parte ativa no enredo, criando ambientes de tragédia e dando arrepios aos leitores.

Mas a leitura, pelas suas qualidades excitantes, agradava-me. E' engraçado como os medrosos gostam de experimentar as sensações aterradoras, como se um prazer masoquista os fizesse brincar com a própria fraqueza. E' exato que, a um espírito forte, nenhuma emoção causará a história de um fantasma. Aos impressionáveis, como é perversamente deliciosa!

Eu continuava a leitura; lento e lento, avançava a noite; muito me tardava o meu amigo da Guarda; a escada estava às escuras... Preparava-se, desta forma, interessante clima de fantasmagoria...

Não era grande a sala do nosso escritório, mas contava com uma dependência, onde acumulávamos papéis antigos — o "Almoxarifado", como a chamávamos, pomposamente. Foi desse quarto que saiu o rumor estranho que primeiro me buliu com os nervos. A princípio não emprestei muito valor ao assunto: um ruído bobo de alguém que andasse tropeçamente pelo quarto.

Aguém?! Mas quem seria? A ronda gnômica! Aquela hora não vinha ninguém ao edifício, e se um ladrão quisesse varejar a minha sala não iria com certeza provocar estes ecos denunciadores. Já aí a minha imaginação trabalhava febril.

— Está bem, — pensel. — Contanto que me não moleste o Sr. Fantasma, autorizo-o a fazer o que entender no almoxarifado; eu saberei ter paciência.

O meu amigo oficial do Exército chegaria de um momento para outro; e com ele, a calma. Esclareceríamos o mistério. Que ele, além de alegre, era corajoso e não compartilhava dos meus terrores a respeito dos seres invisíveis. "Com um bom revólver e uma boa lanterna elétrica, explicava, botamos no bolso todas as abanquesmas. Fogem espavoridas".

— Sim, — obtemperava eu, — concordo com você. Nunca vi nada de extraordinário;

mas é que, às vezes, um conjunto de circunstâncias...

Ele ria. No íntimo, considerava-me um grande covarde, e eu não dispunha de argumentos para convencê-lo do contrário. Era ele, afinal, um cérebro muito prático para entrar nas investigações filosóficas.

Cessou por completo o barulho no quarto. Fui até ao pequeno corredor que conduzia à escada. A porta do almoxarifado estava estranhamente aberta, e espreitava para aquela assembléia de sombras por uma fenda de luz do escritório, como um dedo apontado. Tudo silêncio e treva, treva e silêncio, a não ser o canto monótono do relógio no gabinete, a murmurar os segundos, a balbuciar os quartos de hora. Recreei meter a mão para puxar a porta e fechá-la à chave, encerrando assim aquele tropel que havia pouco ecoara no depósito. Terrível impressão me dizia que o golpe seguro e frio dum braço de cadáver abateria o meu braço, empuxando-me para dentro daquele poço de escuridão. Voltel, portanto. E, em verdade, para que fechar o almoxarifado, contanto que A COISA me não aborescesse? Tratando-se de ente sobrenatural, atravessaria paredes com a mesma facilidade com que fendemos o ar; se, ao contrário, fosse um gatuno, cumpria-me fechar a porta exterior, descer apressado as escadarias e chamar o guarda civil da área mais próxima. Ou, quando muito, telefonar para a delegacia e comunicar o ocorrido.

Não, isto não! Estaria eu certo de que ouvira os passos? E se fosse um rebute falso? A cara que eu apresentaria, os sorrisos do Arquibaldo, no dia seguinte... Não, com efeito não era aquela a melhor idéia. O telefone, sim, mas para ligar-me com o tenente, perguntar-lhe por que não vinha, por que tardava tanto. Apressá-lo, para que me tirasse, com seu riso alacre, daquele angustiante cenário de espanto. O quarto seria vasculhado e tudo ficaria esclarecido. De qualquer forma, não me sobrava coragem para sair do salão iluminado e penetrar a escuridão palpável do corredor externo, dar as costas ao grande vácuo do elevador e trancar a porta com duas voltas de chave. "Alca jacta est!" Ao telefone, pois.

Do outro lado do fio respondeu, daí a segundos, a voz do meu camarada, brincalhão como sempre, e parelia-me escutá-lo a mastigar qualquer coisa, um daqueles sanduíches que somente ele sabia preparar. Estava de serviço, não lhe permitiam sair naquela noite. Triste desilusão para mim!

— Estamos ouvindo o rádio, — continuava a voz do tenente, folgazã e descuidada. — Escute! — e aproximou o fone do aparelho receptor de rádio. Ouvi os últimos acordes de um "fox" e logo o locutor que anunciava a estação. O riso de Arquibaldo interrompeu o anúncio. — Ouves? Estou numa farra! Consegui trazer uma garrafa para o meu gabinete... Faltam-me apenas umas garotas... Se não apareço hoje? Não posso, homem! Não sabes! Qual jeito, qual nada! Vontade não me falta, mas não posso...

Seria penoso para mim confessar um terror infantil e ridículo. Não, decididamente não diria nada. Para que? Arriscava-me a não ser levado a sério, a ouvir uma daquelas gargalhadas reboantes. Ao mesmo tempo, a voz segura do meu amigo restituíu-me um tanto à tranquilidade. Eu já acreditava ter sido muito precipitado com a chamada telefônica. Ora, bolas! Dez passos, no máximo, e estaria fora do aposento; duas voltas na chave e ficaria livre da criatura que se

mexera no quarto. Depois, um pouquinho mais de esforço e desceria as escadas. No fim, encontraria o vulto imperturbável do porteiro e eis-me na rua, no movimento da cidade, no contacto direto com o populacho. Está decidido. Visto o paletó com precipitação, arrepanho uns papéis e meto-os em desordem na gaveta, passo a chave como remate, e me dirijo ao corredor. Apago a lampada do escritório e vou mesmo passar em frente da porta do almoxarifado. Mas, qual! Vento frio e brando corre de dentro da porta escancarada e a sugestão me informa de que dois olhos me espreitam com insistência, aguardando ocasião para uma perversidade. Reajo. Apenas duas passadas e saírei da sintonização dos olhos encantados. E, no entanto, não consigo mover-me. Mais adiante a escuridão continua, densa como nevoeiro e eu não arranjaréi energia para voltar-me e trancar a porta. Mas fácil me seria estender o braço, torcer o comutador elétrico do escritório e banhar-me na luz fria do aposento. Foi o que fiz. A claridade reanimou-me como copo de vinho reconfortante depois de uma caminhada. Bem, afinal aqui sempre havia luz, sempre se respirava melhor do que na incerteza das sombras. O acertado era mesmo passar a noite ali, de vigília, o olhar fixo na entrada do corredor, por onde se ia para a porta do almoxarifado. Talvez, lá pela madrugada, o porteiro viesse, atraído pela claridade do escritório, ver de que se tratava, se a lampada ficara acesa por esquecimento. Então eu fingiria coragem, afirmaria haver-me esquecido das horas na resolução de um problema e desceria confiado, em companhia do bondoso funcionário. Jamais aquele sujeito me pareceu tão simpático. Recordava-o agora claramente, com seus gestos lentos e calmos de indivíduo afeito a toda a dificuldade da vida e a todas as surpresas do imprevisto. Pensei até em dar uma gratificação ao bom do homem. Não coisa muito grande, para que ele não desconfiasse, mas uma cédula de pequeno valor, por me haver advertido. Se ele viesse... se ele viesse... se ele viesse...

Mas, nada. Os minutos escorriam velozes e inflexíveis, como água da fonte. A proporção que a noite se tornava mais velha, o meu pavor crescia. Quase dez horas. O estômago reclamava-me alimento, pois desde o meio-dia eu não o contemplara com nenhum acepipe. Talvez a fraqueza orgânica contribuisse enormemente para a exaltação nevrótica. O certo é que a minha inquietação aumentava.

Interessante: eu não acredito em duendes. Conquanto não seja dono de grande cultura, sobejo-me discernimento para não me deixar levar por histórias terrificantes, contadas em noites soníferas, noites sulfurosas, no dizer de um escritor antigo. Mas, quando estou sozinho, encho o meu ambiente de fantasmas.

★

Eu não me animava a olhar para a rua, onde tudo era vida e exuberância, apesar do adiantado na hora. Ficava-me a sugestão de que, ao voltar as costas para o corredor, dois braços frios e implacáveis me apertariam o pescoço, estrangulando-me. Caminhei de costas e encostei-me na parede da janela que dava para a noite. Com rápido olhar de esguelha, decobri a casinha do electricista, colocada num dos angulos superiores do edificio. Distancia relativamente curta separava-me do cubículo. Se eu quisesse arriscar-me, bem que era possível, caminhando um pouco sobre uma parede de meio metro, avizinhar-me o bastante da

casinha. Ali, calculava eu, agarrar-me-lá a alguma saliência do prédio e alçar-me-lá para o terraço. Dai em vante, era só caminhar pela área cimentada, subir as escadinhas que levavam ao gabinete do electricista e acordá-lo. Certo não o haviam advertido do desarranjo na instalação. Eis aí um bom motivo para o alarma. Ele não saberia dizer por onde eu tinha vindo: se pelo lado de fora, num prodígio de equilíbrio, ou se pelas vias normais. Desceria comigo, consertaria os fusíveis e...

Para quem se acha, como eu, inteiramente bloqueado pelo medo e pelas trevas, não existirá melhor saída. Conquanto o meu sistema nervoso não esteja em boas condições, confio no instinto de conservação para equilibrar-me naquela prancha de meio metro suspensa de abismo infundável. Um pouco de calma e estarei livre.

Cavalgo a janela, deixo pender os pés para o lado da rua, dependuro-me do peitoril e apenas alguns escassos centímetros me apartam do estuque onde me apoiarei por um momento. Agarrando-me à esquina do prédio, saltarei para o passeio de quase meio metro de largura, do qual falei há pouco. Em seguida, prosseguirei agachado, para não perder o equilíbrio e com poucos impulsos estarei no terraço. Tudo num ápice. Estou ainda dependurado, temeroso de soltar o peitoril e abandonar-me à sorte de uma cornija. No fim do abismo a urbe vive, ninguém olha cá para cima, onde um homem se debate na pior agonia. Não quero, no entanto, olhar para o chão, afim de que me não perturbe a vertigem das alturas. E' só um pouquinho de calma, um pouquinho de calma e voarei para o estuque do andar imediatamente inferior ao meu. Não, não olharei para baixo. Não pretendo morrer ainda.

Senão quando, escuto rumores no escritório. Um ruído assim como o que ouvira antes, de um lento arrastar de pés. Se me não engano, os mesmos passos movimentam-se a esmo no salão iluminado. Eis que alguma coisa, como uma cabeça humana, surge no peitoril. Não tenho mais um minuto de irresolução. Afrouxo os dedos e sinto nos sapatos a pressão da estreita marquise. O corpo me treme horrivelmente e parece-me que me vou despenhar de um momento para outro. O vento da noite zumba-me aos ouvidos com a insistência de um remorso. Meu Deus! Por que me persegue desta maneira um pensamento sinistro que se transforma em monstro? Um monstro perseguidor e implacável, que me assalta e me desmantela como se eu fora mero brinquedo de criança!

Na verdade, uma figura assoma ao quadrado cheio de luz. Não se trata de alucinação consequente de circunstâncias tão exquísitas: percebo claramente os contornos avivados pelo clarão que lhe bate nas costas, dando-lhe halo demoníaco. Sim, é o monstro que há pouco se rojava pelos papéis antigos do nosso depósito. Vejo-o que se debruça grosseiramente na janela, os braços pendidos como a querer alcançar-me, o que felizmente não consegue, porque eu estou encolhido, quase rente com o cimento armado. Leva o rosto inchado como o de um mortífero, barba rala e intonsa, boca meio torta, de onde escorre um líquido viscoso que quase me contamina. A cabeleira, desgrenhada e de cor indefinível, por causa da claridade que lhe fica na retaguarda, espalha-se desordenadamente pela testa, num requinte cinematográfico de bestialidade. Eu tenho a visão fantástica de um pesadelo. Se perco os sentidos vou espatifar-me no asfalto da avenida.

(Continua na pag. 104)



6. Bianco



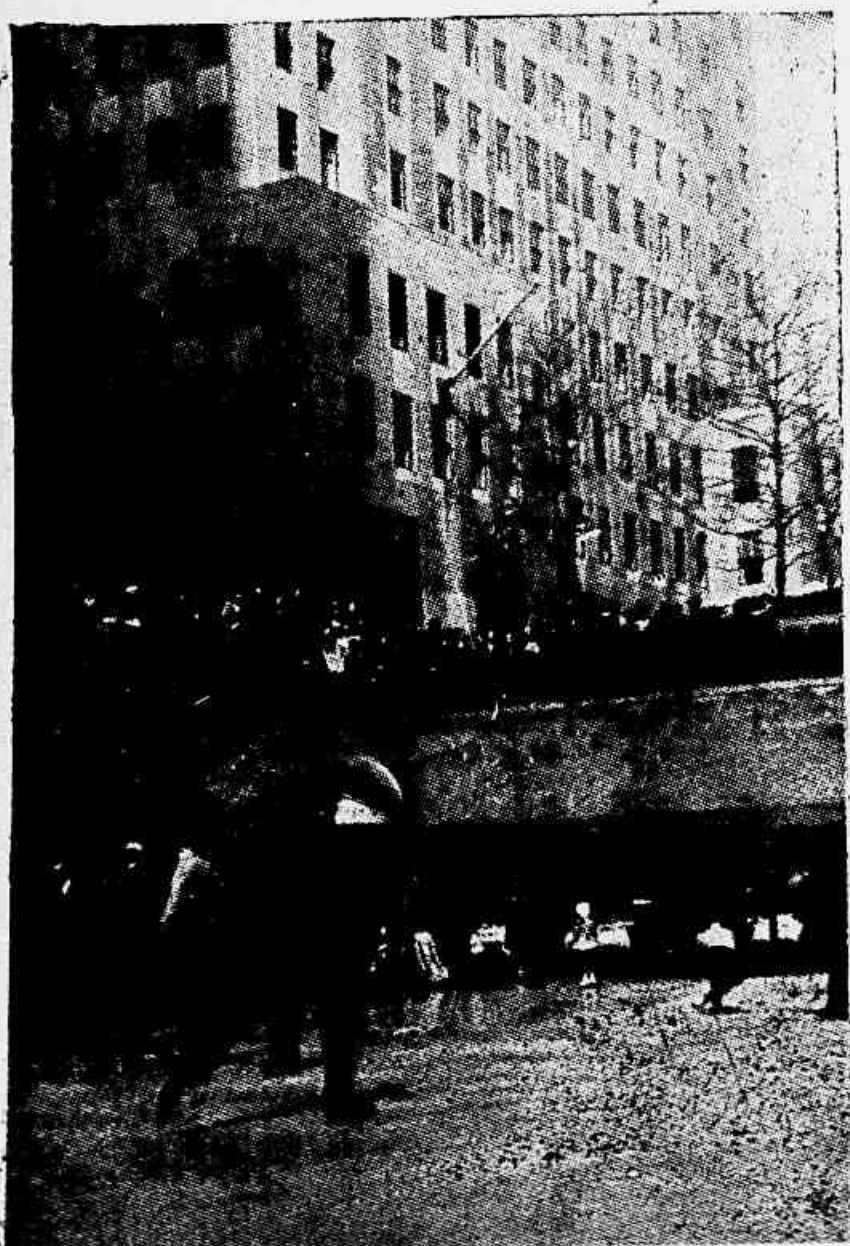
Brincando na neve, contra a silhueta das grandes casas de apartamentos do Central Park.

NATAL NO GÊLO

Dezembro em Nova York — O mês dos grandes filmes, das grandes peças e dos grandes ventos glaciais — A árvore de Natal gigantesca do Rockefeller Center — No Central Park, árvores sem folhas com as raízes sepultadas na neve testemunham a alegria da gente jovem — Natal sem perú não é Natal — Cartões postais e presentes pelo correio obrigam os estafetas a prodígios de força.

Texto de MARCELO TORRES.

Fotos de G. LIMA CAVALCANTI



NATAL nos Estados Unidos sem perú não é Natal. Não há casa por mais pobre que seja que, no grande dia, não apresente à mesa o clássico prato de "turkey", com "plenty of gravy", ou com a clássica "cranberry sauce". Mas, mesmo quando há perú, — símbolo da fartura das mesas americanas, — não há verdadeira alegria no Natal quando não há neve. É preciso que o cenário das festas do Natal seja completado pelo branco tapete de neve, pela alvura imaculada dos flocos que vão caindo e cobrindo tudo, telhados de casas, campos de esporte, ruas e avenidas, estradas e jardins. As vezes, em Nova York, a neve cai com muita abundância em novembro e nos princípios de dezembro. Mas logo bate o sol e começa a derreter-se. Os limpadores de neve mecânicos começam a remover o alvíssimo entulho. Os pedestres guardam na gaveta dos armários as galochas inúteis. Tudo desaparece, como por encanto. Resta apenas, do inverno, o frio que assobia por entre os altos edifícios, em meio das gargantas, ou "canyons", do famoso Rockefeller Center.

O habitante de Nova York, nessas oca-

siões, não pode esconder a sua melancolia. Quer um Natal branco, um Natal nevado, por ser mais bonito, mais decorativo, mais de acordo com as tradições locais. Foi por isso mesmo que Irving Berlin, intérprete da alma popular americana nas suas canções, exprimiu a nostalgia da neve na sua composição "White Christmas":

"I am dreaming of a white Christmas"...
(Sonho com um Natal Nevado...)

A idéia de neve talvez se associe à idéia da imaculada concepção da Virgem, que deu ao mundo o que viera como o Messias ao encontro dos homens e acabou como o crucificado. Quando não seja isso, deve haver ao menos uma associação que chamaremos de cenográfica, entre a brancura da neve e a das barbas do Papai Noel, que, na representação norte-americana, é um velho amável, muito parecido com o nosso, mas viajando num trem velocíssimo, tirando por algumas paradas de gomos. Trenó e gomos, bem como o pró-

Na página ao lado: Pais e filhos deslizam nos "sleds" no Central Park, em dezembro... quando há neve. A esquerda: A patinação no Rockefeller Center: há sempre mais gente espiando do que patinando...





Lady in the Dark
Presented by CUGAN
DEAN MURPHY

Lady in the Dark
CUGAN
DEAN MURPHY

Lady in the Dark
CUGAN
DEAN MURPHY

BRIDE'S TICKETS

NATIONAL SHIRT SHOPS



Central Park... Neve... Crianças... "Sleds"...

prio capuz do Papai Noel, ou, melhor, de Santa Claus, se anunciam de longo, através de dezenas de guisos. Há uma canção onomatopáica que reproduz esse barulhinho festivo para a imaginação das crianças: "Jingle Bells". Entretanto, por muito ocupado, Papai Noel já não está fazendo pessoalmente as suas viagens. Hoje em dia, ele serve-se mais do correio do que de qualquer outra coisa. As casas de brinquedos e de presentes, com a falta de rapazinhos e de carros que façam as suas entregas, iam confiando ao correio a tarefa de entregar pacotes e mais pacotes. Um desses pacotes, uma vez selado, de acordo com o seu peso, pode ser colocado em plena rua, sob uma caixa de coleta de correspondência, que ninguém tocará nele. E' coisa sagrada. Além dos presentes, que todos enviam a seus amigos e conhecidos, — presentes quase sempre simbólicos, sem valor venal, uma curiosidade, um livro, uma quinquilharia qualquer, o correio norte-americano transporta, também, milhões e milhões de cartões postais. E' só começar o mês de dezembro, as papelerias não têm mais mãos a medir. Antes do dia 15 de dezembro já estamos sendo bombardeados com mensagens de boas festas e estamos também, por nossa vez, bombardeando os outros... Alguém pode estar no Polo Norte ou no Polo Sul, na Índia, na China ou no Egito, mas nem por isso deixará de receber a tempo o seu cartão postal de boas-festas, por via aérea ou por outro meio qualquer, dos seus parentes ou amigos norte-americanos. Além dos cartões postais, há as fórmulas tele-



Na página à esquerda: Dezembro é o mês dos grandes filmes. E' quando a Paramount lança os seus melhores filmes, como "A mulher que não sabia amar", de Ginger Rogers. Foi o filme do Natal de 1943... No palco, estava Xavier Cugat, com sua orquestra. Em baixo: Descansando sobre a neve, depois de algumas horas divertidas no Central Park





No Central Park, onde as árvores parecem ter sido lambidas por um incêndio, a gente jovem se diverte patinando de graça... Não há muitos lugares em Nova York onde a patinação seja "free"...

gráficas e, além das fórmulas telegráficas, há as mensagens cantadas. Sim, mensagens cantadas, que a Companhia Telefônica executa, por meio de telefonistas com voz educada e agradável, que sabem cantar um belo "Christmas Carol" e, em seguida, exclamar: "Merry Christmas, joyous Christmas to you!" — ou por meio de pequenos estafetas da Western Telegraph ou da All America Cables, que poderiam pertencer sem desdouro ao coro dos Meninos Cantores de Viena. Lá pelas tantas, tocam a nossa campainha, abrimos a porta e encontramos, do lado de fora, três garotos de quepi na mão, com uma cara sardenta se abrindo em largos sorrisos. E logo o terceto começa (em geral soprano, tenorino e tenor):

"Hooly Niiight...
Siiilent Niiigth..."

Meio que encontraram a Telefônica e as companhias de telegrama para aumentar as suas rendas através do Natal? Sim. E' bem isso. E' evidente também que a lenda de Papai Noel ajuda muito aos fabricantes e vendedores de brinquedos, de jóias e de outros artigos de presente, havendo até quem diga que foi criada e lançada através do mundo por um comitê da Câmara de Comércio de Leipzig. Mas a verdade é que tudo isso é romântico, é bonito, é sentimental, — e serve aos propósitos de confraternização humana. Falta, em Nova York, um espetáculo característico das

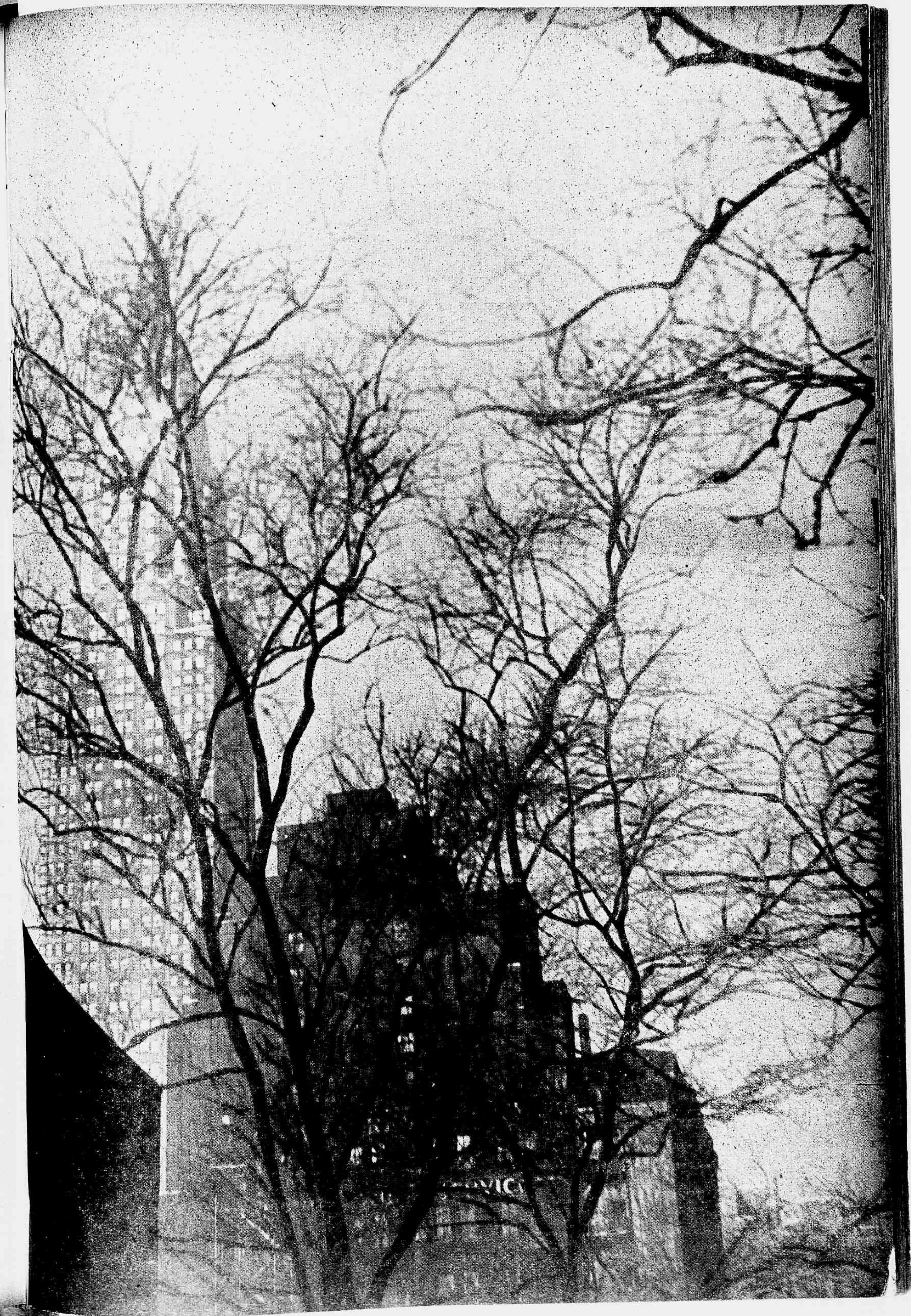
nossas ruas, durante o período de Natal: os vendedores de bilhetes de loteria que nos caceteiam em cada esquina, oferecendo a sorte grande, e os cartazes antipsicológicos colocados nos muros e nos andaimes, mostrando o indivíduo que tirou a "graúda" sob a forma de um boçal, barrigudo, de cara estúpida, os dedos cheios de anéis espalhafatosos, um charutão na boca e uma garrafa de champanhe aberta ao lado. Mas há outras coisas expressivas e tocantes. Nas ruas mais movimentadas, na 42, 5ª Avenida, em outros lugares, o pessoal do Exército de Salvação, — o exército mais humanitário e mais corajoso do mundo, porque, desarmado, luta contra o egoísmo humano e contra o ridículo, — fica pedinchando níqueis para ajudar aos seus pobres. "Keep our pot boiling", — é o "slogan" que eles adotam e que um cartaz ao lado nos mostra. "Fazei a nossa panela ferver" — com isso está dito tudo. Que ela não ferva vasia e haja sempre no seu fundo um pouco de sopa para os necessitados, é o que está subentendido. Levam órgãos para as ruas, executam seus hinos sacros, com vozes às vezes roucas e desentoadas, porém mais tocantes ainda, por causa disso mesmo, da sua falta de ausência de profissionalismo.

Por outra parte, nos "night-clubs", nos restaurantes com "shows", nos teatros, nos "ballrooms", os preços sobem no dia de Natal. Onde não há "cover charge", a título de reserva de mesas nos dias comuns, cobra-se

astronomicamente, na noite de Natal e no dia de Ano Bom. Quem não tiver reservado com antecedência sua mesa no Martinique, no Stork Club, no Versailles, em El Marrocco, no Cashbah ou no Copacabana, no Waldorf Astoria, no Saint Regis ou no Hotel Astor, terá de se contentar em ir a um lugar menos seletivo como o Diamond Horseshoe ou o Latin Quarter, ou, ainda, em La Conga ou no ultra-popular Havana-Madrid. Os teatros ficam abarrotados e os seus bilhetes desaparecem dos agentes teatrais, — os cambistas, legalmente estabelecidos e não podendo cobrar mais de dez por cento de ágio sobre os ingressos, — alguns meses antes do dia da representação. Se a peça é um sucesso autêntico, como "Life with father" (há oito anos no cartaz), "The Voice of the turtle" (há quatro anos em pleno sucesso na Broadway) ou como "Oklahoma", que desde 1943 vem esgotando lotações, é preciso comprar os bilhetes com cem ou pelo menos noventa dias de antecipação. Do contrário, o Natal poderá ser festejado de qualquer outra forma, menos com um bom teatro.

O Natal não é apenas a época das grandes peças teatrais e dos grandes "shows" nos "night-clubs" e nos cinemas com programas de variedades. E' também a época do lançamento das maiores películas. E' para quando a Paramount guarda uma "A Mulher que não

A direita: No inverno rigoroso, as árvores perdem as folhas. Elas são assim, perto do edifício Chrysler, durante o mês de dezembro.





A porta de uma casa que vende relógios e diamantes os negrinhos do Harlem descem para engraxar botas grandíneas e militares, para conquistar o perú do Natal.

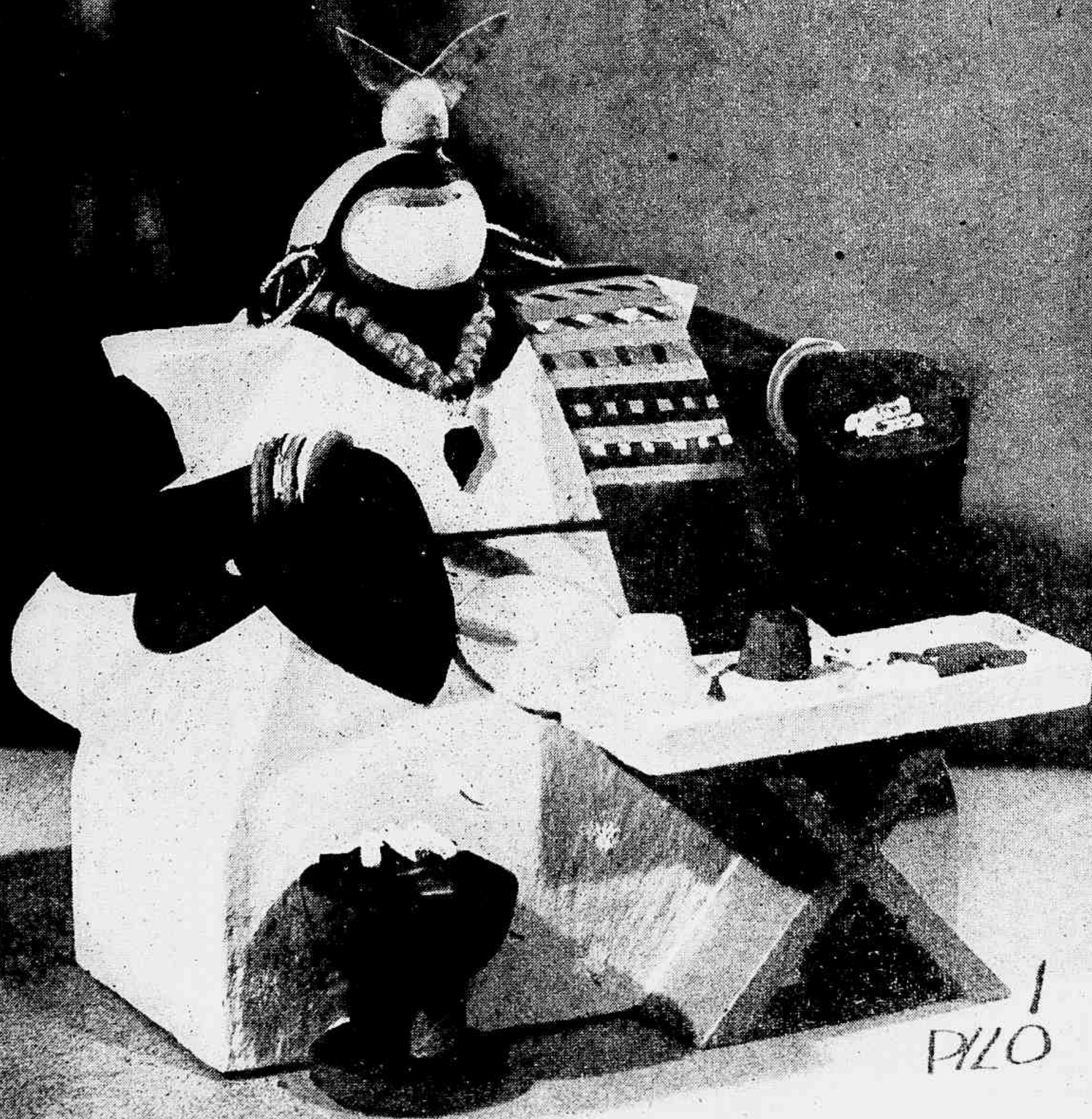
sabia amar", para quando a Metro guarda uma "Madame Curie" e para quando a Warner Brothers guarda uma "Vitória Amarga", por exemplo. Ginger Rogers, Greer Garson, Bette Davis e outros grandes nomes do cinema são cartazes inevitáveis nessas ocasiões. As filas imensas se estendem, ao frio e à neve, por dois e três quarteirões, não a um, mas a dez de fundo. A respiração que sai daqueles milhares de narizes ofegantes se transforma em jatos de vapor. Até parece que todos eles estão fumando cigarros invisíveis e soltando fumaça pelo nariz... O Natal é a época divertida e de vida social mais intensa. Quem quer patinar, paga alguns centavos e entra na pista de gelo do Rockefeller Center, onde há sempre mais "mirões" do que patinadores, torcendo para que aumente o vento quando há pequenas bonitas fazendo patinação. No Central Park, há batalhas de blocos de neve, desliza-se em "sleds" através de árvores sem folhas e com as raízes soterradas na neve. Árvores tristes como espectros, despojadas da sua beleza, testemunham a expansão da alacre juventude, que ali se entrega aos prazeres dos esportes da neve. No Rockefeller Center, é infalível, durante o inverno, a campanha de "Ice Follies", o elenco maravilhoso de patinadores de Sonja Henie. E ali se ergue, em frente ao mais alto dos edifícios da Rádio City a mais colossal de todas as árvores de Natal do mundo, com trinta metros de altura, com dezenas de grandes bolas multicores enfeitando-lhe os galhos, e mais estrelas prateadas, e mais lampadas elétricas, e mais guirlandas coloridas. Turmas de operários, manejando guindastes, levam de um a dois dias para colocá-la de pé, no seu lugar exato. Ali fica, por cinco ou seis dias, a árvore imensa, — e logo em seguida vêm os caminhões gigantes, os operários e os guindastes, para botá-la abaixo e levá-la ninguém sabe para onde.

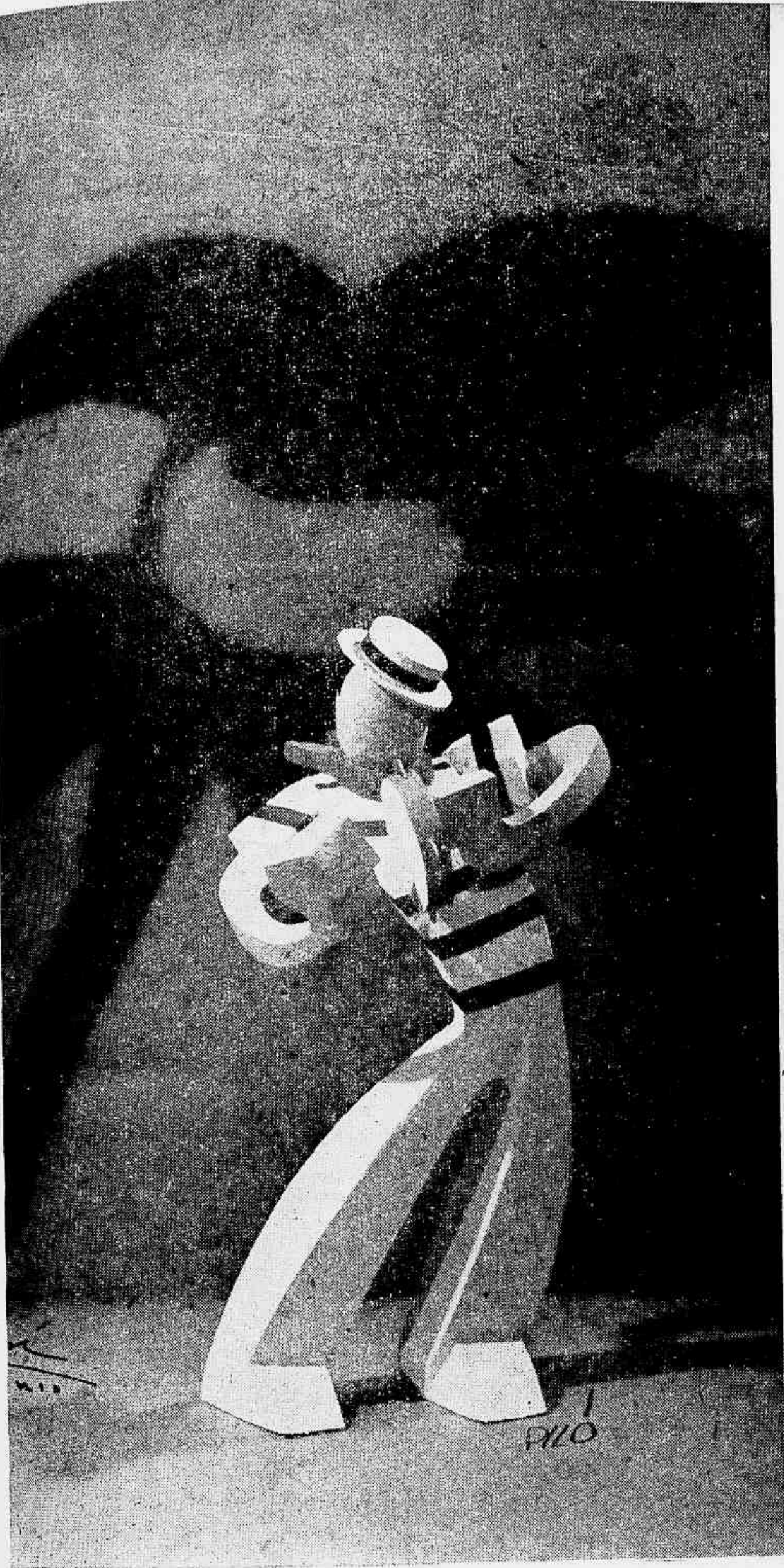
Os pequenos engraxates negros e os vendedores de jornais, de amendoins e de pipocas, das bôcas dos "subways", que engolem e vomitam gente incessantemente, também têm suas alegrias, porque seus negócios humildes também prosperam, em face do "boom" geral. Na época do Natal, não há quem não corte o cabelo, quem não engraxe os sapatos, quem não coma mais um pacote de amendoins, ou leia um novo "pocket book", ou compre o "Pic" ou uma gravata nova. Em Nova York o Natal é assim, — Natal de Alegrias, de cartões postais em profusão, Natal de neve e perú. Bem diferente do nosso nos aspectos exteriores, mas bem semelhante no espírito, que é o mesmo. Dia em que, depois de quase um ano inteiro de egoísmos e de asprezas, sorrimos aos amigos e abraçamos os desconhecidos, achando que somos todos irmãos. Nos Estados Unidos, a coisa não fica apenas em abraços. Vai-se mesmo ao beijo, beijo branco, inocente e sem malícia, mas em todo caso beijo...

A esquerda: A Broadway, em frente ao velho Hotel Claridge, que outrora foi famoso e hoje é uma casa de quarta ou quinta ordem... Na página à direita: Em frente ao mais alto edifício do Rádio City ergue-se uma árvore de Natal gigantesca. Por estas gargantas, passam as mais frias lufadas de vento no inverno novayorkino.

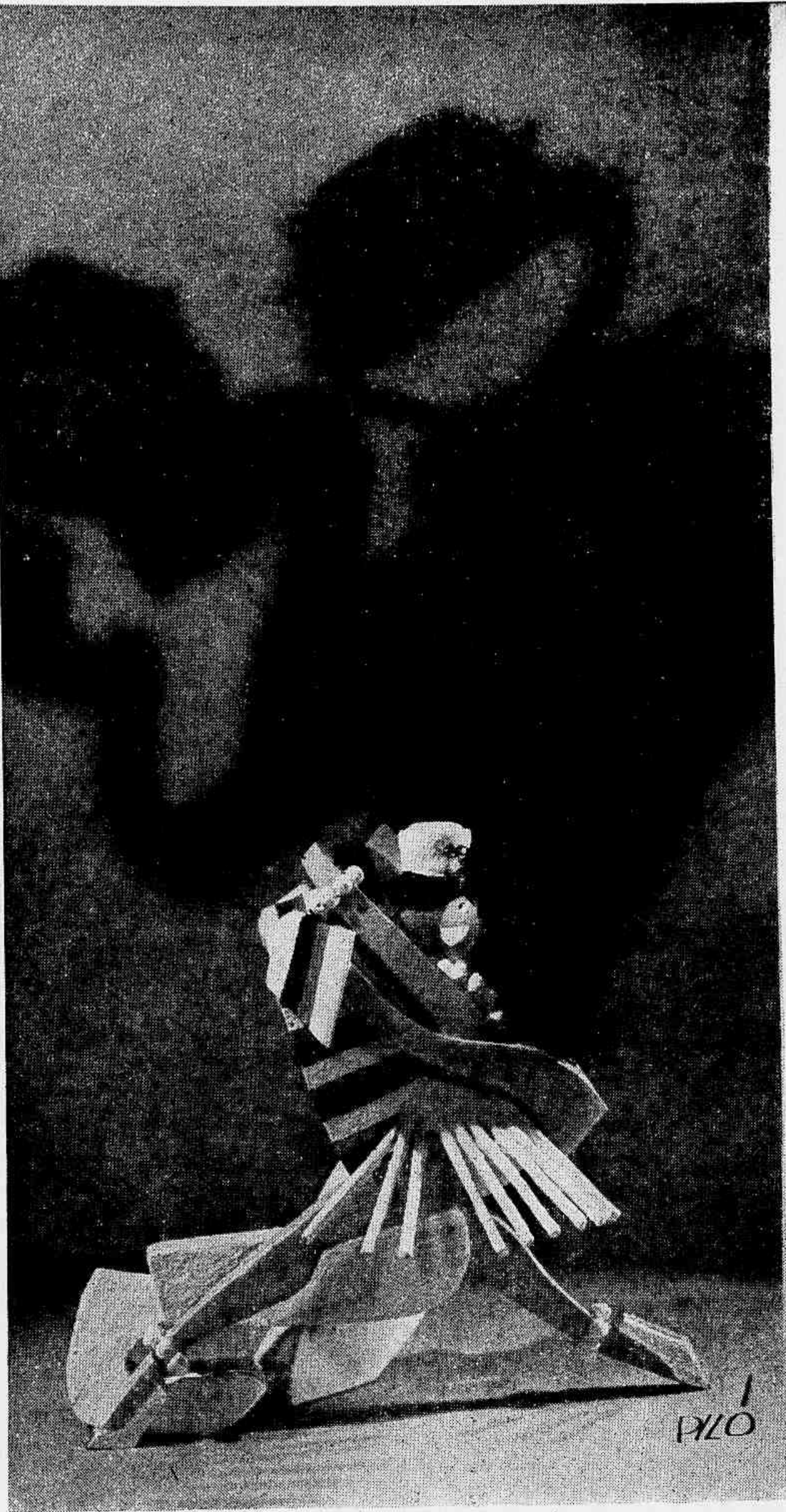








Carnaval — "Com pandeiro ou sem pandeiro"



Carnaval — "Baile dos Cronistas"

PILO NA RODA DO SAMBA

HERMAN LIMA

Especial para REVISTA DA SEMANA

FOI, primeiro, a gostosa experiência de pinceladas a modo de recortes de papel colorido, braços, pernas, cabeças, saias de roda, mantilhas, um "puzzle" vis-à-vis e cheio de surpresas, donde iam saltando, a pouco e pouco, as figuras todas da aldeia — o senhor cura, a mulher do cântaro, seu Zé do Fojo com o carapuço preto e a jaqueta enfiada por um ombro só, e logo mais o homem do harmônio, o da gaita de foles, a sarabanda do bailarico, o parzinho do Vira quebrando o corpo pra lá, pra cá. Isso tudo ganhava um ritmo próprio, uma especial harmonia de gestos e de atitudes, uma poderosa expressão anímica, a ponto de fazer em breve do conjunto um friso de arte e ao mesmo tempo uma página de folclore, movimentada e exata, como duma projeção de technicolor em miniatura.

Quando passei por Lisboa, em 1940, as montras das livrarias e das casas de curiosidades turísticas andavam cheias desses postais a cores primárias, o vermelhão das saias das cachopas unindo os verdes das mantilhas e os azuis dos jalecos dos mocetões, numa festa das mais garbadas para o olhar, trouxe deles às dúzias, com o nome do alegre demiurgo desse pequeno mundo português, ele próprio duma curiosa expressão patronímica que era bem outra nota de pitoresco a juntar à galeria

Pelo meio do ano passado, Piló me voltou à tona das reminiscências de viagem, quando a casa dos Livros de Portugal, na Gonçalves Dias, apareceu também com as suas vitrinas enfloradas pela mesma grinalda de vivas cores da rua Aurea e do Chiado e aquele mesmo sacudido farrancho de Manueis e de Rosas tomando de assalto o lugar dos livros.

Desta vez, entretanto, não era somente um grupo de aquarelas que nos trazia, mas, o que crescia o encanto da sua mostra, uma série de nada menos de trinta bonecos em madeira, revestidos da mesma nota de impressiva originalidade das suas outras criações.

Os bonecos de Piló não são, todavia, apenas destinados a enlevos infantis, porque na sua fatura entram por igual o escultor, o poeta e o apaixonado observador dos usos e costumes populares.

Para as crianças em particular vem a fileira dos encantadores calungas a que o próprio artista chamou de personagens do pequeno mundo dos seus filhos: Urú, o mágico; Alão, o corsário; Don Manfredo, o brigão; Ivor, o Rei.

Empoleiradas no alto das colunas do mostruário da sua exposição de maio de 1945, na A.B.I., cada pequena criatura desse microcosmo adquiria, apesar do tamanho de polegadas, uma vida de intensa penetração psicológica, em condições de fazer de cada uma delas um tipo

aparte na miúda coletividade. E' que a arte de Piló consiste principalmente em dotar suas figuras duma poderosa energia plástica, sintetizando, de modo admirável, num gesto ou num toque, todo o oculto sentido do tipo evocado.

Muitas delas constituem mesmo verdadeiras maravilhas de graça e de intenção, em especial quando tocadas de leve chispa satírica, ao modo dos seus tipos espanhóis. Manolo, o castiço, com o peito estufado, o quadril saliente, o braço em ângulo donairoso, arrasta consigo toda uma tradição de brio e de galanteria, como se estivesse ao mesmo tempo ensaiando o salamaleque de arrojado aos pés duma "salerosa" madrilenha o manto das supremas homenagens e repelindo com um sonoro palavrão do vigor duma estocada arrebuques de qualquer outro "mozo guapisimo" da sua laia. A bailarina Carmen tem uma elegancia de chama retorcida ao vento dos caprichos do mais sensual propósito, enquanto o toureiro Juanito, impecavelmente "cuadrado", ganha, dum só traço, o relevo integral dum matador de fama. Ao pé desses, os deliciosos figurantes do Balarico, girando e virando, ao som da viola, do harmônio e do clarinete; a bola de gratas enxundias do senhor cura, de intenso e saboroso sentido caricatural, como se estivesse saltando inteirinho de dentro "d'O melro"; a graça amorável da Ceifeira e da Mulher das bilhas; as duas admiráveis evocações da Africa portu-

— Zimba, o tocador de "tsiquitz" e Hula, a negra "Kinda", com os seus fabulosos peitos empinados como os de ébano.

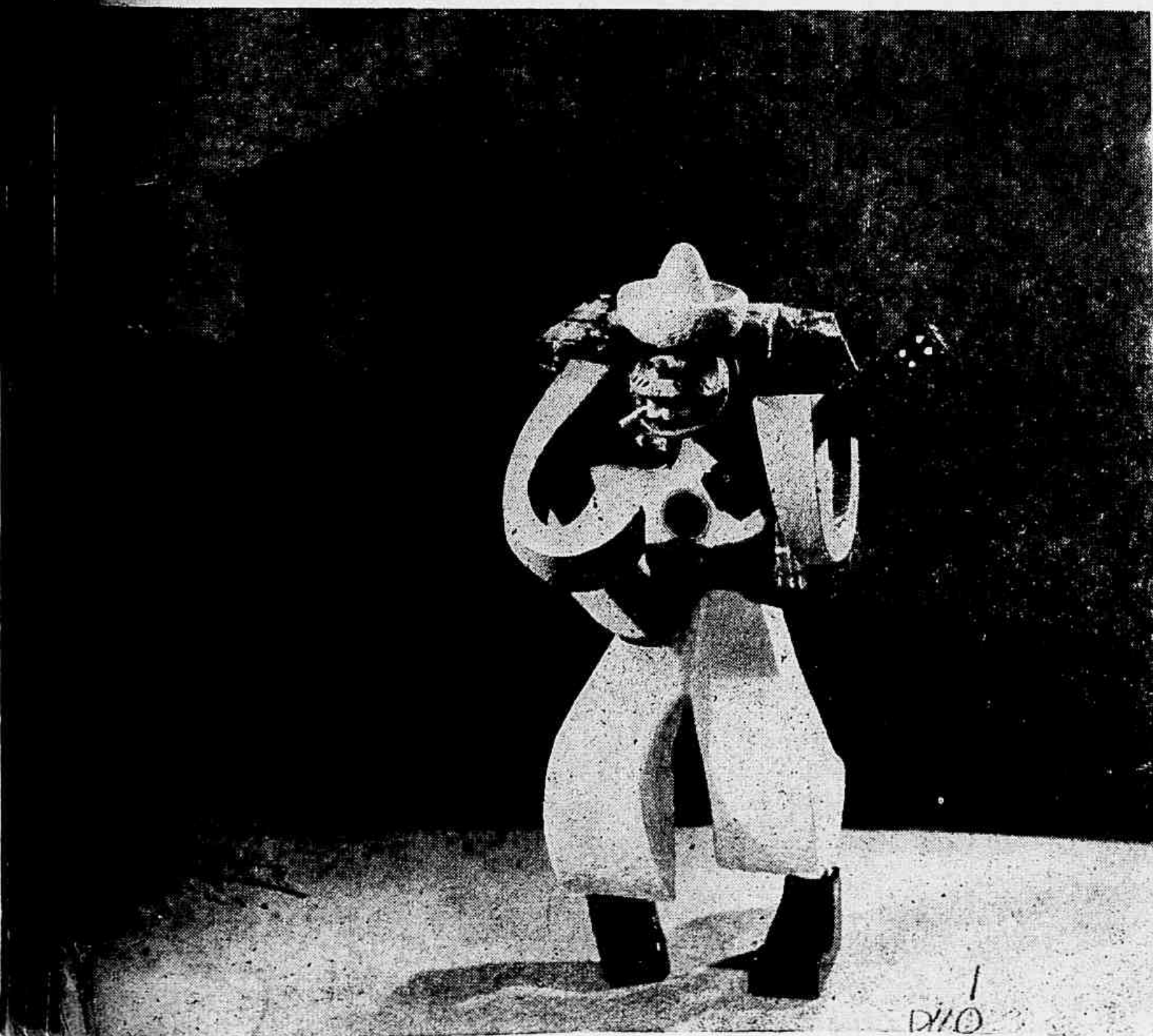
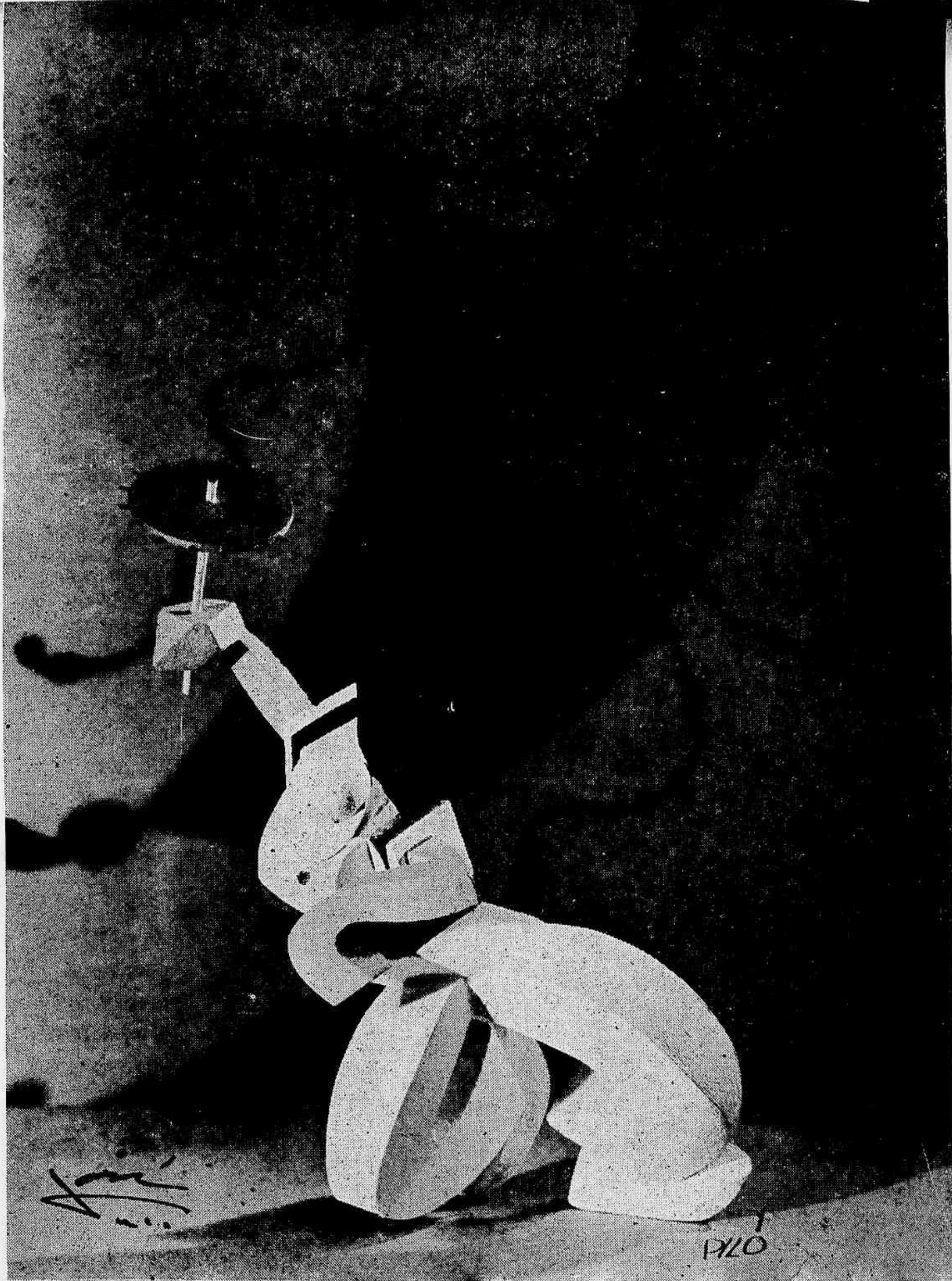
Dos seus bonecos disse com muita justeza certo crítico de Barcelona que "llevan adherido a sus formas naturales un dulce avatar de cuento infantil. Este enramiento de hechos que cautiva las más tiernas imagines, justifica el facil expresionismo de la madera tallada, el movimiento pimpante de estas figuras, tan modernas en su espíritu y tan antiguas en su forma".

Procurando depois descobrir o Brasil, não à moda dos patrícios de 1500, mas através da sua sensibilidade fina e da sua compreensão tocada de tanta ternura tudo que seja tipicamente expressivo da alma popular, por aqui se deixou ficar, vai já para dois anos, estudando atentamente os nossos tipos regionais, no que chamam de mais puro como expressão simultânea de traço e de sentimento.

O carnaval do Rio, os sambistas de caixa de fósforo, o Café Nice, o "bonitão" das gafieiras, o calpira das festinhas joaninas, a balana dos quitutes, tudo isso lhe acendeu espírito ineditas alegrias de pesquisa e criação. Famiado de há muito, pelas nossas revistas ilustradas, com a fixação popular dos nossos melhores chargistas e costumes, um Mendez, ou um Euclides Santos, que de belo material lhe supria de longe a ansia de conhecimento das nossas coisas e das nossas gentes, muito em contacto com a multidão das ruas e dos morros caros, foi Piló se assenhoreando dos segredos do nosso core urbano, de tal modo que é hoje, sem favor, dos mais fielmente documentados a esse respeito, muito em contacto com o que se liga à fauna das favelas e dos "clubes" do Rio.

Não há, aliás, nessa predileção de sua arte pelo elemento de cômico, é bom que se ponha de relevo desde já, o leve sentido pejorativo. Ao contrário, do longo contacto que tenho tido com o artista, pude capacitar-me com a frança da sua tocante simpatia pela nossa gente humilde pelos nossos costumes tradicionais — o que é afinal a última instancia a maneira melhor de retornar às suas raízes lusitanas. Ele mesmo assim se definiu, nas palavras de abertura do catálogo de sua primeira exposição: "Direi-me para os Estados Unidos da América do Norte. Corrirei, antes, alguns países sul-americanos, onde me farei do seu folclore. Por simpatia, por afinidade, que desde menino me habituei a ouvir o seu nome, as vezes ligado ao do meu país, o Brasil não podia deixar de ser o primeiro, entre eles".

Explica-se assim muito facilmente e sem necessidade



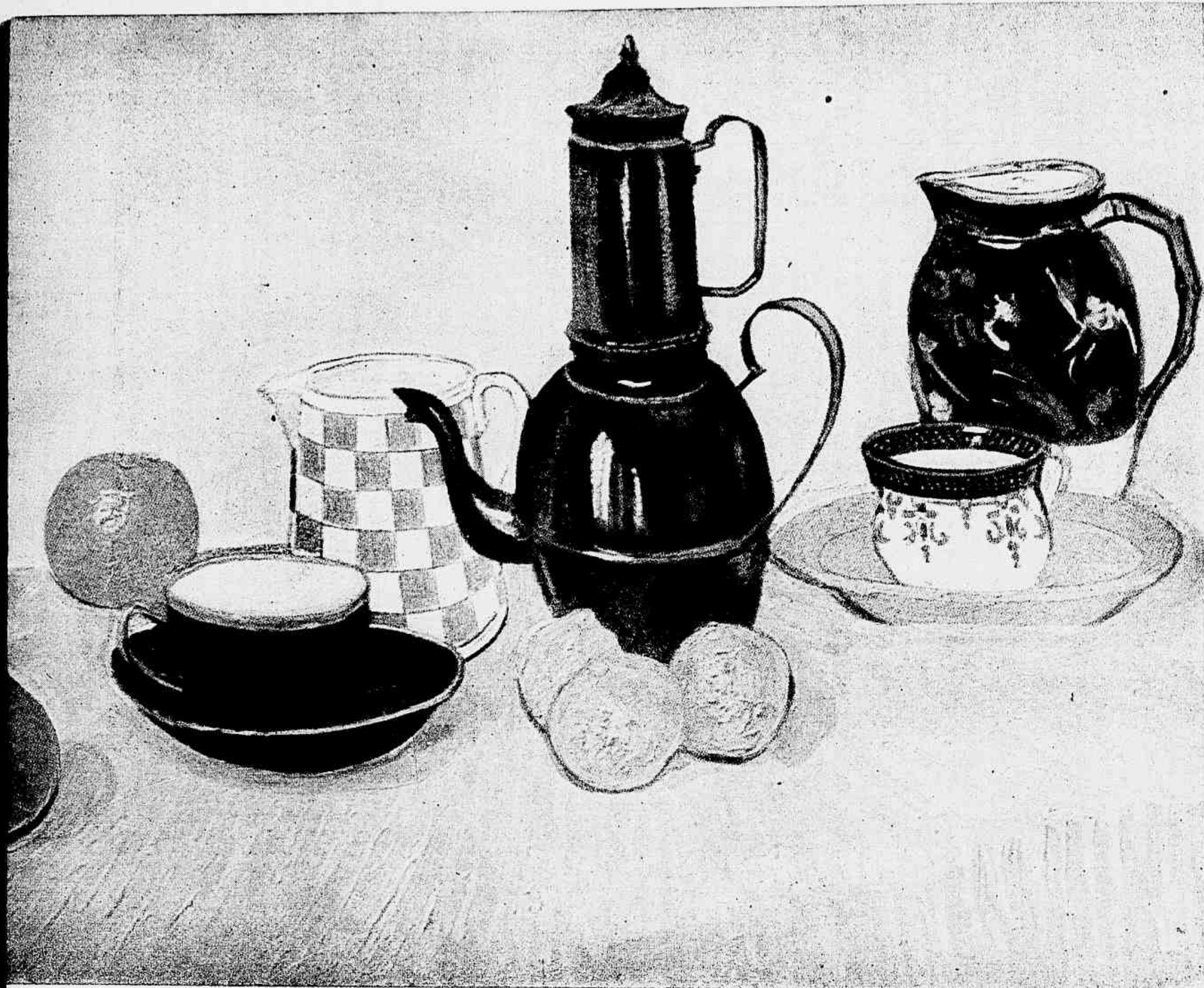
de recorrer a pretensos jacobinistas que, aos seus olhos de afeiçoado a firmar-se no que haja de mais legítimo como expressão estética de um povo, sejam os nossos tipos de rua e de roda de samba os que mais perto lhe tenham ferido a sensibilidade e a atenção. Nem é preciso recorrer a nenhum extremo de análise espectral para entender devidamente a psicologia do visitante amável que, dotado de senso plástico, se extasia diante da nossa "baiana", nem para compreender que à arte de Piló tenha surgido, com uma beleza de aparição virginal, o malandro do morro, com a sua camisa listrada, a sua palheta e o seu pandeiro malabarista que é por si só um poema de ritmo e de "ginica" negra; o mulato contorcido em colubreios de infernal dinamismo, no parafuso dos passos do frevo; as manigancias serpentinadas do tocador de réco-réco, do homem do maracá ou da culca, o preto, sempre, que é este, na verdade, o "pivot" da maior glória das celebrações carnavalescas e sentimentais de nossa terra. Quanto à "baiana", que ele soube fixar com um sentido monumental de tamanho vigor escultórico, tem, na criação de Piló, a sua mais alta expressão artística até hoje alcançada. Na sua linguagem geométrica de esferas, retângulos, espirais e cubos, no seu sentido vivíssimo da cômica, o que essa prodigiosa representação plástica do mais famoso dos nossos tipos populares representa pode bem se considerar como penhor do mais aprofundado amor pela tradição brasileira que se venha a esperar dum turista de bons olhos de ver. Com essa figura, a mais elaborada, a mais artisticamente realizada, a mais completa da sua galeria, pelo espírito de síntese e de transposição emocional que a reveste, como pelo alto sentido lírico que a anima, estamos realmente diante dum grande intérprete da escultura folclórica.

Todo o Brasil se acostumara à deliciosa fauna dos bonecos de Piló, que espalham pelas nossas vitrinas de arte a graça e a poesia dos motivos populares mais lindos de Portugal.

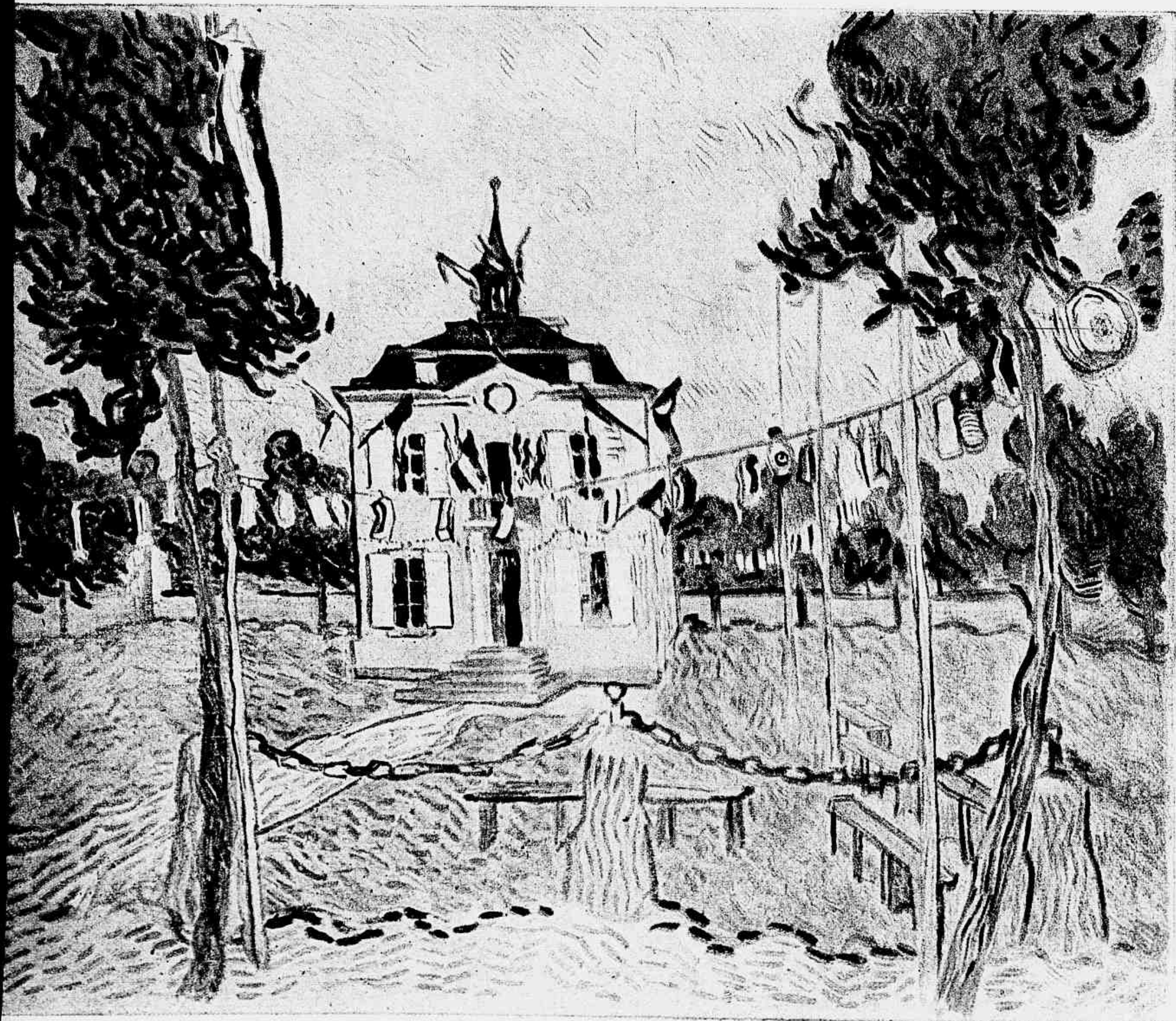
A exposição de motivos brasileiros que o admirável artista português acaba de abrir na A.B.I., em cópias limitadas, vem confirmar de modo definitivo a excelência e o alcance da sua arte.



+ ADRIANO RAMOS PINTO & IRMÃO LTDA, agradecidos
 aos seus amigos e clientes do BRASIL, aproveitam
 esta oportunidade para lhes desejar um feliz Natal
 e muitas prosperidades no decorrer do Ano de 1947



VAN GOGH — "NATUREZA MORTA"



VAN GOGH — A PREFEITURA DE AUVERS. QUADRO PINTADO NESSA CIDADEZINHA, EM JULHO DE 1890.

VINCENT VAN GOGH nasceu no Brabant, Holanda, em 1853, oito anos antes de estourar a Primeira Guerra Civil Americana. Aos dezesseis anos começou a sua educação escolar e foi introduzido numa série de negócios. Tornou-se auxiliar de um dos principais negociantes de arte da Europa — certo Goupil, que possuía galerias em Haia, Bruxelas, Londres, Paris, Nova York. Vincent embriagava-se com as reproduções de quadros famosos e ocasionalmente tentava vender os originais aos ricos patronos da arte. Mas tinha um legítimo insucesso como vendedor. Era por natureza tímido e não gostava desse gênero de trabalho. Vestia-se simplesmente e não sabia lidar com as pessoas. Era excessivamente honesto e franco. Um dia cometeu um erro imperdoável. Discutiu com o patrão e disse-lhe coisas estranhas — por exemplo, que odiava os negócios, que vender quadros era um pecado, que fazer dinheiro com a arte era uma fraude legalizada. O patrão deu-lhe um mês de salário e disse-lhe que nunca mais lhe aparecesse.

★

Vincent foi para a Inglaterra e arranjou um emprego como professor de francês, num pequeno colégio de Londres. Era extremamente bem educado e gostava de crianças. Seus pais estavam tranquilos por vê-lo no que supunham que fosse uma situação conveniente para ele. E durante algum tempo o próprio Vincent sentiu-se satisfeito, apesar de seu magro salário. Os pais de sua esposa vinham dos subúrbios de Londres. Um amigo atraiu-o ao colégio por pais irresponsáveis que nem deravam se poderiam pagar a conta. No fim de cada semestre, o vigário que dirigia a escola mandava Vincent fazer a coleta do dinheiro, nas casas dos pais dos alunos. O moço andava por ruas enlameadas, batia e chamava as portas frágeis, entrava em casas onde havia cheiro de pobreza. Preparava-se para fazer seus pedidos a homens necessitados e famintos. Mas quando via a tristeza em seus olhos, as linhas do sofrimento contornando o rosto, tornava-se nos calcanhares e deixava-os sem uma palavra. Retornava ao vigário com as mãos vazias. O vigário enchia-se de raiva. Que interesse tinha esse professor em ser vitimado por seu próprio sistema? Mandou Vincent embora. E Vincent foi.

★

Voltou à casa dos pais. Ficaram desanimados e desiludidos com ele. O que aconteceria com o filho mais velho, que para nada servia? O pobre rapaz não aguentava o menor trabalho. Sacudiram as cabeças tristemente. Contudo, uma terceira oportunidade apresentou-se a Vincent. Foi trabalhar numa livraria. À tarde, quando voltava do trabalho, atravessava o velho museu de Berdeeth e encantava os olhos com as obras-primas da arte. Pareceu-lhe esta, enfim, a vida para a qual sentia-se — um vida de quadros e de livros. Seu patrão também compreendeu que esse solitário jovem caixeiro de livros tinha uma alma que se desenvolvia, poderia possivelmente triunfar, e deu-lhe uma oportunidade em alguma profissão. De acordo com essa idéia, pediu a um de seus fregueses, um sacerdote, para escrever uma carta aos pais de Vincent, dizendo-lhes que eles para que mandassem o menino a um colégio. De novo, as esperanças dos pais foram despertadas. Vincent foi para Amsterdão e, indo morar com um tio, começou a preparar-se para os exames de admissão. Estudou latim e grego com um rabino judeu. Estudou também o hebraico que teve um abalo nervoso e tornou-se incapaz de prestar os exames. Durante sua convalescença, dirigiu-se frequentemente ao grande pátio de igrejas e sinagogas, enquanto os serviços religiosos eram celebrados nos domínios, visitava seis ou sete casas religiosas de várias denominações, incluindo a sinagoga hebraica. Um dia, ao fazer de uma grande emoção espiritual, quando o prato de coleta passou, atirou nele seu relógio de pulso e depois atirou suas luvas. Era impellido pelo desejo de pregar o evangelho. Subitamente imaginou-se como Cristo. Tendo lido alguma coisa sobre as condições dos mineiros dos campos de carvão da Bélgica, decidiu salvar as almas desses mineiros. Esquecendo os seus próprios problemas, preocupados com o sustento financeiro, precipitaram-se para auxiliar os sofredores da Bélgica. Foi um homem intensamente religioso, contava com o apoio e abençoou Vincent. Sua mãe mandou-lhe um baço cheio de roupas de malha e palavras de encorajamento.

Vincent rezou entre os mineiros e pôs-se a trabalhar com seus olhos. Vivia na casa de um belga e de uma monja simples, morando as mãos, em uma pequena cidadezinha. Não possuía nenhum treino teológico, mas não tinha importância. Cuidou das feridas das mulheres que se machucavam nos picos das minas, e quando se alastrou uma epidemia de tifo, foi de estar mais próximo dos doentes. Denunciou sua roupa e seu alimento, passou cruzada com o povo local e a mulher escreveu-lhe uma carta contando que estava estragando a saúde e se matando. Vincent não se importava com as pessoas que até hoje não podiam a seus pais que viessem e o levassem para casa. Podiam a seus pais que viessem e o levassem para casa. Para a Bélgica e insistiu com o filho para voltar. Vincent recusou. Mas quando o pai lhe fez uma promessa de que continuaria o trabalho, afinal consentiu.

★

Vincent estava agora com vinte e oito anos e era mais isolado dos homens. Começou a pintar — que sabe por que impulso? — completando esboços e desenhando dos mineiros belgas. Possuía poucas coisas.

A VIDA DE VINCENT VAN GOGH

(1853 — 1890)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

mentos técnicos. Desenhava como um menino de doze anos, cobrindo o papel com desajeitadas garatujas. Tinha um irmão mais moço, Téo, que gostava de seu trabalho e começou a encorajá-lo. Que impressão o povo das minas belgas de carvão deve ter causado em Vincent! Téo lhe

apenas o amor físico. Era o amor de alguém que pudesse entendê-lo o suficiente para libertá-lo de sua grande solidão. Porque era forçado a procurar sozinho. Deixou os pais e arranhou um estúdio em Haia, onde se tornou amigo e discípulo de Mauve. A amizade, contudo, terminou



VAN GOGH — AUTO-RETRATO. PINTADO EM PARIS. SEM DATA.

disse para pintar quadros das pessoas que conhecia melhor — esses humildes, sujos, tristes, inarticulados e arruinados produtos de humanidade. Vincent tinha diante de si uma reprodução do "Ceifador", de Millet. Era uma inspiração que o guiava. Disse a Téo que preferia ver "uma simples mulher pintada por Israel ou Millet ou uma velha por Edward Frère, do que um quadro de Frinéia ou de Vênus. "Para que serve um corpo tão bonito como o de Frinéia? Os animais também o têm, talvez muitas vezes mais bonitos do que os homens, mas as almas que existem nas criaturas pintadas por Israels, ou Millet ou Frère os animais não as têm".

Enquanto Vincent estava meditando sobre o mistério da alma encontrou uma prima de Amsterdão e teve seu primeiro caso sério de amor. A mulher era uma viúva com um filho, mais velha do que Van Gogh e totalmente indiferente às suas atenções. Além disso, o pai era hostil à corte de um homem de trinta anos, que desperdiçara toda sua vida e que aparentemente não tinha nenhuma capacidade para se manter. Fez uma filha no quarto e recusou a Vincent permissão para vê-la. Desesperado, Vincent pôs a mão estendida na chama de uma vela. "Deixe-me vê-la somente pelo tempo que puder conservar minha mão nesta chama", pediu ele. O pai soprou a vela, e mandou Vincent tratar de seus negócios.

"A fim de trabalhar e de tornar-se um artista", escreveu ele a Téo, o homem precisa de amor". Mas não queria

de um modo infeliz. Mauve sugeriu a Vincent que copiasse alguns modelos de gesso a fim de aperfeiçoar a técnica. Mas Vincent não queria penar em imitar outros. Pintaria suas visões, à sua própria maneira elementar, ou absolutamente nada. Pegou os modelos de gesso de Mauve e atirou-os para fora do estúdio.

E então encontrou o amor. "Encontrei-a afinal", escreveu a Téo. "Não é moça nem bonita. É bastante alta e tem um corpo forte. Suas mãos não são as mãos de uma senhora, como as de K (sua prima), mas as mãos de alguém que trabalha duramente... É uma lavadeira. Conversamos sobre todas as coisas, sobre sua vida, sobre suas preocupações, sobre sua miséria, sobre sua saúde... Será um pecado amar, necessitar do amor, não ser capaz de viver sem amor? Para mim, a vida sem amor é pecaminosa e imoral". Vincent estava procurando um novo símbolo de beleza, não a beleza alegre de Venus mas a beleza triste de "uma mulher meio fanada, em cujo rosto está escrito isto: — A realidade da vida deixou suas marcas aqui". Não teria ele quem sabe, dentro de si uma centelha daquele divino poder capaz de regenerar uma Maria Madalena?

Durante algum tempo, essa Madalena retribuiu-lhe seu amor, depois seguiram caminhos separados. Ele voltou para seu estúdio e para a solitária procura do inatingível. Trabalhava catorze horas por dia no estúdio. Téo conseguiu um emprego na galeria de arte Goupil, e mandava a

Vicente uma pensão mensal, com a qual comprava o material de pintura e pagava os modelos. Quando um menino pousava para ele, dava-lhe uma maçã. Os velhos recebiam rolos de tabaco. Trabalhava com uma suíza blusa azul. Nunca fazia barba, nunca penteava os cabelos vermelhos. Seus olhos estavam cansados e inflamados pelo excesso de trabalho. Fez um estudo de tempera e ilustrações para jornais. Nas ilustrações encontrou a vida e a personalidade que estava procurando. Esses desenhos eram estranhamente felelóricos nas linhas e nas cores. Mandou a Téo, esperando que seu irmão pudesse conseguir que Goupil se interessasse por eles. Mas inutilmente. Terseeg, uma autoridade em matéria de arte, aconselhou-a abandoná-la, desde que estava destinado a fracassar. Ninguém apreciava as grosserias e ociosas pinceladas de Van Gogh, nas quais a miséria estava largamente impressa. Queriam bonitos pequenos retratos para pendurar em suas salas, paisagens bem acabadas, e não desenhos torturados. Uma ocasião, um artista perguntou a um moço moderna que estava olhando uma tela de Van Gogh: "O que pensa desta arte?" "Estou contente que chame isso de arte, Sr. Gabriel", respondeu a moça.

★

Ainda em sua procura de amor, Von Gogh encontrou uma mulher que tinha sido abandonada pelo amante. Ter um filho. "Não posso pagar-lhe o salário completo de um modelo", escreveu Vincent ao irmão, mas isso não me impede de lhe pagar um aluguel; e graças a Deus pude assim protegê-la do frio e da fome, repartindo meu pão com ela... É levemente marcada de bexiga, e portanto não é muito bonita... É essa justamente a razão pela qual me é útil". Menciona quase ingenuamente que a mulher tem certas peculiaridades que a tornam repulsiva a outros. "Primeiro, a linguagem que usa; e depois seu temperamento. Contudo, Téo, pretendo casar-me com essa mulher a quem me sinto ligado e que está ligada a mim. Preciso experimentar as alegrias e tristezas da vida doméstica, a fim de pintá-la de acordo com minha própria experiência. Sente-se melhor o que é o amor quando se está junto a um leito de doente, às vezes sem um centavo no bolso. Não há colheita de morangos na primavera".

Com o dinheiro que Vincent recebia todos os meses do irmão, cuidou da mulher em sua gravidez e mandou-a finalmente para um hospital de maternidade em Leyden. Tinha mais de trinta anos e estava bastante desiludido da vida para amá-la apaixonadamente. O que sentia por ela era alguma coisa mais forte do que a paixão. Entre eles existia a sensível ligação de reciprocidade, se existisse reciprocidade, é claro. Como essa mulher, ele também era um lutador rejeitado pela vida solitária. Essa pobre estúpida mulher, que nunca se queixava, era uma companheira conveniente para ele. "Pretendo casar-me com essa mulher, Téo... Ninguém cuida dela nem a quer; está sozinha e abandonada; e eu apanhei-a e lhe dei todo o amor, toda a ternura, todos os cuidados que estavam em mim". Perguntou a Téo o que existia de inconveniente na situação? Téo respondeu que um tal casamento seria um grande golpe para a família, que financeiramente seria impossível, que moralmente seria uma catástrofe. E Vincent respondeu apenas que se o fundamento moral interessava, a criança a que a mulher dera à luz, "tirara dela toda mancha. Respeito a mulher que é mãe". Em resposta, Téo mandou a Vincent cento e cinquenta francos. E Vincent lavou a criança e cuidou da mãe. À medida que a criança crescia, subia nos joelhos do artista e observava-o pintar, com grandes olhos curiosos.

Van Gogh era feliz no trabalho. Mas ninguém comprava dele, e sua mulher começou a ressentir-se de sua pobreza. E então sentiram fome e frio, e brigaram e discutiram. Finalmente, a mulher embrulhou o filho e voltou à casa de prostituição. Vincent foi para um hospital tratar de uma doença venérea que contraiu da mulher que tentara salvar. Esteve de cama várias semanas, lamentando seu sofrimento. Em seu estúdio, ficou apenas um desenho de uma mulher, — nua, magra e de meia idade, abaixada em silêncio, com a cabeça enterrada nas mãos. Alguns fios de um fino cabelo castanho caem-lhe pelas costas magras. Há veias em suas pernas. Em baixo desse retrato de sua mulher está o título, numa única palavra — "Tristeza".

★

"É" isso mesmo, penso que é essa a tragédia, a história dos grandes homens", escreveu Vincent a Téo. "Não encontram obstáculos somente durante a vida, mas geralmente já estão mortos na época em que seus trabalhos são publicamente reconhecidos". Vincent ainda estava passando pelo processo de formação como artista. Convencia-se cada vez mais de que a grande mensagem da pintura não estava no desenho mas na cor. E essa cor não devia ser, de medo algum, a "serva" do desenho; e sim o "próprio desenho". Nem devia ser estática; e sim vibrante e dinâmica. Uma vez, olhando uma paisagem que desejava pintar, mas estando fora de suas posses os caros pigmentos que habitualmente usava, pegou algumas tintas de cozinha e pó de café. Com isso pintou a cena em todas as suas cores naturais.

Agora, contudo, podia dispor de seus quadros. "As vezes sento-me nas dunas, onde desenho com uma cor abafada no estômago, porque não tenho bastante para 'comer'", escreveu a Téo. Seu irmão continuava a mandar-lhe dinheiro sem um murmúrio. Uma vez, de um modo sardônico, Vincent escreveu-lhe que, no grupo de artistas em que vivia, nem um só pintor produzia o suficiente para pagar o aluguel do estúdio. "Duas vezes o cobrador de taxas veio a minha casa, contou, mas mostrei-

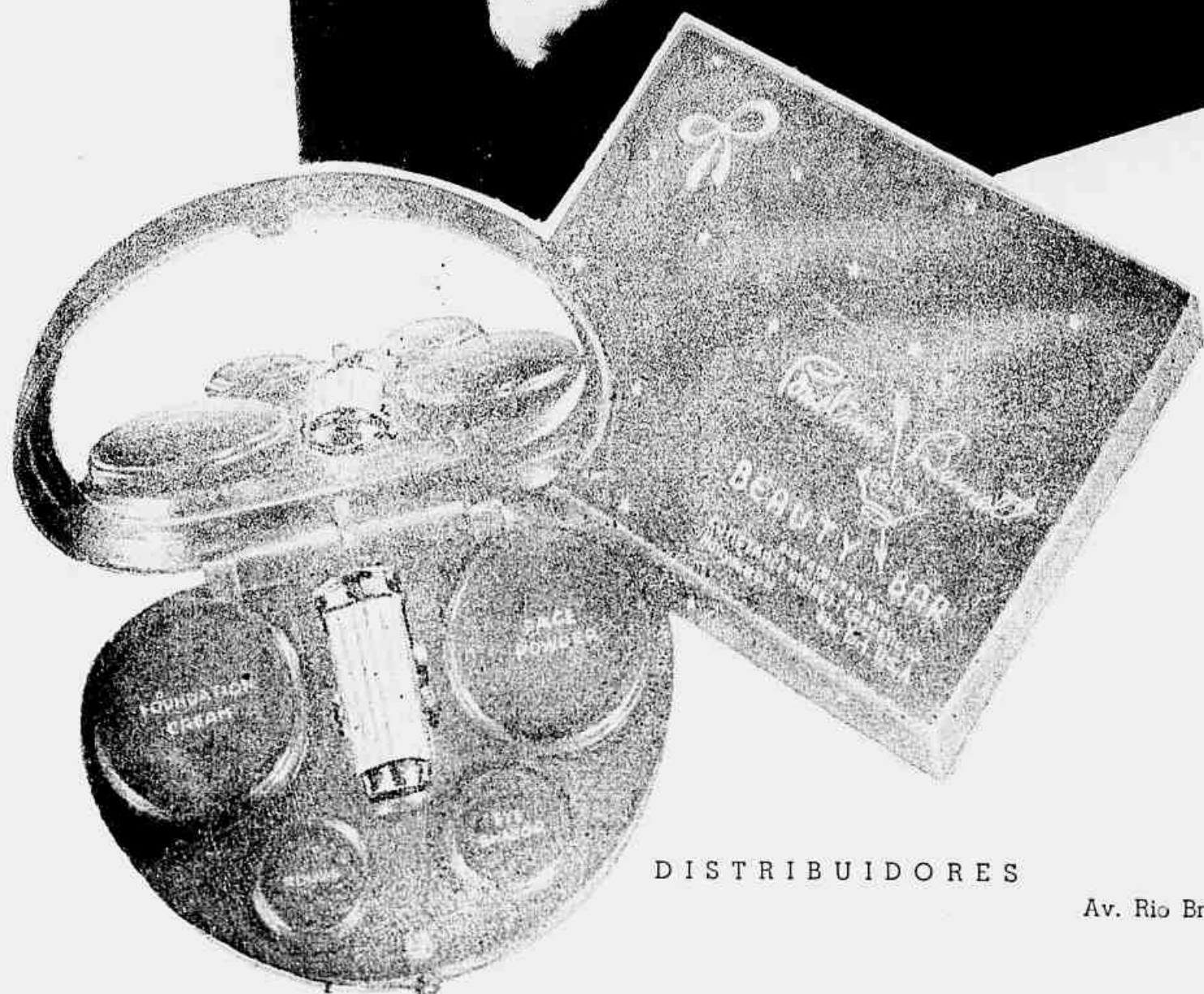
Constance Bennett



UM LINDO ESTOJO COM
MAGNÍFICOS PRODUTOS
FEITOS PARA DAR MAIOR
REALCE ÀS

mulheres belas!

Fabricados e acondicio-
nados nos Estados Uni-
dos da América do Norte



DISTRIBUIDORES

CIVIA, S. A.

Av. Rio Branco, 311 — 2º and. — Fone 22 1848

★

R. I.



O baile da Ilha Fiscal, a última noite festiva do regime imperial agonizante, segundo o quadro famoso de Aurélio de Figueiredo.

NINGUÉM morre de repente — acaba de morrer. E o diabo é que ninguém sabe quando estão acabando de morrer as criaturas que morrem de repente.

No dia 9 de novembro de 1889, não havia, nem mesmo entre os conspiradores republicanos, quem tivesse a noção exata da saúde precária da Monarquia. Ninguém, principalmente os monarcas e a gente do paço, era capaz de imaginar que o doente estava tão próximo da morte e que a morte o surpreenderia sete dias depois.

O imperador, a imperatriz, a princesa Isabel, as familiares da realeza, estavam na doce e cãndida ilusão de que a Monarquia vivia viciosamente no melhor dos mundos.

E na maior tranquilidade eles viviam.

Na tarde de 9 de novembro, os monarcas, rodeados da parentela e de amigos íntimos, divertiam-se ouvindo no paço da cidade o fonógrafo, que era, na época, a mais curiosa e mais sensacional descoberta de Edison.

Quatro dias antes, a bordo do "Orotava", vindo de Lisboa, chegara ao Rio de Janeiro o comendador Carlos Monteiro de Souza, trazendo o último modelo do fonógrafo. O comendador, que era a representante de Edison no Brasil, vinha fazer no nosso país demonstrações do maravilhoso aparelho.

Pedro II teve sempre a imensa virtude da curiosidade científica.

Na manhã de 9 o comendador Monteiro de Souza sobe as escadas do paço da cidade e pede ao imperador que lhe marque dia e hora para fazer uma demonstração da nova máquina de Edison.

Sua majestade mostra-se de tal maneira ansioso em conhecer o invento que marca a audiência para aquele mesmo dia.

A demonstração começa as seis da tarde. Pouca gente: D. Pedro II, a imperatriz, a princesa Isabel, o conde d'Eu, o príncipe D. Pedro Augusto e alguns íntimos da casa.

Não era aquele o primeiro fonógrafo que

O FONOGRAFO NO PAÇO IMPERIAL

Por VIRIATO CORRÊA

(Da Academia Brasileira de Letras)

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

★

entrava no Rio. Anos antes, em 1879, na rua do Ouvidor, onde é hoje a Casa Círio, pela quantia de mil réis ouviu-se a primeira máquina falante que enchia o mundo de estupefação. Era bem diferente desta que agora expunha o comendador Carlos Monteiro de Souza. O aparelho primitivo tinha um cilin-

dro metálico de cerca de 0,10. Para gravar a voz adaptava-se sobre esse cilindro uma fina folha de estanho e sobre essa folha um diafragma com uma ponta aguda que marcava um sulco sinuoso quando o cilindro, equilibrado à esquerda, era acionado por uma manivela à direita. Falava-se sobre esse diafragma que ia girando, e, ao chegar o sulco ao fim da lâmina que se deslocava para a esquerda, substituiu-se o diafragma registrador por outro reproduzidor, de malacacheta. Voltava-se então à extremidade oposta, fazia-se de

(Continua na pág. 78)

D. Pedro II, a princesa imperial D. Isabel e o conde D'Eu, ao receberem, a 16 de novembro de 1889, das mãos do major Solon, a intimação do Exército, assinada pelo marechal Deodoro da Fonseca.





A esquerda : O Sr. Morvan Figueiredo na intimidade dos seus operários, permite momentos de humor, sem quebra do respeito devido ao chefe amigo. A direita : O Sr. Morvan Dias Figueiredo recebendo uma expressiva manifestação dos seus operários e funcionários das indústrias Nadir Figueiredo, em São Paulo. O novo Ministro do Trabalho está no primeiro plano, em colete, tendo à sua esquerda seu irmão Nadir Figueiredo.

UM HOMEM PARA UM CARGO

O senhor Morvan Dias de Figueiredo, chamado ao cenário político do país, veio de São Paulo para assumir a pasta do Trabalho sob os melhores auspícios. Bem poucos homens terão merecido juízos tão encomiásticos, de tão numeroso tribunal, como os que S. Ex. conquistou, à só escolha de seu nome, de todos os grêmios trabalhistas do Estado Bandeirante.

Está S. Ex. à altura das responsabilidades do alto cargo que lhe foi conferido, e que maiores se tornaram ao uníssono clamor de aprovação com que empregados e empregadores incensaram sua personalidade, afirmada através de anos e anos, com relevo cada vez maior, no panorama industrial do Brasil.

Verdadeiro *self made man*, o sr. Morvan Dias de Figueiredo subiu sózinho os degraus que teriam de levá-lo às culminâncias. Começou a viver no trabalho, orfanado aos treze anos de idade, em 1903, quando se deu o óbito de seu pai, o engenheiro Bernardo Joaquim de Figueiredo. O adolescente filho do Recife, vivendo então em Minas Gerais, deixou o curso do Ginásio Mineiro de Belo Horizonte para a vida de trabalho que não mais interromperia, como praticante de farmácia. Daí, o futuro Ministro passou

a ser caixeiro de importante loja de fazendas, ainda na capital de Minas, onde pôde preencher por completo os problemas dos comerciários, com a sua inata visão humana, o que o levou mais tarde, quando membro da Sociedade Caixeiral Santista, a participar da regulamentação do horário de trabalho no comércio.

Em 1906, transferindo-se para São Paulo, o sr. Morvan Dias de Figueiredo era conferente da E. F. Sorocabana função que desempenhou durante dois meses, passando então a prestar serviços na Companhia Docas de Santos, onde ascendeu de humilde praticante da descarga no porto, com 150 cruzeiros mensais, a conferente de descarga escriturário, ajudante de fiél de armazém, fiél de armazém e chefe do Departamento do Tráfego. Em 1912, mercê da sua vida simples, tinha pequenas economias, e foi isso que lhe propiciou a fundação com seu irmão Nadir Figueiredo, de uma pequena indústria, que hoje é uma das de maior conceito em São Paulo, com seus 2.400 operários.

Antigo ferroviário, portuário e comerciário, o ilustre homem de trabalho — que afirma ser ainda um trabalhador — identificou-se com o panorama social do Brasil. A sua vida operosa foi-lhe uma

escola inestimável, em que aprendeu a difundir no seio dos empregados todos os benefícios possíveis. Assim fez no Serviço Social da Indústria (SESI), espalhando pelo Estado de São Paulo postos de abastecimento para a venda aos operários de gêneros alimentícios baratos. Assim fez no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) que, com ensino gratuito, torna centenas de filhos de operários aptos para uma profissão.

De pioneiro da legislação social brasileira — quando, em Santos em 1908 logrou fixar um horário para o trabalho no comércio — fez-se líder sindical, presidindo vários sindicatos de classe.

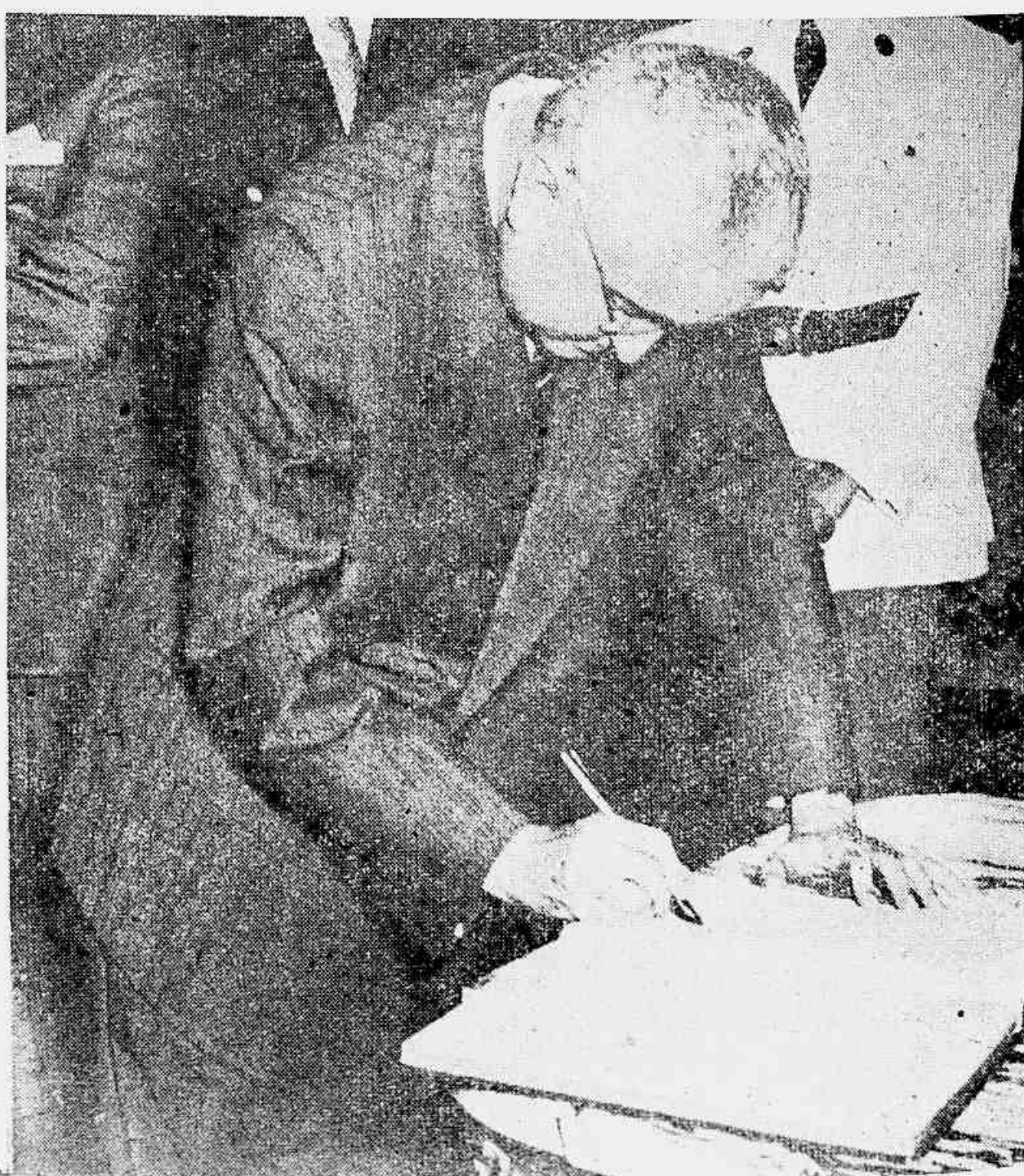
Esse é o homem que tem a experiência suficiente para criar a harmonia entre empregadores e empregados, porque é um dos mais perfeitos conhecedores da máxima de Leão XIII — o Sumo Pontífice que rasgou horizontes novos às leis sociais com a luminosa encíclica *De Rerum Novarum* —: "Do trabalho do operário nasce a grandeza das nações".

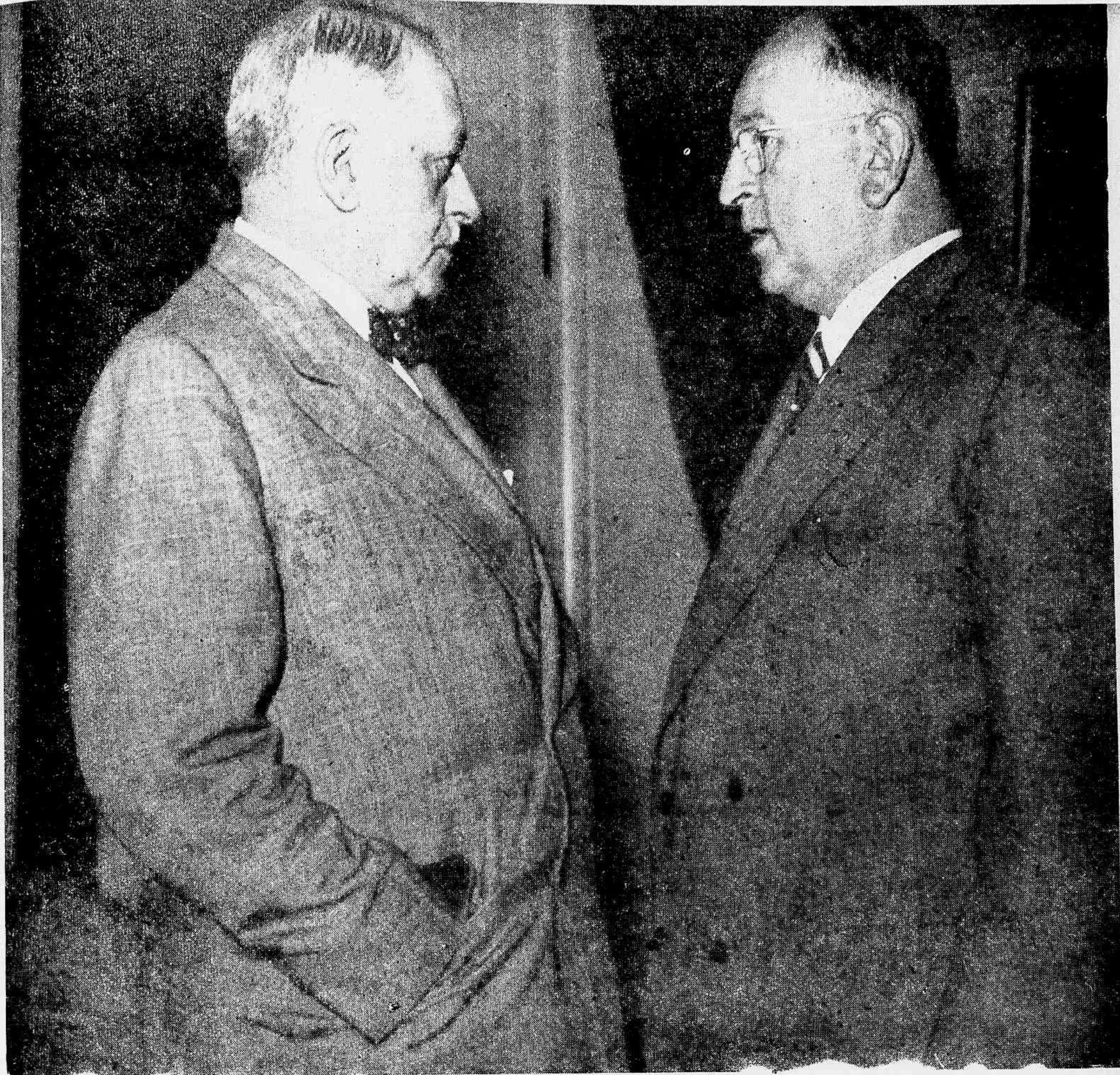
O Sr. Morvan Dias de Figueiredo fundou a Liga do Comércio e da Indústria de Louças e Ferragens do Estado de S. Paulo, que presidiu até 1945; foi presi-

dente do Sindicato do Comércio Atacadista de Louças, Ferragens e Tintas e do Sindicato da Indústria de Vidros e Cristais; foi membro do conselho fiscal de várias outras entidades sindicais, além de tesoureiro do Sindicato da Indústria de Ferro e Metais do Estado de São Paulo e vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Ao ser escolhido para a pasta do Trabalho, as "qualidades morais reconhecidas, espírito público acentuado e capacidade de trabalho pouco comuns" do Sr. Morvan Dias de Figueiredo foram exaltados pelos mais expressivos grêmios de classe como a Federação das Indústrias, a Federação Nacional dos Condutores de Veículos e os Sindicatos da Indústria de Fiação e Tecelagem, dos Vendedores e Viajantes do Comércio de São Paulo, dos Enfermeiros e Empregados em Hospitais e Casas de Saúde, dos Metalúrgicos, dos Trabalhadores na Indústria do Papel e Papelão de São Paulo, dos Trabalhadores das Indústrias Gráficas, dos Empregados em Hotéis, Restaurantes e Congêneres, da Indústria de Marcenaria, da Indústria de Laticínios e Derivados, do Comércio Atacadista de Gêneros Alimentícios da Torrefação e Moagem de Café, de Bolsas e

A esquerda : O Sr. Morvan Dias de Figueiredo assinando o termo de posse no Palácio do Catete. A direita : O Presidente Eurico Dutra referendando o termo de posse do Ministro Morvan Dias de Figueiredo.





O primeiro encontro do Sr. Morvan Dias de Figueiredo, após sua escolha para o cargo de Ministro do Trabalho, com o Interventor Macedo Soares, nos Campos Eliseos.

Peles e Agasalhos, do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios, de Lavandarias e Tinturarias, do Comércio Varejista de Feirantes; de Alfaiataria, Confecções e Roupas Feitas; dos Salões de Bihares, da Indústria de Móveis de Juncos e Vassouras dos Vendedores Ambulantes, de Joalheria e Ourivesaria.

Um aplauso unânime, verdadeira consagração, ao right man.

Sem compromissos político-partidários de espécie alguma, o Sr. Morvan Dias de Figueiredo assume a pasta do Trabalho trazendo como penhor da sua administração sua larga folha de homem trabalhador, experiente, conhecedor das necessidades de uns e outros.

Eis por que S. Ex., à guisa de programa, afirma que agirá no sentido de dotar o trabalhador e sua família de uma

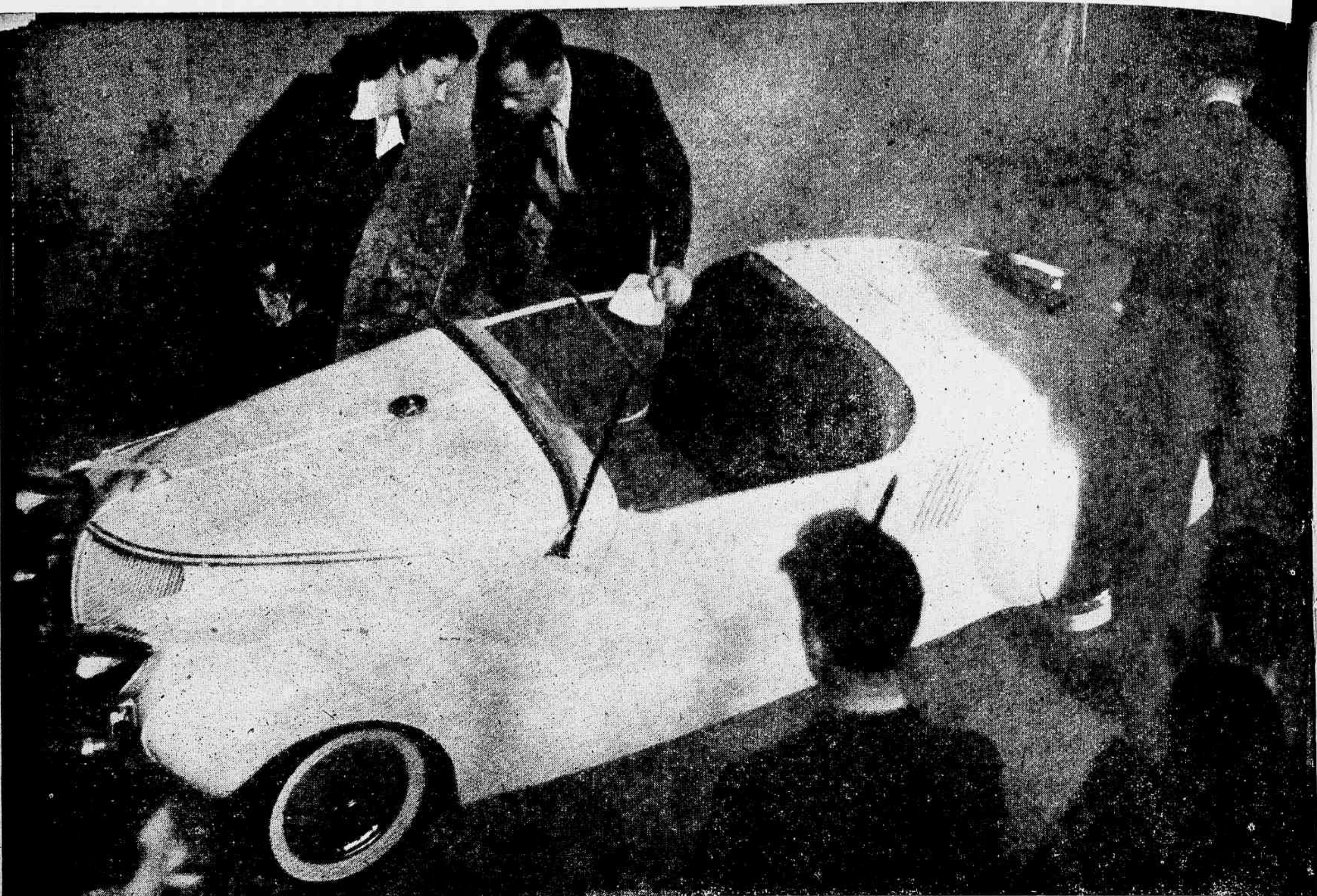
vida decente, com alimento, vestuário, habitação e educação condignos; que terá como preocupação máxima a organização sindical, fortalecendo-a na sua estrutura; que procurará implantar a harmonia entre patrões e empregados; que fará dos sindicatos órgãos exclusivamente defensores dos interesses dos trabalhadores, sem que se prestem a ser entidades a serviço de agrupamentos políticos.

A escolha do Sr. Presidente Eurico Dutra foi acertadíssima e tudo faz crer que o Sr. Morvan Dias de Figueiredo, de personalidade definidíssima e inatacável, seja realmente um notável Ministro do Trabalho.

Sêneca disse que para o homem dado ao trabalho não há dia grande, mas para o Brasil, que escolheu esse trabalhador, houve um grande dia.

A esquerda: O novo Ministro do Trabalho discursando após a sua posse, no Palácio do Ministério. A direita: O Sr. Morvan no gabinete do seu estabelecimento industrial, em São Paulo, dá sua primeira entrevista a um jornalista da Paulicéia.





Modelo Boitel, — dois lugares e motor de dois cilindros.

A FRANÇA PRODUZ “AUTOS DE BOLSO”

O “Salon de l'Auto” tem 48 anos. Na verdade, em 1898 — quando ele nasceu — ainda não se usava a palavra “salão”. Foi u’a “Exposição das Indústrias Automobilísticas” que o Automóvel Clube da França, por iniciativa do seu vice-presidente, marquês de Dion, organizou, pela primeira vez, naquele ano, no Jardim das Tulherias. Aliás o “Grand Palais” ainda

A luta para economizar metal e gasolina conduz aos automóveis anões

Por **PIERRE LORME**

não existia naquele tempo. Só foi construído em 1900, para a Exposição Universal de Paris.

O marquês de Dion foi uma das personalidades mais dinâmicas da França no mundo da indústria. Nascido na aristocra-

Especial para REVISTA DA SEMANA

cia francesa, aparentado com as melhores famílias, de sólida posição na sociedade, apaixonou-se logo pela locomoção mecânica que então nascia. Rompendo com os preconceitos vigentes na época, em seu meio, associou-se

a um mecânico, Bourton, para fundar uma firma que teve seu momento de glória.

Ele mesmo dirigia os veículos construídos em sua usina.

Em 1895, o marquês de Dion teve parte preponderante na fundação do Automóvel Clube da França, que serviu de modelo às associações do mesmo gê-

(Continua na pág. 102)

A esquerda: O “Motocar” Rovin, — pouco mais que uma motocicleta... A direita: Não é um caramujo... É o V-I 333 Mathis, de três rodas, três lugares e três litros de gasolina por cem quilômetros de percurso.





Da esquerda para a direita: Théophile Gautier, segundo uma "charge" de Nador, em "Le Journal Amusant". — Um retrato do escritor. — Théophile Gautier em uma caricatura de André Gill em "L'eclipse".

SE há mister defini-lo basta dizer: foi um mestre entre os discípulos de Victor Hugo. Que bela cabeça a desse doce nobre Théo — assim o chamavam na intimidade os mais bravos legionários das letras de seu tempo. Nomeá-los? Importaria recordar todos, sem faltar um só, e de cada um, até mesmo do ácido Saint Beuve, recolher uma sentença laudatória. Têmo-lo, do princípio ao fim de sua carreira, um entusiasta e ao mesmo tempo um criador de beleza nos requintes da arte e bom gosto de que lhe adveio o justo título de joalheiro da poesia francesa. Da poesia apenas? Não. Mas por igual da prosa posto catalogou uma de suas glórias em haver servido de modelo ao célebre Gustavo Flaubert. Se duvidássemos teríamos prova na sátira de Monselet — "Le vaudeville du Crocodile" — em que o espirituoso autor colocou em cena Théophile Gautier e Flaubert, capazes de suprimir a própria humanidade em holocausto a uma página limpa e bem escrita. Sainte Beuve, o terrível Sainte Beuve,

O COLETE VERMELHO DE THEOPHILE GAUTIER

Traços da carreira do vate considerado o joalheiro da poesia francesa, no século XIX.

Por UBALDO SOARES

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

THEOPHILE GAUTIER tem muitas influências nas nossas letras. Vários dos nossos poetas o traduziram. Nos seus doze versos "Ghazel", Raymundo Correia se inspirou para escrever o soneto "As Pombas". No corrente ano, Genolino Amado, um dos nossos raros autores teatrais que são, na verdade, escritores, extraiu de um conto de Théophile Gautier a comédia "Avatar", significativo êxito artístico, na abertura da temporada de Dulcina e Odilon no Teatro Regina. Esse trabalho de Ubaldo Soares se reveste, por isso mesmo, de especial interesse para o nosso público.

não só excluiu Gautier dos "Mes Poisons", cadernos íntimos publicados por Victor Giraud, nos quais o veterano crítico derramou toda água suja de seu estábulo de Augias, sobre amigos e inimigos, como louvou-o pela segurança de sua universidade.

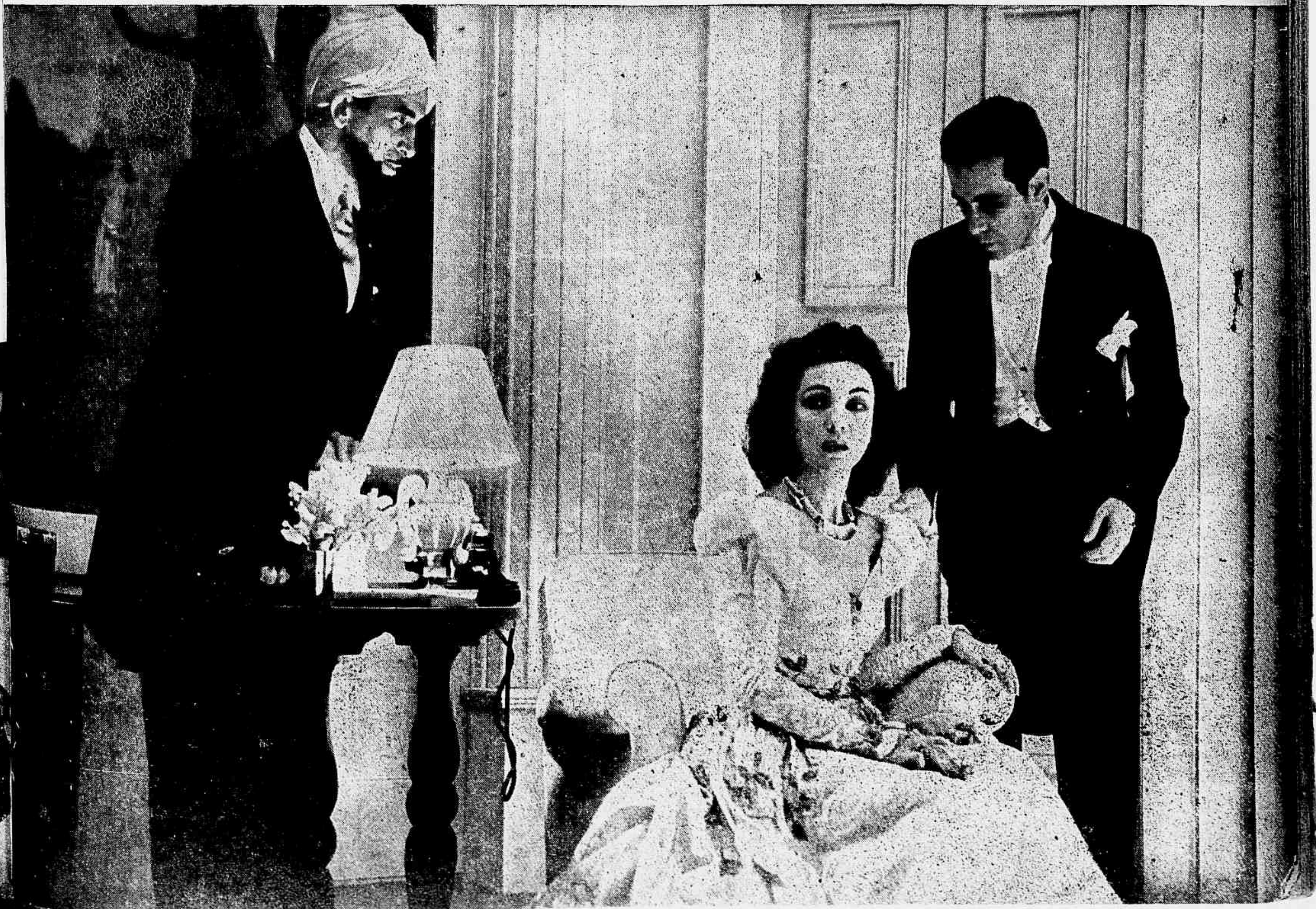
Théophile Gautier afóra a intuição poética, possuiu enorme erudição clássica, especialmente latina, capaz de afrontar, sem desdouro ou susto, um Rénan ou um Taine.

Da velha loba romana sorveu o leite de Juvenal e de Virgílio e daí sua admiração fervorosa por Victor Hugo. No entanto, Emile Montégut denominou-o um diletante superior, restritivo com que não se conformou Baudelaire colocando-o em primeiro lugar entre os grandes poetas. Gautier pagou-o na mesma moeda com aquele magnífico prefácio das "Flores do mal".

Todos nós o conhecemos apenas como Théophile Gautier, todavia seu verdadei-

(Continua na pág. 103)

Cena da peça "Avatar", que Genolino Amado escreveu, baseado em um conto de Théophile Gautier.





MATILDE BRODERS nasceu no Chile. Estudou canto no Conservatório de Música de Santiago, onde teve início sua carreira artística, interpretando trechos de compositores célebres. Seu primeiro êxito real foi quando cantou a ópera "La Bohème", de Puccini, no Teatro Municipal da capital chilena. Depois, excursionou através do Brasil, realizando em 1939 uma temporada ao microfone da Rádio Tupi de São Paulo, finda a qual se transferiu para o cassino da Urca, onde tomou parte em vários "shows". Em 1940, atendendo a um convite da Rádio El Mundo, de Buenos Aires, com a qual assinou contrato por dois anos, Matilde Broders deixou o nosso país. Na Argentina permaneceu até 1943, daí rumando para o Chile, em visita a seus parentes e amigos. Lá, nova proposta chegou-lhe às mãos, oriunda do Brasil. Era da Rádio Cultura de São Paulo, que reclamava a presença da cantora em seus programas de estúdio, levando-a a empreender nova viagem à nossa terra. Nessa estação deixou-se ficar até 1944, quando se transferiu para o Rio, afim de assinar vantajoso contrato com a Rádio Globo, da qual, no momento, é artista exclusiva. Matilde Broders integra ainda o elenco de Chianca Garcia, tendo tomado parte na revista "A volta ao mundo". Durante a guerra tomou parte em vários "shows", visitando Recife, Natal, Fortaleza e Salvador e cantando para os nossos pracinhas. Seus grandes sucessos dividem-se entre as óperas "La Bohème" e "Madame Butterfly" e as canções "Maria Lá Ó" e "Carmencita, la gitana".



ALVARO AGUIAR veio do teatro de amadores. Seu ingresso no rádio deve-se à "Hora do Ensalo", programa que Barbosa Junior apresentava na Rádio Nacional, com o concurso do auditório. Certa vez, faltando um candidato, Alvaro se apresentou, um tanto nervoso, é claro. Conseguiu o primeiro lugar, recebendo vinte e cinco cruzeiros e uma caixa de sabonetes... Mais tarde, começou a aparecer no Teatro de Amadores da PRB-7, onde o foram buscar para a Cruzeiro do Sul. Da PRD-2 passou para a Tupi, interpretando o Roberto Borges, chefe da "Família Borges". Com o aparecimento da Rádio Globo, Amaral Gurgel convidou-o para formar no seu elenco e ele aceitou. Nessa estação, Alvaro Aguiar destacou-se fazendo o "Antonio" da novela "Os filhos mandam"; o Lauro, de "Amibão"; o Ricardo de "E as estrelas brilharam" e Otávio, de "Penumbra". No cinema, apareceu em "Vidas Solitárias", enquanto que no teatro trabalhou inicialmente na Cia. Bibi Ferreira, na mediocre peça "Os amores de Sinhazinha", e agora integra a Cia. Artistas Unidos, aparecendo na obra dramática de grande sucesso "Frenesi". O festejado artista que nasceu em Três Rios, Estado do Rio de Janeiro a 12 de maio de 1917, foi, durante algum tempo funcionário da Central do Brasil, e já disputou o campeonato de "volley-ball" pelo São Cristóvão. Tem um metro e sessenta de altura, pesando setenta e um quilos, apesar do racionamento. Seu divertimento predileto é o cinema, gostando de Barbara Stanwyck, Irene Dunne, Margaret O'Brien, Spencer Tracy, Gary Cooper e Fred Mac Murray. Torce pelo Flamengo, aprecia uma boa macarronada e lê muito Machado de Assis, Humberto de Campos e Emilio Zola.



SONIA BARRETO, uma das figuras mais interessantes do nosso rádio, nasceu a vinte e cinco de março de 1916 no Distrito Federal. Dedicando-se, inicialmente, à canção, a ponto de merecer o título de "Rainha da canção brasileira", hoje ela emprega seu talento artístico no rádio-teatro. Com cinquenta quilos de peso e um metro e cinquenta de altura, Sonia Barreto, que já pertenceu à maioria de emissoras cariocas, é hoje exclusiva da PRG-3, onde trabalha ao lado de Luis Tito, Yara Sales, Paulo Gracindo e tantos outros. Seus grandes sucessos foram, como cantora, "Tarde demais", fox de Alberto Ribeiro; e, como rádio-atriz, "Eramos seis", uma interessante novela cuja radiofonização esteve a cargo de Olavo de Barros, a quem ela considera seu mentor na difícil arte de dizer ao microfone. O cinema também já contou com o seu concurso, no filme "Onde estás felicidade?", da Cinédia. Admira todos os artistas de rádio, sem exceção. No cinema sua predileção recai em Greer Garson, Bette Davis, Spencer Tracy. Quanto ao teatro, ela não faz seleção, uma vez que todos lhe agradam. Nacionalista cem por cento, Sonia Barreto, em matéria de literatura gosta muito dos livros de Machado de Assis, Humberto de Campos, Coelho Neto, Castro Alves, Olavo Bilac e Raimundo Corrêa. Suas cores preferidas: azul e branco. O prato que mais lhe agrada é "spaghetti ao sugo". Sonia Barreto, ao contrário de muitas "cantoras", estudou música, tendo mesmo lecionado canto. Não fosse o rádio, talvez a brilhante artista da Tupi ainda hoje fosse professora.



NO dia 10 de janeiro de um ano que já vai distante, nasceu Lamartine Babo. Essa figura magríssima do "broadcasting" carioca, ora desempenhando as funções de simples foguista do "Trem da Alegria", ao lado de Heber de Bôscoli e Yara Sales, tem um passado brilhante na história do rádio. Companheiro de Almirante, João de Barro, Noel Rosa e outros, contribuiu para a evolução da música popular brasileira e auxiliou nos tempos duros a radiofonia indígena, realizando programas como "A vida pitoresca e musical dos compositores", "Clube da meia-noite", "Os três mosqueteiros da garôa" e a ouvidíssima "Canção do Dia", em que punha à prova sua verve fácil e amena. Também o teatro mereceu suas vistas, tendo escrito, entre outras, a revista "Ouro à beira", que constituiu um dos sucessos da Cia. Margarida Max. Quanto à música, é com prazer que ainda hoje ouvimos "Mais uma valsa, mais uma saudade...", "Serra da Boa Esperança"; a famosa adaptação de "Teu cabelo não nega", êxito de um carnaval passado; "Rancho Fundo" e "Alma dos Violinos". Lamartine Babo, que foi aluno do Colégio São Bento e é torcedor apaixonado da América, estreou no rádio ao lado de Ary Barroso, na veterana PRB-7. Daí passou-se para a Rádio Club do Brasil. E assim, mudando de prefixo, já realizou um completo circuito radiofônico, tendo pertencido às mais destacadas emissoras nacionais, como a Nacional, Record de São Paulo, Farroupilha, Inconfidência, Rádio Club de Santos e Difusora Paulista. Também já levou a efeito diversas "tournées" pelos Estados e trabalhou ao lado de Carmen Miranda, para quem compôs várias marchinhas. É autor de três livros humorísticos, "Pindaíba", "Versos simples" e "Lamartineadas". Seu peso atual é de... peso extra-leve.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

"ALVARO GONSALVES COUTINHO, mais conhecido pela alcunha de Magriço, parece que fora natural da vila de Penedono, província da Beira, Portugal".

Assim começa a biografia desse espadachim do cavalheirismo.

Todo mundo conhece a sua história, mas, como a gentileza e a polidez andam atualmente mais racionadas do que a banha e o açúcar, aqui estou, decidida a fazer uma longa e minuciosa reconstituição do episódio.

Em 1390, uns nobres ingleses, apesar de nobres, xingaram as damas do palácio do Rei, chamando-as de "feias" e outras coisitas mais, impróprias para menores até dezoito anos.

As moças deram o estrilo, naturalmente, e apelaram para diversos compatriotas, no sentido de obterem uma revanche, porém nenhum deles aluiu do lugar para se bater em duelo a favor das senhoritas, provando assim que elas eram merecedoras das coisitas-mais que os outros haviam dito a seu respeito.

Estavam ofendidas no zení da atrapalhação quando apareceu o duque de Lencastro, disposto não a combater, porém a informar de onde poderiam ser importados espadachins fabricados a talho de foice para o mister.

"Cavalheiros conhecia ele em Portugal, na côrte d'El-Rei seu genro, de muito primor e valentia, que tomariam por grande honra achar-se em tal empresa".

As senhoras ficaram contentíssimas. Estava para elas. Sorteado os nomes dos valientes, cada Pimpinela inglesa escreveu uma comovedora carta ao seu Gostozão português, suplicando-lhe que viesse desagrává-la, sem demora de um minuto.

Ao tomar conhecimento do apelo os espadachins ficaram danadamente orgulhosos e responderam na batata:

— Iremos, nem que chova canivete!

Marcaram o encontro para a véspera do Espírito Santo, que não sei qual seja, e no dia da partida ofereceram o comando ao Magriço, que apesar de ser magro como um brasileiro de fila, era de briga e não tomava as pilulas Carter para o fígado, legítimas.

Estou tirando as notas principais desta crônica do livro "Retratos e Bustos dos Varões e Donas que ilustraram a Nação Portuguesa". Diz o autor que "obtida a licença d'El-Rei, embarcaram todos na cidade do Porto, exceto o Magriço, que por ver o mundo quis ir por terra, prometendo de ser com eles no tempo do prazo".

Como poderia o espadachim atravessar a pé o mundão d'água que se estende do Porto até



ALVARO GONSALVES COUTINHO MAGRIÇO

Os doze de Inglaterra e o seu Magriço".

"Pois pelos doze pares dar vos quero

(Lusladas)

Londres, isto foi coisa que o informante não achou necessário explicar. Continuo, porém, dando a palavra ao cronista lusitano, que em matéria de descrição movimentada é muita mais brilhante do que eu:

"Era o dia chegado, prontos os onze companheiros ao combate, os doze ingleses à vista, o terreno marcado, o sol partido e até os juizes sentados, esperando o primeiro sinal de investir, quando por entre a multidão do muito povo que também assistia, aparece o Magriço; e com o mesmo ímpeto da marcha com que vinha, sem descançar, entra a estacada, levanta a viseira, fala ao Rei e às damas, abraça como amigo aos companheiros e ocupa o lugar que lhe pertencia. Travou-se logo a mais terrível batalha. E saindo todos de tropel de uma e outra parte, arremeteram com furor e se encontraram as lanças tão rijamente que parecia quererem se

acabar ao primeiro bote. Durou por muito tempo a peleja, e se repetiu por vezes, até que não podendo mais os ingleses suportar o peso das armas com que eram acometidos dos nossos, se renderam, largando o campo e a vitória, sendo o Magriço o primeiro a triunfar".

Pois é. Em batalha de vinte e quatro homens inglês é pinto.

As Pimpinelas do palácio real cairam em delírio de gratidão e armaram uma bruta festa de regosijo. Um banquete à velha moda foi oferecido aos vencedores, sem racionamento de banha, nem de carne, nem de manteiga, nem de açúcar, nem de água, nem de sabão, nem de fósforo, nem de nada.

Continua o narrador dos "Retratos e Bustos":

"Ao tempo que se sentaram à mesa as damas quiseram deitar água às mãos cada uma ao seu; aceitando os outros cortêsmemente, dizem que o Magriço, por-

que tinha tanta quantidade de cabelo nas mãos que quase se lhe não viam as unhas, se escusara e o não consentira à sua; e instando ela, para que nisso conviesse com os outros, ele respondeu:

— Sabei, senhora, que as minhas mãos, segundo as tenho assim tão grosseiras e cabeludas, poderão ser-vos molestas e temo que vos causem desgosto.

Então a dama lhe respondeu:

— Ao contrário, elas assim são mais fortes e valentes; devo eu lavá-las com o maior acatamento, pois me salvaram da deshonra e infâmia que sem dúvida me seriam de mais desgosto..."

Diante de tamanha gentileza o Magriço capitulou, cheio de dedos, e se submeteu ao sacrifício.

Vamos agora estabelecer um paralelo entre 1390 e 1946.

Outro dia, entrando num bonde cheio e vendo-me obrigada a viajar em pé, como sempre, um cavalheiro sentado enviou-me um sorriso contrafeito e disse baixinho, com medo de ser ouvido pelos demais:

— Eu sou da velha guarda, minha senhora. Pelo meu gosto lhe daria o lugar, mas não dou porque tenho vergonha dos outros homens. Eles iam ficar me chamando de tolo...

Não respondi, porque qualquer palavra minha não seria entendida por ele.

Mas olhei-o firme e serenamente. Olhei-o muito. Uma compaixão infinita por aquele ser abjeto me invadiu o coração. Vamos que se seja cretino, mas assim já é demais.

Hoje, que a gentileza passou à categoria das coisas vergonhosas, hoje que um homem se sente amesquinhado só em ser amável com uma mulher que regresse à casa, exausta, depois de longas horas de trabalho estafante, hoje que o cavalheirismo está mais racionado do que a banha e o açúcar, o meu único consolo é pensar no Magriço! Todos os dias lhe reservo alguns instantes de evocação, como se ele fosse um santo de especial merecimento.

Dissecado na mesa da apreciação fria dos granfinos glostorados de nossa época o pobre espadachim nada mais é senão o símbolo do Ridículo integral. Tem, nada não. As mulheres gostam dele e é a conta. Gostam dele e hão de sempre escrever crônicas enaltecendo os seus grandes feitos, com o mesmo carinho e a mesma ternura com que estou escrevendo hoje.

E' verdade que temperei este artigo com algumas pitadas de ironia ferina. Mas não foi por mal. E' porque acho que a ternura fica muito mais gostosa quando vem misturada com um pouquinho de perversidade...



O general Charles De Gaulle e sua esposa.

O MODESTO ORÇAMENTO DE UM GRANDE HOMEM

CHARLES DE GAULLE VIVE COM 33.236 FRANCOS POR MES

Pergunta-se frequentemente de onde as personagens de atividade política retiram os seus meios de subsistência. Marcel Chomaki colheu para nós, sob a forma de ficha de informação, todos os dados sobre os recursos de Charles de Gaulle.

Por MARCEL CHOMAKI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

De Gaulle, Charles

general de brigada em licença renovável

O "inquirido", que foi sucessivamente chefe das Forças Francesas Livres, depois presidente do Comité Nacional Francês, co-presidente (com o general Girau), mais tarde único presidente do Comité Francês de Libertação Nacional, finalmente presidente do governo provisório da República Francesa (posto de que se demitiu em janeiro de 1946), vive atualmente em Colombey-les-Deux Eglises (Alto Marne) com sua esposa, Yvonne De Gaulle, sua filha, uma

pequena doméstica, dois oficiais de ordenança que tem seu turno em cada semana. Recebe muito poucas visitas. Sua segurança é organizada pelo Ministério do Interior.

OS SEUS BENS

Fortuna imobiliária. — Possuía em comum um bem de família nas Charentes. Esse imóvel foi vendido ao casal Chaban-Delmas (o marido foi o general e ocupou depois alta função no ministério de Informação).

O inquirido adquiriu em 1934 uma propriedade rural em Colombey-les-Deux Eglises, composta de um edifício, um vergel e prados, ao todo de uma superfície total de 2 hectares e 48 ares. Há a notar que a aldeia recebe o seu nome do fato de ter duas igrejas, embora só uma delas possua campanário. A propriedade foi sequestrada arbitrariamente em Dezembro de 1940 pelo chamado governo de Vichy. O sequestro foi levantado em setembro de 1944.

Fortuna mobiliária. — O inquirido viveu sempre com o seu soldo e alguns rendimentos de sua esposa com o nome de solteira Vendroux, Yvone. Os móveis da casa escaparam ao sequestro por terem sido escondidos pelos habitantes de Colombey. Todavia, o inquirido sofreu a perda da sua biblioteca que lhe foi roubada pelos ocupantes.

O inquirido era titular duma conta de banco em Londres, na qual depositava o produto dos direitos de autor de seus livros. Essa conta foi transferida para Paris. Deve elevar-se a dois milhões e oitocentos mil francos.

Foi igualmente beneficiário de ofertas de governos estrangeiros. Escutamos rumores a respeito de aviões ofertados ao inquirido. Eis o resultado do nosso inquérito.

AVIÃO LOCKHEED

O inquirido servia-se de um avião Lockheed. Mas esse veículo já nessa altura pertencia ao governo. Era chamado "avião de Gaulle" por servir ao transporte do chefe do governo. Continuava, de resto, como propriedade do Estado.

(Continua na pág. 100)



Ao alto : A senhora Charles De Gaulle não desdenha executar humildes tarefas domésticas, como a lavagem de pratos. Em baixo : Charles De Gaulle, general de brigada licenciado em companhia da senhora De Gaulle numa fotografia tirada antes da libertação da França.





METROPOLE — Companhia Nacional de Seguros Gerais

Opera nas seguintes carteiras:

**VIDA, INCENDIO, TRANSPORTES (MARITIMOS E TERRESTRES), AUTOMOVEIS,
ACIDENTES PESSOAIS E ACIDENTES DO TRABALHO**

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

MATRIZ: AVENIDA RIO BRANCO, 110 - 1.º Andar

Presidente: DR. F. SOLANO C. CUNHA

TRÊS missas espaçadas celebram a Natividade de Cristo, a cada 25 de Dezembro. A meia noite é dita a primeira missa, a segunda ao romper da aurora, a terceira na claridade do dia.

Três santos sacrifícios simbólicos da vida de Jesus, meia noite valendo por trevas, as do mundo antes da era cristã, a aurora de anúncio a existir universal novo, o dia mostrando todos os esplendores da redenção, de promessa divina.

A aurora principia quando Maria em Belém, encosta à mangedoura o recém-nascido Jesus, tendo por primeiras roupas simples pedaços de pano e desde vindo salvadoramente à terra já rei dela mesmo, recebendo por primeira côrte a de humildes, a de pastores. Genufletam diante uma criança reclinada sobre palhas, na proximidade de um boi e de um asno. Assim é cumprida profecia de Habacne, presagiando entre animais o nascimento do Salvador, assinalado pelo cunho da pobreza.

Em Belém transcurre a cena do Natal, nesse canto de universo que Cristo, seu nascer, sua vida, suas lições, sua paixão, sua morte, sua ressurreição sagraram Terra Santa para o rolar dos tempos.

Não admira ter a Terra Santa atraído a visita de ondas de povos cristãos, bem como a visita mais particular de pessoas da mais alta categoria social ou mental. O pensamento humano conhece reis, dois deles Lamartine e Chateaubriand, ambos de itinerário para a Terra Santa.

Desejosos de perlustrá-la, de ver-lhes os sítios mais famosos, levando por guias melhores os Evangelhos, também brasileiros ilustres buscaram a Terra Santa.

Devido a hierarquia seja arrolado primeiro D. Pedro II como visitante nosso da Terra Santa, o imperador do Brasil acompanhado na peregrinação por sua consorte e por amigo de suma fidelidade, o visconde do Bom Retiro.

Na Terra Santa haviam precedido D. Pedro II dois distintos compatriotas, e a estes o imperador nunca tratando por súditos.

Bem antes de D. Pedro, correram a Terra Santa José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada.

Diga-se o constituinte nosso nas Côrtes de Lisboa, deputado na primeira legislatura do Império, togado do Supremo Tribunal de Justiça. E mais, doutíssimo poliglota, visitante da China e da Terra Santa, nesta cavaleiro professo do Santo Sepulcro. Viria a sepultura no Hospício de Jerusalem no Rio de Janeiro.

Em 1863 outro brasileiro notório percorre os Lugares Santos. É Marcos Antonio de Macedo, magistrado, presidente do Piauí, em 1848 deputado geral pela mesma provincia.

Aguiar de Andrada não teve tempo para publicar nada sobre suas longinquas jornadas. Macedo, em francês, em livro deu conta à erudita o que observara na Terra Santa no Egito, na Síria e em Constantinopla.

Os dois antecessores de D. Pedro II na Terra Santa, Andrada e Macedo, pertencem ao grande grupo dos brasileiros ilustres que se não citam. Entretanto quão grato é relembra-los. Não se fique limitado a conhecer só alguns vultos nacionais comemorativamente assaltados por informações batidas e lugares comuns em umas tantas datas repetidas anualmente.

Aguiar de Andrada ha de ter ido a Jerusalém onde Cristo nasceu. Macedo deu testemunho escrito de sua visita ao sítio do Berço dos Bergas, o sítio de Belém. Cabe recordar Andrada e Macedo quando agora surge um novo Natal, para evocar

Na patria de Jesus

ESCRAGNOLLE DORIA

carlo avivando memória de nossos entre nassos.

Em 1863 chegou Macedo a Belém ao cair da noite. Mal na cidade foi visitar o cripta da Natividade, julgando embelezada de mais a creche da criança humana — divina.

A visita ao Presépio de Belém inspirou a Macedo as seguintes reflexões:

"Jesus Cristo veio ao mundo pobre, ao morrer possuindo túnica de nobre corpo. Por que pois os cristãos ao contrário do pensamento e dos hábitos do Filho do homem por todos os meios enriquecê-lo quando morto?"

Não seria mais agradável a Deus adorar sob o símbolo de ínfima pobreza humana aquele que para riqueza única só foi senhor dos tesouros da graça e da misericórdia infinita".

No dia imediato à sua chegada a Belém, Macedo, com vários companheiros de excursão, entre eles um frade e três padres, descem a todos os subterrâneos dados como testemunhas do nascer de Cristo em estrebaria, esta depois transportada para Roma.

Macedo penetrou na gruta artificial de onde retirara a estrebaria. Entrou na gruta por dupla escada circular abrindo passagem abaixo da abside central. As paredes do rochedo estavam cobertas do mármore e de tapeçarias preciosas.

O lugar da Natividade marcava-o estrela de prata ao redor da qual se lia: **Hic De Virgine Maria Jesus Christus natus est.**

No santuário havia dois quadros e vinte e uma lâmpadas de prata, no lado sul

da gruta indicado o lugar do Nascimento Divino.

Quanto há que vê e meditar na Palestina! Macedo, a exemplo de Aguiar de Andrada, buscou vê e meditar.

Quem abre e fecha, fecha e abre a Bíblia isto é a lê com frequência, sabe pelo Novo Testamento que o lago de Tiberiade foi teatro de grande cena da vida terrena de Cristo. Nos seus evangelhos, S. Mateus, S. Lucas e S. Marcos, pintaram a cena do salvamento por Jesus de seus discípulos numa tempestade nas águas do Tiberiade, quando os futuros pregadores da fé, embora pescadores, já se tinham por naufragos.

Macedo presenciou tempestade no lago tiberiano, observando-a de perto.

Disse o observador que a severidade de paisagem risonha de súbito sucedeu violenta comoção atmosférica. O vento agitou com sibilos e furores a superfície do lago vagas ençrmes quebrando-se contra rochedos, luz de relâmpagos tendo seguimento em trovões formidáveis.

Macedo e seus companheiros, entre os quais o padre Rego Medeiros, mais tarde bispo de Pernambuco, abrigados sob tendas recebiam vê-las pelos ares aos arancos do vento sem minuto de abrandar.

Tinham os viajantes a prova do fenómeno, embora raro, de tempestade no lago Tiberiade, tempestade semelhante àquela, de que muitas pessoas duvidavam, nela mais uma vez, Cristo sendo o Salvador.

Bem dez anos, depois de Macedo, achou-se D. Pedro II na Terra Santa no decurso de segunda ausência do seu Brasil.

A Virgem e o menino, — segundo uma interpretação anônima da escola flamenga.



Era particularmente grata à viagem aos sentimentos católicos da imperatriz D. Teresa Cristina.

Empreendendo a excursão, D. Pedro II a ela convidara amigo de infância, observador de primeira plana, o visconde do Bom Retiro. Sabia caminhar recolhendo impressões e notas, o viajante almejando mais tarde recordar trajetos.

D. Pedro e comitiva, na qual se incluía um frade missionário, frei Lavinio, chegaram a Belém à noite, tal sucedeu a Macedo. Como este, Bom Retiro foi orar na igreja da Natividade sem perda de tempo.

Respeitador do passado, Bom Retiro sabia que, quanto a tradição, o Oriente do século XIX differia do Ocidente da época. A Ásia era ainda a pátria da imutabilidade, rebelde à civilização ocidental, de mórtes exemplos a China, o Japão, a Índia, empedernidos no seu passado milenário, semi-fabuloso.

Não convinha também à Terra Santa mudar de fisionomia, queria-se tudo quanto possível qual fora no tempo do Divino Mestre.

Bom Retiro e seus augustos companheiros vieram em 1876 e 1877 os Lugares Santos como os havia deixado Macedo em 1863, seguindo os passos de Aguiar de Andrada em 1842.

Ao grupo imperial prestava excelentes esclarecimentos frei Lavinio, conhecedor a palmas da Terra Santa e autor de **Guia Indicador dos Santuários e lugares históricos da Palestina.**

Berço de Jesus foi Bethlehem, a Nazaré devia o Redentor dar nome, pela residência da Sacra Família na cidade.

Interessaram-se os viajantes brasileiros por Nazaré onde a população os recebeu entoando cânticos. Grande porém foi a emoção dos viajantes ao contemplarem Jerusalém do alto de uma chapada.

Não posso descrever, disse Bom Retiro, o que senti quando meus olhos avistaram a Cidade Santa.

Maior seria a conturbação do viajante ao penetrar no Santo Sepulcro.

Visitou o Bom Retiro, com sacrifício, um ataque de gota torturando-lhe um pé. Para ajudá-lo a descer degraus conduzindo ao Sepulcro, auxiliou-o com carinho D. Pedro II, o mesmo fazendo este ao subir Bom Retiro os degraus descidos a custo.

Resumiria agradecimento ao amparado, dizendo ao lembrar o fato: "beijei a mão do imperador, não como a do rei mas como a do amigo.

Em viagem à Terra Santa presenciara Macedo tempestade no lago Tiberiade. Bom Retiro assistiria a outra nas margens do Jordão, ele e seus companheiros abrigados em barracas que puderam resistir à violência do vento e da chuva, de trovoadas como poucas.

Durou três horas sem remissão, à luz de fusis e ao som de trovões incessantes cujos ecos eram seguidos pelo rumor das águas do Jordão em cheia. Dir-se-iam duas trovoadas num mesmo sítio.

A manhã seguinte era de seguir viagem. Raiando a aurora nem mais sinal da trovoadas. Céu azul, dia sereno, sol em triunfo, sol bem mais castigante que o do Brasil, observaria Bom Retiro.

Tudo Terra Santa quanto está aqui relembração. Em alguns palmas daquela terra foi improvisado berço para criança sem segundo, criança cujo Natal em espontânea alegria tem sido celebrado no descenso dos séculos.

Nem as duas últimas guerras mundiais puderam deixar em olvido a noite e o dia de Natal, a humanidade a lembrar-se que ainda tinha coração.

Livros

ANGUSTIA DOS SÉCULOS, versos de Adroaldo Barbosa Lima — São Paulo, 1946.

Os poematos que compõem este volume foram, em geral, inspirados pela guerra, pela última guerra e pela idéia de todas as guerras. Páginas de horror, de revolta, de melancolia. Nelas o espectáculo da derrocada e do morticínio se traduz em anátemas e lamentações. Para significar o efeito de tais hecatombes na inteligência, nos nervos, no sentimento de um puro idealista, surgem com frequência imagens a que não falta beleza poética. Porque ao doutrinador, ao filósofo se irmana, quando se não sobrepõe, o poeta.

Damos a seguir algumas estrofes em versos heroicos, com a variante de alguns alexandrinos, da primeira parte do livro. É uma invocação às mulheres brasileiras, especialmente àquelas cujos filhos fizeram parte da F. E. B. e se bateram na Itália.

*Mães heróicas do povo do Brasil,
vós sois o sangue e o espírito da Terra,
o heroísmo contra a podridão mais vil
do horror e do assassinio desta guerra!*

*O' mães heróicas, sois o anonimato
entre o infortúnio e o correr da existência!
(O herói é anônimo, mas é de fato
o sublime do heroísmo em sua essência...)*

*As mães, se as mães pudessem convencer
a maldade dos homens infelizes
e ambiciosos, talvez pudessem a paz vencer
e o universo trilhar melhores diretrizes...*

*O' mães heróicas deste povo amigo,
mãe do pracinha que encontrou abrigo
em Pistóia, entre as lágrimas estranhas
de um solo inimigo ou sobre a neve fria;
mães heróicas que choram todo o dia
a saudade dos filhos que são mortos;
mães das roças, das urbes e dos portos!*

*Ergei os vossos braços, mãe tristonha
e mãe feliz, ergei-os para os céus
e suplicai a luz que a humanidade sonha,
a luz que vale mais do que os trufeus,
que o heroísmo, mais que o sangue e que a vitória:
a paz imorredoura para a História!*



SUTILEZAS, MÁCULAS E DIFICULDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, por Vasco Botelho de Amaral — Edição da "Revista de Portugal" — Lisboa, 1946.

Os capítulos que compõem o presente volume foram antes artigos para a Imprensa. Não há no texto declaração explícita em tal sentido; mas bem se depreende, no correr das páginas, a sua orientação e destino primitivos. Não raro elas contêm respostas a correspondentes amigos de discutir ou simplesmente desejosos de aprender. E o autor atende a essas solicitações ou esses desafios com a solicitude de quem d'elles precisa para manter o motivo e a oportunidade da sua tarefa de colaboração.

O Sr. Botelho de Amaral é um indagador apaixonado das origens e bases do idioma. Toma esse estudo contínuo e profundo como se fora uma sagrada missão reclamada, considerada indispensável pela coletividade. Acudindo a esta ou aquela interpegação, visa o interesse de toda a gente. Ensinar a língua como deve ser ensinada e não como os cultores sem preparo e sem escrúpulo a possam apresentar, pretendendo impô-la à atenção do público — eis, a seu ver, mais que um mister ou uma obrigação: Trata-se de um apostolado, para ser exercido quotidianamente ou a todos os momentos favoráveis. Assim fazia em Portugal, não só no livro e na cátedra mas também no jornalismo, Candido de Figueiredo; assim fizeram no Brasil, por exemplo, João Ribeiro, Audelino Freire, Mário Barreto, para só falar de mortos. No cumprimento do seu mandato inspirado, o autor das *Sutilezas, maculas e dificuldades* se vale de todos os ensejos, todos os pretextos: leituras sistemáticas ou de acaso, críticas alheias, novos compêndios, programas, reformas, regulamentos. Aceita a polémica e até a provoca, não apenas como interessante mas como, nestes casos, inevitável e imprescindível. E consegue tirar desses encontros, já com a verdadeira competência, já com a pretensão pedantesca ou a mera ignorância elementos sempre proveitosos.

Note-se: Não há nas presentes lições a atitude de um desses puristas que levam a intransigência até à idéia fixa e ao delírio. Sente-se, porém, aqui o batalhar infatigável que se alimenta da sinceridade da aspiração. O Sr. Botelho de Amaral é dos que se batem, não por orgulho nem por teimosia, mas por amor à causa. E isso o induz a responder, fechando agora um dos capítulos do livro, a alguém que desejaria vê-lo tomar frente de uma cruzada pelo ressurgimento da Língua de Portugal:

"Pela parte que me toca, apenas direi, repelindo-me: se Deus me der vida, saúde e paciência, continuarei, o melhor que puder e souber, na faina ingrata da defesa da Língua Portuguesa. Se todas se lembraram de que a Língua Portuguesa está fora e acima de todos os debates, quer por ignorância linguística ou estilística, quer por exageros e atrocidades de calunias, a Cruzada necessária pela Língua de Portugal já estará meio realizada."



A MULHER E A MENTIRA, romance de Matheus de Albuquerque — Irmãos Pongetti — Rio de Janeiro, 1946.

O herói deste romance, Jacques Autran, é um homem que sabe amar e ser amado. Ocupando um vago posto diplomático, de que, no livro, quase se não fala, consagra a sua existência principalmente às mulheres.

Não a todas, entenda-se. Autran está longe de se parecer com algum desses indivíduos existentes em qualquer sociedade e que consideram a Mulher um passatempo, um jogo ou um esporte. Para eles o "eterno feminino" constitui apenas um objecto de vaidade conquistadora. Amam no sentido quantitativo. E têm um ideal que espe-

Feliz Natal
e
Próspero Ano Novo
é o que desejamos aos
nostros amigos e clientes



MATERNIDADE

Arnaldo de Moraes



PARTOS, GINECOLOGIA E
CIRURGIA DE SENHORAS
TELEFONE 27-0110

Casa de saúde especializada para partos, ginecologia e cirurgia de senhoras. Tratamento de tumores pelo Radium e Radioterapia profunda. Serviço de assistência ao parto com internação e assistência médica por Cr \$ 2.000,00 mediante inscrição e exame obrigatórios com um mês de antecedência e sinal de Cr \$ 1.000,00. Raios X diagnóstico permanente. Anestesia pelos gases. Médico permanente para atender aos casos de urgência.

BUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA

CIA. IMPORTADORA GRÁFICA ARTHUR SIEVERS

Matriz:
SAO PAULO
Rua das Palmeiras, 239/247
Caixa Postal 1652
Tel. 3-9121



Filial:
RIO DE JANEIRO
Rua Tenente Possolo, 34-A
Tel. 32-5175

Importadores de máquinas e materiais para artes gráficas, litografia, fotogravura, indústria de cartonagem, etc.

Agentes em: Belo Horizonte — Porto Alegre — Joinville — Bahia — Recife — Fortaleza — Belém do Pará — João Pessoa

Nova

Matheus de Albuquerque

A MULHER

A MENTIRA

FRANCISCA

FRANCISCA

Jacques Autran procede com certa condescendência, uma elegante, engenhosa moderação. Os três enredos em que o seu coração se vê envolvido, não vão além nem ficam inferiores ao gênero alta-comédia. Incluem, com a graça e o brilho dos amores educados, algumas passagens tristes, contratempos inevitáveis, separações, epílogos de desgano, dúvida ou saudade... Mas em cada caso dêsses a vida continua e o tempo saberá resolver ou acomodar as coisas. A facilidade do seu *tout s'arrange* não vai até ao repertório de Capus; fica, e fica muito bem, no ambiente dos *Amants* de Maurice Donnay.

Tendo-nos dado até agora, romances brasileiros ou com personagens brasileiros: *A juventude de Anselmo Torres*, *Nair* e outros, desta vez o Sr. Matheus de Albuquerque nos oferece qualquer coisa de cosmopolita, situada num desses países aos quais, de passagem, para temporadas mais ou menos longas ou para ficar de uma vez, afflue gente da Terra inteira. Não diz o texto exatamente onde ele fique; vê-se que é na Europa; a rigor, podia ser em qualquer ponto do mundo chamado civilizado. Paul Morand, que faz os seus personagens passarem por todos os climas e panoramas do nosso globo, apreciaria — sem dúvida apreciaria — se chegar a conhecê-lo — este romance caracteristicamente internacional. Não é, porém, aos livros de Morand, de acção veemente e precipitada, que o do Sr. Matheus de Albuquerque se assemelha. A tendência para o exame psicológico, de estudo dilatado e ao mesmo tempo intenso perante os caracteres e as emotividades, antes aproximaria o escritor brasileiro de outro francês notório: Marcel Proust. Para que, porém, buscar afinidades, estabelecer comparações? Matheus de Albuquerque possui bem aquilo que se chama individualidade. E o seu estilo, apesar de tantos anos o conselheiro do Brasil haver passado longe deste país, se apresenta — não obstante algum galicismo fatal e, assim mesmo, raro — cada vez mais claro, destre digno e cativante. Em verdade, a linguagem da *Mulher* e a *mentira* nos consola de muito estrangeirismo, muito bastardismo que por aí anda.

AS IDÉIAS DE EÇA DE QUEIRÓS, amplo estudo de Francisco José dos Santos Werneck (José d'Além) — Livraria Agir, editora — Rio de Janeiro, 1946.

A maior dificuldade para se escrever acerca de Eça de Queirós evidentemente consiste em que, há muito, da sua individualidade e da sua obra se disse quanto de essencial ou necessário se poderia dizer. Nunca, de certo, no nosso idioma, houve homem de letras tão discutido, tão comentado, em todo caso: tão falado. Logo as suas produções de estréia determinaram ataques e louvores veementíssimos, sem falar das apreciações que ficavam entre esses dois extremos. Os camaradas do moço escritor julgavam necessário explicá-lo ao público que talvez o lesse sem devidamente o compreender. Ocupavam-se dele, interessados na sua carreira e no seu bom êxito, atestando-lhe uma dedicação que a nenhum outro dispensavam. Dar-se-ia isso apenas por ser Eça de todos o mais combatido ou por pressentirem os outros, sem exceção, nos folhetins iniciais da *Gazeta de Portugal*, as qualidades daquele que, na sua geração e no seu tempo, se tornaria o artista máximo da prosa portuguesa? De qualquer modo, Eça de Queirós entrava nas letras excepcionalmente favorecido — o que, muitas vezes, não deixa de constituir uma desvantagem ou um perigo — pela condição da notoriedade. E sempre a seu respeito, a propósito de cada obra ou cada projecto e até dos períodos que pareciam improdutivos, se publicaram artigos, crônicas, ensaios mais ou menos longos — até aos volumes consideráveis e por fim a esta catadupa de livros que se anteciparam e ainda agora se sucedem à data do centenário do seu nascimento. Daí, repetimos, a exigente, penosa tarefa que, para os comentadores desejosos de exprimir alguma idéa ou impressão propriamente sua, representa quer uma vasta obra quer uma simples página sobre tão excepcional individualidade.

O Sr. Santos Werneck escolheu como tema as "idéias" daquele que, pela imaginação e o estilo, se impoz à admiração ora arrebatada ora enlevada de toda a gente. De certo, ao empreender sistematicamente as suas pesquisas não esperava ele encontrar, através de tanta observação e tanta fantasia, tanta sensibilidade e tanto espírito, uma lógica seguidamente equilibrada e, em todas as feições ou aspectos, impecável... Já outros se haviam dado ao trabalho de assinalar, de um para outro livro, incoerências mais ou menos comprometedoras... Isso, porém, não prejudicaria o entusiasmo nem o respeito que ao Sr. Santos Werneck inspirara antes cada um dos romances ou trechos em questão. Todo homem, e sobretudo um criador de ficções e de formas de arte, tem o direito de, em épocas mais ou menos afastadas, emitir conceitos diferentes sobre coisas — na aparência ou para o comum das pessoas — idênticas. Em todos os grandes escritores, especialmente entre os dados aos surtos da inventiva e aos brincados da linguagem, se poderão descobrir tais desencontros se não verdadeiros antagonismos. E não nos esquecerá nunca a resposta de Octave Mirbeau, num artigo de polémica, a alguém que o acusava de haver emitido sobre a mesma questão: os meios inter-relativos e as possibilidades criadoras dos artistas de teatro — manciças de ver acentadamente opostas entre si: "Mas, senhor, são os anos que não mudam de opinião!"

No trabalho do Sr. Santos Werneck, não houve, nem de longe, o propósito, alhures tão acentuado, de organizar um sistema de conceitos críticos e reparos de investigação, alheios ou próprios, "contra" o conjunto daquele legado inconfundivelmente superior no patrimônio da literatura portuguesa. Ao contrário: é a intenção de louvar, exaltar, que constantemente, nestes capítulos, se manifesta. E por essa condição de nobre, generosa sinceridade, presente sempre entre o escrúpulo da documentação e o cuidado dos juízos pessoais, mais digno se torna o presente volume de figurar entre os melhores dos consagrados a Eça de Queirós.

J. L.

OS PERFUMES DE ROGER & GALLET

PARIS - RIO

fleurs d'amour

EXTRATO - LOÇÃO - PÓ
DE ARRÔS - BRILHANTINA.

pavots d'argent

PÓ DE ARRÔS - LOÇÃO -
EXTRATO - BRILHANTINA.

vera violeta

LOÇÃO

anthea

PÓ DE ARRÔS CRAVO -
HELIOTROPE - VIOLETA.

santal

PÓ DE ARRÔS

jean marie farina

AGUA DA COLONIA
A GRANDE MARCA FRANCEZA

Souto
RIO

**É O CALÇADO QUE
ACOMPANHA
O RITMO DA
VIDA MODERNA**

**A VENDA NA
CAPITAL E
NOS ESTADOS**

DIVERSAS vezes tinha eu visto o bazar mágico. Uma ou duas vezes havia passado por diante da sua vitrine cheia de objetos atraentes: bolas encantadas, espelhos mágicos, caixinhas maravilhosas, bonecas ventríloquas, material de escamoteação, baralhos de cartas que pareciam ser "como as outras" e mil objetos desse mesmo gênero; nunca, porém, me ocorreu a idéia de lá entrar. Um dia, entretanto, completamente de improviso, Gip puxou-me pelo dedo e levou-me para diante da vitrine: tantas e tais cousas ferozes que não tive remédio senão entrar com ele.

Na verdade, eu não poderia crer que aquela loja, com a sua frente de modestas dimensões, pudesse achar-se ali em Regent Street, entre o negociante de quadros e o armazém re-incubaroras artificiais com os pintinhos recém-nascidos expostos no mostrador. Mas era evidentemente ali que se achava. Parecera-me que ela se ocultava mais abaixo, nas imediações do Circo, ou na esquina de Oxford Street, ou mesmo em Holborn, sempre do outro lado da rua, e um pouco inacessível, com qualquer coisa de uma miragem...

Mas lá estava ela, desta vez, indiscutivelmente, e a ponta do dedo de Gip passeava rangendo sobre a superfície do vidro da frente.

— Se eu fosse rico, — dizia Gip, indicando objetos de escamoteação, — comprava aquilo... E aquilo! — E designava o bebê que chora. — E depois aquilo! — Aquilo era um mistério e denominava-se, assim o afirmava um letreiro: "Compre um e maravilhe os seus amigos" — Por baixo de uma dessas caixas, — explicava Gip, — pode-se fazer desaparecer tudo o que se quiser. Li isto em um livro... Olhe, papai, veja como o soldo desaparece, somente eles a puseram assim para que não se veja como se faz o passe.

Gip, o meu querido filho, herdou as qualidades de sua mãe; certo ele não tinha tensão de entrar na loja e, na realidade, não se preocupava em adquirir aqueles objetos. Apenas, como se vê, de um modo perfeitamente inconsciente, ele me arrastava por um dedo em direção à porta, revelando mui claramente o seu desejo.

— Isto, — disse ele, indicando a garrafa mágica.

— Que farias disto? — perguntei.

— A essa pergunta convidativa, ele erguer para mim os olhos subitamente iluminados.

Mostrava-a a Jessie, — respondeu ele, pensando, como sempre, nos outros.

— Faltam apenas uns cem dias para o dia dos teus anos, Gibbles, — disse eu, pondo a mão no ferrolho da porta.

Gip não abriu a boca, mas apertou-me ainda mais o dedo, e entramos no bazar. Não era um bazar comum, era um bazar mágico, mas Gip não manifestou nenhuma preferência impetuosa, como se se tratasse de simples brinquedos. Ele deixou a mim o cuidado da conversação.

A loja era pequena e estreita, muito mal alumada, e o títano souo novamente com um som lastimoso, quando tornámos a fechar a porta, depois de entrarmos. Ficámos sós durante alguns minutos e pudemos inspecionar o interior. Em cima da vitrine que cobria o balcão baixo, havia um tigre de massa de papelão, um tigre circunspecto, de olhos meigos, que embalava metódicamente a cabeça; havia também vários globos de cristal, uma mão de porcelana, que segurava umas cartas mágicas, uma quantidade de aquários de diversas dimensões, e um chapéu mágico que, sem a mínima reserva exhibia à vista as suas molas. No chão e encostados ao balcão, alguns espelhos mágicos, dos quais uns faziam com que as pessoas parecessem desmesuradamente altas, outros inchavam-lhes a cabeça, e encurtavam as pernas, outros achatavam e inchavam como uma bola. Enquanto essas deformações nos faziam rir, o negociante, segundo supuz, tinha chegado.

O que sei é que apareceu por detrás do balcão; — era um homem baixo, de aspecto original, pele amarelada escura; tinha uma orelha maior que a outra e o queixo arrebitado.

— A que devo o prazer...? — principiou ele, estendendo os seus longos dedos mágicos por cima da vitrine.

Esse modo de nos revelar a sua presença fez-nos estremecer.

— Eu queria, — respondi, — comprar para este menino alguns estratagemas simples...

— Estratagemas de passe-passe? — inquiriu ele. — Mecânicos?... Ou jogos de salão?...

— Contanto que sejam divertidos, — disse eu.

— Hum! — exclamou o negociante, coçando a cabeça, e refletindo um momento.

Então, muito visivelmente, ele tirou da cabeça uma bola de vidro.

— Uma coisa deste gênero? — perguntou ele, mostrando o objeto.

O gesto era imprevisto. Tinha eu já visto executar aquele passe inúmeras vezes, ele faz parte do repertório comum dos prestidigitadores, mas de certo não o esperava naquele momento.

— Ah! muito bem! — disse eu rindo.

— Não é verdade?

Gip estendeu o braço para apanhar a bola, mas achou vasia a mão do vendedor de brinquedos.

— Ela está no seu bolso, — disse o homem.

Gip examinou os bolsos e encontrou-a.

— Quanto custa ela?

— Nós não levamos nada pelas bolas de vidro —

respondeu cortemente o negociante. — Nós adquirimo-las, — enquanto falava ele tirou uma do cotovelo, — de graça.

E de trás do pescoço extraiu uma outra que colocou em cima do balcão do lado da precedente. Gip observou cautelosamente a sua bola, depois voltou um olhar interrogador para as outras duas, e finalmente fixou no negociante os olhos muito abertos.

— Pode levar estas duas também, — disse ele sorrindo. — E se não lhe desagrada, mais uma, extraída da minha boca... Aqui está.

Gip, mudo, voltou-se para mim, como a me pedir um conselho, depois, silenciosamente, meteu nos bolsos as quatro bolas, tornou a pegar-me no dedo e reuniu toda a sua coragem na expectativa da próxima aventura.

E' assim que obtemos os estratagemas sem importância, — observou o lojista.

Principiei a rir-me à maneira de quem está compreendendo uma pilhéria.

— Efetivamente, fica-lhe mais barato do que comprá-las por atacado, — disse eu.

— Sob um ponto de vista, — continuou ele. — Muito embora seja preciso pagar por fim, mas não tanto, como se supõe. Os nossos estratagemas importantes, as nossas provisões quotidianas, tudo aquilo de que carecemos, extraímos deste chapéu... Como deve saber perfeitamente, meu senhor, desculpe-me fazer-lhe estas confidências, não existe um só armazém de atacado para as mercadorias mágicas. Não sei se o senhor notou na nossa divisa: Verdadeiro Bazar Mágico.

Ele tirou da face um cartão comercial e estendeu-o.

— Verdadeiro, — repetiu, com o dedo sobre a palavra, e acrescentou: Não há absolutamente o mínimo propósito de iludir.

— Está visto que ele leva a pilhéria sofredoramente longe, — pensei eu.

Com um sorriso de uma afabilidade particular, ele voltou-se para Gip.

— O senhor é um excelente rapazinho.

Fiquei surpreso com aquela afirmativa, porque, no interesse da disciplina, era aquele um segredo que se não desvendava, nem mesmo em casa. Mas Gip aceitou-o com um silêncio impassível, sem deixar de olhar para o negociante.

— Assevero que só podem transpor aquela porta os meninos muito bons.

Como para dar a prova disso, ouviu-se um rumor de pisadas e depois uma vozinha de choro:

— Não, não, eu quero entrar aí papai, eu quero entrar aí, não.

Um pai zangado, aterrorizado, propunha consolações e compensações.

— Mas está fechado, Eduardo, — afirmava ele.

— Não, não está! — protestava o rapazinho.

— Está, está bem fechado, — disse-nos o negociante. — Está sempre, sempre fechado para esse gênero de crianças.

No mesmo momento nós entrevimos o pequerrucho, com o seu rostozinho flácido e pálido, como o das crianças que comem muito doce e pastéis; com as feições deformadas pela cólera e pela teima, o pequeno egoísta obstinava-se em dar voltas no trinco da porta.

— E' inútil, meu senhor, — asseverou o negociante, quando, impellido por uma cortezia natural, eu me precipitei para a porta afim de a abrir.

Daí a pouco, a criança mal criada, batendo com os pés e gritando, afastava-se.

— Como foi que fez isto? — perguntei aliviado.

— Pura mágica! — explicou o lojista agitando a mão.

Eis senão quando das pontas dos seus dedos irromperam faíscas coloridas que se extinguíram na escuridão do bazar.

— Antes de entrar, o senhor disse, — continuou ele dirigindo-se a Gip, — que desejava ter uma das nossas caixas: "Compre uma delas e maravilhe os seus amigos".

— Sim, — respondeu Gip, valendo-se de toda a sua coragem.

— Ela está no seu bolso.

Inclinando por cima do balcão, a surpreendente personagem (ele tinha um corpo extraordinariamente comprido) exibiu o artigo, à maneira dos prestidigitadores.

— Papel, — disse ele, e saiu uma folha do chapéu de molas. Barbante, — e da boca dele desenrolou um novelo interminável; terminado o embrulho, ele cortou o barbante com os dentes e pareceu engulir o novelo. Depois, acendeu uma vela no nariz de uma boneca ventríloqua, passou pela chama um dos dedos, que tinha ficado rubro como lacre, e lacrou o embrulho.

— Depois, quis também um ovo de escamoteação, — continuou o negociante, tomando um no bolso do lado do meu casaco e embrulhando-o do mesmo modo. Em seguida, foi a vez da Bêbê que chora. À medida que iam ficando prontos eu ia dando cada embrulho a Gip que os apertava com força contra o peito.

Ele não desviava os lábios, mas os seus olhos me pareciam tão eloquentes quanto o aperto dos braços. Ele sentia-se tomada de inexprimíveis emoções: o que estava vendo ali era "verdadeira" mágica.

Então, estremeando, senti mexer-se qualquer coisa no meu chapéu, qualquer coisa leve que saltitava. Descobri-me imediatamente, e um panto assustado voou para cima do balcão e desapareceu, creio, dentro de uma caixa atrás do tigre de papelão.

— Tá lá lá — exclamou o negociante apoderando-

se agilmente do meu chapéu. — Que ave indiscreta! Palavra! ela está chocando ovos.

O homem sacudiu o chapéu e fez cair na sua mão aberta dois ou três ovos, uma grande bola de mármore, um relógio, umas seis das indetectíveis bolas de vidro, e finalmente papel dobrado, amarrado, ainda mais, sempre, incessantemente, — sem deixar de disserlar sobre o hábito funesto que têm algumas pessoas de não escovarem os chapéus "do lado de dentro"; ele dizia tudo isto contritemente, sem dúvida, mas de um modo que se aplicava indiscutivelmente ao possuidor do chapéu.

Acumulam-se aí toda a sorte de cousas, meu senhor... Não fale no senhor apenas, em particular... Quase todos os frequentes... E' incrível a quantidade de cousas que eles trazem sobre si sem o saberem.

O monte de papel amarrado aumentava crescia; daí a pouco não se via mais que a cabeça do negociante que finalmente ficou totalmente submerso. No entanto continuávamos a ouvir-lhe a voz.

— Nenhum de nós sabe o que pode ocultar o exterior agradável de um ente humano, meu senhor. Não somos nós todos mais que uns exteriores escovados, uns sepulcros caiados?...

A sua voz deteve-se — exatamente como aconteceria se alguém atirasse com mão certa um pedaço de tijolo no gramofone do vizinho. Páis foi o mesmo silêncio instantâneo. Cessou o sussurro do papel amarrado e não se ouviu mais o mínimo ruído.

— Já acabou com o meu chapéu? — perguntei passados alguns segundos.

Não obtive resposta alguma. Olhei para Gip e Gip olhou para mim, e vimos as nossas imagens deformadas, estranhas, graves e tranquilas, nos espelhos mágicos.

— Queremos agora ir-nos embora, — tornei eu. — Tenha a bondade de dizer em quanto importam todas estas cousas?

Nada de resposta, como antes.

— E então! — exclamei levantando a voz. — Eu desejava a minha conta e o meu chapéu faça o obséquio de m'os dar.

Pareceu-me ouvir uma espécie de respiração por detrás do monte de papel.

— Vejamos atrás do balcão, — disse eu a Gip. — Ele está caçoando conosco.

Conduzi Gip até atrás do tigre de cabeça mole e atrás do balcão; não estava lá ninguém. Só o meu chapéu se achava ali, no meio do chão, ao lado dele, um coelho branco de grandes orelhas pendentes, tais como as têm os prestidigitadores, parecia absorto nas suas meditações, e tinha esse ar estúpido e pasmado que só podem ter os coelhos dos prestidigitadores. Apanhei o meu chapéu e o coelho afastou-se aos pulos.

— Papai, — disse Gip, em um tímido murmúrio.

— Que é, Gip?

— Ah! como esta loja me agrada.

— A mim também ela me agradaria, — pensei, — se o balcão não principiasse de súbito a crescer e a impedir o caminho da porta.

Mas absterme-me de chamar para isso a atenção de Gip.

— Bichinho! Bichinho! — dizia a criança, estendendo a mão para o coelho, que saltava diante de nós. — Bichinho, faz-nos um passe de mágica.

Gip seguiu com os olhos o animal, enquanto este passava por uma porta entre-aberta, que eu ainda não tinha certamente notado um momento antes. Depois, aquela porta abriu-se, e o homem que tinha uma orelha maior que a outra, tornou a aparecer. Continuava a sorrir, mas o seu olhar cruzou com o meu com uma expressão de jovial provocação.

— Sem dúvida o senhor faz gosto em ver a nossa sala de expressão? — insinuou ele com inocente suavidade.

Gip arrastou-me pelo dedo. Eu dei-te uma vistad'olhos para o balcão, e o meu olhar tornou a encontrar mais uma vez o do lojista. Eu principiava a achar toda aquela magia um tanto autêntica demais.

— E' que não nos sobra tempo para isso, — respondi.

Fosse pelo que fosse, antes de ter concluído a minha frase, estávamos dentro da sala.

— Todas as mercadorias são da mesma qualidade, — fez notar o negociante esfregando as mãos flexíveis, — e essa qualidade é a melhor. Nada aqui há que não seja verdadeira magia e garantida como sumamente engraçada. Desculpe-me senhor.

Senti puxar o que quer que fosse que estava preso na minha manga; depois, vio agarrando pela cauda um pequeno demônio vermelho que se debatia, lutava, procurava agarrar-lhe na mão para morder-lha; logo em seguida, o negociante atirou-o descuidadamente para trás do balcão. Indubitavelmente, aquilo não passava de um brinquedo de borracha, mas naquele momento!... O gesto do negociante era exatamente o de um homem que estivesse manejando um verme perigoso. Volvi um olhar para Gip mas Gip era todo olhos para um cavalo de balanço, evidentemente também mágico. Foi uma felicidade que ele não tivesse visto o demônio vermelho.

— Diga-me uma coisa, — inquiri a meia voz, indicando com os olhos Gip e o demônio vermelho. Tem muitos como este?

— Este não é nosso! Provavelmente o senhor trouxe-o consigo, — replicou o lojista, também a meia voz.

(Continua na pág. 110)

Bazar magico



O fonografo no paço Imperial

(Continuação da pág. 63)

novo girar, à mão, o cilindro e o som era reproduzido. Para que o som saísse reforçado, adaptava-se ao diafragma um porta voz de papelão.

A máquina, que agora se vinha mostrar no Brasil, figurara naquele mesmo ano na Exposição Internacional de Paris.

Era muito mais avançada do que o modelo primitivo. O som vinha gravado em cilindros de cera de carnaúba. Os cilindros enfiavam-se em um eixo metálico e um motor elétrico movia o eixo. Do diafragma reprodutor partiam vários tubos de borracha flexível que levavam o fraco som aos ouvidos dos ouvintes.

D. Pedro II era homem de minúcias, gostava de ver tudo demoradamente, detalhadamente. Ao começar a demonstração ficou ao lado do comendador, perguntando, indagando, vendo e revendo peça por peça do aparelho maravilhoso.

O representante de Edison no Brasil trazia na mala muitos fonogramas que interessavam de perto os brasileiros. Um deles encerrava palavras do grande sábio Charcot a Pedro II. Outro era uma mensagem que Pinheiro Chagas, com a sua bela voz abaritonada, enviava aos jornalistas do Brasil. Havia um cilindro com um recado amistoso do conde de Villeneuve e do comendador F. Picot aos seus companheiros do "Jornal do Comércio". Havia gravações das vozes do barão de Loreto, do visconde de Arinos, do marechal de Marajó, de Santana Nery, do visconde de Cavalcanti, do marechal Ancora, de Pereira da Silva, do coronel Francisco Moreira Cabral, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa e de Luciano Cordeiro secretário da mesma sociedade.

De fonograma para fonograma crescia o interesse do imperador. Cuvia-os calado, com a mão nos tubos de borracha que lhe levavam os sons aos ouvidos. Ao terminar o terceiro cilindro D. Pedro tirou dos ouvidos os tubos de borracha e disse com a sua vozinha fina:

— Que o aparelho fala, sr. Monteiro de Souza, não tenho dúvida, pois o estou ouvindo claramente. Mas, o que eu quero verificar, é se há semelhança entre a voz de quem fala e a voz reproduzida por ele.

— Vossa majestade vai verificar que a semelhança é completa. Vou por um cilindro gravado com uma voz conhecida de vossa majestade.

Colocou um fonograma no eixo e deu movimento à máquina. A fisionomia do monarca resplandeceu:

— É o visconde de Cavalcanti! Exatamente a voz do visconde!

— Exatamente a voz do visconde! — repetiram todos, em derredor.

— Vou fazer ouvir outra voz que vossa majestade também conhece, — disse o comendador.

Segundos depois todos exclamavam:

— É o conde de Villeneuve!

— Vossa majestade vai ouvir agora o fonograma de Charcot, disse Monteiro de Souza.

D. Pedro tornou-se mais atento.

Soaram as primeiras palavras do sábio francês. O imperador batia com a cabeça.

— É ele, exatamente ele! — repetia sorridente.

Cuviram-se fonogramas de criaturas conhecidas no paço. Exclamações de alegria saltavam à cada voz reconhecida.

— Li nos jornais, — disse D. Pedro II ao comendador, — que o senhor trouxe uma mensagem de Pinheiro Chagas aos jornalistas brasileiros. Vamos ouvir o Pinheiro Chagas.

A curiosidade falseou em todos os rostos. O escritor português estava no período culmi-

(Continua na pág. 149)

FESTAS! Para presentes de NATAL e ANO BOM nada se compara às maravilhosas

C E S T A S

ricamente sortidas e elegantemente apresentadas, do sortimento da "Confeitaria Colombo", sem dúvida o mais variado e completo da cidade.

Confeitaria
COLOMBO

GONÇALVES DIAS, 32-36 • 7 DE SETEMBRO, 94-96
AVENIDA N. S. DE COPACABANA, 890



Diana Lynn, atriz da Paramount, fazendo o papel gentil de emissária de Papai Noel.

FELIZ NATAL para vocês minhas amigas, com quem converso, semanalmente aqui neste cantinho. Que os vossos desejos e anseios se tornem reais, que a felicidade, a tranquilidade e a harmonia predominem sempre em seu lar... Que Papai Noel leve para vocês nesta noite bonita da Cristandade, tudo aquilo que vocês pediram... Que os vossos corações se encham de amor e compreensão que neles não fique lugar para ódios ou rancores... Que vocês possam perdoar o mal que lhes fizeram e esquecer ingratidões...

Que os bons sentimentos inundem as suas almas, e que a bondade não permita que vocês esqueçam os mais infelizes; aqueles que não têm meios de dar aos seus, nessa noite, a felicidade que desejariam dar, aqueles que já cansaram de esperar Papai Noel e que só levam para as suas miseráveis habitações a tristeza e a desilusão...

Na vossa alegria, minhas amigas, pense nos infelizes e estude um meio de fazer alguma coisa por eles...

Se cada uma de nós agisse e pensasse assim, não haveria tanto sapatinho vazio nesta noite de Natal...

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS



FORMATURAS

A Nossas Jovens Leitoras apresentam estas duas sugestões para as "Batas" de formatura. Ambas são de grande originalidade e elegantíssimas. A primeira é confeccionada em tecido branco. A blusa é de malha bordada em azul no decote e nos mangues. O corpo é todo em malha e se organiza com barras decoradas de azul. A segunda é de algodão e toda em malha. O corpo é todo em malha com grande decote. O colar é todo em malha e se organiza com barras decoradas de azul.







NADA existe tão feminino, tão delicado e tão fascinante quanto as rendas. Um vestido, uma "echarpe", um "jabot", enfim, um detalhe qualquer de renda, principalmente negra, dá um "toque" de extrema feminilidade à mulher.

Durante muito tempo ela esteve quase que esquecida, dando lugar a outros tecidos mais modernos e talvez muito menos atraentes. Agora, porém, ela ressurgue vitoriosa, nas "toilettes" para a tarde, para os "chás" elegantes, para o jantar e para os grandes bailes. As nossas leitoras oferecemos aqui algumas sugestões maravilhosas próprias para realçar a sua beleza nas festas e reuniões deste fim de ano. Ao alto, à esquerda: Com um vestido em crepe de seda preto, para jantar, luvas e original enfeite para a cabeça em renda negra. Ao alto, à direita, vestido de seda preta, gola de renda preta, presa com duas rosas de veludo. Um grande "pouff" da mesma renda, dá uma estranha atração à essa "toilette". Na página à esquerda, para os grandes bailes, vestido executado em renda preta para a blusa e cetim branco para a saia. Riquíssimo leque também de renda preta completa a elegância dessa "toilette". Finalmente à direita, com um modelo preto para baile, luvas, véu e leque de renda preta.

✱



RENDAS



“PARA O REVEILLON”

PARA os bailes ou festas de Natal e Ano Novo, as nossas leitoras encontrarão nestas páginas as mais originais e encantadoras sugestões. Vemos da esquerda para a direita: modelo de seda preto, drapados na blusa e na saia. Cinturão e enfeite da blusa de “perleuse”. “Toque” de penas de avestruz. De tudo “chic” esta “toilette” em seda estampada inspirada em motivos persas. O vestido propriamente dito, tem decote bastante arredondado, botões na frente, tranças na parte dos ombros e mangas laterais embutidos.



Mero de mangas compridas com grande "bouquet" na lapela. "Coleira" de pedras.
 Modelo juvenil, em organza preta. O corpo é longo bastante ajustado, e tem como enfeite
 de "ciré" que formam o decote e passando sobre o busto descem atrás dando volta
 na cintura. Saia bastante larga com franzidas. O mesmo modelo poderá ser feito, com
 como resultado, em organza branca. Georgette Carrel exibe esse deslumbrante modelo de
 saia preta com corpo ajustado, mangas compridas por uma tira pretaçada com de tido.
 O mesmo fazenda é o juvenil, que se vê na foto ao lado.

DO GUARDA-ROUPA DE

SEAGERS *Gin*
(DIGA SIGA)



Diga SIGA

Séco

MARCA INDÚSTRIA REGISTRADA BRASILEIRA

SEAGERS GIN

TRIPLAMENTE RETIFICADO
GRAU 47,5% GL

FABRICADO POR
SEAGERS DO BRASIL S.A.
FABRICA DE BEBIDAS
RUA HUMBERTO 12 961 - SÃO PAULO
GARANTIDA SER EXATAMENTE DE ACORDO
COM A FORMULA DE
SEAGER EVANS & CO LTD DE LOND

DESDE 1805

SEAGERS
SIGNIFICA
SUPERIORIDADE

Fabricado com 100% de álcool de milho "Fabrac"

SEAGERS DO BRASIL S. A.



Dorothy McGuire, é considerada, hoje em dia, uma das maiores atrizes cinematográficas. Vindo da Broadway, ela conquistou logo os aplausos da crítica e do mundo, interpretando na tela o papel de Cláudia. Com esse único filme, teve assegurada a sua carreira de "estreia". Atualmente, contratada pela RKO, aparecerá em "Noite na Alma" (Till the end of the time), onde tem o seu primeiro papel de "glamourosa". São desse filme as "toilettes" que ela aqui apresenta: Uma saia preta, uma blusa branca de mangas compridas e gola



OCUPADÍSSIMO!

MAS... SABE ALIMENTAR-SE

• Naturalmente, sente-se
bem disposto, cheio
de vivacidade e energia
— a razão da alegria
de viver! Seus alimen-
tos, verdadeiramente
nutritivos, são prepara-
dos com a insuperável

MAIZENA
DURVEA

A MAIZENA DURVEA
Caixa Postal, 6-B-São Paulo
Peça enviar-me, GRATIS, o livro 52
"Receitas com Maizena Durvea"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____



DOROTHY MCGUIRE



alta e um colete de listras pretas e brancas, formam esta elegante e original "toilette" de Miss McGuire. Vestido de "piqué" verde com aplicação de bordados em "piqué" branco. Botões brancos. Com uma saia em panos, de seda azul, ela usa uma curiosa blusa branca com "plastron" de "gros-grain" azul marinho. Mangas japonesas, ombros arredondados. E aqui, ela mostra o quanto se pode ser "sofisticada" vestindo uma "sweater" preta. Como enfeite, colar de pérolas e cordão de ouro com medalhão



MME. ZULEIDA GUERRA PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Rua São Francisco Xavier, 258

Telefone, 28-0430

'Festa'

A TONALIDADE
DE SEUS LABIOS
NOS DIAS
DE ALEGRIA!

A intensidade, o deslumbramento ou a
meia-luz das festas e reuniões não
modificam o perturbador colorido de "Festa"
nos seus lábios. "Festa" é uma das sedutoras
tonalidades do baton Van Ess — o preferido
pela sua qualidade, tamanho e preço.

Baton
Van Ess

a cor moderna adequada
ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação: pó facial e "rouge" Van Ess

TINTURA FLEURY

DA JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos, a cor natural voltará
aos seus cabelos. Escolha entre as 18
tonalidades diferentes da Tintura Fleury
aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peca no nosso serviço técnico todas as informa-
ções e solicita o interessante folheto "A Arte de
Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 400. São. Mo

Nome: _____

Rua: _____

Cidade: _____ Estado: _____

RS

BOAS FESTAS
1946

PROSPERIDADES
1947



PRODUTOS AROMATICOS BURMA LTDA.

ESTABELECIMENTO FUNDADO EM JUNHO DE 1939

Rua José Vicente, 86 -- Rio



PRODUTOS DE QUALIDADE

Fábrica de aromas e sabores
de frutas, caramelo, aromas e
produtos para beneficiamento
de fumos.



FORNECEDORES das principais
indústrias do país no ramo de
produtos alimentícios em geral.

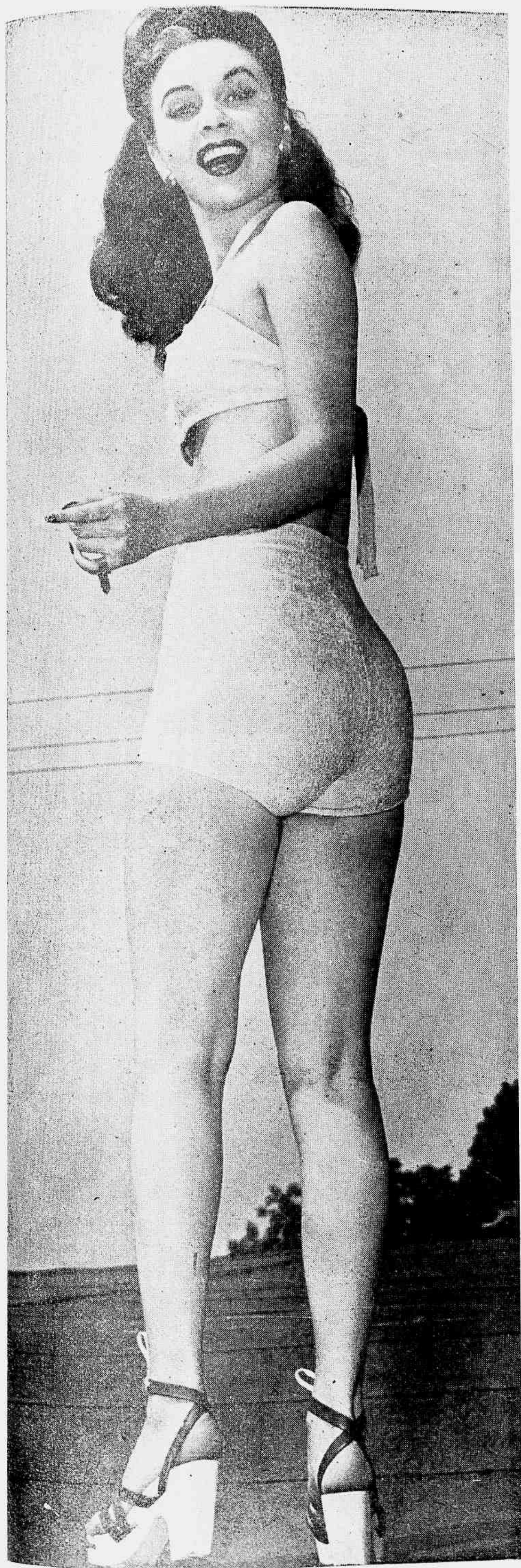


INDUSTRIA BRASILEIRA

Fabrica as materias primas para os
produtos que trazem a sua marca
inconfundivel.



SEREIAS E MAILLOTS



AUDREY YOUNG, à esquerda, uma autêntica sereia de Hollywood exhibe este último tipo de "maillots" para esta temporada. É um modelo duas peças de cores vivas. Esta outra sereia aqui à direita, é PAULA DREW, com um audacioso modelo em "latex" branco, de grande efeito. Que tal? — os "maillots" naturalmente.



Uma *tradição* que volta

guardada pelo
perfumista

L. T. PIVER

perfumes français

RÊVE D'OR
FLORAMYE
POMPEIA
UM PARFUM D'AVENTURE

perfumes que conservam a pureza da essência

Continental

**BANCO NACIONAL
DE
DESCONTOS**

SOCIEDADE ANÔNIMA
ALFANDEGA, 50
RIO

Apresenta a seus amigos e clientes
sinceros votos de FELIZ NATAL
e prospero ANO NOVO.

Dezembro 1946

1946

1947

P A P E I

De todos os tipos

Fornecedores da

REVISTA DA SEMANA



Representantes:

COMPANHIA

IMPORTADORA

SUECA Ltda.

Av. Rio Branco, 52 - Tel. 23-0632

Breve Avenida Rio Branco n.º 55

RIO DE JANEIRO



QUE PENTEADO
VOCÊ USA?

SISTEMA *Arame Farpado?*

Há muitos fixadores baratos aparentemente e que deixam o cabelo aberto ou eriçado parecendo arame farpado... Use Brylcreem que, sendo produto de qualidade, não é caro porque rende muito mais! Brylcreem foi submetido a todas experiências em cerca de 60 países onde se vendem mais de 27 milhões de unidades anualmente. Com Brylcreem no seu cabelo você estará sempre penteado. Fixa ao natural, sem colar ou grudar. Brylcreem doma o cabelo mais rebelde, mantendo-o suave e sedoso. Não obstrói os poros, evita a queda e a caspa. É produto científico! Não se esqueça de que a qualidade do seu penteado reflete sua distinção pessoal!

Use na sua cabeça e que a sua cabeça vale!

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador de cabelo

GENERAL PRINTING INK CORPORATION
DE NEW YORK

TINTAS PARA IMPRESSÃO
TIPO LITHO OFFSET

Angelo Santucci

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E CONTA PRÓPRIA

AV. RIO BRANCO, 120 - 11º AND.

EDIFÍCIO A. E. C.

RUA DO SENADO 10

Rio de Janeiro



QUATRO CHAPEUS DE DONNA REED





Donna Reed, a elegante "estrela" da Metro-Goldwyn-Mayer, apresenta às nossas leitoras um grupo da sua coleção. O primeiro, um exótico "turbant" feito em brilhante tecido listrado, branco, vermelho, azul e amarelo, entremeadado de palha. Este outro, já mais discreto e não menos "chic", é de palha preta com grandes rosas na copa, cujo colorido vão do rosa pálido ao vermelho. Elegantíssimo este "toque" também em palha preta, com ramos de violetas de um lado. Finalmente, modelo encantador de palha azul, com véu e flores ciclamen.



20-30 ou 40 primaveras...
e sempre conquistando corações

— Graças a Um Só Creme!

Uma cutis impecável é o segredo mágico da eterna juventude. E este segredo também pode ser seu... Creme Rugol. Este famoso creme embelezador da cutis remove as impurezas dos poros, fortalece os tecidos, corrige o ressecamento ou oleosidade da pele, sendo perfeita base para maquiagem.

Use Creme Rugol todas as noites, em suaves massagens no rosto e no pescoço, e antes de sair, como base da maquiagem. Em apenas uma semana desaparecem os cravos, manchas, espinhas e outras imperfeições realizando este ideal de beleza e mocidade, que tanto seduz os corações.



LABS. ALVIM & FREITAS. S. PAULO



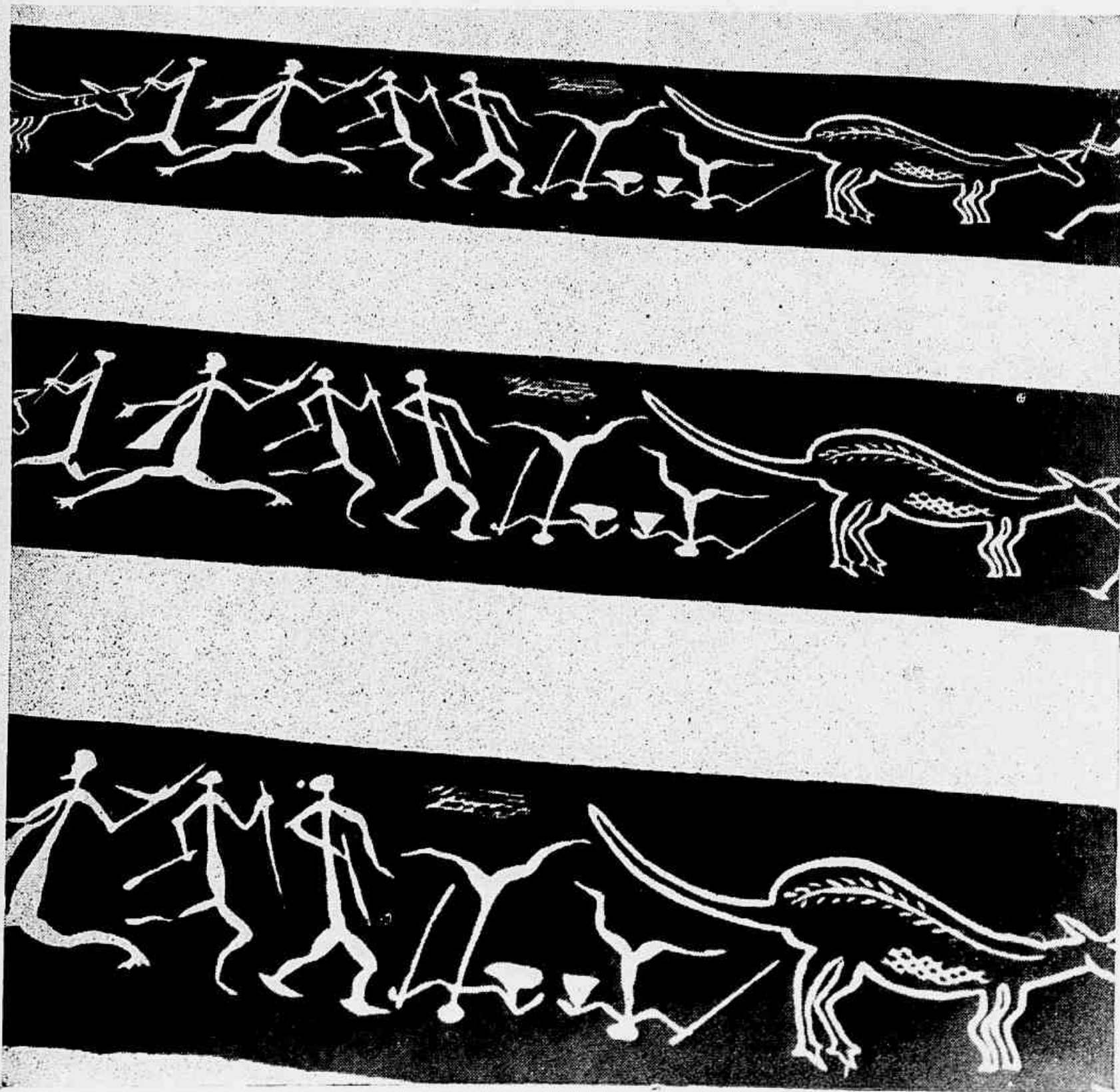
SOL E ESPORTE

Os trajes de praia se excedem cada vez mais, em originalidade e... audácia... Os que aqui apresentamos dão às nossas leitoras uma idéia do que se usa em Paris e Nova York. Nesta página vemos: Gracioso "maillot" em "piquet" branco, com tiras estampadas, transpassadas sobre o busto e amarrando na frente. "Short" ainda em "piquet" branco, com bordados vermelhos. Na página ao lado: "Duas-peças" em linho azul com bordado em relevo. "Duas-peças" em tecido estampado vermelho e branco.





A esquerda: Frances Burke com alguns de seus desenhos favoritos. No fundo veem-se dois desenhos livremente adaptados da simplificação indígena do "dugong", peixe tropical do Queensland. Na frente há um desenho abstrato que se vale de motivos indígenas, e "Simple Statement" ("Simples relatório") baseado numa natureza-morta, pintada a óleo por Miss Burke. A direita: Nance Mackenzie (à esquerda) e Ann Outlaw, sócias das "Annan Fabrics", imprimindo um desenho "iris" em três cores. Estas duas energéticas e empreendedoras executam todas as fases da impressão de sêdas, produzindo aproximadamente 300 jardas por semana de bonito tecido.



NOVOS DESENHOS AUSTRALIANOS PARA TECIDOS

Por MARGARET LAWRENCE

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

TÊS mulheres australianas, Frances Burke (em Melbourne) e Nance Mackenzie e Ann Outlaw (Sydney) tornaram-se as maiores peritas da indústria australiana de tecidos impressos à mão.

As cidades em que trabalham distam de 600 milhas entre si, porém seu trabalho apresenta semelhanças nítidas, tanto na qualidade como no desenho. Há boas razões para isto. Recusaram-se a substituir o trabalho à mão pela produção em massa, embora seus produtos fossem grandemente procurados. Em consequência, o trabalho delas permanece individual e da melhor qualidade técnica.

Foram buscar inspiração na mesma fonte: a natureza australiana e seus primeiros habitantes, os aborígenes. Tomaram da natureza grande riqueza de formas humanas, animais e vegetais que combinaram com as formas tradicio-

O impresso de Frances Burke (4) e o desenho de Nance Mackenzie (5) mostram um tratamento diferente do mesmo tema — a caça indígena do kanguru. O primeiro foi tirado dum desenho num escudo de casca de árvore que se acha no "Melbourne National Museum". As figuras de cabeça para baixo, reproduzidas tais como foram desenhadas pelo artista indígena, são caçadores que o kanguru lançou ao chão com um golpe da cabeça. As figuras são brancas, o fundo verde escuro.



A esquerda: Original estampado, impresso de Frances Burke com desenho de Nance Mackenzie, tendo como motivos a caça indígena do kangurú. A direita: Desenho simples para cortinas de quarto de criança, baseado no simpático "koala" australiano. Este desenho encontrou aplicação na Maternidade do "Aired Hospital", um dos maiores de Melbourne.

nais da arte indígena. O ambiente deu-lhes outra coisa em comum: o senso do espaço ilimitado e do sol radiante, o que se acha expresso em desenhos de ritmo audacioso e cores vividas.

Frances Burke foi a primeira. Em 1937, decidiu produzir desenhos para tecidos que fossem mais apropriados à vastidão e grandeza dum continente ensolarado do que os então em voga — na maioria pequenos motivos floridos que lembravam os "cottages" do velho mundo.

Entre os edifícios importantes para os quais, desde então, desenhou tecidos para estofos de mobília, acham-se: a Legação da Austrália em Washington, o novo "Royal Hospital" de Melbourne, que custou £1.000.000, o "Union Building" da "Sydney University", o "Government-House" em Darwin e a maioria dos hospitais de todo o país.

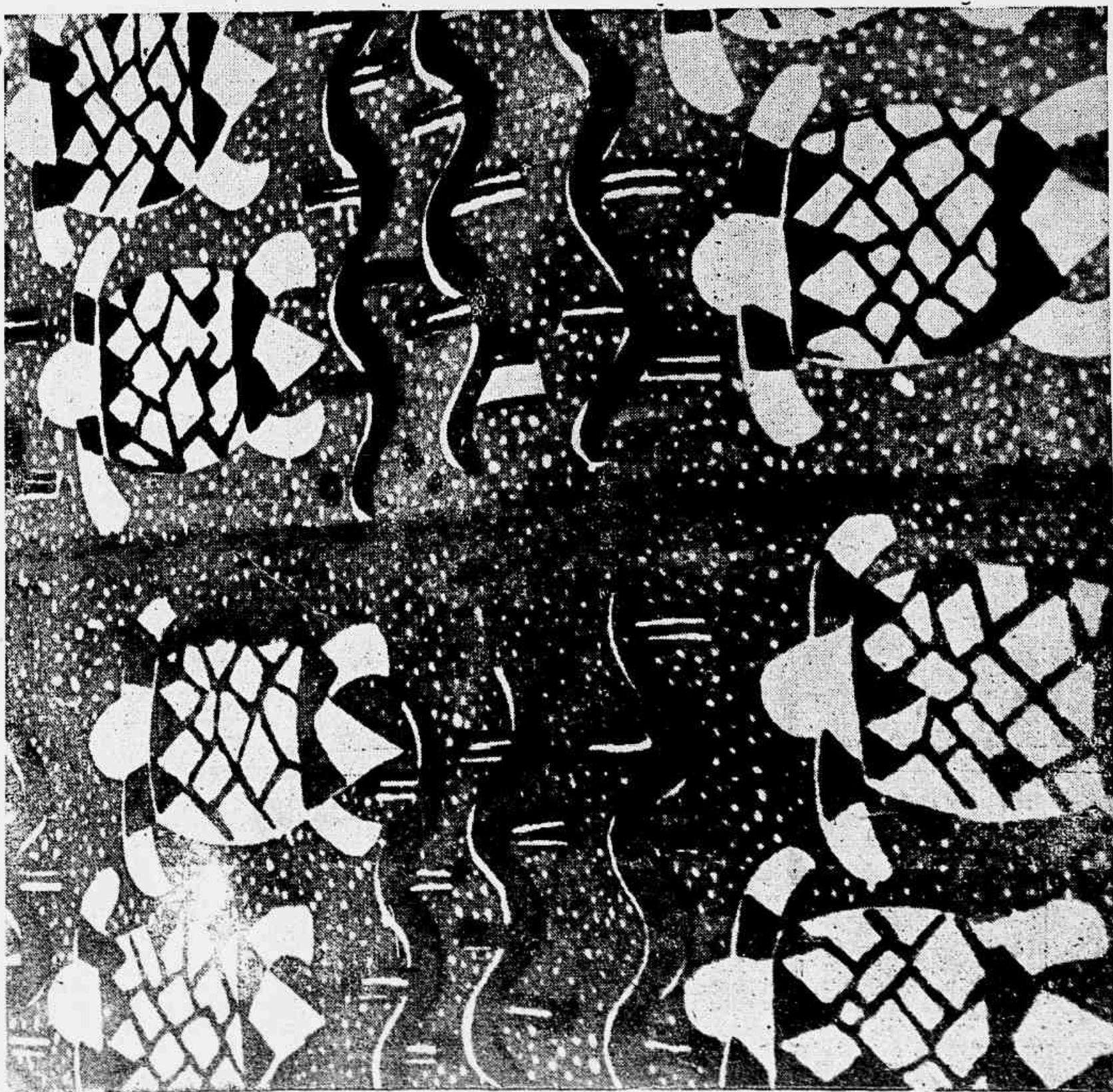
Nance Mackenzie estudou arte e desenho na "Sydney Technical School". Não achou ninguém que consentisse em comprar seus desenhos ou imprimi-los, de modo que decidiu fazê-lo sózinha. Associou-se finalmente com Mrs. Ann Outlaw, secretária honorária da "Sydney Arts and Crafts Society". Combinaram os nomes e a perícia, formando a firma "Annan, Textile Printers".

Alugaram um edifício humilde que apresentava ainda indícios evidentes de ter sido usado anteriormente como açougue, garagem e fábrica de licores.

As sócias pintaram a porta da frente de vermelho alegre, abriram a do lado para deixar entrar o sol, plantaram flores no quintal, compraram um canário para lhes proporcionar música e um gato para dar sorte — e finalmente juntaram àquilo sua própria vitalidade, alegria e energia para transformar o ambiente.

Hoje em dia, toda a produção é vendida muito antes de ser fabricada. (Copyright do A.I.S.).

Simbolos aborigenes da cobra e da tartaruga inspiraram este desenho por Nance Mackenzie. Alaranjado e branco sobre cor de argila alternam com marrom escuro e branco sobre o mesmo fundo.



L. B. DE ALMEIDA & CIA.

RUA DOS ARCOS 28 a 42

TELEFONES:

Expedição 22-0409 e 22-1718
Escritório 22-1342

Escritório Técnico 42-4675
Particular 22-2549

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Cofres e portas para casas fortes.
Chapas pretas lisas.
Chapas galvanizadas lisas.
Chapas para portas de aço.
Esmaltagem e pintura a duco em qualquer cor.
Fogões a gás, óleo, lenha e carvão.

Ferro em barras, vergalhões, cantoneiras, T. molduras, etc.
Ferro de engomar "IDEAL".
Serralheria e mecânica em geral.
Secção galvanoplástica de níquel, cobre e cromo.
Tubos galvanizados.

LOJAS E ESCRITÓRIOS CENTRO

VENDE-SE com financiamento de 70% para entrega imediata. Ótimo emprego de capital

INFORMAÇÕES - Secção de Vendas

BANCO HIPOTECÁRIO
LAR BRASILEIRO S. A.

Rua do Ouvidor 90-2.º andar
Telefone: 23-1823, com
sr. GUIMARÃES

F. JOHNSON & CIA.
PAPEL
NACIONAL E ESTRANGEIRO
Rua Moncorvo Filho, 48 -- Rio de Janeiro
Telefones 23-0607 — 23-0755.



Um prato gostoso para o Natal, Myrna Dell, substitui com muitas vantagens o clássico peru. Não?

PARA A CEIA DE NATAL

PERÚ DE FORNO RECHEADO

Limpe muito bem um peru e condimente-o com sal, pimenta e suco de limão. Faça à parte um recheio de ervas do seguinte modo: misture com 230 grs. de miolo de pão branco, 100 de manteiga derretida, 2 colheradas de tomilho, salsa, louro, alfavaca e mangerona (muito bem picados), sal, pimenta e 4 ovos. Faça outro recheio com 500 grs. de castanhas, sal, pimentas e manteiga, colorindo estes ingredientes com carmim próprio (algumas gotas). Para fazer este recheio, asse as castanhas por espaço de 15 minutos; descasque-as depois, levando-as a cozer em uma caçarola, apenas tapadas com caldo, até que fiquem macias e quase secas. Passe-as por uma peneira e adicione os ingredientes indicados, fazendo uma pasta. Coloque agora o recheio de ervas na parte de trás do peru, e no peito do mesmo o recheio de castanhas. Coloque o peru numa travessa com manteiga e um pouco de água ou caldo. Leve a travessa a forno quente, e deixe-a aí durante 20 minutos. Após isto, baixe o calor para continuar cozendo em forno moderado. Banhe o peru de vez em quando, com o caldo em que o colocou, para que ele se torne mais macio e húmido. O tempo necessário para cozer o peru deve ser calculado segundo o peso da ave; meia hora para cada quilo, e mais quinze minutos além do tempo proporcional.

PERNA DE PORCO ASSADA

Tome uma perna de porco pequena, lave-a bem, e deite-a em vinhas dalhos com caldo de limão, alho socado, cebola ralada, sal, cominho e pimenta do reino. Encha-a bem com pedaços de paio e leve-a à caçarola com a própria gordura. Conserve o fogo forte até dourar. Junte água e diminua um pouco o calor do fogo. Quando a carne estiver quase macia, junte rodela de cebola, tomates, e uma folhinha de louro. Quase na hora de servir, junte um cálice de rum.

BOLO DE NATAL

6 ovos, 5 xícaras de farinha de trigo, 4 xícaras de açúcar, 1 copo de leite, 250 grs. de manteiga, 1 colher de fermento, baunilha, frutas cristalizadas, nozes, avelãs, amêndoas, figos, passas, ameixas pretas. Desmanchar bem a manteiga com o açúcar, juntar em seguida as gemas, mexendo bem. Despejar aos poucos o leite e a farinha, em seguida acrescentar as claras batidas. Passar pela máquina meio quilo de nozes, amêndoas e avelãs, estas últimas sem as cascas. Cortar em pedaços pequenos, frutas cristalizadas, figos e ameixas pretas,

juntar as passas e despejar tudo dentro da massa, espalhando bem. Levar ao forno em forma untada.

PUDIM INGLÊS DE NATAL

Bata 230 grs. de manteiga sem sal. Misture 230 grs. de farinha de rosta, 230 grs. de passa de "Malaga", 230 grs. de passas "Corinthos", 230 grs. de passas "Sultana", 230 grs. de cidra e laranjas cristalizadas, 80 grs. de farinha de trigo, 56 grs. de maizena, 14 grs. de "Alspice", junte 340 grs. de maçãs cortadas em tiras finas. Adicione 5 ou 6 ovos e caldo de 2 limões. Aqueça um pouco meia garrafa de cerveja *, junte 56 grs. de fermento em pó, e misture aos ingredientes, e por último um quarto de copo de rum. Encha 2 tigelas de preferência de agathe, cubra com um pano escaldado, e polvilhado com farinha de trigo. Amarre à volta com um barbante, aperte bem e junte as pontas do pano, dando um nó por cima das tigelas. Cozinhe em banho-maria, e na hora de servir, vire sobre um prato e derrame por cima um quarto de copo de rum.

* Para esse pudim use a cerveja "Brahma Porter".

CRÊME DE NOZES

Ferva meio litro de leite com 200 grs. de açúcar. Amoleça aí 150 grs. de biscoitos "champanhe", esmague-os bem, junte 4 gemas, 1 colher de manteiga, e leve ao fogo mexendo bem. Quando retirar, junte 2 cálices de rum, e 150 grs. de nozes moídas. Misture bem, deite em tacinhas, e sirva com crême de "Chantilly".

BOLO "BOAS-FESTAS"

250 grs. de farinha de trigo; 250 grs. de manteiga; 250 grs. de amêndoas moídas; 250 grs. de açúcar; 6 ovos, e colherinha de fermento inglês. Lava-se a manteiga se for salgada e sendo fresca, leva uma colherinha de sal fino. Bate-se separadamente a manteiga, depois juntam-se as claras e as gemas. Vai-se juntando à manteiga, 1 colher de açúcar, uma de amêndoas, uma de ovos e uma de farinha té acabar. Depois de tudo bem batido, junta-se o sumo de um limão. Forno regular. RECHEIO: meio quilo de nozes (pesadas com casca) descascadas; pesa-se o mesmo de açúcar, com ele faz-se uma calda em ponto de fio, juntando-se a ela as nozes, indo tudo a ferver até se ver o fundo do tacho. CREME: meio litro de leite; 3 gemas, baunilha, uma colher de maizena, faz-se cozinhar, isto é, faz-se com isto um creme. Corta-se o bolo em 4 rodas, arrumando-se uma roda de bolo, uma camada de crême, uma de recheio de nozes, assim sucessivamente até a última roda de bolo. Cobre-se com suspiro e enfeita-se com nozes e amêndoas.

Linda Christian é linda mesmo e entendida em assuntos culinários. Aqui a vemos preparando a sua ceia de Natal



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Hoje e sempre uma PILSEN-EXTRA

ANTARCTICA

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMÊNDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

COLITE REBELDE



Eu, ADAMI V. OLIVEIRA, residente à rua Darcy Vargas, 30, sofrendo há vários anos de colite com dores nos intestinos e grande emagrecimento, já cansada de poder sem melhorar meu estado, fui por indicações de amigos, consultar o dr. Ferreira Tavares, à rua Buenos Aires, 192. Feito o tratamento indicado fiquei completamente curada do meu antigo mal. Meus agradecimentos ao dr. F. Tavares, que em pouco tempo restituiu minha saúde.

GRATIS!

O catálogo pelo qual V. S. poderá escolher os óculos que mais lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo
CATALOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido por **LUTZ FERRANDO** com a mesma garantia e eficiência como se o fôsse pessoalmente pelos nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica de confiança, que lhe oferece a garantia de 60 anos de experiência na confecção de óculos, exatamente calibrados de acordo com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema de reembolso.

PEÇA CATALOGO GRATIS A



LUTZ FERRANDO



A sala de leitura, com suas grandes estantes, flores e calor da lareira, forma um ambiente próprio para repouso.

AS CASAS-CLUBES DAS MOÇAS DA INGLATERRA

Um ambiente de fraternidade e cooperação, onde as jovens são mais felizes

Por JOHN SNOWDEN

Especial para REVISTA DA SEMANA

--NÃO posso esconder a minha admiração pelo modo com que os rapazes e moças da Grã-Bretanha resistiram às angústias destes anos — com

grandes jornadas, ausência forçada de sua terra e frequentemente sob o fogo do inimigo — tendo seus clubes, durante essa época, constituído uma verdadeira

ajuda para eles. Em muitas ocasiões foram verdadeiros refúgios em meio de grandes tormentas.

Essas palavras, pronunciadas por Sua

O Comitê do Erdington Club discute o programa do mês seguinte.





Dança e ginástica para moças durante as realizações da semana de treinamento para as Organizações Juvenis.

Majestade, a Rainha Elizabeth, da Inglaterra, despertaram ecos jubilosos nos corações de todas as pessoas que tiveram a seu cargo o cuidado e o bem estar da juventude durante os anos sombrios da segunda guerra mundial.

Entre as organizações que figuravam à testa desse movimento transplantado para os dias de paz, figura a Associação Nacional de Clubes de Moças, a cujo trabalho se referiu a rainha nas palavras com que damos começo a este artigo.

UM TRABALHO ÚTIL

A tarefa dessa Associação, cuja vida social é de 37 anos, é criar em colaboração com as autoridades educadoras municipais, outras organizações e igrejas, clubes para jovens nos lugares mais adequados, facilitar aos clubes bons dirigentes e auxiliar a esses em seu trabalho. Há 2.016 desses clubes em todo o país, com mais de 130.000 sócios.

Os limites máximos e mínimos para pertencer a esses clubes estão fixados em 21 e 14 anos, mas em zonas rurais, onde não existem organizações análogas, esses limites não se aplicam rigorosamente.

A idéia da formação de clubes mistos surgiu durante a guerra, e atualmente há a significativa tendência no sentido de aumentar o número de clubes mistos, sendo que dos 2.016 clubes existentes, 925 têm filiação mista.

PROGRAMA DE ATIVIDADES

Os programas noturnos dos clubes de moças e mistos foram traçados com o propósito de equilibrar o trabalho com as distrações. Em muitos clubes o programa para os sete dias da semana inclui representações teatrais, concertos, canto coral, corte e costura, classes de hignene, bailes regionais, grupos de debates, etc.

O questionário enviado pelo Comitê de Educação da Associação revelou que os passatempos preferidos variam consideravelmente, desde a leitura — com uma alta proporção em favor da poesia entre os membros de maior idade — até as discussões, teatro, películas e sessões de rádio.

Uma aplicação importante dos servi-

ços da Associação é a criação de 24 casas de férias nas proximidades das grandes povoações. Nelas se podem passar comodamente os dias de descanso em meio de agradável companhia.

Uma das mansões campestres mais importantes, chamada Avon Tyrrell, situada em plena New Forest, está se transformando em clube nacional de férias, para onde poderão acudir visitantes estrangeiros.

UMA CASA-CLUBE EM LONDRES

Foi aberta uma casa-clube em Londres, onde poderão alojar-se os membros em suas curtas visitas à metrópole ou permanecer durante o primeiro mês em que

procuram trabalho. Estas facilidades constituem uma ajuda valiosíssima para que as moças possam instalar-se na capital em ambiente cordial e rodeadas de amigas.

Assim, os clubes não só fornecem um ambiente sã e propenso à camaradagem, mas também constituem um meio de ampliar as atividades espirituais durante esses anos críticos da adolescência.

Em todas as cidades e aldeias da Grã-Bretanha esses centros juvenis estão desempenhando um importante papel no sentido de moldar o caráter da nova geração.



NUTROGENOL
GRANADO

ELIXIR
GRANULADO
GOTAS

Tônico dos nervos
Tônico do cérebro
Reconstituente

Homenagem a "Revista da Semana"

MASSA PARA ROLOS

SERVIÇO ESMERADO DE FUNDIÇÃO DE ROLOS PARA TIPOGRAFIAS

G. M. LEITE

Rua Evaristo da Veiga, 111 (FUNDOS)

Telefone 22-2414 — Rio de Janeiro

Orf-Léne

NÃO MANCHA
e tinge melhor o
Cabelo branco

É O PRODUTO QUE SUPERA O QUE MELHOR TINGE; EM

- 1 Prêto
- 1 1/4 Prêto azulado
- 1 1/2 Castanho escuro
- 2 Castanho escuro cinza
- 2 1/2 Castanho pouco escuro
- 3 Castanho meio escuro
- 3 1/2 Castanho meio escuro cinza
- 4 1/4 Castanho natural
- 4 1/4 Castanho bronzeado
- 4 1/2 Castanho cinza
- 4 3/4 Castanho dourado
- 5 Castanho claro
- 5 1/4 Castanho claro cinza
- 5 1/2 Castanho claro acajú
- 5 3/4 Castanho claro dourado
- 6 Bronzeado escuro
- 6 1/4 Louro escuro
- 6 1/2 Bronzeado claro
- 6 3/4 Louro
- 7 Louro-Cinza
- 8 Louro-acajú
- 8 1/4 Acajú forte
- 8 1/2 Vermelho-fogo
- 9 Louro-claro
- 9 1/4 Ouro-palha
- 9 1/2 Ouro-em-fogo
- 10 Louro-ouro

PARA ALOURAR, CABELO ESCURO, USE:
HYDRO-VÉNE

DOENÇAS DO FIGADO

use **HEPATINA**
N.S. da Penha
A VIDA DO FIGADO

Maiores esclarecimento escrevam:

CAMISAS
GRAVATAS E
NOVIDADES

Nelson
OUVIDOR 173
Esq. Urugayana

ARTIGOS
FINOS
PARA HOMENS

O fonografo no Paço Imperial

(Conclusão da pág. 78)

nante de sua fama literária. Todo o mundo queria ouvi-lo.

O cilindro rodou.

— Bela voz! — exclamou a princesa Isabel.

— Bela voz! — repetiu toda a sala.

A curiosidade imperial era cada vez maior.

— Senhor Carlos Monteiro de Souza — perguntou Sua Majestade, — não terá aí uma peça musical? Será agradável verificar se a música também é reproduzida com exatidão.

A sala ficou florida de sons. Era o dueto

"Pêcheurs de perles", cantado pelos artistas portugueses — os irmãos Andrade. Em seguida, duas variações para piano — uma executada por Sauvinet e outra pelo pianista Rui Colaço, de Portugal.

— Mais! mais! — pediram.

Agora — dois solos de cornetim, um gravado em Lisboa e o outro em Londres. A seguir — o hino português e, depois do hino, uma marcha de guerra executada pelas farras de artilharia e cavalaria de Lisboa.

A curiosidade de D. Pedro II culminou. O monarca mostrou desejos de ouvir a própria voz.

O comendador Carlos Monteiro de Souza tirou da mala três cilindros virgens. Grava-

ram-se as vozes do imperador, do príncipe D. Pedro Augusto e do conde d'Eu. E imediatamente o aparelho as reproduziu.

— Estupendo!

— Maravilhoso!

— Contando não se acredita!

— Até parece milagre!

Já era noite quando terminou a demonstração.

Toda aquela gente se retirou apressadamente para jantar. Os imperadores partiram para o palácio de São Cristóvão, a princesa e o marido para o palácio Isabel, nas Laranjeiras. Além do jantar teriam que se vestir para o baile oferecido pelo governo à oficialidade do navio chileno "Almirante Cochrane".

E mais tarde estavam todos no baile, no grande, no suntuoso, no memorável baile da ilha Fiscal, baile que, por ironia do destino, se realizou exatamente na noite e na hora em que os conspiradores republicanos resolveram definitivamente dar o golpe de morte na Monarquia.

E, no baile, estavam todos tranquilos, serenos, confiantes, na cândida ilusão de que vivam no melhor dos mundos.

E' que a gente nunca sabe quando estão acabando de morrer as criaturas que morrem de repente.

O modesto orçamento de um grande homem

(Continuação da 71)

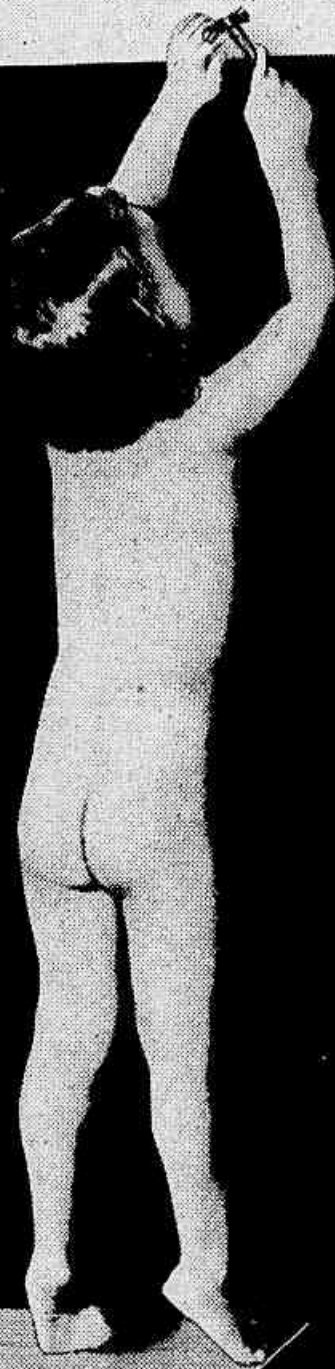
AVIÃO AVRO-YORK

Este avião de marca inglesa foi objeto de uma aquisição regular feita pelo governo francês ao governo britânico. Jamais fora objeto de oferta ao inquirido.

AVIÃO C.25, CHAMADO AVIÃO TRUMAN

Apenas este avião foi oferecido ao inquirido a título pessoal. Foi-lhe formalmente declarado pelo Presidente da República dos Estados Unidos, Sr. Harry Truman. Quando foi apresentado ao inquirido, o avião não estava ainda terminado, sendo reenviado à América para seu acabamento. Quando se demitiu, o inquirido entregou esse avião ao governo francês por considerar que, embora

*A mamãe não se alterava,
Papai olhava e sorria,
Se o pão em casa faltava
Creme "LUX" sempre havia.*



"CREME DE MILHO LUX"

EM PACOTES DE 1K. E 1/2K.

EXCELENTE ALIMENTO PARA CRIANÇAS E ADULTOS

PRODUTO DO

"MOINHO DA LUZ"

PEDIDOS PELO TELEFONE 23-5936

STANDARD CR\$ 115,00	ANEL ZODIAICO	AMERICA CR\$ 150,00
FEDERAL CR\$ 165,00	Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peçam catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó nº 18, Rio de Janeiro.	CAPITAL CR\$ 265,00
INCA CR\$ 285,00		BRASIL CR\$ 300,00



APRESENTAMOS AOS
NOSSOS AMIGOS E
FREGUESES, VOTOS DE

FELIZ
NATAL

oferecido a título pessoal, o devera às "qualidades" de chefe do governo.

AUTOMOVEL CADILLAC

O general Eisenhower ofertara ao inquirido um automovel americana de marca Cadillac. O inquirido, achando excessivo o consumo de gasolina pelo veículo, preferiu trocá-lo por dois automóveis, um da marca Delahaye e outro da marca Citroen. Deve-se notar que esta troca não foi vantajosa para o inquirido.

RENDIMENTOS DO INQUIRIDO

A principal fonte de receitas do inquirido é o seu soldo de general de brigada. Algumas explicações são necessárias sobre sua situação administrativa. O inquirido era em junho de 1940 general a título temporário. Um ato de autoridade de fato do governo de Vichy apeou-o daquelas funções. Esse ato foi anulado "ipso facto" em razão da sua ilegalidade. A terminação das hostilidades deveriam-no ter repostado no grau de coronel. Mas um decreto publicado pelo governo provisório da República Francesa confirmou-o no grau de general de brigada.

Por outro lado, há que considerar que o inquirido, tendo sido comandante em chefe perante o inimigo — após a demissão em Alger do general Giraud — não podia ser aposentado. Encontrou-se deste modo na posição de "licença a título renovável". Essa posição dá-lhe direito ao soldo no ativo, a um oficial do estado-maior e ao serviço duma viatura automóvel.

O soldo mensal assim percebido eleva-se a 37.335 francos, dos quais ele faz deduzir a soma de 4.099 francos, que é o montante dos impostos cedulares. A esta primeira fonte de receita, há que juntar o montante dos direitos de autor das obras que escreveu e que continuam a vender-se. São o resultado de ajustes de contas trimestrais ou semestrais com os seus editores. O montante é muito variável.

Há que assinalar, finalmente, que ao contrário do que era uso na Terceira República, o inquirido não percebe abono a título de antigo Chefe de Estado. Ele opôs-se formalmente a que, de harmonia com os costumes constitucionais, lhe fosse conferido por lei um direito a essa espécie de reforma.

DESPESAS E ENCARGOS

O inquirido leva um sistema de vida muito razoável, mas modesto. Alguns dos seus familiares, incitando-o a estabelecer-se, senão em Paris, pelo menos nas suas proximidades, obtiveram dele a resposta "de que não tinha meios". De resto, ele amolda-se magnificamente ao apelido que lhe deram: "O grande solitário".

A mesa é boa, sem despesas excessivas, sendo que tanto o inquirido como sua família são bastante sóbrios.

Tampouco existem despesas excessivas com vestuário. O inquirido é bastante elegante de natureza, e parece que o seu ou os seus ternos são fornecidos ao preço da tabela. A esposa do inquirido, por seu lado, e ao contrário de Mme. Georges Bidault, ou de Mme.

Felix Gouin que lhe sucederam, não frequentam as grandes casas de costura de Paris.

DESPESAS DE SECRETARIADO

O rumor público atribui ao inquirido um secretariado importante por motivo de sua atividade política. As informações que obti-

vemos a esse respeito indicam que se poderiam agrupar assim, com razão ou não, sob a rubrica de "secretariado", as despesas necessitadas por:

1º — O senhor Gaston Palewski, celibatário.

(Continua na pág. 105)

O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!

VALE QUANTO PESA

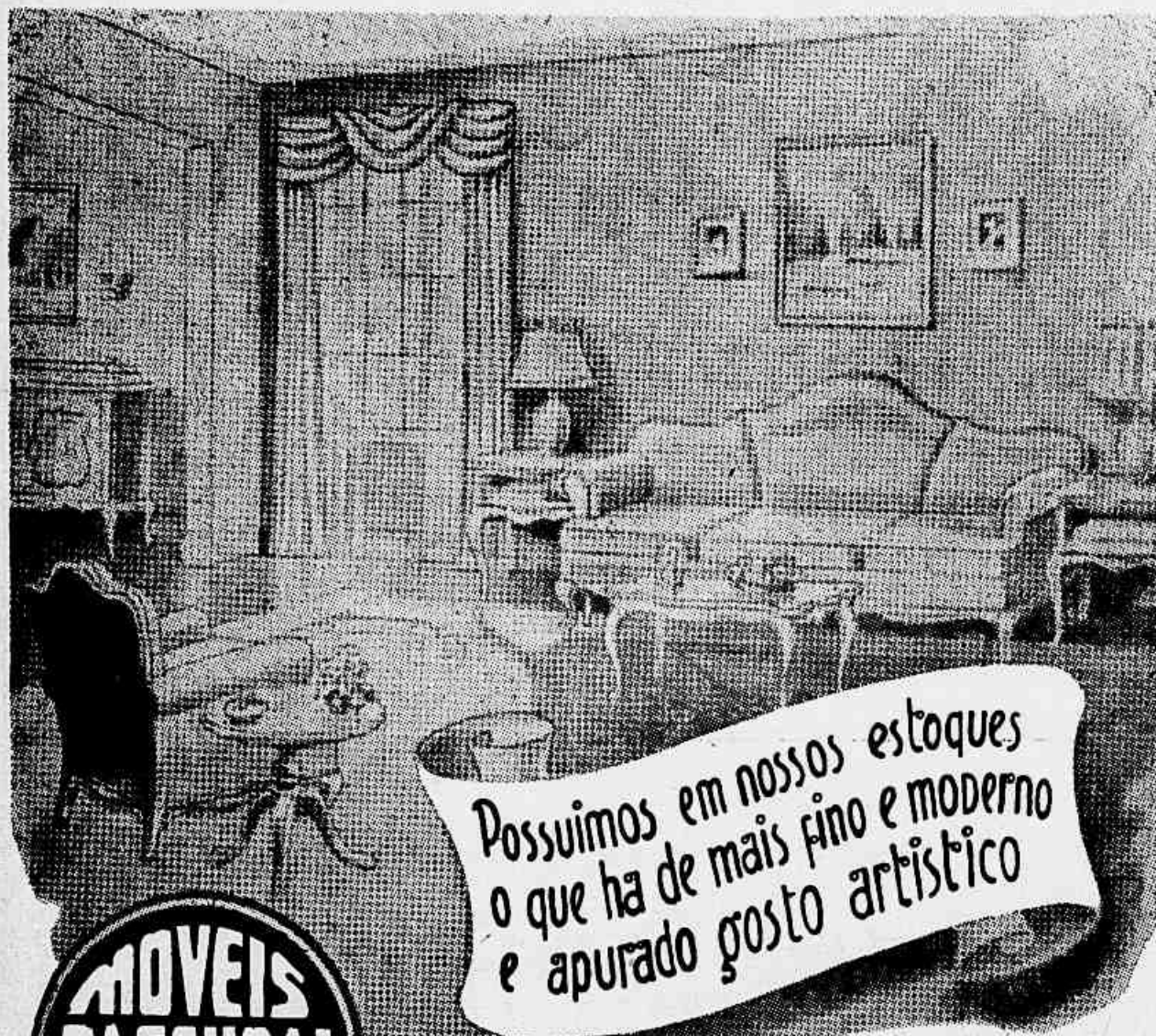
GRANDE, BOM E BARATO!

• Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

• R. Ferreira •

MOVEIS TAPETES CORTINAS



**MOVEIS
PASCHOAL
BIANCO**

Possuimos em nossos estoques
o que ha de mais fino e moderno
e apurado gosto artistico

AV RANGEL PESTANA 1646-1670
SÃO PAULO TEL. 3.2131-2.9887

Este livro maravilhoso explica tudo!



Ensina como fazer:

TRICO — CROCHÊ — TRANÇA-
DOS — TECELAGEM — PONTO
DE CRUZ — CALADOS — ACRA-
MÊ — RENDAS — APLICAÇÕES
— ACOLCHOADOS — BORDADOS
BRANCOS — FILÊ — NINHOS DE
ABELHA — BILROS — RÁPIA —
GOBELIN — ESMIRNA — MIS-
SANGAS — MONOGRAMAS — etc.

ENCICLOPÉDIA de TRABALHOS MANUAIS

Prezados senhores:

Pego-lhes remeter um prospecto
com amplos detalhes sobre a EN-
CICLOPÉDIA DE TRABALHOS
MANUAIS.

Nome _____

Endereço _____

Localidade _____

Estado _____

*nova
edição*

completamente revisada
e ampliada. Um volu-
me luxuosamente enca-
dernado, com 800 pá-
ginas em papel gessado,
1.700 gravuras em pre-
to, 8 páginas em cores
e 14 fôlhas de moldes.

Preço do exemplar Cr\$ 250,00

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO

EGLE

O CIGARRO
DA ELITE



PRODUTO
SUDAN
S/A



TIPO
AMERICANO

A França produz "autos de bolso"

(Continuação da pág. 66)

nero no mundo inteiro. Seu dinamismo, qualidades de iniciativa, obstinação no esforço eram acompanhadas de um gosto, às vezes excessivo, pela autoridade. E' certo que sua ação foi preponderante no início do desenvolvimento da indústria automobilística francesa. E nunca, em sua vida, deixou de se interessar pelos esportes mecânicos. Antes da guerra de 1939-1945, entrou para a política e foi eleito senador. Morreu em Paris, há algumas semanas.

Foi o marquês de Dion que, em 1901, obteve dos poderes públicos a cessão do "Grand Palais" para ali organizar a sua exposição.

Esse ano foi assinalado por outra inovação: o A.C.F., depois de anos de negociações, consentiu em chamar a "Câmara Sindical dos Construtores" para participar na organização do Salão.

Alguns anos mais tarde em 1908, por inauguração do construtor L. Darracq, os construtores libertaram-se completamente, não sem luta, da tutela do A.C.F. O Salão passou então a ser organizado somente pela Câmara Sindical, em completo acordo com as organizações fabricantes de peças e de motocicletas.

Desde então, os gastos necessários para a organização do salão são financiados pela locação antecipada dos "stands" a preço

determinado. No fim da Exposição, o lucro, se houver reverte para os expositores. O "Salão da Aeronáutica", primo irmão do "Salão do Automóvel", é organizado todo ano, desde 1908, nos mesmos princípios.

OS "CARROS MOSQUITOS"

E' desnecessário tratar dos modelos antigos de carros franceses que as grandes firmas fabricam. Quanto aos novos modelos do Salão de 1946, destaca-se o J. P. Wimille, de 3 lugares, motor atrás, que pode ser adaptado para turismo (170 km. por hora em 70 CV), para turismo-grande esporte (200 kms. com 105 cavalos) ou para corrida (280 kms. por hora com 220 CV).

Os outros modelos, visivelmente influenciados por cogitações utilitárias, caracterizam-se pela diminuição do peso e economia de consumo. São, porém, ótimos automóveis, capazes de transportar a mesma carga e na mesma velocidade que os carros de antes da guerra.

Trata-se do "A.F. Grégoire" — 2 cilindros opostos, esfriamento por ar, motor dianteiro. O Renault 4 CV, motor de 4 cilindros, atrás. O "Dyna Panhard 3 CV", de 2 cilindros opostos, com esfriamento do ar.

Vêm em seguida, os carrinhos pequenos, os "mosquitos de estrada", realização que é, pelo menos, curiosa. Sua novidade, e mais ainda, as necessidades prementes da clientela francesa, asseguram-lhe o acolhimento pressuroso por parte do público.

O "Mathis V. L. 333", por exemplo, é um carro de três ro-

das, duas adiante e uma atrás. O motor é dianteiro. O construtor recorreu muito aos metais leves. A fórmula de três rodas permite grande economia de peso. O carro pesa 400 quilos apenas.

O motor é de 2 cilindros opostos, com uma cilindrada total de 707 cms. cúbicos, e resfriamento por água. Sua potência real é de 15 CV. O bloco motor reúne, num mesmo conjunto mecânico, o motor, a caixa de velocidade e o diferencial.

Apesar de ter apenas três rodas, o "Mathis 4 CV" apresenta a mesma comodidade dos outros carros. A caixa, de liga de alumínio, comporta três lugares folgados. As linhas do carro são resolutamente aerodinâmicas. Nas provas, estabeleceu-se que o "Mathis 3 CV" pode sustentar uma velocidade de 70 kms. horários, em média, consumindo apenas 3 litros e meio por 100 quilômetros.

Embora de 4 rodas, o "Motocar de Rovin" tem dimensões ainda mais reduzidas que o "Mathis". A firma "Rovin" especializou-se, há muito tempo, na construção de motocicletas. Por isso não é de causar surpresa que esse tipo de carro tenha um motor monocilíndrico. É um motor de quatro tempos, com uma cilindrada total de 260 cms. cúbicos, colocado atrás. Na frente há espaço para as bagagens.

A carroceria é de aço. O peso do carro é também de 500 quilos. Nas provas de auto-estrada, o "Motocar de Rovin" desenvolveu uma velocidade média de 70 quilômetros por hora.

Enfim o "Jullien 2 CV", fabricado em Toulouse, que faz sua primeira aparição em Paris. Como o "Motocar de Rovin", é de dois lugares, monocilíndrico e atinge a velocidade máxima de 75 quilômetros por hora, consumindo três litros e meio por 100 quilômetros.

A PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA

A participação estrangeira no Salão de 1946 será bastante reduzida. Compreende-se facilmente a causa. Na maior parte dos países, o parque automobilístico foi seriamente atingido pela guerra. A produção é absorvida quase inteiramente pelas necessidades internas. É natural que as firmas não se preocupem em fazer grandes despesas com uma publicidade de que não necessitam.

Apesar da abstenção do "General Motors" e do grupo "Crysler", aparecerão alguns veículos americanos no Salão: o grande caminhão "Herwaythorn", os caminhões médios "White" e "Fano".

Quanto aos carros de turismo, "Hudson", "Studebaker"

e "Willis", mantiveram os seus "stands", bem como a forma "Keyser-Frazer", os famosos construtores dos "Liberty ships" que transformou suas instalações de guerra em fábricas de automóveis. E, está claro, a casa "Ford" francesa. (Copyright do S.F.I.).

O colete vermelho de Teophile Gáutier

(Continuação da pág. 67)

ro nome lá está, por inteiro — Pierre Jules Théophile Gautier — no seu ato de nascimento, aos 30 de agosto de 1811, citado pelo biógrafo Emile Bergerat.

Quando vestiu o célebre colete vermelho para aplaudir a primeira representação do "Hernani", aos 25 de fevereiro de 1830, Théophile Gautier não se alistou nas hostes de Victor Hugo. E não se alistou posto já estava alistado pelo próprio pai que o conduzira a casa do poeta.

Gerard de Nerval, o homem que forneceu a senha do prestígio conquistado por Henrique Heine, na França, pretendia que Gautier, após a visita tímida e cerimoniosa — no mesmo embarço esteve mais tarde Edmundo de Amicis — abdicara da pintura para alistar-se nas letras. A coisa não parece de todo exata. Vá lá que seja...

Em 1830, isto é, nas refregas do "Hernani", Sainte Beuve deu-lhe o título, aliás apropriado, de Camille Desmoulins do romantismo, título que o gracioso Philartète Charles alterou para "tintureiro" do romantismo, talvez para aludir ao colete vermelho de que Gautier nos fala na história do célebre movimento.

Naquela época, não há dúvida, iniciou o nosso Théo seu ministério da literatura

de que foi sózinho e ao mesmo tempo, titular e funcionário graduado.

— Qu'est-ce qui vous avez fait? perguntaram-lhe muitas vezes quando candidato à Academia, essa mesma academia, essa mesma academia burguesa que Gautier batizou de velha Suzana, capaz de agradar apenas a gerontocracia inútil e reumática. Poucos conhecem, em verdade, a extensão da obra do autor da "História do romantismo". Emile Bergerat, seu atento biógrafo, conta-nos que a parte crítica ultrapassa em quantidade a coleção dos "Lundi", de Sainte Beuve, e assegura-nos que os romances, poesias, novelas, viagens, peças de teatro aproximam-se em quantidade da série balzaqueana.

E já que falamos em Balzac, não há senão mencionar a "semelhança de uma mensagem de "Beatrix", quase copiada de um trecho dos "Portraits contemporains", de Gautier.

Gautier
1837

Les cheveux "scintillent" et se contour-



Flor de Maçã

Envolverá seus presentes de Natal
num encantamento imperecível.
A fragrância Flor de Maçã evocará
sempre o adorável encanto místico
da Maravilhosa Noite.

Apresentada em lindos estojos

Colônia, Pó de Arroz. 100 * Colônia, 2 Sabonetes. 110 * Colônia, Sabonete,
Pó de Arroz. 125 * Colônia, Talco, Sabonete. 140 * Colônia, Sabonete,
Loção, 165 * Extrato, Colônia, Batom, Pó de Arroz. 325. * Extrato. 200.300.
Colônia. 50. 75. 150. * Loção. 75. 100. * Talco. 50.
Pó de Arroz. 35. * 3 Sabonetes. 65.

helenarubinstein

RIO DE JANEIRO. AVENIDA RIO BRANCO, 311 TEL. 42-1442

DENTIFRÍCIOS
PANNAIN

AOS NOSSOS DISTINTOS
CLIENTES DESEJAMOS
FELIZ NATAL

ENCONTRADA EM TODAS AS

prefiro



FARMACIAS DO BRASIL

1858 COELHO BARBOSA 1946

Rua da Carioca, 32
RIO

nent aux faux jours, en manière "de filligranes d'or bruni".

Le "front, large", plein, bombé, atire et retient "la lumière, qui s'y jouait en luisants satinés". Une prunelle brune scintille sous un sourcil pâle et velouté d'une extrême douceur".

Le nez fin et "mince", d'un "contour assez aquilin et presque royal".

Les abras prennent de la "rondeurs", la peau, mieux "tendue" par un embonpoint naissant, de vient d'un grain plus fin, se lustre, et se santine, les contours acquièrent de la plénitude.

Balzac
1838

Cette chevelure, au lieu d'avoir une

couleur indécise, "scintillait", au jour comme des "filligranes d'or bruni".

"Son front, large" et bien taillé, recevait avec amours "la lumière qui s'y jouait en luisants satinés". Sa prunelle d'un bleu de turquoise, brillait "sous un sourcil pâle et velouté d'une extrême douceur".

Ce nez, d'un "contour aquilin, mince, avec je ne sais quoi de "royal".

Des bras noblement "arrondis", sa peau "tendue et lustrée", avait "un grain plus les contours avaient acquis leur plénitude".

Nesses pingos e respingos sobre Théophile Gautier, sem preocupações de cronologia biográfica, passamos a mencionar sua atitude por ocasião da reprise do "Hernani", em junho de 1867.

Redator oficial do "Monitor" escreveu Gautier um artigo entusiasta. Pediram-lhe que moderasse os elogios a Victor Hugo, então proscrito. Théo lançou mão de uma folha de papel branco e redigiu seu pedido de demissão. Levou-a ao ministro. Tendo em uma das mãos o artigo e neutra o requerimento disse: Escolhei.

O artigo foi publicado sem alteração.

Ainda que admirador incondicional de Victor Hugo — nenhum outro em sua época, prodigalisou ao autor dos "Miseráveis" tão alto e constante culto — Théophile Gautier não herdou do mestre, do "le père", inclinações políticas. A política vingou-se dele. No tempo do império desejou ser inspetor de Belas Artes,

não o foi; candidatou-se a conservador de uma biblioteca, não o atenderam; namorou o fardão acadêmico, a academia cerrou-lhe a portas; quis ser, finalmente, nomeado senador, invocando o exemplo de Sainte Beuve e Mérimée. O governo não lhe deu a cadeira.

Todos esses agravos às ambições de Théophile Gautier se justificavam posto que, a exemplo de Goethe, não acreditava na utilidade das revoluções, contentando-se com qualquer regime que não viesse perturbar o ambiente pacífico necessário às elocubrações espirituais.

Nada de mais compreensível do que a placidez oriental do bom Théo em face das complicações partidárias, quando se considera que apenas com seu tinteiro e seu talento mantinha numerosa família.

Do mesmo modo que a maioria, senão a quase totalidade dos homens de letras franceses, indignou-se contra os excessos e crimes da comuna de 1871.

Alcançara no império de Napoleão III uma situação do "Journal Officiel". Os republicanos com a queda do regime, respeitosos dos valores de Théophile Gautier, conservaram-no no posto, levando-o a comentar na intimidade que a república fizera por ele, mais do que os 18 anos do usurpador. Não cortejou o segundo império. Aceitou a contingência. Todavia houve um ponto em que não variou; sua fervorosa apologia a Victor Hugo, inimigo de Napoleão em estado terceiro, ou melhor, "Napoléon le petit".

Dono quase exclusivo de um saber universal, Théophile Gautier, na poesia e na prosa deu-nos a visão cosmopolita do belo. Compreendeu todas as raças, todas as civilizações, todos os momentos da humanidade: o antigo Egito, o oriente sacerdotal, a Grécia harmoniosa, a idade média, a Itália artística, a Espanha picaresca, o século XVIII francês. Sua obra deixa a impressão de uma das grandes cidades do império do império romano, Cartago ou Antioquia, em que se reuniam todas as artes e todos os cultos a beleza imortal.

Théophile Gautier oriundo de uma família de macrobios, finou-se cedo, com 61 anos aos 8 de outubro de 1872.

Se há mister defini-lo, podemos repetir: foi um mestre entre os discípulos de Victor Hugo.

Tanto basta a sua glória na polícoria das letras francesas no século XIX, que somente o atribulário Léon Daudet ou-saria batizá-lo de estúpido...

ANDAM GNOMOS PELO QUARTO

(Continuação da pág. 46)

Mas o corpo do monstro escorre um tanto para dentro de casa. Voz de estertor sai-lhe do peito, num esforço de besta que não fala. E geme, com timbre que não deixa dúvida quanto aos seus intentos: "Você... cal... Você morre! lá... lá..." E apontava, trágico, para os trilhos dos elétricos. Depois tombou pesadamente para o interior do aposento, até que apenas um braço ficou, hirtó, apontado para o céu, como se amaldiçoasse. E nesse interim ouvi, com pavor crescente, um som que repetia o meu nome e se espalhava no ar, ganhando ionjuras. "Marcos! Marcos!" Os meus cabelos esperavam somente aquilo para levantarem-se como se eu visse na minha frente o espanto da morte. Não sei que milagrosa circunstância me conservou firme naquele pedaço de cimento pregado a tantos metros do solo. Estava mesmo a desmaiar quando a voz, orientando-me, me trouxe de volta ao mundo. "Aqui, aqui. Que fazes aí, Marcos?" Era a voz do electricista.

Foi tudo rápido. O electricista, meu amigo, meu grande amigo, o meu maior amigo, estendeu-me uma escada. Subi, sabe Deus como, os degraus de madeira e dei-tei-me a comprido no chão do terraço. Não predi, contudo, os sentidos. Qual-

Perfume, sensibilidade espiritual



Fenecem as flores nos calices, as pétalas murcham e tombam frias e sem vida, voltando ao primitivo nada; mas o perfume, como os acordes de um mágico violino, conserva-se no ambiente, deixando as nossas almas envoltas num sonho, quasi realidade...

Água de Colonia Rua do Ouvidor de Mendel
pelo seu finissimo e concentrado perfume, vicia o olfato.

AGUA DE COLONIA
**RUA DO OUVIDOR
DE MENDEL**

DISTRIBUIDOR: LEONCITO AMBRAN

AV. RIO BRANCO, 109-4.º ANDAR-RIO

CALCADOS FINOS
URUGUAYANA, 68
— FONE 43-5709 —



Cativa a todos os seus clientes
 e lhes deseja um Feliz NATAL
 -- e próspero ANO NOVO --

quer força misteriosa me mantinha desperto, como se me quisesse torturar até ao cabo de meu organismo. Levanto-me, digo duas palavras para impressionar o profissional, e na verdade ele não precisava de muita conversa para adivinhar o horror da prova. O meu aspecto mostrava claramente o desenrolar da tragédia.

Demos volta, meu companheiro munido de lanterna elétrica e de um revólver. Caminhamos acompanhando o olhar saltitante da lanterna, que se fixava ora aqui, ora ali, numa quina de parede, até que se deteve no corredor maldito. Avançamos cautelosos, o rapaz em minha dian-

teira, mais corajoso, mais senhor de si. E com efeito, lá demorava, junto à janela, o monstro, — qualquer coisa de repugnante e ignóbil. Ao pressentir-nos, com seu instinto diabólico, ergueu-se um pouco as mãos, tentou pronunciar algumas sílabas, mas apenas engrolou sons quase humanos, que se perderam no espaço. Com o esforço que fez para falar, sentimos o ambiente impregnado do cheiro peculiar de álcool. No relento, com a ventania que soprava desfavorável, eu jamais sentiria aquele hálito.

Quebrara-se o encanto. Ali estava a explicação. O monstro, o "meu" terrífico Frankenstein sala-me um ébrio relíssimo,

sem a mais leve noção do susto que espalhara. Entrara, sem o saber, no alxarifado e por ali andara a sonhar os seus sonhos de maniaco.

Felizmente não houve gargalhadas: eu não podia sorrir; o meu companheiro reconhecia o meu abatimento, e era bastante humano para não zombar de um tal espanto. Estive uma semana acamado, mas logrei curar-me. Lembro-me agora do episódio sem que sinta a menor emoção. Não pude foi voltar ao emprego. Pedi exoneração, em caráter irrevogável, alegando necessitar de um longo repouso.

Ainda hoje os amigos insistem para que eu lhes explique por que deixei a V. O. Gram Corporation. Um cargo tão promissor, com tantas possibilidades futuras e tantas vantagens presentes! Eu é que, por dinheiro nenhum deste mundo, voltaria àquele infernal recinto. Se o leitor está interessado em conseguir um ótimo emprego, dirija-se ao Sr. Wilkins, na sala 125 do Edifício Continental. Diga que quer ocupar o lugar que deixei vago. Acrescente que é meu amigo e ele o receberá com a maior simpatia. Desejo a ambos muito boa sorte.

O modesto orçamento de...

(Continuação da pág. 101)

2º — A senhorita Elisabeth de Miribel, celibatária.

3º — O comandante de Bonneval.

4º — O capitão Guy.

5º — O senhor Mauriac, Claude.

6º — Um organismo comumente chamado: "o secretariado do General de Gaulle, situado em Paris, Quai Branly, 9.

1º — O Sr. Palewski, Gaston

No que diz respeito às suas relações com o inquirido, não parece que ele perceba qualquer remuneração ou gratificação. Teria recusado o lugar de conservador do Aguário do Trocadero por ser acusado de "não saber nadar suficientemente" (sic). Mora no número 32 da rua Bonaparte num apartamento de três peças de que é locatário há muitos anos. Terminadas as funções junto ao general de Gaulle, sua conta no banco eleva-se a doze mil francos, conforme revelam os seus íntimos.

Sua principal fonte de receita consiste em colaboração para jornais anglo-saxônicos. O Sr. Palewski, Gaston, faz questão que seus artigos sejam anônimos para não dar a impressão de explorar o crédito que lhe conferem as suas antigas funções.

Suas despesas são pequenas. Como celibatário introduzido na sociedade, é frequentemente convidado. Não se lhe conhece muito rigor em retribuir os convites. Imputam-se-lhe sem razão despesas excessivas com água de colônia. Este produto de perfumaria é-lhe remetido gratuitamente por amigos que fez em Londres entre 1940 e 1943.

2º — Senhorita Elisabeth de Miribel

Pertence a uma excelente família aparentada do Marechal de Mac-Mahon, outro ex-chefe de Estado. Suas principais fontes de receita consistem do ornado de funcionária do ministério dos Negócios Exteriores. Sua vida mundana, muito ativa, não constitui grande sorvedouro de dinheiro. Não recebe qualquer salário da parte do inquirido.

3º — O comandante de Bonneval

Oficial do exército ativo, o comandante de Bonneval foi colocado pelo ministério dos Exércitos à disposição do inquirido, por motivo deste último, como atrás já foi dito, ter sido comandante em chefe diante do inimigo.

Não recebe qualquer importância da parte do inquirido.

4º — O capitão Guy

Jovem oficial de reserva de 32 anos. Antigo aluno da Escola de Ciências Políticas. Viveu na América, onde ainda reside sua

VIEIRAS DE CASTRO & CIA. Lda

CASA JURITY

Rua Arquias Cordeiro, 279
 Tel. 29-1850

★

CHAPELARIA JURITY

Rua Arquias Cordeiro, 277
 Tel. 29-1479

★

PERFUMARIA MEYER

Rua Arquias Cordeiro, 293
 Tel. 29-0968

★

LOUÇAS E CRISTAIS

Rua Arquias Cordeiro, 285/9
 Tel. 29-1786

★

CAMISARIA CASTRO

Rua Arquias Cordeiro, 275
 Tel. 29-1479

★

FAB. PROD. QUÍMICOS

Rua 2 de Maio, 152-A
 Tel. 29-0756

★

Matriz: Rua Arq. Cordeiro, 275/79 - 285/93 - Tel. 29-1786 - Rio de Janeiro

mãe. As mesmas funções do comandante de Bonneval, com quem alterna.

5º — O senhor Mauriac, Claud

O senhor Mauriac Claude vai uma vez por semana a Colombey-les-Deux-Eglises. Encarrega-se gratuitamente de responder ao correio pessoal do inquirido. O senhor Mauriac é um filho-família. Suas necessidades são suportadas por seu pai, Mauriac François, que exerce a profissão de escritor.

6º — O secretário do General de Gaulle

O organismo de liquidação do Comitê de Londres e da França Livre é denominado erradamente: secretariado do general de Gaulle. O inquirido não tem relação com esse organismo senão na medida das necessidades do serviço: decifração da sua es-

crita, rascunho das suas entrevistas com homens políticos estrangeiros, esclarecimentos sobre fatos relatados nos documentos, etc... — (World copyright 1946 by A.F.P. Paris).

Tentativa de um conto...

(Continuação da pág. 24)

nas embriagada e não se importando em absoluto com a minha presença eu fugindo no bonde, a rua do Catete inexplicavelmente muito longa e sem fim. Ninguém, ninguém compreenderá, mesmo que tentasse explicar, a família dela indiferente e os caminhos do mundo se fazendo negros para sua juventude. Não mais encontrá-la no porão, perfume de crisântemos e os cinemas à tarde, vestida de branco, alegre, sorrindo, o cabelo molhado e os seios pequenos fugindo de minhas carícias. "Não faça isso..." e as mãos perversas apertando o corpo adolescente, sem ouvir mais os "olhe que vem gente" ou "tome jeito rapaz", que todas as moças dizem, encolhida, medrosa, muito pequena em meus braços, e se entregando, assim passiva, os lábios entreabertos, o colo alvo e morno, palavras sussurradas e confissões recalcadas de momentos passados.

Historias tolas de namorados, que sempre se fazem ouvir, lembranças dos primeiros beijos, uma esquina acolhedora e a lua se refletindo na baía, água calma e tranqüila sob meus pés.

★

O vulto de Adriana é conhecido, seus cabelos, sua voz, andando, seu passo apressado e a cabeça baixa, os olhos amarelos, as unhas da mão roídas, a risada, ela séria cantando projetos, lembrando momentos, amigos, cinemas e passeios como esse quando éramos adolescentes e pensávamos que o céu de Maceió era o mais belo do mundo, caramujos do mar que apanhávamos correndo, ou as aulas de latim com suas declinações que não poderia aprender. Falando naturalmente como se aquilo me fosse quase indiferente e eu pudesse lhe dar opinião, dizer que sim, que tudo estava certo. "Bem, eu rescivi..." Para que me dizeres, Adriana? Há mistérios do mundo que os homens não devem compreender e nós também temos os nossos pequeninos, talvez ridículos e possivelmente tolos e infantis. Fiquemos somente com lembranças de outros dias e de outras noites. "Sainha não caia, sainha...", descendo as escadas do ginásio ou "papai acha que nós estamos namorando...", no recreio, sua respiração em meus ouvidos e o cigarro, inútil, lançado fora. Uma vez seu cabelo batendo em meu rosto, num tudonada, e as portas escancaradas do bar ou a esquina que nos acolhia, barulho de linfótipos e a voz compassada do revisor lendo notícias que não nos poderiam interessar, pois nenhum roteiro se abria para nossos sentidos, éramos nós e tristes, mudos, indiferentes, não havia canção no rádio do botiquim, nem estrelas, nem lua. "Sinto que vou aos poucos deixando de gostar de você..." e outras recordações que não deveriam ser guardadas, as brigas sem motivo e as pazes costumeiras, quando as caminhadas se faziam mais alegres e as noites eram rápidas, implacavelmente diminutas para nossos beijos. Depois, outras noites, outras tardes, a lagoa quieta e calma, as longas discussões, questões de política nos interessando, mil imagens ainda vivas, e as confissões temerárias: "eu sabia que isso havia de acontecer mais cedo ou mais tarde", como se fora algo pré-determinado, lei humana à qual não podíamos fugir.

★

Agora sinto que Adriana partirá para nunca mais voltar e seu vulto irá diminuindo na distância ou se perderá no torvelinho do povo que passa, o crepúsculo invadindo as ruas, sem o aperto de sua mão, "adeus, eu preciso ir..." e tudo ficando diferente, triste, nem mesmo os amigos, as conversas, bebidas ou o cabaré da Lapa, onde Dolores cantará tangos e haverá uma voz safada que repetirá, todas as noites, os sambas que falam de amor, navalhadas, brêmios e malandros, violões e madrugadas, sem vê-la, passando com o noivo, porque não o beijando como me beijava antigamente? e casada gorda, cheia de filhos, preocupada com o preço da banha ou a falta de carne, a carestia, apoceticamente matrona, sem o telefone trazer mensagens, sem sonhos, sem projetos, os dias longos e vazios, apenas lembranças das ruas de Maceió, da praia do Flamengo, uma lua dançando na baía, a lagoa nos lados da Góvea e a voz de Dolores se lamentando na noite, fria noite de inverno quando a música se faz ainda mais plangente e aumenta sempre e sempre a pilha de cartões de chopes ante os olhos indiferentes e apassados do garçon.

A VIDA DE VINCENT VAN GOGH

(Continuação da pág. 60)

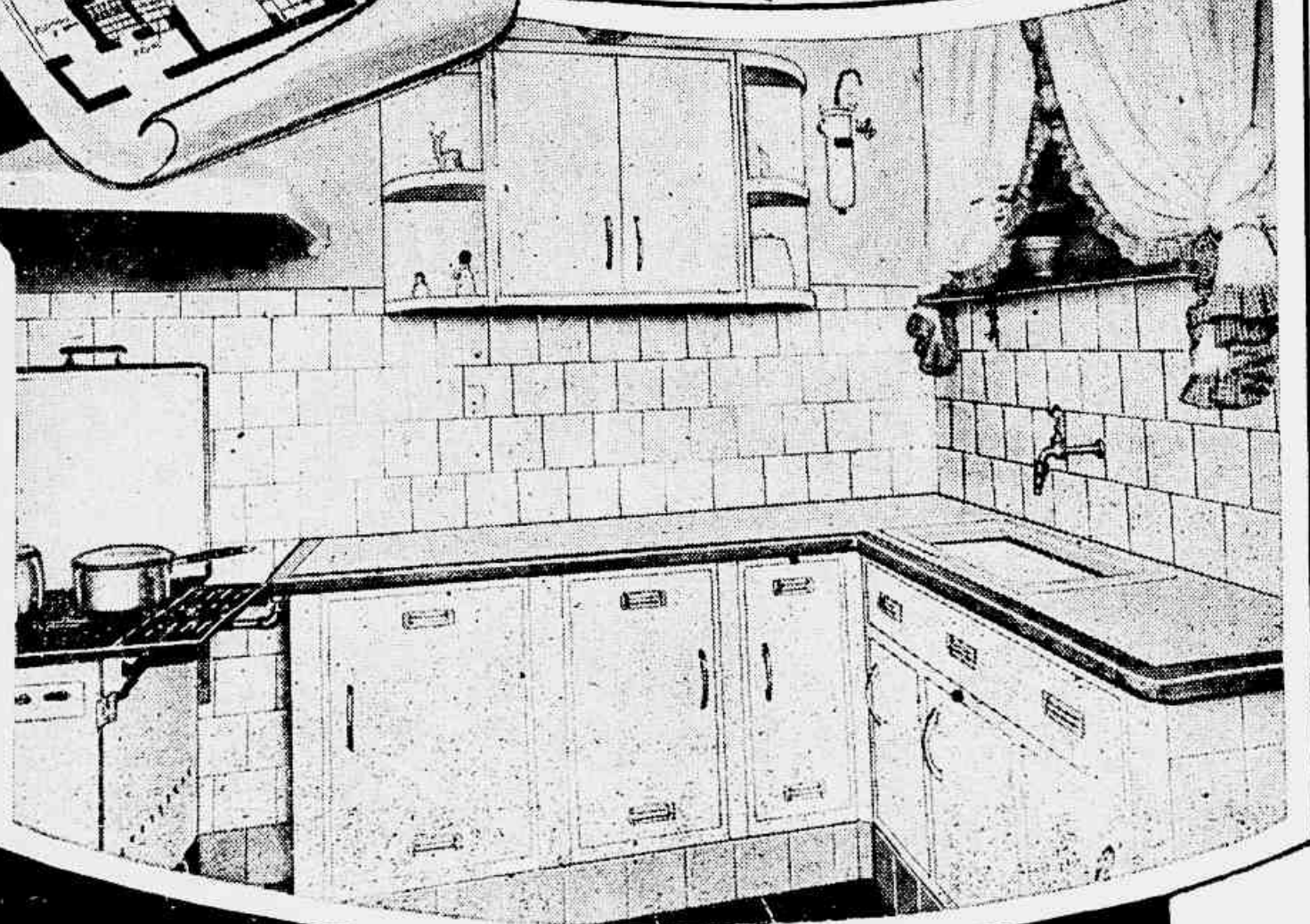
lhe minhas quatro cadeiras de cozinha e minha grosseira mesa de pinho. Desde então me deixou sossegado". Noutra ocasião, escreveu a Téo: "Para minhas roupas, uso o que me foi dado; tenho roupas usadas que foram do nosso pai e suas, e que às vezes não me servem tanto quanto deviam, por causa da diferença de nossos tamanhos".

Nesse período pintou "De Ardappeleters" — o quadro de uma cabana de camponeses, em que a família é mostrada comendo uma refeição de batatas. A pintura é sombria e está cheia de um espírito rembrandtesco. No entanto, como uma regra, Vicente procura outros efeitos. Sentava-se nas dunas de areia e desenhava ao calor do sol do meio-dia "Pintar a luz abrasadora do sol, e reconstituir o desvanecer-se das planuras no infinito, é uma coisa que nos deixa alucinados, no esforço para conseguí-la". Outro caso de amor é mencionado em suas cartas — dessa vez com uma menina que fora "originalmente um espécime de grande valor", mas que agora parecia "um violino de Cremona estragado pelas reparações mal feitas". O caso de amor, como de costume, terminou desafortunadamente. A moça tentou suicidar-se com um veneno. Um escândalo foi evitado pelos discretos cuidados da família. Na realidade, Vincent, apesar de seus trinta anos, era ainda um problema infantil. Pintava, passava fome e amava com igual prazer. "Sou contra as mulheres que se vestem", disse ele uma vez. Estava nessa época preocupado com o estudo de mulheres nuas. E por causa da falta de dinheiro encontrou dificuldade em obter modelos. Enquanto isso, amadurecia lentamente na arte. Tinha afinal definido o que pretendia alcançar. "Fora com os velhos mestres da Renascença! Fora com a anatomia academicamente correta e artisticamente sem vida! Queremos anatomia que viva! Fora com os estudos de cores insípidas e tristes! A maioria dos pintores não conhece uma cor sadia. Não conhece a vida. Se pinto mulheres

S^{rs} ARQUITETOS E CONSTRUTORES:

Tragam-nos seus projetos ou suas plantas e nós nos encarregaremos de organizar "COPAS" e "COZINHAS" MODELOS! Projetamos e orçamos os conjuntos de aço C.A.S.A., sem compromisso. Ofereçamos a feliz oportunidade de ajudá-los a satisfazer aos seus clientes!

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA DE
DAVID & CIA
RUA 7 DE SETEMBRO, III
TELS. 22-4154
42-7196
42-5371



CHAPÉUS JULIMA

A marca que substitue a
propaganda pela qualidade

Fábrica:

R. São Cristovão, 145

Telefone: 28-0683

Rio de Janeiro



camponesas, quero que sejam camponesas". Prostitutas devem ser prostitutas. "Esses dias estou com o pensamento cheio de Rembrandt e Hals" — e das encantadoras meninas holandesas! "Que impressão essas meninas despertam em mim! Desejo ainda mais intensamente pintá-las do que possuí-las, embora na verdade gostasse de fazer ambas as coisas". Pintou-as possuiu-as e descuidou-se de todas as outras coisas. Descuidou-se até mesmo do estômago: e uma vez deixou durante semanas de ter uma boa refeição. Descuidou-se dos dentes. Um a um foram-se estragando, causando-lhe dores tão intensas que engolia o alimento bem depressa para não gritar. Os médicos o aconselharam a ter tranquilidade no trabalho para que não sofresse um abalo nervoso. Insistiu com seu irmão Téo para que deixasse o emprego da galeria Goupil e repartisse com ele um atelier em Paris, acreditando que Téo via nele os sinais de um artista. Mas Téo era principalmente um homem prático para consentir nisso. Vincent foi para Paris, estudou os impressionistas franceses e encontrou o artista Gauguin. E então os quentes ventos da Arles meridional atraíram seu desassossegado espírito. Arles era uma terra de cores luxuriosas. Quando o pintor do norte, que crescera nas frias e solitárias paisagens entre aflitos rostos de camponeses, abriu os olhos na profusão de flores e brilhante complexão das arlesianas, não deve ter ficado mais encantado do que se estivesse caminhando numa cidade das Mil e Uma Noites. Sempre se interessara por paisagens japonesas pintadas em cores brilhantes e fiéis. Agora tinha a impressão de estar passeando pelo Japão de seus sonhos. Uma região de cravos coloridos e fontes brilhantes e de pessegueiros com flores cor de rosa. As mulheres eram bonitas, não havia nenhuma dúvida quanto a isso! Essas adoráveis e encantadoras moças do Sul bebiam absinto e amavam com uma paixão jamais atingida no Norte. Aqui estava um país de maravilhas, sob um sol quente e ofuscante. E Vincent era o homem capaz de pintá-lo. Pintou também uma ponte levadiça atravessada por um carro contra um céu de um azul profundo e diques coloridos de alaranjado. Seu pincel rebentava completamente em chamas. Pintou árvores que "tornem possível dar nascimento a centenas de outras árvores". Pintou girassóis que pareciam querer dissolver-se em luz. Captar algumas preciosas gotas de sol, era o que precisava fazer! Cada vez mais luminosas foram se tornando as cores em suas telas, até que atingiram seus nervos e o sangue subiu-lhe à cabeça. Bebia álcool incessantemente para conservar-se no estado de excitação próprio para pintar as selvagens e exóticas visões de seu cérebro. Fumava continuamente, passava fome, na pressa de continuar pintando, pintando, de catorze a dezessete horas por dia. Havia um demônio dentro dele que o empurrava para a frente. Nessa época, sempre pintava quando o sol estava em sua maior altura, porque era nessa ocasião que as cores das paisagens eram mais extravagantes e mais fantásticas. O calor atacava-lhe o cérebro, dava-lhe vertigens incríveis. Ia para a cama todas as noites com os quentes raios do sol lentamente abrindo caminho em sua razão. Encheu as paredes de seu atelier com pinturas de girassóis e uma série de quadros chamados "O Jardim do poeta". Gauguin veio de Paris para compartilhar com ele do atelier. E Vincent sentia-se supremamente feliz. As vezes passava uma nuvem no horizonte quando pensava nos sacrifícios que Téo estava fazendo para sustentá-lo. Que anjo era seu irmão! Mandava-lhe religiosamente cento e cinquenta francos por mês, para conservar unidos seus corpo e sua alma. Uma vez, num acesso de arrependimento, Vincent escreveu a Téo: "Você não percebe que percebe deixar de pintar do que vê-lo a matar-se para fazer dinheiro?" Ma era impossível! Deixar o pincel! Estava somente brincando, sem dúvida. Estava somente sendo heróico. E Téo era muito bom para levar a sério.

Vincent continuou a pintar e a gastar as noites nos cafés. Arranjou uma dentadura postíça e ia regularmente aos bordéis. Em seu coração continuava o sonho do pintor. Algum dia haveria de brotar da terra o "pintor do futuro", que seria um colorista como nunca fora visto antes. E este sonho o compensava da fome, da pobreza e



GERCA

A LUZ QUE SEMPRE BRILHA

Imponente monumento erguido à entrada do porto de Nova Iorque fala aos homens de todas as nações: "Liberdade! Sob a inspiração da luz que levanto ao alto, partiram homens livres para assegurar no mundo o meu reinado".

Sim, a luz eterna da Liberdade vive no coração dos homens. Por ela lutaram e morreram. E os que tombaram e sofreram para que Ela sobrevivesse, PREVIRAM o futuro claro e seguro que estas gerações usufruirão.

Mas todos os homens PREVEEM? Não, nem todos. Muitos desconhecem as vantagens do Seguro de Vida e no imediatismo da luta pela vida esquecem o futuro. A Cia. PREVIDÊNCIA DO SUL instituiu uma notável modalidade de seguro, o SEGURO DE REAJUSTAMENTO, que garante à família uma determinada renda após o falecimento do segurado.

Servindo há 40 anos a família brasileira, a CIA. PREVIDÊNCIA DO SUL oferece-lhe excepcionais garantias. Realize, por intermédio de um de seus agentes, um Seguro de Reajustamento, e terá PROVIDO aos seus um futuro claro e seguro.



**CIA. DE SEGUROS DE VIDA
PREVIDÊNCIA DO SUL**

— 40 ANOS DE DEVOTAMENTO AOS LABRES DO BRASIL —

PORTO ALEGRE
Vendradas, 1049 (Sede)

SÃO PAULO
J. Bonifácio 93, 6.º

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418, 1.º

SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

CURITIBA
15 de Nov.º 300, 2.º

R. DE JANEIRO
Candelária 9, 9.º

RECIFE
Av. 10 de Nov.º 50, 3.º

SOFRE DO FIGADO ? TOME BIO-HEPAX produto do laboratório da GUARAMIDINA

dos andrajos. Pediu uma vez a Téo uma pequena quantia extraordinária para comprar um colchão, "porque", escreveu ingenuamente, "fui logrado pelo meu senhorio". Outra ocasião escreveu-lhe expressando a grande alegria e gratidão de Gauguin a Téo por ter vendido um de seus quadros por cinquenta francos. Ainda outra ocasião escreveu que estava se tornando infelizmente distraído. "Se a tempestade dentro de mim se tornar muito forte, tomo um copo a mais para distrair-me... Minha concentração se torna mais intensa, minha mão mais forte. E é por isso que ousou quase jurar a você que meus quadros devem melhorar — "porque não tenho nada a deixar enão isso".

Será esse o fim da procura? Um homem de trinta e cinco anos, sózinho e um dissipado incurável? Onde estava a beleza que estivera procurando todos esses anos? No que se transformara o evangelista que um dia se rebelara contra a carreira de negócios e atirara-se a pre-

gar o evangelho entre os primeiros de almas famintas? "Muitas vezes passei dias inteiros sem falar com ninguém exceto para pedir o jantar ou o café". Onde estava a fé que uma vez o moveu a tomar em seu lar uma prostituta e trabalhar pela sua regeneração? "Sinto-me ofuscado pelo sol e pelo esforço de fazer grandes telas". Onde estava a pura essência de seu gênio, depois dos pacíficos anos de filtragem e destilação através do alambique da pobreza e dos sofrimentos? "Tudo que tenho para mostrar, é uma carcassa bastante arruinada e um espírito bastante esmagado pela vida... Isto custou a você, Téo, os cinquenta mil francos que me adiantou". Téo preveniu-o contra as bebidas excessivas. Por isso, durante alguns dias, Vincent conservou-se valentemente sóbrio. E o Mundo? Havia nele infelizmente apenas sobriedade. "O Sr. chama isso de arte?" sussurrou a moça da época. E todos os críticos barbaças riram em côro.

★

Vincent tornou-se obcecado pela ideia de que não tinha mais muitos anos para viver. Sentiu que estava ficando louco. Este quente sol de Aries! Estas cores sanguineas nas telas! O sofrimento, as privações! Vincent fala muitas vezes da loucura e aponta quantos grandes homens foram vitimados por ela. Esses homens sacrificaram seus espíritos para realizar seus ideais. "Nossos novos pintores são tratados como loucos pela sociedade, e por causa desse tratamento eles se tornam loucos, na rea-

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquiagem, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males físicos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belas que sejam os seus vestidos, por mais vistosas que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2. O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2 conforme o seu caso — e esteja certa de que faz uma escolha sã e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde e que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça pois: escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza; mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetuá-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.

lidade". Ou — "Quanto mais sou um louco, mais sou um artista". E ainda de novo — "Os médicos podem dizer que não somente Moisés, Maomé, Cristo, Lutero, Bunan e outros líderes religiosos mas também artistas como Frans Hals, Rembrandt e Delacroix foram loucos. Onde então estão as pessoas sãs?"

Na realidade, as casas de Van Gogh e Gauguin eram casas de loucos. Os dois artistas pintavam juntos, discutiam arte juntos, embebedavam-se juntos e atiravam copos de vinho um no outro. Podia discutir os impressionistas, os simbolistas; podiam lutar por Delacroix, Daumier, Pissaro; e podiam sair do atelier sem falar um com o outro durante muitos dias. Gauguin era um homem gigantesco. Esperdiçara uma fortuna regular e fora para as Ilhas dos Mares do Sul pintar e viver com as mulheres nativas. Em algum lugar, na Dinamarca, deixara uma esposa. Agora, em sua volta à França passava o tempo perdendo dinheiro nos bilhares, vagabundeando pelos museus e pintando obras-primas. Era indiferente ao dinheiro; era indiferente aos homens. Estava fascinado, contudo, pelos girassóis e pelas cenas de bordel de Vincent. Vincent, em compensação, admirava Gauguin. Os dois artistas aplaudiam-se e amaldiçoavam-se mutuamente e estavam prontos, durante algum tempo ao menos, e se defenderem mutuamente com as próprias vidas.

Vincent continuava a misturar o alaranjado com a púrpura, e os flamejantes amarelos com os verdes brilhantes. Devia embeber as telas com o sol escaldante, o ar fresco, a pulsação das sombras. Vivía de biscoitos, leite e ovos e gastava o dinheiro do irmão em tintas. Pintou a vida noturna num café. "Tentei expressar as terríveis paixões da humanidade por meio do vermelho e do verde", escreveu a Téo. "A sala é de um vermelho sanguíneo e amarelo escuro, com uma mesa de bilhar verde no centro; tem quatro lâmpadas de uma amarelo limão, com uma chama alaranjada". Pintou catorze girassóis num chão de um verde amarelado. "Meu querido Téo, estou extasiado com o que vi, fui pintar um jardim ao resplendor do sol. Então trouxe a tela de volta e voltei com uma tela preta, que também foi terminada. Pálido, sulfuroso resplendor do sol, casas cor de rosa com portas violetas! Sinto uma relação entre minhas cores e a música de Wagner. Amarelo e lilás! Essas cores me dão uma extraordinária exaltação... Não penso em cansaço". "Pintou o exterior de um café com um terraço iluminado por uma grande lâmpada de gás na noite azulada, e um canto de céu azul estrelado". Não tinha nenhuma consciência de mim mesmo, e o quadro veio a mim como num sonho... Até agora não estou doente, mas ficarei sem a menor dúvida se não me alimentar bem e se não parar de pintar durante alguns dias... Tenho a intenção fixa de não pintar ao menos três dias... Talvez consiga parar, escrevendo... Minha última tela é uma fileira de ciprestes verdes contra um céu colorido de rosa, com uma lua crescente em cor de limão pálido... Estou quase morto com o trabalho da semana passada... Dormi exatamente dezessete horas de uma só vez, e isto me restaurou consideravelmente... Mas tive uma boa semana, verdadeiramente, com cinco telas". Isto a 18 de dezembro do ano de 1889. A 21 de dezembro foi enviado um telegrama a Téo chamando-o urgentemente a Arles. Vincent, num estado de terrível excitação e febre raivosa, cortara um pedaço da própria orelha e o enviara como um presente a uma mulher de bordel. Téo tomou o primeiro trem e encontrou Vincent em estado de inconsciência, num hospital. Enlouquecera num tempestade de oleandros flutuantes e céu cor de rosa.

★

Voltou da crise e durante algum tempo pareceu ele próprio de novo. Foi falar com a mulher do bordel e pe-



NUNCA É TARDE PARA ENSINAR
À SUA FILHA QUE O "OLEO DE
PEROBA" LUSTRA, LIMPA E
RENOVA MÓVEIS...



U S E M PAPEL COUCHÉ NACIONAL KLABIN

diu-lhe desculpas por lhe ter mandado um pedaço da orelha num acesso de febre. Ela não se importou; ninguém se importara. Havia casos semelhantes a este. Toda gente em Arles era um pouco louca. O vento sul, as cores fantásticamente coloridas. "Espero que tenha tido sómente um capricho de artista", escreveu ele a Téo. Voltou para trabalhar no atelier dessa vez sem Gauguin. Agiu estranhamente em todo o caso. Um dia depois do ataque de Vincent, deixara Arles e fora para a Bretanha, abandonando o amigo. Vincent continuou a pintar. Ainda estava doente e sofria de insônia. Só conseguia dormir quando colocava uma dose de cânfora embaixo do travesseiro. Os médicos asseguraram-lhe que estava simplesmente arruinado sob o esforço de um trabalho excessivo e que era sómente uma indisposição temporária. Disseram-lhe que esses ataques apareciam nas pessoas muito impressionáveis. Na realidade, durante o primeiros dias depois que se restabeleceu, viu-se assaltado por contínuas alucinações. Mas essas alucinações foram reduzidas a alguns pesadelos por semana, à força de se envenenar com brometos. Pediu aos médicos que o deixassem trabalhar intensamente outra vez. Por que toda essa consulta e toda essa incerteza? "Ou atirar-me diretamente num hospício — não posso opor-me a isso, no caso de estar enganado a meu respeito — ou então deixem-me trabalhar com toda a minha força..." Esse delírio, em que todas as coisas que mais queria haviam sido postas em perigo, recusou-se a aceitar como uma realidade.

Em fevereiro, um mês depois de sua saída do hospital, Vincent voltou para lá mais uma vez. Imaginara que desejavam envenená-lo. Na realidade, desde a primeira crise, seus vizinhos haviam-se reunido em torno das janelas de seu atelier, apontando em segredo para o "louco". Toda vez que Vincent aparecia à janela para tomar ar, saudavam-no com a exclamação: "Louco! Louco!" Era continuamente perseguido por esses gritos. "Olhem os quadros que pintou — um insulto à humanidade! Olhem sua orelha mutilada!"

Saiu do hospital mais uma vez. Escreveu a Téo, pedindo-lhe que não se preocupasse com a sua situação. "Temos de novo engolir isso, seja lá o que for. E poderei melhorar mais depressa se souber que você está com o cérebro em paz".

No entanto, algumas semanas mais tarde voltou ao hospital. Téo estava desorientado de angústia, mas não recebia notícias. Os médicos mantinham num estrito silêncio. Afinal, em março, Téo recebeu uma carta de Vincent. "Pareço ver tanta angústia fraterna em sua carta, que penso ser meu dever quebrar meu silêncio. Escrevo a você em plena posse de minhas faculdades, não como um louco, mas como o irmão que você conhece. E' esta a verdade". Então explicou que alguns de seus vizinhos fizeram uma petição ao prefeito descrevendo-o como um homem incapaz de ser conservado livre. E por isso o inspetor de polícia dera ordens de conservá-lo encerrado numa cela. "Você deve compreender a vertigem que se sente quando se percebe que tantas pessoas foram bastante covardes para se reunirem contra um homem, e sendo esse homem doente. Principalmente, quando fiz o possível para ser amável com as pessoas sem suspeitar o seu ódio". Muito bem, não era ele um louco que vivia numa casa amarela, enchendo as paredes com fascinantes pinturas de girassóis? "Eu disse ao prefeito que estava pronto a atirar-me na água se isso agradasse a esse bom povo de uma vez por todas; mas que, em todo o caso, se havia infligido uma ferida a mim mesmo, nada lhe havia feito". Alegava que se continuasse permanentemente louco, o povo "não se preocuparia comigo quando estivesse ocupado pintando ou comendo, ou dormindo, ou dando uma volta pelo bordel, visto que não tinha mulher. Agora se preocupam com tudo".

Os médicos atribuíram tudo isso ao café e ao álcool. Mas que mais podia ele fazer? "Para alcançar a alta nota amarela que atingi no último verão, deveria estar perfeitamente fortalecido". O artista é um homem que tem um trabalho a realizar, mesmo se for preciso perder o corpo e o cérebro ao fazê-lo. O verdadeiro artista deve sacrificar tudo — saúde, felicidade, respeito pessoal, mesmo a própria vida no altar de sua arte.

Vincent, contudo não era por natureza um mártir. "Você deve por de lado qualquer idéia de sacrifício nosso", escreveu a Téo. "Através de toda minha vida, ao menos na maior parte dela, procurei alguma coisa mais do que uma carreira de mártir, para a qual não estou apto. Se encontro ou causo algum incômodo, fico honestamente aborrecido com isso".

Quando estavam prontos para dar-lhe alta novamente no hospital, assustou Téo anunciando que desejava transferir sua residência para o Hospício de São Remy, pois detestava a idéia de voltar sozinho para o atelier. Esperava que as autoridades da instituição quisessem dar-lhe

um quarto em que pudesse pintar, para contentamento de sua alma. Foi tudo que exigiu. Enquanto isso, Téo devia perdoar-lhe, se sua correspondência diminuísse. "Não sei se escreverei muito frequentemente daqui por diante, porque nem todos os meus dias estão suficientemente claros para me tornar capaz de escrever logicamente". Téo não deveria consumir-se com nenhuma piedade dele. "De certo modo, é sómente natural que, tendo vivido alguns anos com uma saúde relativamente boa, possamos ter nossa parte de má saúde mais cedo ou mais tarde". Naturalmente não teria escolhido exatamente a loucura. Mas, afinal de contas, qual era a diferença entre uma doença

e outra? "E quanto a meu futuro, não mais como se tivesse vinte anos, Téo. Já fiz meus trinta e seis. E quem sabe? Apesar de tudo, ainda poderei ter um bom número de anos quase normais diante de mim... Oh, meu querido Téo, e você pudesse ver agora os olivais!"

As vezes, contudo, a depressão o atingia. "Se eu não tivesse sua afeição, Téo, meus sofrimentos me arrastariam sem remorsos para o suicídio... Há um ponto em que se tem o direito de protestar contra a sociedade e se defender a si mesmo". Téo estava a seu lado, aflito.

(Continua na pág. 114)

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.

Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna

METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

Consulte o PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA



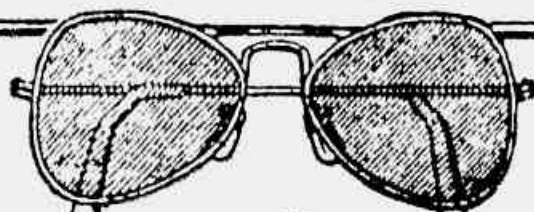
O PEQUENO DICIONÁRIO, cuja sexta edição acaba de ser lançada, apresenta — sobre os outros dicionários — as seguintes vantagens:

- * Larga cópia de brasileirismos, autorizados e de uso comprovado nas diversas regiões do país.
- * Registra as flexões irregulares de todos os verbos e faz referência às linguagens verbais não conjugadas dos verbos defectivos.
- * Registro das flexões irregulares de gênero, número e grau, bem como todos os superlativos irregulares.
- * Além da prosódia, traz a grafia etimológica, principalmente nos casos em que são empregados os grupos consonantais *cc*, *ct*, *pc*, *pt*, ora pronunciados, ora não.
- * Registro das palavras mortas em Portugal mas ainda em uso entre nós e outras de uso restrito além-mar e generalizadas no Brasil.

Volume encadernado: Cr\$ 60,00

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A
Rua Ouvidor, 54 • Rio de Janeiro

IMPECÁVEL EXATIDÃO NO
AVIAR O RECEITUA-
RIO DOS SENHORES
MÉDICOS OCULISTAS
★
ADAPTAÇÃO METICULOSA



OTICA CENTRAL

ESPECIALIZADA
Rua Ramalho Ortigão, 9

ENVIAMOS AOS NOSSOS
AMIGOS E FREGUESES
VOTOS DE BÓAS FESTAS
E FELIZ ANO NOVO

O Bazar Magico

(Continuação da pág. 77)

e com um sorriso mais deslumbrante que nunca. — E' incrível o que as pessoas levam consigo sem o saberem.

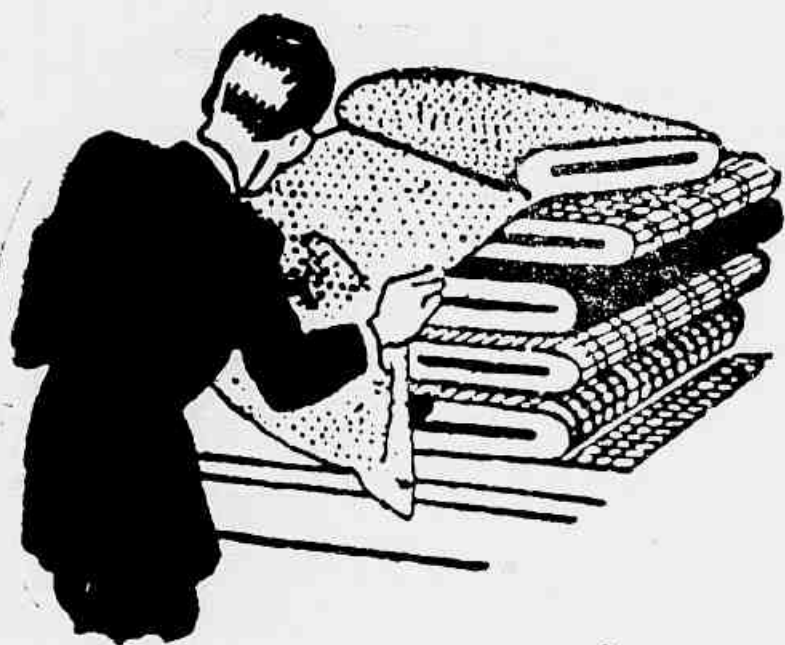
— Depois, dirigindo-se a Gip: — Vê aqui alguma coisa que lhe agrade?

Havia ali, de certo, muitas cousas que agradavam a Gip. Com uma mistura de confiança e de respeito ele voltou-se para o inconcebível negociante.

— Aquela espada também é mágica? — perguntou ele.

— Este brinquedo é uma espada mágica. Ela não se dobra, nem quebra, nem corta os dedos. Ela torna aquele que a tem consigo invencível na batalha contra qualquer humano de menos de dezoito anos de idade. Há dessas espadas para todos os preços, desde uma corôa até sete shillings e meio, conforme o tamanho. Essas panoplias sobre papelão são muito úteis para jovens cavaleiros errantes: escudo de segurança, sandalias de rapidez, elmo de invencibilidade.

— Oh! papai! — exclamou Gip arquejante.



*Os tecidos
que vendemos...*

*são garantidos
pelas nossas fa-
bricas.*

CORES E PREÇOS FIXOS

CASAS

PERNAMBUCANAS

Eu quis saber quanto custavam as panoplias, mas o negociante não me atendeu. Ele tinha-se apoderado de Gip, nesse momento; havia-o feito abandonar o meu dedo. Prosseguiu na explicação do seu maldito sentimento e nada podia obrigá-lo a parar. Em breve, com um aperto de coração e um sentimento de coisa inquietação, vi que Gip pegava no dedo daquela personagem, como costumava pegar no meu. Sem dúvida, o que lhe contava o sujeito era de veras interessante, e ele possuía um lote incomparável de mercadorias capciosas... contudo...

Eu segui-o passo a passo, abrindo apenas a boca e não deixando de olhar para o prestidigitador. Afinal de contas, Gip tinha prazer naquilo, e, sem dúvida, quando chegasse o momento de nos irmos embora, facilmente nos separaríamos de todas aquelas delícias.

Aquela sala posterior, longa com inúmeros cantos e recantos, era uma espécie de galeria cortada de balcões, de aparadores, de pilares, cheia de aberturas abobadadas conduzindo a outras estantes, onde empregados extremamente esquisitos vagueavam observando-nos com curiosidade; havia por todos os lados espelhos e cortinas, no meio dos quais ninguém se podia orientar, a tal ponto que, na verdade, em pouco, não me foi mais possível saber por que porta havíamos entrado.

O negociante mostrou a Gip uns trens magníficos que se punham em marcha sem vador, sem auxílio mecânico, logo que se punham em movimento os sinais; umas preciosíssimas caixas de soldados que adquiriam vida assim que se abria a tampa e se pronunciava uma palavra... Eu não tenho ouvido muito sutil e aquilo se obtinha com um som formado com a língua dobrada, mas Gip, que tem o ouvido da mãe, apanhou-o logo.

— Bravo! — exclamou o negociante tornando a meter, sem cerimônia, os soldados dentro da caixa, e oferecendo-a a Gip. — E' a sua vez!

Instantaneamente Gip deu vida a todos os soldados.

— Querem levar esta caixa? — perguntou o nosso guia.

— Levá-la-emos, — respondi, — a não ser que a queira vender pelo seu justo valor... pois nesse caso só um milionário a poderia comprar.

— Não, de certo, — disse o negociante, que com um movimento da mão tornou a pôr no seu lugar todos os soldados, fechou a tampa, agitou a caixa no ar e não-la ofereceu então perfeitamente embrulhada em papel pardo e amarrada com barbante, tendo no letreiro o nome e sobrenome e o endereço de Gip.

O homem desatou a rir ao ver a minha surpresa.

— Isto é que é verdadeira magia, — disse ele, — magia autêntica e real.

— Um pouco autêntica demais, para o meu gosto, — epeti.

Depois do que ele tornou de novo a mostrar outros objetos mágicos a Gip, coisas bizarras e passes executados de um modo ainda mais bizarros. Ele explicava-as, revelava-lhes os segredos, e o bom do menino agitava a sua bolazinha do modo mais entendido.

Eu não prestava àquela toda a atenção que devia.

— Olá! Presto! — exclamava o logista mágico.

— Olá! Presto! repetia o menino com a sua voz clara.

Eu, porém, distraí-me com outras cousas e notava passivamente a singular estranheza daquele bazar; ele era, por assim dizer, banhado de estranheza. Havia o que quer que fosse extravagante até na disposição dos objetos, no teto, no chão, nos assentos colocados aqui e ali. Eu tinha a curiosa impressão de que, todas as vezes que não olhava diretamente para eles, os assentos andavam; passeavam, brincavam de quatro cantos atrás de mim. A cornija estava granulada de uma fila de máscaras de mastado expressivas para não serem mais que simples máscaras de gesso.

Repentinamente, foi a minha atenção atraída por um dos vendedores de aspecto bizarro. Estava ele a alguma distância e evidentemente não contava com a minha presença. Eu via-o de lado, por cima de uma pilha de brinquedos e através da entrada abobadada de uma galeria; estava indolentemente apoiado a um pilar executado nas feições das mais horridas caretas.

Com o nariz particularmente foi que ele se pôs a fazer os mais bizarras exercícios. E fazia tudo isto como quem está desocupado e quer distrair-se. Primeiramente, o nariz estendeu-se para trás como um telescópio; esticou-o então para a frente e o seu apêndice ficou igual a uma vara comprida flexível. Era um verdadeiro nariz em todas as direções e movia-se como um pesador atrai o anzol.

O meu primeiro pensamento foi evitar que Gip visse semelhante espetáculo. Voltei-me, mas Gip estava totalmente absorvido com o negociante e não pensava em nada mais. Ambos falavam o mesmo voz olhando para o nariz. Gip estava de pé sobre um pequeno banquinho e o negociante estava nas mãos uma espécie de tam-



PARA AS Festas

ARTIGOS FINOS PARA
PRESENTES DE GOSTO.
GRAVATAS, CINTOS E FIANÇAS

Camisaria

AYRES

Carreira 23

FONE 22-6595

Ayres

o absoluto das camisas sob medida
cumprimenta sua numerosa e se
leia freguesia, a todos desejando
BOAS-FESTAS e um ANO NOVO
muito feliz.

bor muito grande.

— Vamos brincar de esconder, papai. Queres? — gritou-me a criança.

Antes que eu pudesse fazer o que quer que fosse, o negociante o havia já encoberto com o tambor. Imediatamente compreendi o perigo.

— Levante isso! Sem demora! O senhor vai assustar esse menino. Levante isso!

O homem das orelhas desiguais levantou o tambor sem dizer uma palavra, e pôs o grande cilindro na minha direção para mostrar que ele estava vazio. O pequeno banco estava também vazio. Naquele instante, meu filho tinha desaparecido inteiramente...

O leitor não desconhece talvez essa angústia sinistra que, como uma mão invisível, nos vem torcer o coração. Ela aniquila-nos a personalidade habitual e deixa-nos refletir a sangue frio, sem lentidão nem pressa, sem cólera nem temor. Era assim que eu me sentia.

Avancei para o lojista, que fazia caretas, e empurrei o banco com o pé.

— Acabe com essa loucura! — ordenei. — Onde está meu filho?

— Bem vê, — disse ele, mostrando de novo o interior do seu cilindro. — Não há aqui o menor embuste.

Estendi bruscamente a mão para agarrá-lo pelo pescoço, mas ele evitou-me com um movimento ágil. Insisti, mas ele voltou-se e, empurrando uma porta, deu uma gargalhada e desapareceu.

— Espere! — bradei.

E saí atrás dele... nas mais profundas trevas.

— Pan!

— Que o bom Deus o abençoe! Eu não o tinha visto vir, meu senhor.

Achava-me em Regent Street e acabava de dar um encontrão em um operário decentemente vestido. A um metro de distância, talvez, e um pouco perplexo, Gip olhava para mim. Apresentei ao operário algumas rápidas desculpas e Gip se me veio juntar com um sorriso feliz, como se estivesse contente de me tornar a achar, depois de me ter perdido um instante.

Trazia consigo quatro embrulhos. Imediatamente, tornou a tomar posse de meu dedo. No primeiro momento senti-me um pouco desorientado.

Voltei-me para a porta da loja mágica, e vi que não existia mais ali! Não havia ali nem porta, nem loja, nada, — somente a pilastra ordinária entre o negociante de quadros e a fachada onde se viam os pintinhos... Tomei o único partido possível no meio daquele desastre mental: adiantei-me até a beira da calçada e brandi o meu guarda-chuva para chamar um friacre.

— De carro! — disse Gip, cuja alegria não conheceu mais limites.

Ajudei-o a subir; fazendo um esforço de memória, lembrei-me do meu endereço, e subi por minha vez. No bolso do meu casaco, um objeto revelou-me a sua presença quando me sentei. Meti a mão e encontrei uma bola de vidro. Com uma excitação petulante, arremessei-a na rua.

Gip não dizia palavra. Durante certo tempo, nem ele nem eu abrimos a boca.

— Papai, — disse ele finalmente — aquilo é que era um verdadeira bazar.

A estas palavras perguntei de mim para mim que idéia ele poderia guardar de tudo aquilo. Parecia perfeitamente são e salvo — até aí, tudo ia bem. Não estava abalado, nem assustado, mas unicamente cheio de uma extraordinária satisfação pelo prazer que tinha tido, e conservava sobre os joelhos os quatro embrulhos.

Com a breca! Que poderiam eles conter?

— Hum! — murmurei. — Os meninos não vão todos os dias a lojas como aquela.

Ele aceitou este comentário com o habitual estoicismo e durante alguns instantes, lastimei não ser sua mãe e não poder ali mesmo, em um movimento súbito, "coram populo", abraçá-lo com toda a força. Afinal, pensei, o caso não foi dos piores!

Foi somente depois de desfazermos os embrulhos que principiiei a sentir-me verdadeiramente tranquilo. Três de entre eles continham caixas de soldados de chumbo, como se vêm por toda a parte, mas de tal qualidade que Gip podia esquecer que aqueles embrulhos tinham contido na sua origem objetos mágicos da mais autêntica espécie. O quarto encerrava um gatinho, um gatinho branco, vivo, de saúde, de apetite e de disposições excelentes.

Assisti ao desparcamente com uma espécie de alívio provisório, e deixei-me cair no aposento das crianças um tempo inculcável.

São passadas seis meses. E agora estou habilitado a acreditar que tudo vai bem. O gatinho não tem a magia

peculiar a todos os gatinhos, e os soldados têm o ar de um regimento tão firme, quanto o poderia desejar o mais exigente dos coronéis. E Gip?

Os pais inteligentes compreenderão que cumpria proceder com prudência no tocante a Gip. Mas, um dia, arrisquei-me.

— Gostarias, Gip, se os teus soldados tivessem vida e manobrassem por si mesmos?

— Os meus fazem isso, — respondeu Gip. — Basta-me dizer-lhes uma palavra que sei, antes de tirar a tampa.

— Então eles manobrarão por si mesmos?

— Oh! certamente, papai. Se não fosse isso, eu não gostaria deles.

(Continua na pág. 114)

Obtenha e conserve em sua pele a irradiante

Beleza de Adolescente



Para assegurá-la, não esconda...

Corrija as imperfeições do seu rosto com LEITE DE COLONIA.

CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE

Ao levantar-se, limpe sua cutis com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador e como protetor da cutis. Ao deitar-se, para retirar o maquiagem e limpar novamente a pele.



A pele jovem e acetinada não é uma dádiva de beleza exclusiva das adolescentes. Há muitas mulheres que mantem a irradiante mocidade da sua cutis por longos anos... Com certeza, a sua preocupação é também adquirir e conservar uma pele sempre linda e sempre jovem. Pois bem... Então, não artificialize os seus encantos com o excessivo maquiagem para esconder as imperfeições do rosto. O mais certo e mais saudável é evitá-las e corrigi-las com Leite de Colonia. Produto de toucador, mas de base medicinal, Leite de Colonia elimina manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da cutis. Além disso, é magnífico fixador do pó, de arroz. E ainda protege a pele. Use sempre Leite de Colonia. E alvorecerá, diariamente em seu rosto, uma nova beleza - mais radiante e mais jovem.

Leite de Colonia

LIMPA... ALVEJA... AMACIA A PELE.

Record-LC-6

MUTUALISMO...



A cooperação para a execução de um empreendimento, e a divisão dos resultados entre os participantes, são a essência do Mutualismo - sistema que tem a sua aplicação ideal no ramo de Seguros de Vida - como o comprovam os 50 anos de existência da "A Equitativa".

A EQUITATIVA

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sociedade Mútua

de Seguros Sobre a Vida

MATRIZ: AVENIDA RIO BRANCO, 125 - RIO

INDUSTRIA DE TINTAS E
VERNIZES COTTOMAR LTDA.TINTAS DE IMPRESSÃO E PINTURA — FITAS DE MÁQUINA — PAPÉIS CARBONOS
RIO DE JANEIRO

Cumprimenta seus clientes desejando-lhes um FELIZ
NATAL e um próspero ANO NOVO.

1946

1947

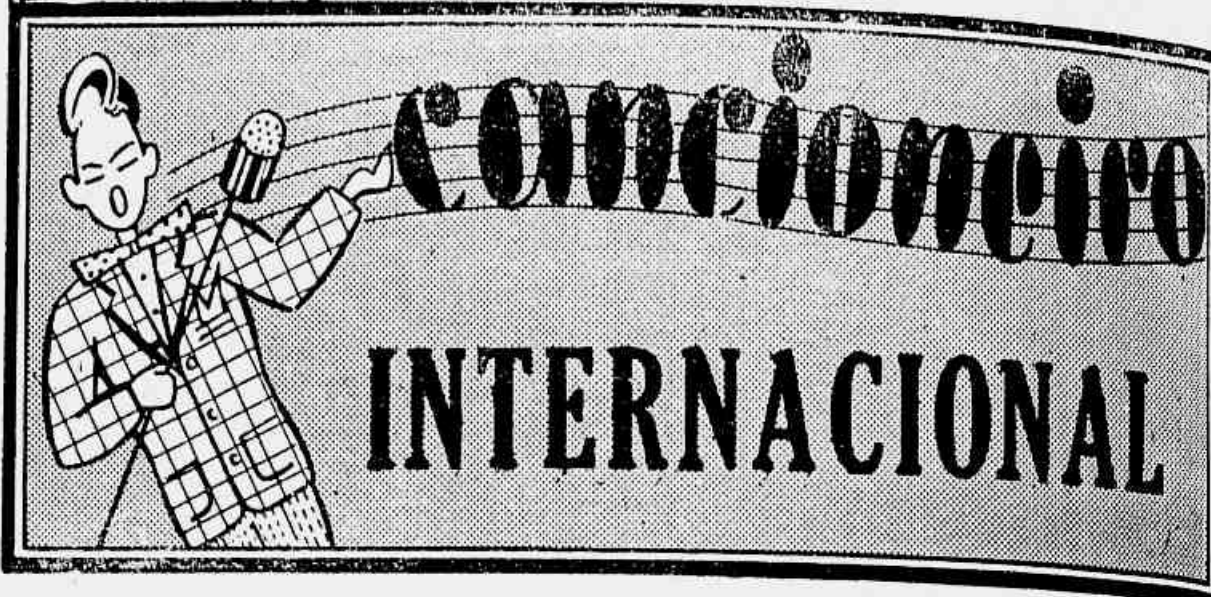
TINTAS PARA IMPRESSÃO

FORNECEDORES DA

"REVISTA DA SEMANA"

EHLERMANN & CIA. LTDA.

Rua Teófilo Otoni, 134 -- Tel. 23-0759



CANÇÕES DE BÔAS-FESTAS, CANÇÕES DE CORDIALIDADE

GORIA IN EXCELSIS DEO! cantaram os anjos nas alturas, anunciando o nascimento de Jesus. Pode-se, portanto, considerar esse hino celestial como a primeira expressão musical com que se comemorou o Natal. E nunca mais se deixou de celebrar o grande acontecimento sem o canto de suaves melodias. O folclore do Brasil, como o de todos os países, apresenta uma infinidade de lóas, cânticos e cantigas infantis que, infelizmente, hoje jazem no mais lastimável dos esquecimentos. No norte do país, principalmente no interior, onde as suas populações ainda não se deixaram influenciar pelo ritmo avassalador do progresso que, entre nós, concorre para se relegar a plano secundário tudo quanto diz respeito à tradição, são inúmeros os folguedos populares que tão bem caracterizam as festas de Natal. Estão neste caso, o "Bumba meu boi", forma de teatro hierático; a "Chegança", um dos mais populares, que tem como cenário uma grande nau de guerra armada em praça pública, na qual se procura simular uma expedição naval contra os mouros e durante as suas representações não se sabe o que mais admirar, se os combates "encarniçados", as piadas engraçadas do "padre", os cânticos bárbaros dos feitos heróicos ou as danças pitorescas e o "Pastoril", espécie de representação dramática, levada a efeito num tablado armado ao ar livre, tendo como personagem central o "Velho" que, a certa altura, passa a contar anedotas, a pilheriar com os espectadores ou a bancar o leiloeiro de várias prendas, inclusive as flores que ornamentam a cabeça dos "dianas", que lideram o grupo das pastoras dos cordões azul ou encarnado. No pastoril há abundância de cantos e danças e o espetáculo se prolonga madrugada a dentro, a meio do entusiasmo dos partidários das "dianas" dos dois cordões.

Como se vê, a música está sempre presente em todas as manifestações da grande efemeridade cristã. Entretanto, nas grandes cidades, como o Rio, a noite de Natal é comemorada de formas as mais extravagantes: em volta de uma mesa repleta do "material" indispensável à mais modesta consoada ou, então, gasta-se o tempo no percurso entre o bar e a ala de danças de "night-club". O rádio familiar e as orquestras barulhentas se encarregam de animar o ambiente, na apresentação dos sambas para o próximo Carnaval, dos mais alucinantes "swings" importados de Tin Pan Alley, os boleros sensuais da terra de Pedro Vargas, das congas bamboleantes da Perola das Antilhas ou dos tangos desesperados, que brotam da lira de ouro dos felizes compositores que vivem do outro lado de Santana do Livramento.

Há mil novecentos e quarenta e seis anos, os anjos entoaram nas alturas o hino do "Gloria in excelsis Deo". Mas, isso já faz tanto tempo que os homens de boa vontade, a quem eles dirigiram, também, uma mensagem de paz, acabaram se esquecendo de que, pelo menos à meia noite do dia 24 de Dezembro, eles deveriam cantar outro gênero de música. O nosso grande compositor Villa Lobos acaba de lançar um álbum de "Canções de Cordialidade" que compôs sobre versos do insigne Manuel Bandeira e, entre elas, se incluem dois excelentes números que bem mereciam ser decorados a fim de que, a essa hora, no aconchego do lar ou onde quer que se encontrassem, todos os brasileiros as entoassem de coração. — F.

VEN, DULCE AMADO MIO

(Nicaragua)

Ven, dulce amado mio,
No tardes en venir;
Nazca nuestro Emanuel
Para con él vivir,
Para con él vivir.

Llegue la hora deseada
que del cielo turquí
cantando gloria bajen
querubes mil a mil. (Bir)

Venga la paz al hombre
y el que ha de redimir
nos muestre ya su rostro
para amarlo y servir

WHITE CHRISTMAS

Fox de Irving Berlin

The sun is shining, the grass is green,
the orange and palm trees sway
There's never been such a day
in Beverly Hills, L. A.
But it's December, the twenty fourth,
And I'm longing to be up north

I'm dreaming of a white Christmas
just like the one I used to know
where the tree tops glisten
and children listen to hear

sleigh bells in the snow,
I'm dreaming of a white Christmas
which every Christmas card I write
"May your days be merry and bright
and may all your Christmases be white".

BOAS FESTAS

Marcha de Assis Valente

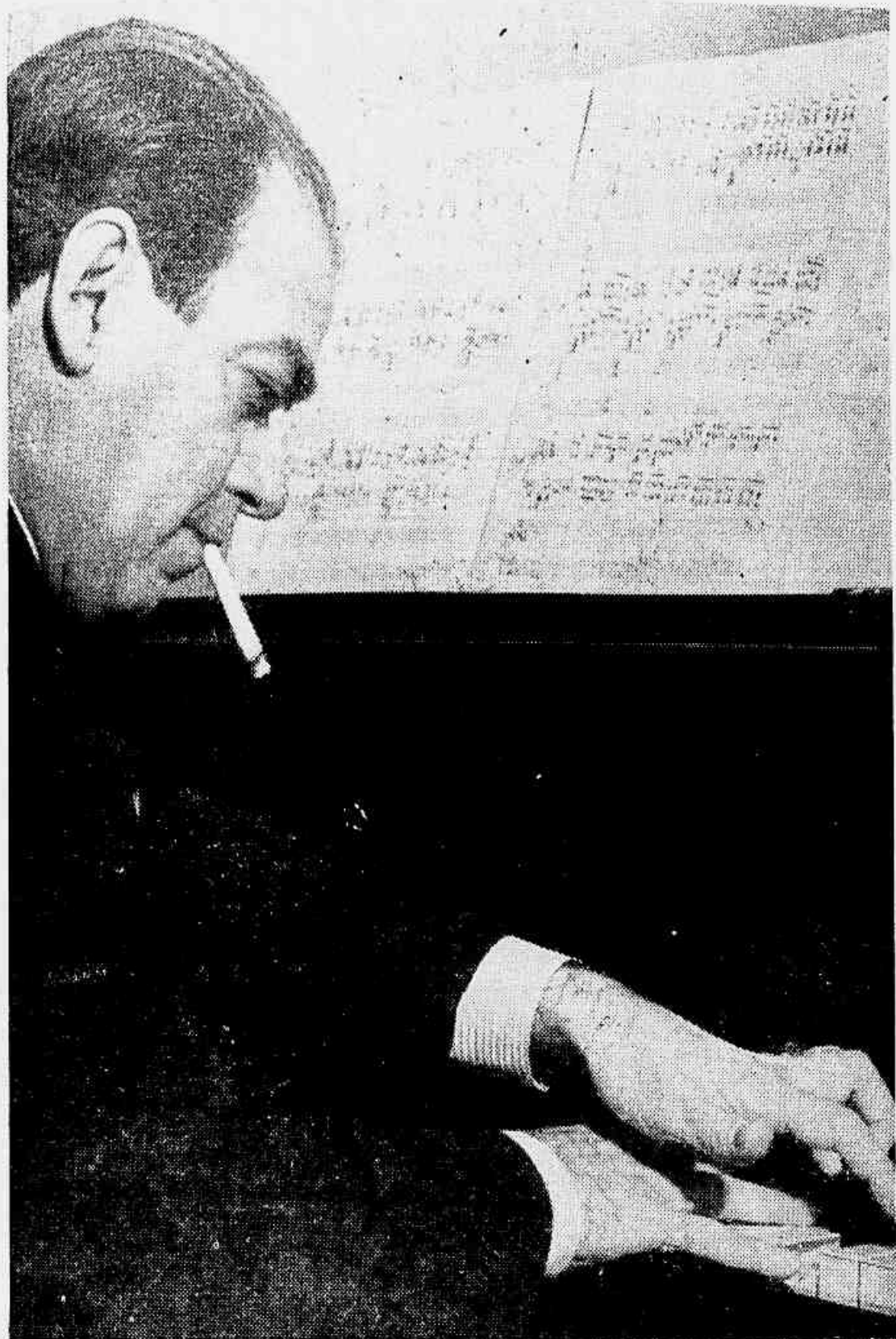
Anoiteceu,
O sino gemeu.
A gente ficou
Feliz a rezar!
Papai Noel
Vê se você tem
A felicidade
Pra você me dar!

Eu pensei que todo mundo
fôsse filho de Papai Noel;
Bem assim felicidade,
Eu pensei que fôsse uma
brincadeira de papel!
Já faz tempo que pedi,
Mas o meu Papai Noel não vem.
Com certeza já morreu,
Ou então felicidade
é brinquedo que não tem!

FELIZ NATAL

Letra e Música de André Filho

Papai Noel mandou
Pra você, meu amor,
Um presente encantador:
Uma cesta de flores



Villa-Lobos

Enfeitada de beijos,
Ilusões e desejos,
Um presente de amor!

Um natal mais feliz,
Mais feliz do que o meu...
Pois, eu vivo tristonho a rezar
O rosário que a sorte me deu.
Mesmo assim eu sou feliz.
Só porque,
Você é mais feliz do que eu!

II

A saudade sempre foi
O meu natal de amor.
Um presente a mais
Para minha dor...

Natal! uma esperança pr'a quem vive
sonhando...
...Uma alegria pr'a quem sonha can-
tando...

Que o seu natal
Seja feliz,
Meu grande amor!

BOAS-FESTAS

(Canção de cordialidade a 3 vozes)

Letra de Manuel Bandeira

Musica de H. Villa-Lobos

Alegria! Boas-festas!
Esqueçamo-nos de todo o mal
que nos fizeram...
Boas Festas! Alegria!
Unamo-nos sem rancor
e festejemos a vida...
Alegria! Boas Festas!

FELIZ NATAL

(Canção de cordialidade a 2 vozes)

Letra de Manuel Bandeira

Musica de H. Villa-Lobos

Feliz Natal!
E' o que nós desejamos
a toda a gente de boa vontade
Feliz Natal
para o rico e para o pobre.
Natal de fé,
Natal de paz e de bondade.

VILLANCICO

(Chile)

Senora Dona Maria, bom, bom, bom,
Yo vengo del otro lado, bom, bom, bom,
Y al niño Jesús le traigo, bom, bom, bom,
Zapatito colorado, bom, bom, bom.
(Falado) Hácele bombito, hácele bombom
con el zapatito, con el zapatón.

En el portal de Belén, bom, bom, bom,
hay un nido de ratones, bom, bom, bom,
y al patriarca San José, bom, bom, bom
le han comido los calzones, bom, bom, bom
(Falado) Hácele bombito, hácele bombom
con el zapatito, con el zapatón.

PASTORES

(Costa Rica)

Todos los coros triunfantes
celebran con alegría
el nacimiento feliz
que da luz en este día

Coro:

Patremos, pastores,
Vamos a ofrecer,
Al hijo de Dios
y a Santa Isabel.

Cantemos todos, bailemos
con angelical du zura
y alabemos la hermosura
de Maria, José y su Niño

Coro:

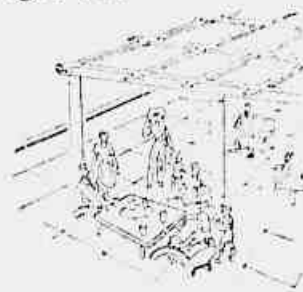
Y el Eterno Padre
asi nos dió el verbo
por ser el rescate
de su inmenso precio

AGUINALDO

(Venezuela)

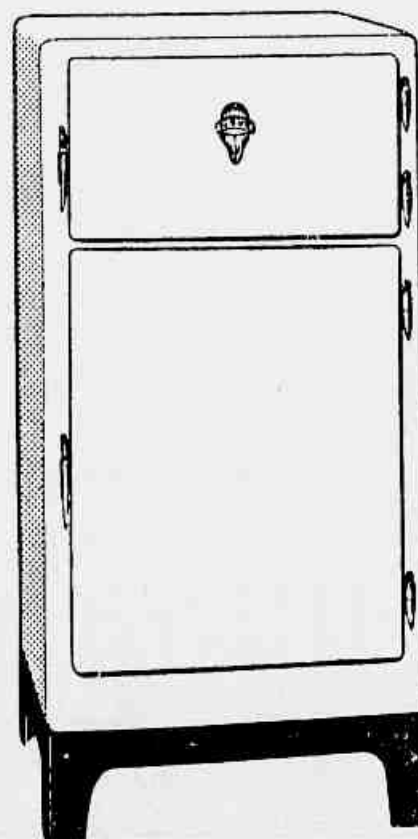
Allá abajo vienen
los tres reyes magos
para ver si alcanzan
la misa del gallo
para ver si alcanzan
la misa del gallo

O VERÃO SE APROXIMA...



A julgar pelo inverno brando
que passou, por certo o CALOR será

INTENSO neste verão! Porisso previ-
na-se em tempo, adquirindo
AGORA sua geladeira, en-
quanto a «fila» dos preten-
dentes é pequena.



O REFRIGERADOR AR CONDICIONADO

NEVE

É O UNICO QUE PURIFICA O
AR DENTRO DA GELADEIRA.

CUSTA POUCO -

É ECONOMICO -

É EFICIENTE -

É O QUE MAIS LHE CONVÉM!

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO

RIO ELEGANTE
ALFAIATARIA
SOUZA & CHAPETA LTDA.
EXIMIO CONTRA-MESTRE **H. W. CHAPETA**
Corte Londrino

AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2º ANDAR — SALA 202 — TELEFONE 43-3234



ARAMIFICIO CARDOSO

TECIDOS DE ARAME E ESTAMPARIA DE ZINCO

CASA FUNDADA EM 1915

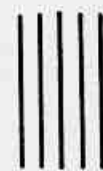
A. Lopes Cardoso

Escritório e Vendas: R. Buenos Aires, 102 Telefone, 23-4230

Fábrica: RUA S. LUIS GONZAGA, 200 — Telefone, 28-3309

Telegramas "ARAMIFICIO" — RIO DE JANEIRO

MADEIRAS E MATERIAIS
PARA CONSTRUÇÃO



Albino Mesquita & Cia.



Rua D. Manoel, 22 e 26

Telefone 42-1427

:RIO DE JANEIRO:

A SERVIÇO DA ELEGÂNCIA FEMININA

REAL MODA apresenta a mais variada coleção de bolsas plásticas.



Dr. Fernão Ornelas Gonçalves, digno e operoso prefeito de Funchal (Madeira). O Dr. Fernão Ornelas, que esteve em visita ao nosso país recentemente, é também um dos diretores da firma H. M. Borges Sucessores Ltda., exportadora dos afamados vinhos Madeira-Borges — 1.2.3.

O BAZAR MAGICO

(Continuação da pág. 111)

Não deixei transparecer nenhuma surpresa inconveniente, e, desde então, tenho caído sobre as costas dele, por várias vezes de improviso, no momento em que ele tinha feito saírem os soldados mas, até hoje, nunca pude surpreendê-lo a manobrar de um moço mágico, por pouco que fosse...

Isto é tão difícil de explicar!

Há também aí uma questão de finanças. Tenho o incurável hábito de pagar notas e contas. Por várias vezes, tenho percorrido Regent Street em todas as direções, em busca daquele bazar. Nesse ponto inclino-me a crer que decididamente o meu crédito nada tem a temer; visto que o nome e o endereço de Gyp lhes são conhecidos, posso muito bem deixar àquela gente, quem quer que sejam, o cuidado de mandar a conta quando julgarem oportuno.

A VIDA DE VINCENT VAN GOGH

(Continuação da pág. 109)

Ia se casar. Agora precisava da pensão que estava acostumado a mandar a Vincent todos os meses, para as despesas da instalação da casa. Vincent pediu-lhe para guardar o dinheiro e não gastar nada mais com seus quadros. Porque as possibilidades de sucesso, a possibilidade de ter algum reconhecimento como artista, era agora redicula-mente fraca. Na realidade, estava convencido de que um irresistível poder o havia frustrado em todos os passos. Não lhe restava senão uma coisa — ir para um asilo de loucos. E seria melhor que Téio não se entristecesse por causa dele. "E" bem verdade que inúmeros pintores ficam loucos. Andarei sempre arruinado, mas isto é absolutamente o mesmo para mim. Eles têm inúmeros quartos aqui no hospital; haveria bastante para fazer ateliers para uns vinte ou mais pintores".

No mês de maio foi admitido no asilo de São Remy. Foi-lhe dado um quarto em que pudesse pintar. Cobriu suas telas com luminosas cores enquanto uns vinte loucos o olhavam e o ajudavam a misturar as tintas. Vincent era muito terno para com os seus companheiros de prisão. "Imagine que há alguns que uivam ou deliram continuamente, vários deles se conhecem muito bem, e se auxiliam mutuamente quando vêm os ataques". Descrevia-se a si mesmo como uma pessoa que seguramente não tinha mais nenhuma esperança ou desejo deixado no coração. Assim, para seus quadros, "é somente muito duvidoso que a pintura tenha alguma beleza ou utilidade. Mas o que se deve fazer? Há pessoas que gostam da natureza mesmo quando estão arruinados ou doentes; são os pintores". Devem continuar pintando! Um demônio os impele. "Tenho um campo de trigo muito amarelo e muito luminoso, talvez a mais luminosa das telas que fiz. E os ciprestes estão sempre ocupando meu pensamento".

(Continuação da pág. 116)

Jóias

RELÓGIOS
PRATARIA
ARTIGOS FINOS
PARA PRESENTES
FESTAS!
GRANDES
DESCONTOS

A ESMERALDA
Rua 7 de Setembro, 155, esquina de Ramalho Ortigão.



A FOGO PARA
TODOS OS FINS
**FUNDAÇÃO
INDIGENA**
Tel - 43-0387

SUPERCOR

TINTAS PARA IMPRESSÃO

Rua Viuva Claudio 247 — RIO — Tel. 49-3800

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2ª Loja

FEMININAS

A volta do bolero é simplesmente maravilhosa. Faça alguns em "piqué", "shantung", seda ou algodão, em cores diferentes e padrões originais. Com algumas saias e blusas você poderá variar sempre e conquistará uma aparência fresca, agradável e "chic".

* * *

Para a noite, experimente usar à cabeça um véu de "tulle" numa cor pálida, prendendo-o no alto de um lado com uma flôr de cor muito viva.

* * *

Essas sandalias abertas tão em moda atualmente, ficam mais interessantes quando feitas em duas cores. Mande fazer, por exemplo, uma com tira branca de um lado e vermelha de outro. Ao serem entrelaçadas, causarão interessante aspecto.

* * *

Se você tem e usa um chapéu de palha de aba larga, amarre-o sob o queixo com uma larga fita de veludo preto. Ficará bastante graciosa.

* * *

Essas sainhas franzidas que agora estão sendo usadas, só se prestam para figuras bem finas. As mais fortes deverão evitar tais saias.

CONSELHOS

Não deixe que seu marido penetre em todos os recantos do seu mundo interior. Lembre-se de que a mulher é um enigma que depois de decifrado perde o seu valor...

* * *

Não conte a seu marido as fraquezas de sua amiga. Ele pode interessar-se demais pela heroína da história...

* * *

Quando seu marido lhe contar as piratarias do marido de sua amiga, não se mostre tão divertida que ele veja em sua benevolência um futuro perdão para os seus próprios deslizos... E nem fique tão escandalizada que ele se arrependa e para o futuro lhe esconda o que tanto lhe convém saber... Se um homem prevenido vale por dios... uma mulher prevenida vale por uma multidão de mulheres...

* * *

Não se torne tão doméstica que seu marido veja em você uma governante e não seja tão mundana que ele se esqueça de ver em você uma esposa... Mas não seja tão esposa que deixe de ser um pouquinho mundana... Que a sua honestidade não vá até o exagero de menosprezar a admiração dos outros homens. Use-a como quem usa um combustível: para alimentar a chama do amor de seu marido...



BOLO AMARELO

- | | |
|---|----------------------|
| 6 colhs. (sopa) manteiga ou outra gordura | 1 1/2 chics. farinha |
| 1 1/4 chics. açúcar | 1/2 chic. araruta |
| 1 colh. (chá) essência | 1 colh. (sopa) Royal |
| 2 ovos | 1 colh. (chá) sal |
| | 1/2 chic. leite |

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa, alternados com o leite, batendo sempre. Use fôrma untada, forno regular cerca de 50 min. e cubra com o seguinte glacê: numa panela, sobre fogo baixo, derreta 2 chics. açúcar, mexendo sempre até ficar dourado. Junte aos poucos 1 chic. leite bem quente, continuando a mexer. Junte 1 colh. (sopa) manteiga e tire do fogo. Quando estiver morno, bata até ficar cremoso e consistente.



Grátis!

Pega hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão, escreva para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO



...e haverá sempre festa em seu lar!

Um lar em que há sempre bolos é um lar feliz... Bolos tornam a mesa mais farta, mais variada... e, sobretudo, muito mais festiva! Indubitavelmente! Vale a pena fazer bolos! É só começar! E, mesmo fora das grandes datas, sentirá logo que a presença de bolos cria em seu lar um ambiente de constante festa... Por certo, para garantia do êxito, utilize o Livro de Receitas Royal, usando o produto de qualidade e de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal.

FERMENTO ROYAL

- a chave de mil e um pratos deliciosos!

DROGAS E ANILINAS
ACIDOS VERNIZES
MASSAS PARA POLIR SOLVENTES LIMPADORES

CASA-WOLFF

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 988-817

FONES: 23-4324, 23-7618, 43-7913

ESSÊNCIA PARA PÉROLAS ANILINAS PARA TODOS OS FINS

MARCA REGISTR.

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO
Agencia Zambardino
Rua Cap. Salomão, 67
Telefone: 4-1569

CIA. T. JANÉR,

COMERCIO E INDUSTRIA

PAPEL EM GERAL

CELULOSE

Exportação de produtos nacionais

RIO DE JANEIRO
BELO HORIZONTE

Agentes nos Estados



SÃO PAULO
RECIFE

VAN GOGH

(Continuação da pág. 144)

Alguns dias depois desta carta, sofreu outro ataque. Quando recuperou os sentidos recebeu boas notícias. A jovem esposa de Téo dera à luz um menino. Téo lhe mandara juntamente um artigo publicado no "Mercure de France" por um jovem homem de letras, Aurier, que era uma rapsódia ao quadros de Vincent pintados em Arles. Chamava Vincent o "porta-facho" da nova época e falava de suas cores em ardentes metáforas. Quando Vincent leu o artigo, lágrimas brotaram de seus olhos. Escreveu ao Sr. Aurier e disse-lhe que estava muito grato por suas bondosas palavras mas que tinham sido dirigidas a ele por engano. Explicou que devia tudo a Monticello, que era o fundador da escola de cores de Arles. Insistiu com Aurier para fazer uma visita a Goupil e para olhar alguns dos quadros de flores de Monticello. "E então, meu caro senhor, poderá dar crédito a quem esse crédito é devido".

Logo depois que Van Gogh foi para Arles, com permissão de ausentar-se de São Remy, foi atingido por outro ataque enquanto pintava. Encontraram-no delirando nos campos. Sua garganta estava tão inchada que não pôde comer durante quatro dias. Aqueles ataques! "E' abominável", escreveu desesperado a Téo. Mas devia continuar sua carreira como pintor. Sentia que pintar era absolutamente essencial para sua cura. Era intolerável ficar inativo durante semanas, como os médicos ordenavam. Deram-lhe poucas esperanças para o futuro. Proibiram-no de fazer qualquer trabalho durante a convalescença. Esperavam que os ataques voltassem muitas vezes mais. Leu muito Shakespeare e Voltaire para conser-

var o cérebro tranqüilo. Mas insistia também em pintar. "Preciso pintar nem que sejam somente repolhos e saladas, porque somente através da pintura poderei recuperar minha saúde". Durante alguns de seus ataques, perdeu a consciência durante dias, e nos períodos de lucidez forçavam-no a sentar-se imóvel atrás de uma janela, durante horas infundáveis, sem mover um músculo. Os médicos estavam interessados somente em recheá-lo de alimento e em fazê-lo engordar. Pediu-lhes que lhe dessem algum trabalho manual com que pudesse distrair-se. Talvez conseguisse aprender o ofício de ferreiro ou carpinteiro. Finalmente permitiram-lhe mais uma vez que pegasse no pincel. Fez um estudo do guarda do hospício. Que perfeito ciclo havia completado! Um estudo dos famintos mineiros belgas aos vinte e cinco anos. Um estudo dos loucos sofredores de São Remy aos trinta e sete.

Deixou a instituição em março de 1890. E sua vida correu feliz por algum tempo. Tornou-se o padrinho do filho de Téo. Téo e a mulher vinham muitas vezes visitá-lo. Fazia longos passeios com o pequeno Vincent, seu sobrinho, e mostrava-lhe as vacas sacudindo o rabo, enquanto lhes tirava o leite, e os galos contando "Cocorí-có".

E um belo dia uma grande calma se opoderou dele. Era diferente de tudo que experimentara antes. Fora-se a agitação do espírito e o louco demônio que o possuira desde sua mais remota infância. Sentia-se como se houvesse sido libertado de alguma grande dúvida. Escreveu a Téo: "Tenho a impressão de que me aproximo de uma calma excessiva para poder pintar..."

E então, súbitamente, a 29 de julho de 1890, atravessou o corpo com uma bala. Era o final da procura.

CAIXA DE PREVIDENCIA DOS FUNCIONARIOS DO BANCO DO BRASIL

RELATÓRIO DE 1945

SINTESE DO MOVIMENTO DO EXERCÍCIO: — Temos o prazer de informar aos nossos associados que estamos iniciando a construção de um grande edifício em terreno à Avenida Presidente Vargas, conforme notícia-mos no último Relatório. A construção, em apreço, executada por administração, ficou a cargo da firma Brandão, Magalhães & Cia. Ltda., que apresentou a proposta considerada mais conveniente na concorrência feita para esse fim. Dentre as concorrências verificadas no exercício, merece especial destaque o resultado das assembleias gerais extraordinárias realizadas em 16 de setembro de 1944 e 3 de fevereiro de 1945. Da primeira, resultou profunda alteração no Regulamento da Caixa de Pecúlios, com as modificações de diversos artigos e cancelamento de outros. Confirmou-se, portanto, o desejo de grande número de associados, com a elevação do pecúlio de Cr\$ 10.000,00 para Cr\$ 50.000,00, mantendo-se a mesma contribuição de Cr\$ 20,00 por óbito e permitindo-se ainda, dentro do prazo de 180 dias da data da reforma do Regulamento, a inscrição de funcionários de mais de 40 anos. As emendas introduzidas nos demais artigos foram de molde a melhorar as fontes de receita da Caixa de Pecúlios, dando margem à consolidação de suas reservas, além de estabelecer outras normas de caráter administrativo. Mais uma vez desejamos salientar os benefícios que decorrerão para o funcionalismo do Banco do Brasil com a última alteração do Regulamento da Caixa de Pecúlios, maxime quando atentarmos que tudo foi realizado sob bases técnico-atuariais e sem maiores ônus do que os já existentes. Da Assembleia de 3 de fevereiro advieram igualmente modificações de grande interesse econômico para esta Caixa. Foi alterado o limite dos empréstimos hipotecários, o que permitiu aos nossos colegas maiores possibilidades para compra de imóveis. A data da apresentação dos balanços foi alterada de 31 de julho para 31 de dezembro e essa mudança, infelizmente, não permitiu que pudéssemos, na presente exposição, estabelecer diversidade dos períodos compreendidos nos relatórios. As Assembleias gerais ordinárias passaram a ser realizadas no terceiro sábado do mês de março de cada ano. Com a modificação do art. 41, poderá a Caixa aplicar os excedentes dos empréstimos hipotecários na compra de bens imóveis na zona urbana do Rio de Janeiro. O art. 51 sofreu alterações de real vantagem para os nossos associados, como seja a inclusão dos filhos de qualquer condição ou de pessoa que viva sob exclusiva dependência econômica do associado como beneficiário de sua pensão por morte.

Examinemos agora a situação econômica financeira da Caixa ante o balanço encerrado em 31-12-45. Os elementos líquidos do ativo patrimonial da Caixa se apresentaram no exercício findo com um total de 155.358 milhares de cruzeiros.

O total das reservas da Caixa atinge a apreciável quantia de 152.077 milhares de cruzeiros. Quanto aos resultados do exercício, é-nos grato declarar a existência do "superavit" de 31.015 milhares de cruzeiros, que foram integralmente incorporados às reservas de contingência. Em relação ao período anterior, o excedente apresentou-se ampliado de 12.727.000 cruzeiros. O total da receita do exercício, que corresponde ao período de 17 meses, foi de Cr\$ 37.036.435,10 contra Cr\$ 21.654.000 do exercício anterior.

As despesas do exercício anterior atingiram a Cr\$ 5.930.435,60, o que equivale a 16% do total da receita. Os desembolsos para pagamento dos benefícios estatutários absorveram 62% do total da despesa e se distribuíram por Cr\$ 2.022.488,00 para os gastos com as aposentadorias e Cr\$ 1.646.500,80 com o pagamento de pensões. As despesas administrativas somaram 2.216 milhares de cruzeiros.

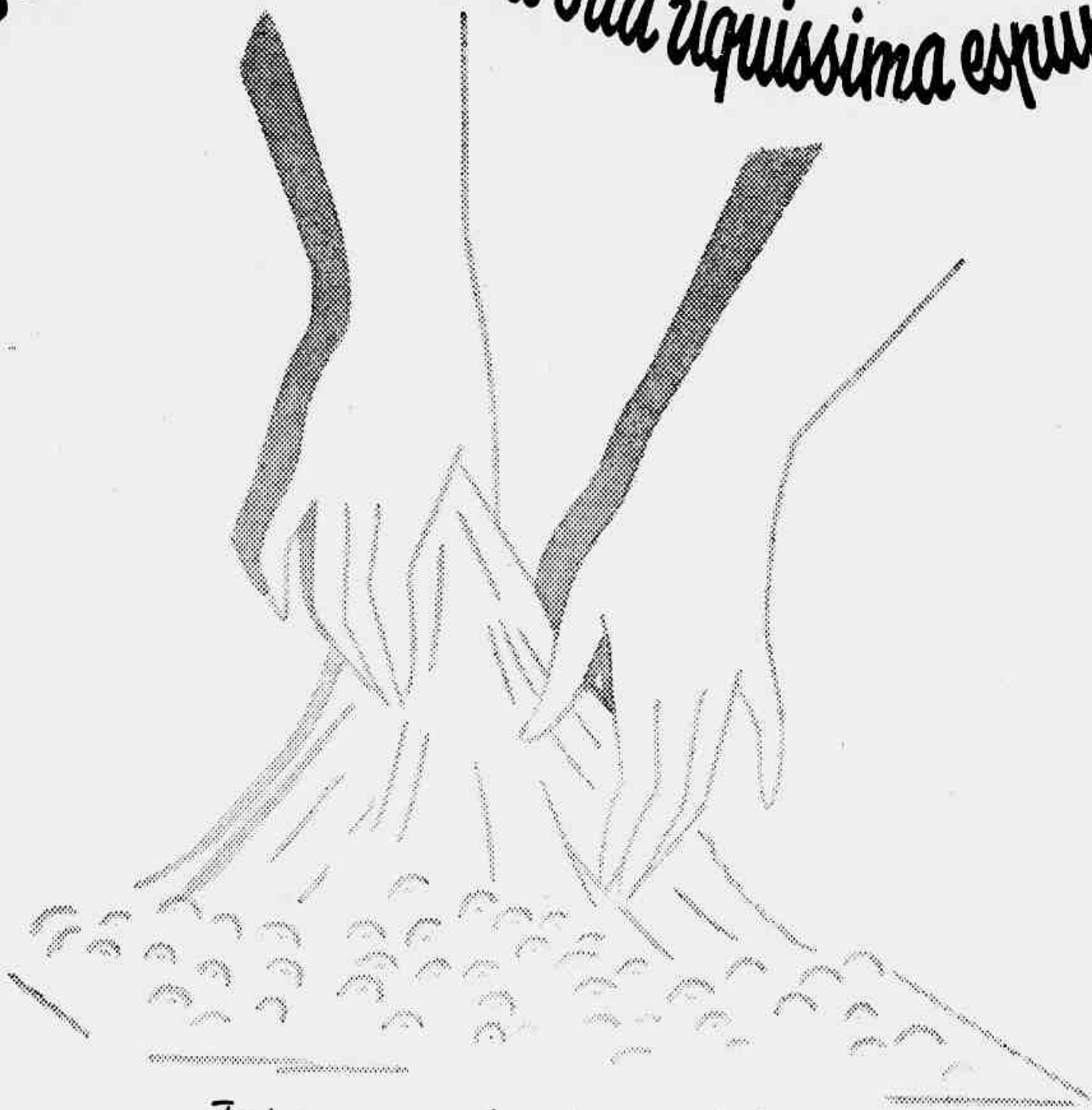
PENSÕES — Durante o exercício foram concedidas 22 pensões, no equivalente de Cr\$ 21.297,90 mensais. No mesmo período, extinguíram-se definitivamente 11 pensões, no valor de Cr\$ 3.850,60.

APOSENTADORIAS — Em 31 de dezembro último o quadro de aposentados contava 63 associados, sendo 29 por motivo de invalidez, 20 compulsoriamente, 5 por velhice e 9 ordinariamente. O pagamento a esses beneficiários representa o gasto mensal de Cr\$ 101.681,00. No decurso do exercício foram concedidas 9 aposentadorias, sendo 1 ordinária e 8 por invalidez, no valor total de 16.134 cruzeiros. Houve, no mesmo período, 8 baixas, das quais 6 por morte e duas por motivo de reversão ao serviço ativo do Banco do Brasil S. A.

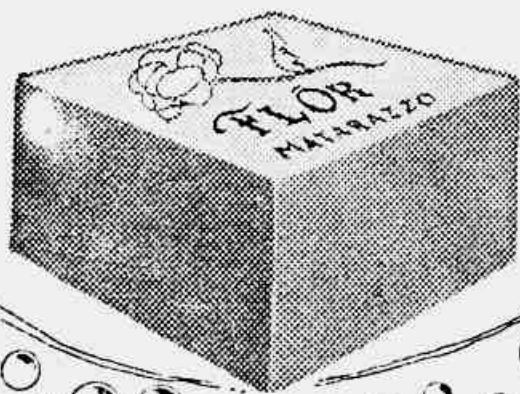
CARTEIRA DE EMPRÉSTIMOS: — De um modo geral, as negociações realizadas pela nossa Carteira de Empréstimos, no findo exercício, foram animadoras e isto foi devido aos aumentos de salários do funcionalismo do Banco e consequente elevação dos limites dos empréstimos, permitindo aos interessados maiores margens para a compra de imóveis. Atendendo à impossibilidade, pelo seu elevado custo, de aquisição de prédios residenciais em zonas mais próximas do centro ou naquelas que dispõem de meios mais acessíveis de transporte, a Diretoria tem procurado sanar tais dificuldades, iniciando novas incorporações de edifícios e de apartamentos, tendo já terminado os edifícios "Poti" e "Santa Carolina" e dado início à construção do "Moema", a cargo da Companhia Italiana de Construções Gerais, a vencedora da concorrência feita para esse fim. Não obstante a grande procura havida por parte do funcionalismo do Banco, existem ainda alguns apartamentos vagos, tendo em vista o elevado número de que dispõe esse edifício. A Carteira, no decurso do exercício de 1945, concedeu empréstimos no valor total de Cr\$ 11.112.920,00. Foram instaladas, durante o exercício as seguintes Seções Prediais: Bagé, Goiânia e Itaperuna, que já iniciaram as operações, encontrando-se instaladas apenas as de Araçatuba, Araraquã, Avaré, Bauré, Cubatã, Corumbá, Franca, Guaxupé, Ipaema, Londrina, Manaus, Maranhão, Olinda, Passo Fundo, Piracicaba, Ponta Grossa, Ribeirão Preto e São João da Boa Vista. Desde o início de suas operações, conta a Carteira de Empréstimos 2.029 inscrições. No exercício, foram feitos negócios relativos a 328 inscrições, das quais 133 inteiramente realizadas. Aguardam chamada, para utilização em empréstimos, 561 associados. Até 31 de dezembro, a Carteira havia efetuado operações no valor de Cr\$ 65.861.886,00.

Durante o último exercício, foram resgatados, por antecipação, empréstimos no valor de Cr\$ 1.701.478,40 e, por falecimento dos respectivos mutuários, Cr\$ 259.546,50.

Sinta a suavidade de sua riquíssima espuma...



*Toda a roupa lavada com Sabão Flôr,
ganha alvura e sensação de limpera.*



**Sabão
FLÔR**

Sabão FLÔR lava tudo, especialmente roupas finas... e não estraga as mãos

SERRARIA J. VELLOZO

DE

AMARO A. PEIXOTO & COMP.

MADEIRAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

**Escritório**

AV. NILO PEÇANHA, 12
4.º andar - salas 408 e 409

Telefones { 42-4751
42-6444

Serraria

LICINIO CARDOSO, 324
e ANA NÉRI, 1023

Telefones { 48-8166
28-2285

Sucursal

SÃO CLEMENTE, 33

Telefone 26-0647

BRITO OLIVEIRA & Cia.

RUA UBALDINO DO AMARAL, 93

Tel. 42-7046

RIO DE JANEIRO

MASSA PARA ROLOS
TINTAS PARA
IMPRESSÃO

ARTIGOS
GRÁFICOS

ARMES ESTANHADOS A
FOGO E COBREADOS PARA :

ENCADERNAÇÃO,
CAIXAS DE PAPELÃO E
FÁBRICA DE CALÇADOS



STOCK PERMANENTE
PARA ENTREGA IMEDIATA

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 — 1946

Séde — Rua 1º de Março, nº 66 — Rio de Janeiro (DF)

Taxas de depósitos :

Depósitos sem limite	2 % a.a.
Depósitos populares (limite Cr \$ 50.000,00)	4 % "
Depósitos limitados (limite Cr \$ 100.000,00)	3 % "

Depósito a prazo fixo :

Por 6 meses	4 % "
Por 12 meses	5 % "

Com retirada mensal de juros :

Por 6 meses	3 ½ % "
Por 12 meses	4 ½ % "

Depósitos de aviso prévio :

30 dias	3 ½ % "
60 dias	4 % "
90 dias	4 ½ % "

Letras a prêmio (sêlo proporcional)

Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.

O Banco faz todas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, à Rua 1º de Março, nº 66, mais as seguintes :

Bandeira, Rua do Matoso, nº 12 — **Campo Grande**, Rua Campo Grande, nº 100 — **Glória**, Praça Duque de Caxias, nº 23 — **Madureira**, Rua Carvalho de Souza, nº 299 — **Méier**, Avenida Amaro Cavalcanti, nº 95 — **Ramos**, Rua Leopoldina Rego, nº 78 — **Saúde**, Rua do Livramento, nº 63 — **Tiradentes**, Rua Visconde do Rio Branco, nº 52 e São Cristóvão, Rua Figueira de Melo, nº 360 (esquina da Rua São Cristóvão). Vila Isabel, Rua 28 de Setembro nº 412.

José M. Lopes

ALFAIATE

ENVIA POR ESTE MEIO A SUA NUMEROSA CLIENTELA, VOTOS DE
FELIZ NATAL E PRÓSpero ANO NOVO.

ROUPAS SOB MEDIDAS

RUA DOS INVALIDOS, 203

TEL. 22-8400

RIO DE JANEIRO

CORTE E COSTURA

Aproveite suas horas de folga para aprender por correspondência.



SEU SAIR DE CASA, uma profissão que de muito lhe valerá para o futuro. Torne-se UMA PERFECTA MODISTA graças ao nosso sistema exclusivo e nossa organização superior. Poderá exercer sua nova profissão logo depois de iniciar os estudos. Mensalidades suavisimas. Envie-nos hoje mesmo o cupon abaixo:

GRATIS

Cada aluno receberá: Figuras modernissimas. 1.º Carlos de Visita - Carteira de Identidade - Serviço especial de consultas.

INSTITUTO POPULAR DE ENLENO 611
Caixa Postal 5317 - S. Paulo

Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto sobre o curso de Corte e Costura por correspondência:

NOME:

RUA: N.

CIDADE:

ESTADO:

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante", ultra-moderno, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Música também é...

(Continuação da pág. 35)

relata a história de um paciente sofrendo de choque que era, periodicamente, preso de súbitos e implacáveis terrores, visões, vivendo numa perpétua inquietação. Não dormia mais de alguns minutos seguidos.

Certa vez, resolvendo experimentar a força da meloterapia, o médico que se encarregara de tratar do paciente, entregou-o a Miss Bush que imediatamente submeteu-o a uma aplicação de Brahms. A deliciosa berceuse do compositor alemão, repetida sem parar, foi gradualmente acalmando o doente que parou de passear para cima e para baixo, no quarto, conforme estava fazendo há meses, e deitou-se lentamente, no leito preparado. Poucos minutos depois adormecia profundamente.

MÚSICA DIGESTIVA

Generalizou-se, hoje, o uso de "música digestiva" como uma espécie de peiorativo, na gíria dos músicos. Entretanto,

essa denominação, dada por Mário de Andrade, provém de considerações muito sérias que, longe de emprestar ao termo uma função simbólica, prende-se ao seu sentido literal, de música que "facilita a digestão" — Nem se alegue que é incompatível com a "espiritualidade", mais própria do estímulo a elevação, esse emprego, sob todos os aspectos, prosaico, da arte.

Constam do estudo referido, importantes argumentos aduzidos à tese de que, pela força dinamogênica do ritmo, a música acelera determinadas funções normais do homem, v.g. a digestão.

"Alberto Abram realizou experiências com que, para simples mudança de entoação da fala, conseguiu manifestações diversas de submatite estomacal. As experiências com o gastrógrafo também provaram a contração do estômago causada pela música. Pierre Janet cita o caso de um de seus doentes, a quem bastava escutar música, principalmente de caráter militar, para que pudesse digerir sem fobias. Os casos e os conselhos se amontoam. Milton, Borhoeve, dr. Veron, diretor da Ópera de Paris, usaram

essa terapêutica digestiva. Temos ainda o caso histórico de Voltaire, um barão Rodino que não sei quem é, e ainda um militar observado por La Torre, todos os três incapazes de digestão perfeita sem música".



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULAR

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

7 QUALIDADES QUE JUSTIFICAM A SUA PREFERÊNCIA...



MIDO MULTIFORT, algo de mágico em um presente de festas... O relógio revolucionário, planejado para o homem de ação e a mulher moderna. Cada uma de suas 7 qualidades extraordinárias representa mais um motivo de vaidade para quem o recebe e aviva a recordação de quem o oferece.

- ★ 100% IMPERMEÁVEL
- ★ SUPER-AUTOMÁTICO
- ★ PARA-CHOQUES
- ★ PRECISO
- ★ LUMINOSO
- ★ INOXIDÁVEL
- ★ ANTI-MAGNÉTICO

Mido
MULTIFORT

RELÓGIO SUÍÇO COM 17 RUBIS



O novo estôjo MIDO-MULTIFORT

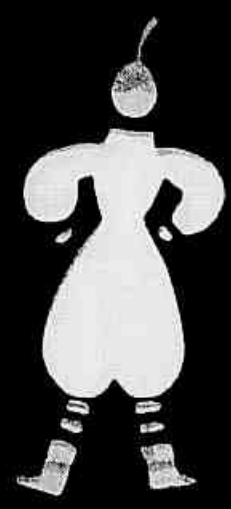
DEIRA
GES

UM NUMERO PARA CADA PALADAR



VINHO DA MADEIRA
BORGES

CADA PALADAR



RA

UM NUMERO PARA CADA PALADAR

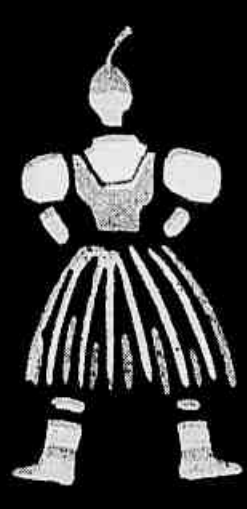


VINHO DA MADEIRA
BORGES

DA PALADAR



VINHO DA MADEIRA
BORGES



UM NUMERO PARA CADA PALADAR



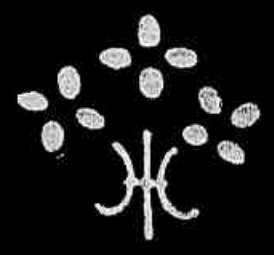
VINHO DA MADEIRA
BORGES

UM NUMERO PARA CADA PALADAR



VINHO DA MADEIRA
BORGES

UM NUMERO PARA CADA PALADAR



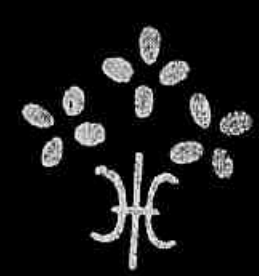
VINHO DA MADEIRA
BORGES

UM NUMERO PARA CADA PALADAR



VINHO DA MADEIRA
BORGES

UM NUMERO PARA CADA PALADAR



UM NUMERO PARA CADA PALADAR



VINHO DA MADEIRA
BORGES

UM NUMERO PARA CADA PALADAR



VINHO DA MADEIRA
BORGES